

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO**

ANA CLAUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA

**É PRECISO ESTAR ATENTO: A ÉTICA NO PENSAMENTO
EXPRESSO DOS LÍDERES DE BIBLIOTECAS
COMUNITÁRIAS**

Florianópolis
2011

ANA CLAUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA

**É PRECISO ESTAR ATENTO: A ÉTICA NO PENSAMENTO
EXPRESSO DOS LÍDERES DE BIBLIOTECAS
COMUNITÁRIAS**

Dissertação de mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Profissionais da Informação, sob a orientação do Professor Doutor Francisco das Chagas de Souza.

Florianópolis

2011

S586e Silva, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da
É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. / Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva. Florianópolis, 2011.
386 p.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2011.

Orientador: Francisco das Chagas de Souza

1. Bibliotecas comunitárias – Lideranças. 2. Ética.
3. Bibliotecas comunitárias. 4. Bibliotecas públicas.
5. Bibliotecários. I. Título

CDU – 027.022

Ficha catalográfica elaborada por: Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva –
CRB/14-769

ANA CLAUDIA PERPÉTUO DE OLIVEIRA DA SILVA

**É PRECISO ESTAR ATENTO: A ÉTICA NO PENSAMENTO
EXPRESSO DOS LÍDERES DE BIBLIOTECAS
COMUNITÁRIAS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 16 de novembro de 2011.

Prof^ª. Lígia Maria Arruda Café, Dr^ª.
Coordenadora do Curso

Prof. Francisco das Chagas de Souza, Dr.
Orientador - PGCIN/UFSC

Banca examinadora:

Prof^ª. Elisa Campos Machado, Dr^ª.
CCH/UNIRIO

Prof. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Dr.
PPGI/UFL

Prof^ª. Miriam Figueiredo Vieira da Cunha, Dr^ª.
PGCIN/UFSC

Prof^ª. Magda Teixeira Chagas, Dr^ª.
PGCIN/UFSC

Dedico esta pesquisa aos **líderes de bibliotecas comunitárias** do nosso país, ainda com tantas pessoas sem alfabetização e uma infinidade de leitores “distraídos” do potencial da leitura.

A vocês, abastados ou pobres, do sul ou do norte, do interior, do sertão, dos centros urbanos, para mim, **admiráveis**, meu maior respeito e consideração.

AGRADECIMENTOS

Não agradeço alfabeticamente, nem por ordem de importância
Nessa lista de ilustre gente - bocadinho, bocadão –
todos têm significância

Veja o caso desta família bacana: **Vinícius, Solano e Luciana**
Pegavam Pedrinho para brincar no final de semana
Bebhinn, que de belos homens vive rodeada
Também me ajudou com Pedro e dividiu comigo
os anseios iniciais da empreitada

E na minha turma de mestres, fiz amiga amazonense, **Amanda**
Karla, matogrossense, **Gyance**, catarinense e a gaúcha, **Elis**
Karyn, Rochelle, Dani, toda turma,
nosso encontro para sempre pede bis

Não esqueço os **entrevistados**, pena, nomes não posso citar
Estrelas desta pesquisa, que me fizeram rir e chorar
E me tornaram pessoa melhor, certamente

Seduziram-me, envolveram-me, “tatuaram-me”, eternamente
De orientação quem entende é ele, esse cearense “arretado”
Reflexivo, assertivo, falante-calado, meu agradecer é obrigado
Espero ter sido, de sua colega docente, uma boa herança
De **Francisco**, sou um pouco filha, fico um pouco órfã,
aprendi feito criança

Agradeço também duas docentes a mais

Magda, por seus conselhos motivacionais

E quem apostou em mim, acreditando no meu potencial,

Elizete, orientadora inicial

Também todos os professores demais,

que contribuíram para meu crescimento

Miriam, Edna e Clarice, todo meu agradecimento

E quem é essa professora, quem nem da UFSC é?

É **Elisa**, que deu todo apoio, uma sumidade no assunto, pode levar fé

E que lugar é esse tão virtual, a **RBBC**, visceral...

Fonte de informação, séria, informal, divertida, factual

“Acorda Maria Bonita!”, a polícia já está de pé

Devo agradecer à **PMSC**, toda Corporação

E em todo este batalhão, um homem merece atenção,

Major Vieira, obrigado, poderoso chefeão

Minha amiga que “me deu a mão” sou toda gratidão

Inez, obrigada pela parceria e compreensão

Marchelly, menina Google, auxílio em tempo (virtual) integral
Que paciência com essa sua amiga ainda tão artesanal...

Taísa, que pessoa especial, não tem igual
Em todo esse período, seu olhar para Pedrinho, fez-me percorrer o
melhor caminho

E por falar em Pedrinho, não posso esquecer
Quem dele também cuidou e cuida, ajudando a “crescer”

À **Salete** e **Patrícia**, dois anjos, tenho que agradecer

Professoras Regina e **Lúcia**, presentes em todo novo amanhecer
Sônia, **Jair** e **Ângelo**, durante esse tempo, alegre companhia se deu
Já **Lucinha** virou amiga e companheira de cinema latino e europeu
Alcebíades tem que entrar nessa lista

Pessoa marcante, com sábias palavras, ajudou-me em tempos confusos
Ensinou-me a olhar o mundo com outro ponto de vista

Nitinha, minha irmã, minha heroína, minha vilã

Você que tanto me inspira e, de fato, desta caçula foi da vida anfitriã
Recebeu-me como companheira, companheira de vida inteira

Mercês e **Hélio**, mamãe e papai,

Possuem muita responsabilidade, pelas escolhas que da vida fiz

Busco (nem sempre consigo) escolher caminhos
que façam minha família feliz

Escolhi para caminhar comigo, um clarinetista de muito valor

Quietinho, discreto, intrigante, pacato,
diverso de mim em todo esplendor

Não é Woody Allen, é **Altamiro**, meu amor

Em nossa vida de cinema, surgiu uma grande estrela

Inspirado na literatura infantil e em personagens virtuosos da história

Pedro, esta pedra, que nos fez tropeçar para rever nosso caminho

Para quem espero deixar referência através deste trabalho

Motivo pelo qual consigo amar mais

e pelo qual a vida ganha bem mais sentido

Porque deve existir sentido para a vida, amado **Deus**,

Deve existir sentido para a vida...

Se por vezes não rimei, se não estruturei este breve texto “poético”,

É que não me preocupei com rima, nem mesmo com estrutura

Mas em divertir os leitores e homenageados desta prazerosa/longa
“caminhadura”.

*“A toda hora rola uma história
Que é preciso estar atento,
A todo instante rola um movimento
Que muda o rumo dos ventos
Quem sabe remar não estranha [...]”
(“Rumo dos Ventos”, Paulinho da Viola)*

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *É preciso estar atento: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias*. 2011. 386 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RESUMO

Este estudo responde ao objetivo principal de investigar os fundamentos éticos mobilizadores dos líderes das bibliotecas comunitárias para a criação e manutenção destes espaços. É uma pesquisa qualitativa que fundamenta-se na sociologia do conhecimento, tem como suporte teórico o processualismo histórico e o construcionismo social e como suporte metodológico a teoria das representações sociais. Foram entrevistados líderes de bibliotecas comunitárias de todas as regiões do Brasil, presencialmente e a distância. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados entrevista, questionário e diário de entrevista. Para coleta, tratamento e análise das narrativas resgatadas nas entrevistas, utilizou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Através do estudo, foi possível levantar algumas características deste líder, verificar as atividades que desenvolve nas bibliotecas comunitárias, relacionar sua ação com a ineficiência das bibliotecas públicas, o que, paralelamente revelou alguns aspectos da prática dos profissionais formais, os bibliotecários que atuam nestes estabelecimentos. O estudo concluiu que, para a criação e manutenção destas bibliotecas, os líderes de bibliotecas comunitárias possuem alguns fundamentos éticos mobilizadores com destaque para a ética do cuidado, da alteridade e a questão do dever, com o sentimento de responsabilidade, contribuição e retribuição social.

Palavras-chave: Bibliotecas comunitárias – Lideranças. Ética. Bibliotecas comunitárias. Bibliotecas públicas. Bibliotecários.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira. *We must be attentive: the ethics in the thought expressed by the leaders of libraries community*. 2011. 3786 p. Dissertation (Master of Science in Information Science) - Post-Graduate Degree in Information Science, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ABSTRACT

This study responds to the main objective of investigate the ethical foundations centring of the leaders of the library community for the creation and maintenance of these spaces. It is a qualitative research that is based on the sociology of knowledge, has as theoretical support the processualism historical and social constructionism and as methodological support to the theory of social representations. We interviewed leaders of libraries community of all the regions of Brazil, in person and the distance. As research instruments were used interview, questionnaire and daily interview. For collection, treatment and analysis of narratives are redeemed in interviews, we used Collective Subject Discourse (CSD). Through the study, it was possible to raise some of the characteristics of this leader, check the activities that develop in the libraries community, relate its action with the inefficiency of public libraries, which, at same time revealed some aspects of the practice of Formal professional, librarians who work in these establishments. The study concluded that, for creation and maintenance of these libraries, the leaders of community libraries have some ethical foundations inspiring with emphasis on ethics of care, of alterity, and question of duty, with the feeling of responsibility, contribution and social return.

Key Words: Libraries community - Leaders. Ethics. Libraries community. Public Libraries. Librarians.

SILVA, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da. *Hay que estar atento: la ética en el pensamiento expresado de los líderes de bibliotecas comunitarias*. 2011. 386 p. Tesis (Maestría en Ciencia de la Información) – Programa de Postgrado en Ciencia de la Información, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RESUMEN

Este estudio tiene el objetivo principal de investigar los fundamentos éticos que mueven a los líderes de las bibliotecas comunitarias hacia la creación y manutención de dichos espacios. Es una investigación cualitativa que se funda en la sociología del conocimiento, tiene como base teórica el procesualismo histórico y el construccionismo social y como base metodológica la teoría de las representaciones sociales. Fueron entrevistados líderes de bibliotecas comunitarias de todas las regiones de Brasil, presencialmente y a distancia. Los instrumentos de investigación fueron la entrevista, el cuestionario y el diario de entrevista. Para la recopilación, tratamiento y análisis de las narrativas recuperadas en las entrevistas se utilizó el Discurso del Sujeto Colectivo (DSC). A través del estudio, fue posible observar algunas características de ese líder, verificar qué actividades lleva a cabo en las bibliotecas comunitarias y relacionar su acción con la ineficiencia de las bibliotecas públicas, lo que, paralelamente, reveló algunos aspectos de la práctica de los profesionales formales, los bibliotecarios que actúan en dichos establecimientos. El estudio concluyó que, para su creación y manutención, los líderes de bibliotecas comunitarias cuentan con algunos fundamentos éticos que los mueven, con relieve para la ética del cuidado, de la alteridad y el tema del deber, con el sentimiento de responsabilidad, contribución y retribución social.

Palabras clave: Bibliotecas comunitarias – Líderes. Ética. Bibliotecas comunitarias. Bibliotecas públicas. Bibliotecarios.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Principais diferenças entre biblioteca pública e comunitária	42
Quadro 2 - Bibliotecas comunitárias e entrevistados por Região.....	78
Quadro 3 – Identificação geral dos entrevistados	89
Quadro 4 – Escolaridade e profissão dos entrevistados.....	90-92
Quadro 5 – Dados da(s) biblioteca(s) comunitária(s).....	92-93

LISTA DE SIGLAS

AC - Ancoragens
BNDES – Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica
CIEP – Centro Integrado de Educação Pública
CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
COHAB – Companhia de Habitação
DSC – Discurso do Sujeito Coletivo
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
E-Ch – Expressões-Chave
ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
FACETEN – Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil
FEUDUC – Fundação Educacional de Duque de Caxias
FSP – Faculdade de Saúde Pública
IAD – Instrumento de Análise do Discurso
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IC – Ideias Centrais
IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MinC – Ministério da Cultura
MST – Movimento dos Sem Teto
OIT – Organização Internacional do Trabalho
ONG – Organização Não Governamental
OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PUC – Pontifícia Universidade Católica
PVNC – Movimento Pré-Vestibular para Negros e Carentes
RBBC – Rede Brasileira de Bibliotecas Comunitárias
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SESC – Serviço Social do Comércio
SINDIPETRO – Sindicato dos Petroleiros
SUS – Serviço Único de Saúde
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS – Teoria das Representações Sociais
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 AS RAZÕES PARA A PESQUISA	21
2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL.....	27
2.1 Ética: o outro entra em cena.....	27
2.2 Ética e moral.....	30
2.3 Ética e valor.....	32
2.4 A necessidade humana de ler e informar-se.....	34
2.5 Bibliotecas públicas.....	37
2.6 Bibliotecas comunitárias.....	39
2.6.1 Criação, presença, desenvolvimento, políticas no Brasil.....	42
2.6.2 A liderança nas bibliotecas comunitárias.....	46
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	51
3.1 A realidade social	53
3.2 A relação entre os indivíduos na realidade da vida cotidiana.....	56
3.3 Da conduta na vida cotidiana.....	59
3.4 Sobre a institucionalização e a legitimação.....	61
3.5 Relações de poder e exclusão.....	62
3.6 A dinâmica da manutenção e das mudanças sociais na realidade da vida cotidiana.....	64
4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA.....	67
4.1 Representações sociais e realidade social.....	69
4.2 Funções, dimensões e formações das representações sociais.....	71
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS.....	75
5.1 Tipo de pesquisa.....	77
5.2 Participantes.....	77
5.3 Coleta de dados.....	78
5.3.1 Entrevista.....	79
5.3.2 Questionário.....	82
5.3.3 Diário de entrevistas.....	82
5.3.4 O pré-teste.....	83
5.4 A técnica do DSC	83
5.4.1 Sobre o DSC.....	84
5.4.2 Estrutura do DSC.....	85
5.4.3 Forma de funcionamento e aplicação.....	86
5.4.4 Adequação à base teórica e metodológica deste estudo.....	87
5.5 Ética na pesquisa.....	88
6 RESULTADOS OBTIDOS	89

6.1 Perfil dos entrevistados.....	89
6.2 O ambiente das entrevistas.....	93
6.2.1 Entrevistas com “A.”, “B.”, “C.” e “D.”.....	94
6.2.2 Entrevista com “E.”.....	100
6.2.3 Entrevista com “F.”.....	102
6.2.4 Entrevistas com “G.” e “H.”.....	102
6.2.5 Entrevista com “I.”.....	104
6.2.6 Entrevista com “J.”.....	105
6.2.7 Entrevistas com “K.” e “L.”.....	105
6.2.8 Entrevista com “M.”.....	111
6.2.9 Impressões finais.....	112
6.3 O DSC final.....	113
7 INTERPRETAÇÕES DO DSC	121
7.1 Da motivação para o envolvimento com bibliotecas comunitárias: questões éticas.....	121
7.2 A biblioteca para o sujeito coletivo.....	128
7.3 Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça: representações sobre a biblioteca pública.....	133
7.4 Quem tem olhos para ver, que veja: a biblioteca comunitária.....	142
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	163
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido	173
APÊNDICE B - Questionário.....	175
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista.....	177
APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas na íntegra.....	179
APÊNDICE E – Instrumento e tabulação dos discursos dos líderes de bibliotecas comunitárias: utilização do DSC.....	327

1 AS RAZÕES PARA A PESQUISA

“Será que eu me devo ao ser?”

Lévinas

A mídia vem divulgando com frequência várias matérias em revistas e jornais sobre a criação de bibliotecas comunitárias em todo país, acontecimento sem precedentes. São bibliotecas com a mesma vocação das bibliotecas públicas estatais, mas que não contam com o suporte financeiro permanente do Estado para suas locações e estrutura. Quem lidera tais iniciativas? Por que surgem as bibliotecas comunitárias? Por que se demonstram, aos olhos de seus líderes, tão necessárias para a comunidade? As bibliotecas comunitárias “denunciam” a impotência das bibliotecas públicas do Estado?

Mesmo com poucos recursos materiais, os projetos são implementados, com destaque para os locais, muitas vezes, inusitados, que são a expressão da ausência de formatação de conceitos pré-concebidos a respeito de um espaço como a biblioteca. Há relatos na imprensa e uma ampla videografia postada na Internet de bibliotecas ambientadas em domicílios, açougues, oficinas mecânicas, cooperativas de reciclagem do lixo, bares, paradas de ônibus, barcos, metrô, terminais de ônibus...

Ao efetuar levantamento bibliográfico, percebe-se que as investigações acerca do tema bibliotecas comunitárias ainda são muito escassas em nosso país, portanto, pouco se sabe em profundidade sobre este universo aberto à pesquisa. Em 2009, visando reunir interessados em torno do assunto, foi criada na Internet a Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias (RBBC¹) um espaço de discussão sobre as bibliotecas comunitárias no Brasil que atualmente registra quase 800 membros.

Por que voltar os olhos para as bibliotecas comunitárias e sobre suas lideranças? Existem aproximadamente mais de 350 bibliotecas comunitárias² espalhadas pelo Brasil. As bibliotecas comunitárias estão despontando como espaços acessíveis à população, possuem a “cara” da comunidade e caracterizam-se como manifestação espontânea de um indivíduo ou de um grupo articulado de pessoas que buscam atender às necessidades e carências que populações de diversas localidades têm de

¹ Cf. <http://rbconexoes.ning.com>

² Esta estatística foi fornecida por Elisa Campos Machado, resultado de uma relação de bibliotecas comunitárias no Brasil elaborada a partir de seu estudo de doutorado (MACHADO, 2008) sobre o tema e atualizada periodicamente com o auxílio da RBBC.

acesso à informação e ao livro. Ao longo da história, muitas dessas bibliotecas fizeram grande diferença na garantia de acesso à leitura e tiveram forte atuação no processo de instauração de políticas públicas para a formação do indivíduo.

Machado (2009, p. 82) cita algumas iniciativas relevantes estrangeiras como a criação da biblioteca comunitária no povoado de 18 de Septiembre, no Chile, “cuja idéia nasceu da luta do povo contra a exclusão social e como reivindicação do direito à informação.” Também menciona o trabalho apresentado por John Crawford no *68th IFLA Council and General Conference* de 2002 que destaca que, na Escócia, as bibliotecas comunitárias existem desde o século XVII deixando fortes raízes na cultura e valores intelectuais do país. Em consequência, como herança, as bibliotecas públicas conservam um cunho democrático, administradas por membros da comunidade local. A autora enfatiza que foi esta cultura deixada pelas bibliotecas comunitárias que conferiu à Escócia, “condição de ser o primeiro país no mundo a ter políticas públicas nacionais para as bibliotecas públicas.” Isso evidencia o dinamismo das populações e sua capacidade de organização. Como menciona Almeida Júnior (1997b), “o povo possui seus mecanismos de resistência e [...] deles faz uso para preservar sua identidade [...] sua expressão, seus valores, seu imaginário, enfim, sua cultura”.

Ao refletir sobre as bibliotecas comunitárias, torna-se inevitável sua relação com as bibliotecas públicas do Estado pois ambas possuem a característica de servir o público. Costumeiramente, conforme Machado (2008), também suas denominações, biblioteca comunitária e biblioteca pública, são empregadas como sinônimos, assim como o termo biblioteca popular, tanto na sociedade em geral quanto no âmbito acadêmico.

Considerar o paralelo com a biblioteca pública estatal é essencial para a investigação das bibliotecas comunitárias enquanto componente mobilizador na dinâmica da estrutura social. Almeida Júnior (1997a) afirma serem as bibliotecas públicas organismos de essência ambígua e contraditória, pois são mantidas pelo Estado e historicamente mantiveram-se com maior intensidade a serviço dos interesses da classe dominante em detrimento da sua função social.

A biblioteca comunitária figura neste estudo como objeto de pesquisa por razões passionais. Deslauriers e Kérisit (2008) ao discorrerem sobre os aspectos que delineiam uma pesquisa qualitativa, afirmam que o objeto escolhido para pesquisa deve ser um objeto de preocupação ou de curiosidade para o pesquisador. Posso afirmar que

ambos, preocupação e curiosidade, fizeram parte da minha vontade em pesquisar o tema.

Questionamentos a respeito das iniciativas comunitárias para implementação de bibliotecas surgiram diante de mim porque, assim como as pessoas que constituíram o corpo de informantes desta pesquisa, também me envolvi com a criação de uma iniciativa semelhante, através da implantação de uma biblioteca de utilização pública, disponível em tempo integral aos usuários de um terminal de ônibus. Também me ocupava não somente com esta iniciativa, mas em criar possibilidades em meu ambiente profissional que fomentassem o acervo de bibliotecas comunitárias.

Acreditava que a minha motivação, tanto em auxiliar bibliotecas comunitárias quanto em implementá-las, era fruto essencialmente (o que não exclui outros motivos) do exercício da minha profissão como bibliotecária³, constituía parte de um compromisso social que assumi como missão profissional. Entretanto, minha percepção ao visitar e conhecer iniciativas semelhantes foi a de que a criação de bibliotecas comunitárias seduzia pessoas com diferentes ocupações, classes sociais e econômicas. Desta forma, observei que a preocupação com o acesso à informação configura-se de interesse comum, não exclusiva de uma classe profissional, social, intelectual ou econômica. Sobretudo esta situação demonstrou que a necessidade do acesso à informação mobiliza as pessoas para mudança de estruturas sociais e para uma missão.

Ortega y Gasset (2006) ao ser convidado pela IFLA, em 1935, para discorrer sobre a missão do bibliotecário, reflete inicialmente sobre o termo missão. Destaca que ao homem não lhe é imposto o que deve ou não fazer e esta situação se configura como privilégio aterrador diante da quantidade de possibilidades para sua decisão. Quem são as pessoas que devotam parte de suas vidas dedicando-se a este serviço? Quais motivos sustentam sua mobilização? Essas questões apontam para a escolha de uma conduta, de uma ação? Remetem para pensar sobre uma ética como prática, ou para uma ética como um campo de estudo?

A ética, área do campo da filosofia, diz respeito à experiência na vida cotidiana, leva-nos à reflexão sobre valores que elegemos como nossos, sobre o sentido de nossas atitudes bem como a forma como tomamos decisões e assumimos responsabilidades. (MARCONDES,

³ Neste sentido, houve um esforço teórico-prático no distanciamento, ou alienação, como coloca Álvaro de Sá, tradutor da obra "Envolvimento e alienação" de Elias (1998a) para que se estabelecesse no estudo, uma relação em outro nível, mais isenta de emoção, objetivando melhor observação e conhecimento dos fatos.

2007). A ética só fez (e faz) sentido porque o homem existe como parte de uma coletividade e não se encontra só no mundo. Sua atitude, bem como tudo o que cria, possui alguma consequência para esta coletividade, surgindo um sentimento de dever e responsabilidade com o que o cerca, necessitando valorar o que pode ser bom ou ruim em âmbito coletivo.

A crise de valores e a perda da referência vivida nos dias atuais dificultam a tarefa de decidir entre o certo e o errado (BOFF, 2009). Esta crise atual tem seu início após o período moderno no século XVII, com o aparecimento das sociedades complexas e tem como característica a diversidade e pluralidade de crenças, valores, hábitos e práticas. O cristianismo, que havia sido desde a Antiguidade o principal ponto de referência na perspectiva da ética no Ocidente sofre uma ruptura com o advento da Reforma Protestante, no início do século XVI. Também o descobrimento da América em 1492, que revelou povos com costumes e condutas diferentes dos adotados pelos europeus naquela época, culmina no surgimento de uma ética filosófica desvinculada da religiosa. A partir deste momento, a questão da relatividade dos valores éticos, abordada anteriormente pelos filósofos gregos, passa a se tornar objeto central de reflexão (MARCONDES, 2007). A religião deixa de ser o norte dos indivíduos para o ajuizamento moral e para avaliar as consequências das condutas e dos produtos criados pelo homem passa a ser uma atividade complexa, característica dos tempos líquidos⁴.

A ética engloba estudo e prática. É uma investigação acerca do que é bom, do que traz felicidade (ou nos torna menos infelizes), conforme destaca Marchionni (2008). Entretanto, o que é bom para mim, também é bom para os outros? O que me faz feliz também faz ao outro? Souza (2002, p. 19) ao mencionar a sociedade greco-romana e as suas aparentes concepções de ética igualitária nas relações humanas, destaca que, na sua origem, a ética já se apresentava como “um discurso em que se coloca em jogo o que incluir, em benefício de quem, em que momento e com que grau de capacidade de conter as insatisfações dos excluídos.” Percebe-se que a ética é como barro nas mãos do oleiro, matéria-prima de que o homem tem disposto ao longo do processo histórico para justificar uma conduta para ele próprio e para os demais.

Moles (1981), ao mencionar a psicologia interna do pesquisador, destaca que o espírito do cientista em sua atividade criadora é acima de tudo social. A escolha em ingressar no universo da pesquisa científica é

⁴ Noção desenvolvida por Bauman (2001) para caracterizar a época atual.

uma decisão ética da qual, no momento do ingresso, ainda não havia me dado conta. Imbuída de uma situação de escolha, diante de tantas possibilidades, decidi investigar o que percebi: a existência de possíveis questões que podem estar no pensamento das pessoas como motivações que as levam a dedicar tempo de suas vidas para criar bibliotecas comunitárias, quase sempre, sem condições favoráveis. Por que não esperam pela ação dos profissionais formais?

Inserida num programa de pós-graduação que se propõe pesquisar os profissionais da informação, acredito que os indivíduos pesquisados, líderes de bibliotecas comunitárias, constituem um grupo que representa uma força social e seus pensamentos e ações alertam e revelam muito sobre o âmbito de atuação dos profissionais da informação, principalmente, bibliotecários.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é investigar os fundamentos éticos mobilizadores dos líderes das bibliotecas comunitárias para a criação e manutenção destas. Para que seu alcance fosse possível, foram estabelecidos objetivos específicos como:

- a) resgatar dados do contexto social e econômico em que ocorreu o desenvolvimento pessoal, educacional e profissional destes líderes;
- b) resgatar dados do seu ambiente de vivência cultural;
- c) identificar o alcance de sua atuação cultural, profissional e política hoje;
- d) levantar suas opiniões sobre as ações realizadas pela instituição biblioteca na sociedade contemporânea;
- e) levantar suas opiniões sobre a atuação da biblioteca comunitária que lidera.

O relatório de pesquisa estrutura-se inicialmente com a fundamentação de conceitos relativos ao estudo: ética, moral, valor, necessidade de informação, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias e lideranças destas bibliotecas.

Em seguida, o embasamento teórico se dá a partir da sociologia do conhecimento e se revela através dos estudos de Berger e Luckmann, sobre o construcionismo social e de Norbert Elias, com a sociologia processual. A escolha dos autores são justificáveis. Berger e Luckmann propõem a análise sociológica da realidade e do conhecimento que dirige a conduta do indivíduo, privando-se da hipótese causal ou genética e levando em consideração o senso comum e suas inumeráveis interpretações da realidade, que são admitidas pelos indivíduos. Dos estudos de Elias são destacados a interdependência entre os seres humanos, a dinâmica da manutenção e das mudanças sociais, a conduta

na vida cotidiana através das mudanças de comportamento do Ocidente no processo de civilização dos costumes, bem como, as relações de poder e exclusão.

Em consonância com a fundamentação teórica, como fundamentação metodológica elegeu-se a Teoria das Representações Sociais (TRS), de Serge Moscovici. O autor reabilita o senso comum, o saber popular, o conhecimento da vida cotidiana e “pré-teórico” mencionado por Berger e Luckmann. Para a TRS, o olhar para os movimentos das minúcias da vida cotidiana também são relevantes como o são para o processualismo histórico de Elias.

Inseridos no ambiente das representações sociais, posteriormente, são descritos os procedimentos metodológicos adotados pelo estudo, com destaque para a utilização do Discurso do Sujeito Coletivo, técnica que norteia a coleta, tratamento e análise dos dados da pesquisa de campo. Além da entrevista para resgate dos discursos, principal instrumento de pesquisa, foram utilizados recursos de questionário e um diário das entrevistas.

Ao final, são apresentados os resultados da pesquisa que antecedem as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO CONCEITUAL

“Nascer é, simultaneamente, nascer do mundo e nascer para o mundo. Sob o primeiro aspecto, o mundo já está constituído e somos solicitados por ele. Sob o segundo aspecto, o mundo não está inteiramente constituído e estamos abertos a uma infinidade de possíveis”.

Merleau-Ponty

O tema central da pesquisa relaciona-se à existência das bibliotecas comunitárias. Toma-se como entendimento que tais bibliotecas são criadas e mantidas por iniciativa de pessoas de uma localidade que se reuniram a outras e partilharam ideias sobre a formação de meios que pudessem proporcionar atendimento coletivo às suas necessidades de lazer, conhecimento e informação. Por isso, partiram de valores sobre a existência, liberdade, igualdade, solidariedade, partilha, vida, conservação, entre outros.

Na dimensão em que o tema está colocado, evidencia-se a presença da noção de relação interhumana em sociedade. Nisso, portanto, temas como ética, moral e valores se apresentam como primeiros aspectos a serem tratados, através de uma breve revisão, com a qual se exporá o que há na literatura sobre a biblioteca comunitária: criação, presença, desenvolvimento, políticas e outros aspectos relevantes no ambiente social, político e econômico brasileiro.

2.1 Ética: o outro entra em cena

A ética constitui-se como campo filosófico de conhecimento e se encontra imbricada em momentos da prática cotidiana em que o indivíduo deve fazer escolhas e/ou refletir sobre determinada conduta. Atualmente, em função das decisões tomadas ao longo de sua história, a humanidade amarga a pauta de sérios problemas que dizem respeito inclusive à sobrevivência do planeta. Temas como a desigualdade social, a intervenção do homem na natureza, a eutanásia, o aborto e tantos outros, são de ordem ética. Para o estudo em questão, a ética é o ambiente conceitual na qual se irá debruçar, matéria-prima desta pesquisa para refletir e investigar a respeito dos indivíduos e sua opção de criar e manter bibliotecas comunitárias.

Marcondes (2007) destaca três dimensões da ética concebidas usualmente. Primeiro, a dimensão que a coloca em seu sentido básico ou descritivo, ou seja, o apanhado de costumes, valores e hábitos de um povo, que os define e distingue. Segundo, a dimensão em que a ética é percebida como sistema prescritivo de normas e regras que estabelecem e justificam valores e deveres, sejam elas gerais, como a ética cristã, ou específicas, como um código de ética profissional. Por fim, a terceira dimensão dá conta do sentido reflexivo e filosófico que sustenta as teorias e concepções filosóficas da ética, como é o caso da ética da responsabilidade, dos princípios, do utilitarismo, da alteridade, entre outras.

Souza (2002) também menciona sobre a ambiguidade gerada pelo termo e destaca que ora ele pode significar um conjunto de princípios que determinam a ação das pessoas e da sociedade (concepção subjetiva referente a princípios existenciais individuais ou coletivos); ora pode ser utilizada para determinar o conjunto de normas que orientam a conduta das pessoas ou o funcionamento de instituições (concepção de uma determinação objetiva para a conduta).

A ética consiste numa reflexão de valores individuais e coletivos (TUGENDHAT, 2009). Para Marcondes (2007), é um conjunto de normas e valores sociais adotados ao longo do tempo que introduzem questões como o dever. Singer (2009) destaca que as pessoas que vivem de acordo com padrões éticos defendem o seu modo de vida e suas ações, justificando-o com argumentos que não são exclusivamente de interesse pessoal. Sánchez Vázquez (2003, p. 23) aborda a ética como “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade.” Diskin (1998, p. 67, 68) a aponta como a “arte da convivência [...] um conjunto de deveres e direitos de cada indivíduo.” Guareschi (1995) atrela a ética às relações (entre os outros seres humanos e com a natureza).

Em todas as definições do termo estão presentes a expectativa do caráter inter-relacional humano. O relacionamento entre os homens é, de fato, central nos estudos sobre ética. Eco (2009, p. 83), em diálogo com Martini, menciona de forma assertiva o surgimento da ética escrevendo que “a dimensão ética começa quando entra em cena o outro. [...] não se trata [...] de uma vaga propensão sentimental, mas de uma condição fundadora.” Souza (2002) endossa este pensamento destacando que a ética nasce com a humanidade, em momento fundante, em que o homem se conscientiza de seu ser com o outro e se percebe entre iguais.

A ética estabelecida na relação com o outro se dá como linguagem, como acolhimento do rosto do outro através do termo ‘face a face’, uma relação transcendente que não é uma visão, mas o primeiro gesto ético. Silva (1995) salienta que não existe defesa na relação face a face, o rosto expressa nessa relação a realidade concreta do outro.

Pode-se fazer um paralelo sobre a importância do outro através do caráter de universalidade como critério ético, dado por Kant. Este caráter pressupõe que o meu ato pode ser considerado ético se eu aceitar que ajam comigo da mesma forma que ajo com os outros (MARCONDES, 2007). Singer (2009) enfatiza ainda que a ética pressupõe um consenso, para além do ‘eu’ ou do ‘você’, uma lei universal, um juízo comum, a imparcialidade, para contribuir com algo maior que o individual.

A evolução das doutrinas éticas aponta para isso. Do intelectualismo grego, com Aristóteles e seu eudemonismo, passando pelo hedonismo de Epicuro e por várias outras correntes, até à ética formal ou autônoma, produzida pelo pensamento de Kant, extrai-se essa percepção, que vem a se fazer mais forte com a ética da alteridade. Esta última trata-se de uma doutrina constituída no século XX, proveniente dos estudos de Emanuel Lévinas que expressa um “humanismo do outro homem aberto ao infinito e responsável pelo outro” (PIVATTO, 2008, p. 80), uma ética que mergulha intensamente na interferência que um ser implica ao outro. Lévinas se pergunta: “Será que eu me devo ao ser?” (PIVATTO, 2008, p. 87). Haddock-Lobo (2004) especifica que, para além de concepções gnosiológicas, ética para Lévinas é mais que relação, é um experimentar-se “por meio da transcendência da idéia de infinito que é o outro”. Eco (2009), em uma expressão que é coerente com a ética da alteridade, afirma que poderíamos morrer ou enlouquecer se vivêssemos em uma comunidade que não nos olhasse ou se comportasse como se não existíssemos.

A ética revisita, reflete e questiona regras e valores que direcionam as atitudes, conduzindo os indivíduos, desta forma, para pensar e agir sob a perspectiva da solidariedade. Solidariedade porque o homem não está só e é dependente da convivência com outros. Esta reflexão imperativa da conduta se dá essencialmente em função da existência da coletividade e relação entre os homens.

Nos estudos de ética, relaciona-se e interage-se com assuntos que fazem parte de seu escopo como moral, valores, responsabilidade, dever, entre outros. A relação entre a ética e a moral, por exemplo, é estreita e

difícilmente há de se encontrar um texto que, ao mencionar sobre ética, não destaca igualmente a temática da moral.

2.2 Ética e moral

Mesmo em sua etimologia os termos ética e moral se relacionam. A palavra ética vem do grego *ethos* que significa o conjunto de costumes, hábitos e valores de determinados grupos. Os romanos, mantendo o significado de *ethos*, o traduziram para o termo latino *mos, moris*, de onde provém *moralis* e a consequente palavra moral em português (MARCONDES, 2007, p. 9).

Muitos autores enfatizam que os termos podem ser considerados sinônimos, entretanto, outros estudiosos do assunto, como Boff (2009) defendem a distinção. Este autor considera que a ética é o conjunto de princípios e valores que orientam os indivíduos e as sociedades, dá conta de concepções de vida, do universo, do homem e do seu destino. Pode-se dizer que alguém é ético quando está orientado por princípios e convicções. Já a moral é parte da prática real, expressa a partir de costumes, hábitos e valores sedimentados culturalmente. Pode-se dizer que alguém é moral quando age de acordo com estes costumes e valores que, eventualmente, podem ser questionados pela ética.

Sánchez Vázquez (2003) possui argumentação semelhante. Ao discorrer sobre problemas morais e problemas éticos, trata-os como sendo problemas de ordem da prática e da teoria, respectivamente. Destaca que ao comportamento prático-moral, presente nas comunidades mais primitivas, sucedeu-se a reflexão sobre ele. Esta reflexão é a passagem da esfera dos problemas práticos para os teórico-morais, ou melhor, éticos.

A distinção entre os termos é proveniente do Iluminismo, período que se caracterizou, entre outras coisas, pela substituição do paradigma da crença religiosa pelo da crença na ciência e na tecnologia. Neste período, a ética passou a significar a escolha livre do homem e as imposições da religião passaram a se designar por moral, surgindo deste modo a aversão ao termo, proveniente de sua associação ao dogma, repressão sexual, atraso social, oposição à ciência, entre outros. (MARCHIONNI, 2008).

Sobre a questão entre moral e religião, Singer (2009, p. 9-10) destaca que as pessoas tendem a ver a moralidade através da visão dos moralistas tradicionais (permitiu-se que se apropriassem desse campo), defensores de um “sistema de irritantes proibições puritanas” que visam

impedir o divertimento dos indivíduos. Entretanto, deve-se ter claro que os moralistas tradicionais defendem um “código específico de moralidade”.

Vigoram na ordem do dia várias questões que requerem do indivíduo um posicionamento, questões que antes não se apresentavam para a sociedade. Muitas delas além de serem emergentes, são urgentes. Questões como aborto, eutanásia, direito dos deficientes, dos animais, questões ecológicas entre outras não são mais possíveis de fundamentação religiosa. Tugendhat (2009, p. 13) afirma que

[...] uma tal fundamentação pressupõe que se é crente. Seria intelectualmente desonesto manter-se ligado a respostas religiosas para as questões morais, apenas porque elas permitem soluções simples, o que não corresponderia nem à seriedade das questões, nem à seriedade exigida pela crença religiosa. Entretanto, também o crente não pode mais fundar suas normas morais em sua crença religiosa, pelo menos se leva a sério o não crente e aquele que possui uma crença diferente da sua. Pois a observância de normas morais é algo que podemos exigir de todos [...] e, para podermos fazê-lo, devemos também esperar que isso possa ser tornado compreensível para todos.

O declínio da fundamentação ética religiosa é um dos fatores responsáveis por colocar a ética e as questões morais novamente na berlinda, como temas de grande relevância na sociedade. Conforme destaca Marcondes (2007), sem o fundamento religioso, emergiu a ética filosófica, trazendo à tona a questão do relativismo, já discutida pelos filósofos gregos, retomando posição central na reflexão filosófica. Sobre o relativismo e a Modernidade, Marchionni (2008) destaca que ao se ver como autônomo, senhor de suas vontades e sem regras impostas por divindades, o homem passou a estipular suas próprias leis morais. O autor destaca que além de significar criatividade e liberdade este relativismo moral trouxe precariedade, fluidez, conflito.

O termo fluidez foi amplamente utilizado por Bauman (2001) em uma analogia da qualidade que distingue os líquidos e gases do estado sólido. A metáfora corresponde ao atual estágio da humanidade, que após o período agrícola e o industrial, encontra-se numa realidade pautada no conhecimento e na comunicação. Esta realidade, como os fluidos, “escorrem”, “esvaem-se”, “transbordam”, “vazam” e diferente dos sólidos não são contidos facilmente. Os indivíduos, que enfim

podem escolher suas próprias regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados, encontram o dilema da falta destes padrões que não são mais “dados” e muito menos evidentes. O autor destaca que são muitos e eles se chocam e se contradizem.

Tugendhat (2008) aponta que um dos erros da ética atual é sua vinculação com um princípio moral que pareça correto, ater-se ao conflito moral entre quem deseja compreender moralmente e quem não deseja (a este último, o autor denomina de egoísta). O autor em sua obra defende a fundamentação de uma concepção de moral diante da diversidade de concepções de moral. Na atual situação histórica em que se encontra a humanidade, a modernidade “líquida”, como mencionada anteriormente, caracterizada pela ausência de uma fundamentação determinada de moral, ou, com muitas concepções de moral concorrendo entre si, deve-se inicialmente assegurar o que deve ser compreendido por uma moral, fundamentando suas concepções.

As concepções morais, entretanto, para que possam ser confrontadas devem possuir um valor para quem as fundamenta.

2.3 Ética e valor

Das muitas características do mundo atual, como já mencionado, destaca-se a “desproporção entre a velocidade absurda do progresso científico-tecnológico e o vácuo ético que se formou a partir da negação dos sistemas tradicionais de valores” (OLIVEIRA, 2008). De que servirá o constante avanço tecnológico e econômico se não melhorar a condição de vida dos homens e mundo em que vivem? Esse avanço não tem dado conta de minimizar situações como, por exemplo, a exclusão social expressão mais forte de valor que nega significado às ideias de igualdade humana e solidariedade. O paradoxo reside no fato do indivíduo produzir um ambiente complexo, mas não conseguir refletir sobre suas criações, nem mesmo arcar com as contas e consequências de seus feitos.

Os valores são metas (MARCHIONNI, 2008), caminhos que o indivíduo decide trilhar. Todas as escolhas pressupõem um sentido de valoração. Escolhe-se o que parece ter mais valor e nas decisões sobre os posicionamentos de vida e de conduta não é diferente.

Sánchez Vázquez (2003) destaca que o termo valor se origina da economia. A concepção de sua natureza permite perceber intrínsecos um subjetivismo e um objetivismo axiológicos. Quando subjetivo, o valor depende do sujeito, é conferido por ele, ao objeto. Quando objetivo, o

valor está nas propriedades do objeto, independente do sujeito, sejam naturais ou criadas pelo homem.

Marchionni (2008), a respeito dos valores, destaca que sobre sua origem existem duas vertentes. A primeira preconiza que os valores existem em si (o valor objetivo) e o autor determina esta explicação como espiritualista-religiosa. A segunda atribui a origem do valor ao juízo do homem (o valor subjetivo), que o autor atribui como uma explicação materialista.

O objetivismo axiológico atribui ao valor caráter absoluto e seus antecedentes remetem à doutrina metafísica de Platão. O belo e o bom, por exemplo, existem como entidades absolutas e imutáveis, independente da relação com o homem. Esta posição pode ser enfatizada a partir de duas teses fundamentais a respeito do objetivismo: a primeira consiste na separação do valor e da independência dos valores com respeito aos bens em que se encarnam (valor e bem – coisa valiosa); a segunda é a independência dos valores em relação ao valor conferido pelos indivíduos (valor e existência humana). Entretanto, valores como solidariedade, lealdade e amizade só possuem sentido na relação entre os homens. Os valores são pois, criações humanas no sentido que existem com uma objetividade social que não ultrapassa o âmbito do homem como ser histórico-social. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003).

O fato é que o valor moral é parte da existência humana e sem ela, ele inexistente. Sánchez Vázquez (2003) afirma que o valor moral só pode ser atribuído a atos ou produtos que os homens atribuem e reconhecem como seus como os comportamentos, as intenções, as atividades e mesmo uma obra de arte que, por exemplo, além do valor estético pode ter valor político ou moral.

Em ética, Marchionni (2008) enfatiza que a palavra valor começou a ser usada também a partir do Iluminismo significando um bem ou um mal, definidos pelo próprio homem, livre nas suas escolhas. O valor moral, portanto, virou algo subjetivo, dependente da valoração dada pelo sujeito, individualmente.

O valor de um ato ou produto humano que é atribuído pelo homem no decorrer da sua vida cotidiana, dá-se em seu processo histórico e social. Eventualmente, pode estar em acordo com os valores dados por outros homens, mas também pode gerar divergências porque as questões da ordem da ética e da moral são questões que necessariamente envolvem os homens em suas relações. Sánchez Vázquez (2003) destaca que seres inanimados ou atos de animais não podem ser julgados moralmente. Estão sujeitos à avaliação moral

(aprovação ou reprovação) atos e produtos que possuem nos seus resultados ou consequências, a capacidade de afetar outros. Essa avaliação moral não deve ser feita pelo sujeito enquanto sujeito puramente individual, mas enquanto ser social.

Quando se avalia moralmente, avalia-se enquanto bom e mau. O ato moral deve ser a realização do “bom” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003), e segundo Aristóteles o bom é aquilo que todos buscam (MARCHIONNI, 2008) - uma visão que trata do bom no seu estado geral, absoluto, atemporal, em qualquer circunstância referindo-se a qualquer ato ou produto humano avaliado moralmente (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003).

Em se definindo o bom, se define o mau. Estas definições não são puramente lógicas e variam no processo histórico em conformidade com as funções de moral de cada época. Essas mudanças alimentam as doutrinas éticas com novos conceitos (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003).

Pode-se perceber que a ética é, em si mesma, um valor humano. Neste estudo, a motivação dos líderes de bibliotecas comunitárias sugere que a necessidade de informação e conhecimento, representa também um valor.

2.4 A necessidade humana de ler e informar-se

Le Coadic (2004) pergunta: “O que leva uma pessoa a procurar informação?” Exigência oriunda da vida social, de saber, de comunicação, a necessidade de informação se diferencia das necessidades fisiológicas ou naturais. Entretanto, a existência de um problema a resolver, de um objetivo a atingir e a constatação de um estado anômalo de conhecimento pode incidir sobre uma necessidade básica, pensamento que leva Le Coadic a deduzir que a necessidade de informação pode pertencer à categoria das necessidades humanas fundamentais.

Neste sentido, Bronislaw Malinowski⁵, ao formular uma teoria das necessidades (que deu origem à pirâmide das necessidades criada

⁵ O antropólogo polonês nasceu em 1884 e faleceu em 1942. Segundo sua estudiosa, Eunice Ribeiro Durham, sua carreira foi rápida mas ele se tornou uma das figuras centrais da geração de antropólogos de sua época. Uma marca de seu trabalho foi a riqueza, vivacidade e complexidade da descrição etnográfica. (DURHAM, Eunice Ribeiro. Malinowski: uma nova visão da antropologia. In: THOMAZ, Omar Ribeiro. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004).

por Maslow⁶), enfatizou que qualquer comunidade, desde a mais primitiva até a mais civilizada, possui uma “intendência tribal que é determinada principalmente pelas necessidades nutritivas do metabolismo humano, mas que, em si mesma, produz novas necessidades, tecnológicas, econômicas, legais e mesmo mágicas, religiosas ou éticas.” (DURHAM, 1986, p. 186).

Le Coadic (2004) traz à tona uma tipologia das necessidades de informação definindo duas grandes classes: a necessidade em função do conhecimento (desejo de saber) e a necessidade em função da ação (para fins materiais). Esta última refere-se a questões de ordem prática, das realizações profissionais e de sobrevivência como trabalhar, dormir, comer, descansar e reproduzir-se.

A primeira classe de necessidades citada anteriormente, portanto, deriva do impulso do homem em saber mais, o que torna relevante fazer um paralelo com a natureza do pesquisador tratada por Salomon (2006) em sua obra, que ele mesmo chama de ensaio sobre a problematização no processo do pensar, pesquisar, criar e viver. O autor menciona a natureza humana e a vocação do homem para ser estimulado e provocado diante do novo, do insólito e do desconhecido. Como animal racional, o homem reage de maneira espontânea e controlada, uma dualidade que se dá através da indagação.

Diante da situação nova surge em sua mente o interrogativo adequado a indicar ao ser interrogador a natureza do problema e a direção a tomar no processo do pensar ou do agir. Tais interrogativos proporcionam ao ser humano começar o processo de identificar a realidade, descrevê-la, interpretá-la, explicá-la, prever seu comportamento futuro, agir sobre ela e comunicar o conhecimento obtido a seus semelhantes. Em se tratando do processo de agir possibilita o tipo de ação a empreender. (SALOMON, 2006, p. 6).

A informação constitui-se, portanto, substancialmente importante para a reflexão ética. A capacidade de conhecer e aprender é o que melhor distingue os seres humanos dos outros seres. Entretanto, o

⁶ Abraham Maslow, estadunidense, psicólogo, nasceu em 1908 e faleceu em 1970. Estudioso do comportamento organizacional, seu trabalho foi marcado pela influência da psicanálise e da antropologia cultural. (SAMPAIO, Jäder dos Reis. O Maslow desconhecido: uma revisão de seus principais trabalhos sobre motivação. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 5-16, jan.-mar. 2009.)

conhecimento pode se tornar muitas coisas para o homem, conforme alerta Demo (2001). Pode se tornar a ideologia com base científica a serviço de uma elite, sobretudo quando se vende como isenta de valores; pode se tornar a artimanha do homem de utilizar a consciência crítica para deturpá-la nos outros, usando ciência apenas em sentido estratégico; pode se tornar a perversidade do ser humano quando é produzido e utilizado para a destruição. Entretanto, também pode se tornar a virtude do ser humano, quando figura como alavanca central da emancipação, principalmente na superação da pobreza política; pode se tornar o método central de análise da realidade, dando ao indivíduo a condição de intervir de forma consciente e competente.

A defesa da informação como necessidade não tenta colocá-la em um rol de prioridades em detrimento de outras necessidades básicas. Como afirma Almeida Júnior (1997b), o suprimento da necessidade de informação, como de alimento, por exemplo, devem acontecer concomitantemente. A relação se faz necessária porque, assim como acontece com outras necessidades humanas, o acesso à informação também não é privilégio de todo indivíduo. As experiências acumuladas ao longo da história da humanidade e o avanço científico e tecnológico conquistado não foram suficientes para dar conta do problema da exclusão. Para Jodelet (2008, p. 53) a exclusão, percebida como marginalização, traduz-se através da “manutenção do indivíduo à parte de um grupo [...]. Decorrendo de um estado estrutural ou conjuntural da organização social, ela inaugurará um tipo específico de relação social.” A exclusão é um estar subjugado que, conforme Silva (1995, p. 62), é o rosto (critério ético por excelência) de pessoas concretas que está sendo negado e, embora à margem, ele “ascende, deixando transparecer o clamor ético por justiça.” Martins (1997) entende que um grupo ou categoria social só se reconhece e é reconhecido como sujeito quando atua como sujeito.

A leitura não é boa nem má em si mesma, o valor lhe é atribuído pelo uso que dela se faz. Historicamente se demonstrou um instrumento de poder e de exclusão social, primeiro em nome da religião, mediante o controle dos textos sagrados e monopólio dos escritos divinos, posteriormente por governos, poderes políticos e interesses econômicos que buscam o seu benefício. (CASTRILLÓN, 2007). Se a leitura é dependente do contexto em que se dá, seja ele histórico, cultural e/ou político, Petit (2008) destaca a relevância da mesma como um meio de acesso ao saber, de apropriação da língua, de “estrapolação” dos espaços

geográficos e temporais, de conjugar as relações de inclusão e de oferecer círculos mais amplos de pertencimento. (PETIT, 2008).

O ato de ler não é garantia, mas possibilidade para a leitura crítica da realidade, o que Freire (1986), aludindo a Gramsci, denominou instrumento de ação contra-hegemônica, quando associada a práticas políticas de mobilização e organização social.

2.5 Bibliotecas públicas

As bibliotecas agrupam, através das obras que compõem suas coleções, pensamentos e idéias de indivíduos distintos, independente do suporte em que estejam inseridas estas ideias. Marques (1998, p. 82) enfatiza que “na leitura estão implicados o sujeito que escreve, deixando no escrito suas marcas e os sujeitos que ao ler atualizam, dão vida outra ao que foi escrito”. As bibliotecas propiciam esta relação de algo que foi registrado com alguém que interage com este registro, são organismos vivos e em constante crescimento.

Desde sua concepção, as bibliotecas constituem relevante instrumento de poder. Ainda que não nos debruçássemos sobre a história das bibliotecas e toda mudança evidente oportunizada por estes espaços, desde as mais opulentas como a de Alexandria, até as mais modestas coleções privadas, ainda assim, poderíamos proclamar a afirmação anterior. Caso contrário, ao longo da história, os donos do poder não empenhariam tanto esforço na neutralização destes espaços como espaço público.

Para além da destruição das edificações que abrigavam bibliotecas e da queima (na maioria das vezes pública) de coleções, outras formas de impedir o acesso à leitura se manifestam, por exemplo, através da manutenção do analfabetismo (e do “entendimento” que estes espaços não são adequados para este tipo de público), da pré-seleção tendenciosa de conteúdos e, muitas vezes, através da ineficaz gestão das bibliotecas públicas. Como enfatiza Manguel (2009, p. 315) “uma vez que a arte da leitura não pode ser desaprendida, o segundo melhor recurso é limitar seu alcance”, ou mesmo, direcionar ao leitor, o que pode ser lido.

Manguel (2009) também destaca que o temor da leitura não é exclusivo dos governos totalitários. A comunidade de leitores, por toda parte, possui um poder percebido e lhe é conferida uma autoridade adquirida. Possui reputação ambígua, pois ao mesmo tempo em que a interação entre leitor e livro é reconhecida como sábia e frutífera,

também é, muitas vezes, percebida como exclusiva, privativa, impenetrável. Como saber o que acontece na cabeça de cada leitor, que pode refletir, agir e dar significado ao que está lendo?

É certo que a acumulação de conhecimento não se traduz em conhecimento adquirido pelo indivíduo (MANGUEL, 2009), por isso, o contexto de democratização do acesso à leitura se torna tão relevante.

No Brasil, a noção do acesso às bibliotecas para todo povo está historicamente em desenvolvimento; o conhecimento do livro nas primeiras décadas da colonização se dá através do processo de catequização liderado pelos jesuítas portugueses da Companhia de Jesus. “Os livros, cuidadosamente selecionados, eram poderosos instrumentos de propaganda da fé” e a Companhia de Jesus era responsável pela alfabetização e formação de padres que iriam continuar a formação de meninos para a solidificação de seus propósitos. A ação dos jesuítas foi fundamental na herança do que se identifica hoje como ‘cultura brasileira’ (MILANESI, 2003, p. 81-83).

Em 1549, instala-se o Governo Geral em Salvador, na Bahia. Os livros ainda eram privilégio dos conventos dos jesuítas, franciscanos, carmelitas e beneditinos, principalmente dos padres da Companhia de Jesus que fundam colégios na Bahia e em outras capitanias. As obras, além de raras, concentravam-se nas mãos dos estudantes de colégios religiosos. (MORAES, 1979).

A primeira biblioteca pública surge somente em 1811, não por determinação estatal, mas pela iniciativa de um abastado senhor de engenho, Pedro Gomes Ferrão de Castelo Branco, que para o governo só pediu a aprovação de seu plano. Concebia a biblioteca pública “do Estado” como uma instituição capaz de promover a instrução do povo, formada pelos cidadãos, administrada pela sociedade e financiada por sócios. (MORAES, 1979). Sem apoio permanente do governo, a biblioteca “estреou as agruras que esse tipo de ação encontraria na sociedade brasileira através do tempo: morreu à míngua, poucos anos após a inauguração.” (MILANESI, 2003, p. 84).

Conforme Fonseca (2007), após a Biblioteca Pública da Bahia, sucederam-se a de Sergipe em 1851, Pernambuco em 1852, Espírito Santo em 1855, Paraná em 1857, Paraíba em 1858, Alagoas em 1865, Ceará em 1867, Amazonas e Rio Grande do Sul em 1871.

Um pouco mais de um século dessa onda de criação de bibliotecas públicas, talvez pelo pouco alcance que proporcionou, não assegurando o acesso a todas as pessoas, vê-se constituir a partir da base outro movimento, ao menos tornado perceptível, o da constituição e

presença da biblioteca comunitária na sociedade. De fato, Almeida Júnior (1997a), em palestra proferida em 1989, menciona o surgimento dos Centros de Documentação Popular e enfatiza que estes centros surgiam como forma de protesto e pareciam estar substituindo a biblioteca pública.

Existe ainda muita discussão acerca do tema biblioteca comunitária. O que são de fato bibliotecas comunitárias? Qual o motivo para seu surgimento?

2.6 Bibliotecas comunitárias

Como se pode perceber em dados relatados anteriormente, em âmbito nacional, a literatura sobre bibliotecas comunitárias ainda é muito escassa, o que a torna ambiente nebuloso de pesquisa. Outra problemática deste tema encontra-se em sua denominação, que além de comunitária pode variar na forma de outros adjetivos como pública, popular e até mesmo, como sugere Almeida Júnior (1997a), alternativa (que é pouco utilizado). Machado (2009) dedicou um artigo para discutir o conceito de biblioteca comunitária, por perceber que o termo ainda causa muita confusão.

Almeida Júnior (1997a) enfatiza que a primeira vez que se fez referência ao termo biblioteca comunitária na literatura brasileira foi em 1978 em artigo de autoria de Carminda Nogueira de Castro Ferreira. Entretanto, a autora fazia referência a uma experiência estadunidense no início do século XIX, de integração da biblioteca pública “do estado” com a escolar.

No primeiro relato de uma ação de biblioteca comunitária no Brasil, ela foi denominada biblioteca popular, como se pode verificar no artigo de Todêska Badke em 1984, sobre uma experiência no Parque Nacional Laranjeiras, em Vitória, Espírito Santo. A autora, ao descrever a ação realizada, verificou que a biblioteca popular surge da necessidade e trabalho da própria comunidade que, na maioria das vezes, caracteriza-se por ser menos favorecida, viabilizando a biblioteca com o objetivo de modificar a realidade vigente. (BADKE, 1984).

Sobre a denominação biblioteca popular, Buonocore (1976) destaca, em dicionário publicado na Argentina, que o termo biblioteca popular naquele país refere-se a uma biblioteca pública criada e administrada por uma sociedade particular com personalidade jurídica e que geralmente goza de proteção e fomento do Estado. É fruto da iniciativa privada, mantém-se com cotas dos sócios, possui autonomia,

entretanto deve prestar contas dos subsídios recebidos e submeter-se à fiscalização técnica e vigilância da Comissão Protetora de Bibliotecas Populares⁷. No caso argentino, a biblioteca popular possui amparo legal e um vínculo com o aparelho estatal.

Machado (2009) destaca que os relatos realizados em países desenvolvidos sobre estas experiências se referem à biblioteca comunitária como uma biblioteca pública vinculada à máquina estatal e que tem na sua localização a característica que a diferencia da biblioteca pública, ou seja, é mais periférica, distante de centros urbanos ou na zona rural. A questão geográfica parece se evidenciar no relato de experiência e nas produções científicas sobre o tema. Prado e Machado (2008) ressaltam que essas bibliotecas “brotam” do coração das comunidades periféricas das zonas rurais e das zonas urbanas do país, demonstrando um engajamento de grupos organizados envolvidos com a democratização do acesso à informação e cultura. Stumpf (1988 apud ALMEIDA JÚNIOR, 1997a, p. 69) endossa este aspecto ao afirmar que “a biblioteca comunitária é vista como um recurso de recreação, cultura e educação de agrupamentos sociais de uma área geográfica específica.”

Outro aspecto relevante das bibliotecas comunitárias parece se destacar nas práticas culturais, como mencionado na conceituação de Stumpf. Machado (2008, p. 57-58) destaca que

o conceito de biblioteca comunitária no Brasil remete a uma categoria de entidades que possui o mesmo significado, ou seja, espaços físicos abertos ao público local, de acesso à informação e às diversas formas de leitura, onde a ação cultural é fortemente implementada.

Campbell Jérez (2007) menciona sua dificuldade em distinguir a biblioteca pública da comunitária, mas, define em seu artigo que a biblioteca pública é parte de uma rede de bibliotecas públicas municipais e comunitárias, que ele denominou “independentes”, encontram-se na comunidade sem pertencer a esta rede.

⁷ Atualmente este órgão se chama *La Comisión Nacional Protectora de Bibliotecas Populares* – um organismo estatal dependente da Secretaria de Cultura da Presidência da Argentina que desde 1870, através da Lei n. 419, proposta por Domingo Faustino Sarmiento, apóia e fomenta o desenvolvimento de bibliotecas populares em todo território argentino. (CONABIP. *Que es CONABIP.* Disponível em: <http://www.conabip.gov.ar/contenidos/institucional/que-es-conabip.asp>. Acesso em: 30 out. 2010.)

Este conceito se aproxima do que usualmente vem se denominando bibliotecas comunitárias no Brasil. Machado (2009, p. 89), a partir das iniciativas brasileiras, caracteriza o que se poderia chamar de biblioteca comunitária:

- [...] são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.
- a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social.
- o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade.
- a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas.
- o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

O consenso em âmbito de discussão nacional, de utilização do termo biblioteca comunitária se cristaliza com a criação da RBBC⁸ em novembro de 2009. Nesta rede social, discute-se sobre o mesmo objeto de interesse: bibliotecas que possuem espaços físicos abertos ao público em geral, com acesso a diversos tipos de informação, que possuem a característica da comunidade em que estão inseridas, que são fruto da ação de indivíduos destas comunidades e com grande ênfase na ação cultural.

Machado (2008, p. 61) acredita que a biblioteca comunitária pode, portanto,

ser considerada um outro tipo de biblioteca, pois vem sendo criada seguindo os princípios da autonomia, da flexibilidade e da articulação local, o que amplia as possibilidades de atuação e de inserção na sociedade. Outro fator que nos leva a considerá-las diferente é pela forma de atuação estar muito mais ligada a ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação. Estes princípios podem ser considerados qualidades essenciais destas bibliotecas, os quais as diferenciam das demais, tornando-as únicas e que, se retirados, destroem sua essência.

⁸ Espaço virtual idealizado e criado por Abraão Antunes da Silva.

A autora esboça ainda um quadro que comparativamente traça algumas das principais características que diferenciam biblioteca pública e comunitária.

Quadro 1: Principais diferenças entre biblioteca pública e comunitária

Características	Biblioteca pública	Biblioteca comunitária
Fundamentação	Projeto técnico	Projeto político social
Legitimidade	Dada pelas leis	Dada pelo grupo
Estrutura	Vinculada a órgão governamental	Vinculada a um grupo de pessoas, podendo ou não ser parceira ou ter apoio de órgãos públicos e privados
Hierarquia	Rígida – altamente hierarquizada	Mínima – Flexível
Equipe interna – constituição	Funcionários da Administração Pública, alocados no equipamento independentemente do seu vínculo local.	Membros da comunidade
Equipe interna – postura	Dependência	Autonomia

Fonte: MACHADO (2008, p. 64).

No centro desta pesquisa estão os líderes desta biblioteca. Em âmbito nacional, este líder encontra vasto campo de atuação para a implementação destes espaços e um ambiente bem específico. Machado (2008) destaca que são iniciativas sociais que emergem do desejo e da necessidade do acesso à leitura. Estão vinculadas a pessoas ou grupos e agem na sua realidade de maneira transformadora, visando atender as necessidades deste grupo que possui culturas próprias, os mesmos problemas e interesses.

2.6.1 Criação, presença, desenvolvimento e políticas no Brasil

A biblioteca comunitária se faz presente onde as bibliotecas públicas não estão, nasce da necessidade comunitária e se caracteriza

fortemente por sua ação cultural. É uma instituição de política social voltada para o interesse público, razão pela qual, na teoria, muito se compara à biblioteca pública. Flusser (1980, p. 133), destaca que “a biblioteca verdadeiramente pública” é a que participa do “processo de dar a palavra ao não público”, característica que se percebe em muitas iniciativas de bibliotecas comunitárias e que pode auxiliar no direcionamento das políticas para bibliotecas públicas.

As instituições são uma determinante importante dos resultados econômicos e políticos na sociedade. Podem ser criadas, como é o caso das constituições, ou podem se desenvolver informalmente ao longo do tempo, como os padrões morais, por exemplo. (GALIANI, 2006). Como instituição criada, em virtude de uma necessidade sentida pela comunidade, a biblioteca comunitária conta com a mobilização dos indivíduos para sua manutenção, diferente da biblioteca pública que se encontra sob a dependência do Estado.

Uma característica relevante na natureza das instituições, destacada por Galiani (2006), é o fato de apresentarem um caráter de interdependência, de estarem ligadas entre si a tal ponto de sua viabilidade depender desta mútua consistência. Este dado se configura importante e talvez possa revelar a relevância da articulação política exercida pelos líderes e demais membros da comunidade nos ambientes das bibliotecas comunitárias para que estas se mantenham.

Machado (2008) destaca que os líderes das bibliotecas comunitárias contam com a legitimação da comunidade pois nestes espaços as pessoas se reconhecem e se identificam. Entretanto, por se constituírem de membros da própria comunidade, talvez não tenham instrumentos suficientes e um sistema de apoio para atuar de maneira a transformar a realidade. Por isso, torna-se fundamental o apoio financeiro do Estado e de outras organizações para sua sobrevivência.

As bibliotecas comunitárias demonstram ser um “braço” da biblioteca pública nas periferias, nas zonas menos favorecidas e o Estado brasileiro não poderia ignorar este movimento social emergente. Como um organismo de desenvolvimento social as bibliotecas comunitárias, em 2007, foram pioneiramente incluídas em um programa de governo através do Decreto Federal n. 6.226⁹, que institui o Programa Mais Cultura, visando o fomento da leitura a partir dos Pontos de Leitura. (BRASIL, 2007a). Esta medida, no Brasil, talvez colabore em longo prazo para diminuir ainda mais a distância entre o que se

⁹ Alterado pelo Decreto n. 6.630, de 4 de novembro de 2008, dando nova redação aos artigos 5º e 6º.

entende por biblioteca pública e comunitária (como no caso da Argentina mencionado anteriormente), já que o Estado passa a se responsabilizar em sua proposta pelas iniciativas de bibliotecas comunitárias nas periferias e zonas rurais.

Medellín Torres (2004) enfatiza que as políticas públicas expressam as formas institucionalizadas que regem a interação governativa entre a sociedade e o Estado. Elas revelam e especificam o regime político que é posto em jogo por parte do governante, seu projeto de direção política e ideológica de Estado e de sociedade. A importância das políticas públicas reside na sua capacidade de dar conta de uma particular dinâmica de exclusão.

Na apresentação do Programa Mais Cultura, a política de bibliotecas e de acesso aos livros esboça dados precários da realidade brasileira, até mesmo fazendo comparação com outros países, demonstrando-os como indicadores de exclusão:

- o brasileiro lê em média 1,8 livros per capita/ano (contra 2,4 na Colômbia e 7 na França, por exemplo)
- 73% dos livros estão concentrados nas mãos de apenas 16% da população
- o preço médio do livro de leitura corrente é de R\$25,00, elevadíssimo quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E
- dos cerca de 600 municípios brasileiros que nunca receberam uma biblioteca, 405 ficam no Nordeste, e apenas 3 no Sudeste. (BRASIL, 2007b).

As bibliotecas comunitárias se encontram na Categoria II¹⁰ de ação do Programa, intitulada Cidade Cultural, que objetiva “qualificar o ambiente social das cidades, ampliando a oferta de equipamentos e os meios de acesso à produção e à expressão cultural” (BRASIL, 2007b). Em 2010, segundo dados do Ministério da Cultura (2010), o MinC apoiou a criação de até 100 bibliotecas em bairros, distritos ou zonas rurais, no valor máximo de R\$ 85 mil/cada.

Relevante destacar, inclusive trazendo à tona a questão da interdependência das instituições ressaltada por Galiani (2007), que

¹⁰ A categoria I, Cultura e Cidadania, é concernente às bibliotecas públicas com o objetivo de garantir o acesso da população a bens e serviços culturais. A categoria III, Cultura e Renda, visa geração de trabalho, emprego e renda para trabalhadores, micro, pequenas e médias empresas. (BRASIL, 2007b).

apesar de um avanço, a medida para conter e reverter os números do déficit de acesso à leitura no País não podem atuar como medida isolada (talvez esta afirmativa justifique a presença da Categoria III no Programa Mais Cultura, visando geração de trabalho, emprego e renda).

A respeito do papel do Estado com relação à questão da leitura e da exclusão, Castrillón (2007) faz considerações que merecem destaque. Segundo ele, o problema da leitura só pode ser resolvido mediante uma distribuição de riqueza mais justa e equitativa e investimento em educação. A cultura por si só não eleva o desenvolvimento econômico e social. Ressalta que ao invés da lógica “mais leitura mais desenvolvimento”, deve-se pensar em “mais desenvolvimento, mais leitura”, “mais consumo de livros, mais desenvolvimento e mais consumo de bens culturais e não culturais”. O autor deixa claro que o desafio é, em primeiro lugar, uma responsabilidade do Estado já que leitura é um direito e não um luxo ou uma obrigação. É um direito que também pode permitir um maior exercício da democracia e, conseqüentemente, o cumprimento de outros direitos.

Em torno da leitura se movem vários interesses, a necessidade de democratização obedece a diversos propósitos e esta é uma das causas para que os setores excluídos, não só da leitura, mas também de outras manifestações da cultura e da economia, não se apropriem desta prática. Somente quando ler e escrever se constituírem uma necessidade percebida pela maioria da população e, convencida de que a leitura e a escrita podem ser instrumentos em seu benefício, se aproprie da cultura escrita, poderá se pensar em uma real democratização da mesma. Sem esta condição, esta circunstância só poderia se produzir na medida em que melhorassem os níveis de desenvolvimento e ao mesmo tempo se diminuíssem as desigualdades. (CASTRILLÓN, 2007).

Além do Estado, outro importante apoio às bibliotecas comunitárias brasileiras provém do Terceiro Setor. Machado (2008) e Madella (2010) alertam respectivamente que este tipo de incentivo pode enfatizar o discurso neoliberal de valorização da iniciativa privada sobre a ineficiência do Estado, bem como, o risco da delegação de responsabilidades de caráter público como direito à informação e à educação, por exemplo, para estas organizações que, muito embora sejam financiadas pelo Estado, atuariam como intermediárias entre o Estado e o público.

Percebe-se que tanto os recursos dos órgãos públicos quanto os das organizações privadas não bastam para a implementação das

bibliotecas comunitárias, pois se demonstra necessária a articulação e ação dos seus líderes e da comunidade.

2.6.2 A liderança nas bibliotecas comunitárias

Assim como a ética, a liderança também envolve uma situação relacional. Ao mencionar as origens da liderança, Bergamini (2009) destaca que o encontro de duas pessoas foi o que bastou para que uma delas fosse solicitada a fazer a interpretação de uma situação momentânea e indicasse o caminho a ser percorrido.

Os primeiros estudos sobre liderança a explicavam como um traço da personalidade, a ênfase era dada no líder nato, a chamada teoria dos traços que predominou até a década de 40, do século XX, conforme Bergamini (2009). Um dom, algo geneticamente herdado, também chamada por Bennis e Nanus (1988, p. 4) de teoria da liderança do “Grande Homem”. Knickerbocker (1961 apud MERHI et al, 2008) ao fazer a crítica destes estudos afirma que este tipo de direcionamento para a temática coloca, equivocadamente, o líder como uma entidade à parte de sua relação funcional com os liderados.

Na década posterior, anos 50, surge a teoria dos estilos de liderança e os estudos migraram do que o líder era, para sua atividade, com a ênfase no impacto do estilo do líder para o grupo, já direcionando a liderança como processo de interação social. Nas décadas de 60 a 80, a corrente que predominou explorava variáveis como o comportamento do liderado, o líder e o ambiente organizacional. Esta teoria chamada de situacional, já colocava a liderança como um atributo que pode ser desenvolvido por qualquer indivíduo. (MERHI et al., 2008).

Percebe-se que muitos são os significados e associações atribuídos à liderança. Bergamini (2009) ressalta que o interesse pelo tema gerou uma série de conceitos entre os estudiosos em comportamento organizacional, trazendo dificuldade no delineamento da completa abrangência do assunto, com o tema sendo abordado a partir de ângulos diferentes, de acordo com cada pesquisador. Esta situação gerou diferentes definições, entretanto, como denominador comum, todas destacam a liderança como um fenômeno grupal, tornando evidente o processo de influência, exercido intencionalmente pelo líder e seus seguidores.

No contexto de evolução da definição de liderança, trabalha-se nesta pesquisa a definição de líder conforme alguns pontos centrais trazidos por Northouse (2004 apud MINUZZI; CASAROTTO FILHO;

SANTOS, 2009) quando menciona a temática. Para este autor, a liderança é vista como um processo, envolve influência (como um líder afeta seus seguidores), se dá no contexto grupal e inclui objetivos (indivíduos são movidos em direção a uma meta).

Portanto, liderança é um processo por meio do qual um indivíduo influencia o grupo para alcançar um objetivo, uma meta comum. Definindo liderança como um processo, assume-se que não é um traço ou uma característica nata, mas um evento transacional, uma relação bidirecional, que ocorre entre o líder e seus seguidores. (MINUZZI; CASAROTTO FILHO; SANTOS, 2009, p. 19).

Para além da quantidade de significados, nesta pesquisa, a liderança é vista como um processo e o termo líder é utilizado no estudo para designar os indivíduos que se encontram dentro de um contexto social, que se mobilizaram para criar e/ou manter iniciativas de bibliotecas comunitárias. Mais do que influência, segundo Heifetz (1994 apud MINUZZI; CASAROTTO FILHO; SANTOS, 2009), liderança é algo exercido em prol do bem comum.

Nesse sentido, na biblioteca comunitária, embora algumas vezes a iniciativa de implementação seja de indivíduos isolados, os líderes da ação atuam como agentes de interesses do grupo, mobilizando-se em função de uma coletividade, que, por sua vez, acolhe participando de forma conjunta e ativa. Neste estudo, estes agentes se apresentam como protagonistas, possuem papel relevante não somente para a implementação e manutenção destes espaços que se demonstram únicos nas comunidades, mas também para a reflexão sobre o papel da biblioteca no contexto social, sobre a exclusão cultural a que ficam submetidos os indivíduos e as consequências desta exclusão.

Machado (2008) destaca que o motivo principal observado para a criação destes espaços é a dificuldade no acesso ao livro e à leitura, considerando que a biblioteca comunitária é resultado da carência de políticas para bibliotecas públicas e escolares, demonstrando-se uma prática cidadã, pautada na ação individual ou na ação coletiva de um grupo local organizado. A autora identificou em sua pesquisa líderes provenientes de diversas ocupações como professores, estudantes, pescadores, pedreiros, borracheiros, açougueiros, catadores de lixo, seminaristas, entre outros, que de forma solidária assumem a

responsabilidade de compartilhar tempo de suas vidas para estes projetos.

Machado (2008, p. 120) ressalta que no discurso dos líderes destas iniciativas fica evidente a importância da comunidade nas suas vidas e para a própria biblioteca, com a utilização recorrente de termos como “nossa casa”, “nossa família”, “nossas crianças”. Nesse sentido, Guareschi (1995, p. 13) enfatiza que o homem é um sujeito de relações que se encontra em contínua construção. A subjetividade humana é o resultado de milhões de relações. Recortamos do universo dos milhares e milhões de relações que estabelecemos, parcelas específicas, diferenciadas e, com isso, construímos nossa subjetividade. Por isso mesmo, somos absolutamente singulares, únicos, irrepetíveis, pessoais (pessoa = relação).

Estes líderes encontram muitas dificuldades para suas ações. Machado (2008) pode constatar que a participação da comunidade nas tomadas de decisão e no controle dos recursos é baixa. Como mencionado anteriormente, a captação destes recursos também exige esforço e articulação por parte destes atores. Outro problema exposto pela autora, ao expor o relato de algumas lideranças é a dificuldade de ampliar a atuação das bibliotecas, muitas vezes em função da baixa escolaridade e do próprio analfabetismo.

De fato, muitos são os desafios para poder atuar como construtor de uma política pública de acesso à leitura. Uma política pública se constrói por todos aqueles que com sua atuação, seus saberes e decisões podem analisar, propor, modificar os modos de pensar, sentir e fazer uma comunidade frente à leitura e escrita. (SOLECTURA apud CASTRILLÓN, 2007).

O agir destes agentes se relaciona com uma ética do cuidado com os que, de alguma forma, são menos favorecidos. Possibilita uma conscientização por parte deste grupo de sua condição e de possíveis mudanças para sua emancipação. Boff (2008) ressalta que a consciência da injustiça de uma determinada situação por grupos oprimidos, gera a organização dos mesmos para práticas de transformação estrutural de relações sociais injustas.

A ação humana, segundo Souza (2002, p. 130), é responsável por fazer e refazer continuamente a existência do homem, pois o homem “se constitui enquanto ser e pessoa pela ação”. Necessita regular sua ação direcionando-a para a busca da igualdade, para o equilíbrio das diferenças entre os homens que cotidianamente se conduzem à conquista de uma meta existencial maior que é a felicidade. Segundo o autor,

“conduzir-se pela busca da igualdade é, por isso, caminhar com base em um valor que é imaterial e decorre de um desejo. Esse desejo, profundo, constitui a Ética.”

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Quando se analisam problemas humanos, deve-se sempre partir dos homens e não do homem tomado em sua individualidade [...] deve-se partir da pluralidade, dos grupos, de sociedades constituídas por vários indivíduos”
Norbert Elias

Na concepção e desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se como pilar para sua fundamentação teórica a sociologia do conhecimento. Como núcleo central, considera-se o fenômeno mobilização pessoal para a criação de biblioteca e como experiência social, as relações microsociais explicadas pelo construcionismo social. Uma fonte fundamental no tratamento desta orientação usada para dar base à pesquisa foi o livro de Berger e Luckmann intitulado ‘A construção social da realidade’.

Uma primeira idéia enfatizada pelos autores é de que a realidade é construção social que independe “da nossa volição” e o conhecimento, a “certeza de que fenômenos são reais e possuem características específicas”. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 11). Antes de Berger e Luckmann, a construção social da realidade foi temática atrativa principalmente para o pioneiro Durkheim e posteriormente Schutz, que utilizou os aportes filosóficos da fenomenologia de Husserl para desenvolver a teoria da importância dos significados sociais. (ARAYA UMAÑA, 2002). A análise fenomenológica é o método mais apropriado, segundo Berger e Luckmann (2007, p. 37), para o conhecimento desta realidade social, pois priva-se de qualquer hipótese causal ou genética, leva em consideração o senso comum e suas

[...] inumeráveis interpretações pré-científicas e quase-científicas sobre a realidade cotidiana, que admite como certas. Se quisermos descrever a realidade do senso comum temos de nos referir a estas interpretações, assim como temos de levar em conta seu caráter de suposição indubitável [...].

A teoria de Berger e Luckmann demonstra-se fundamental para a temática desta pesquisa, escorada nos estudos sobre a ética e agir humano, pois se propõe a analisar sociologicamente a realidade da vida

cotidiana e o conhecimento que dirige a conduta do indivíduo diariamente.

Englobados pela sociologia do conhecimento, também despontam como suporte teórico a sociologia processual e o figuracionismo (ou configuracionismo¹¹), representado através dos estudos de seu formulador, Norbert Elias. A sociologia processual de Elias busca através das relações entre as pessoas e entre os grupos, entender processos históricos e sociais. Para tanto, Elias utiliza a observação e análise de detalhes de movimentos do passado, como as regras de etiqueta e de boas maneiras, por exemplo. Conforme o próprio autor menciona “quanto mais profundamente penetramos na riqueza de fatos particulares a fim de descobrir a estrutura e regularidades do passado, mais solidamente emerge um contexto firme de processos dentro dos quais são reunidos os fatos dispersos.” (ELIAS, 1993, p. 263).

O significado para o termo configuração ou figuração, segundo Landini (2005), foi cunhado por Elias como contraponto à noção de *homo clausus*, que representa a dualidade entre sujeito e objeto, indivíduo e sociedade, com o entendimento de que o indivíduo existe isoladamente, autônomo em relação ao social. Essa concepção despertava em Norbert Elias grande oposição e resultou na temática central de sua obra intitulada ‘A sociedade dos indivíduos’ (ELIAS, 1994a). O configuracionismo e o autodistanciamento que ele exige, permite que o indivíduo, como o próprio Elias (2001b) menciona, não se veja como ser isolado da sociedade, existindo para além dela, ou mesmo, a sociedade existindo para além do indivíduo, externa a ele.

Utilizando estes aportes teóricos de amplitude sociológica como cenário de fundo para a pesquisa em questão, serão destacados, a seguir, pontos relevantes para a fundamentação do estudo: a realidade social da vida cotidiana, a significância na relação entre os indivíduos nesta realidade, a questão da conduta e seu direcionamento pela ordem social, a institucionalização e legitimação, as relações de poder e a exclusão e, finalmente, a dinâmica das mudanças sociais.

¹¹ Norbert Elias utiliza o termo configuração em grande parte de sua obra para fazer face ao termo “sistema” utilizado por Talcott Parson. Posteriormente o autor questionou a palavra em si, não o seu significado, pois no latim o prefixo ‘con’ significa ‘com’ e tendo figuração (*figuration*) o significado de padrão (em inglês, *pattern*), configuração seria o mesmo que “com padrão”. O autor terminou por julgar redundante já que pretendia entender o padrão em si, por isso, começou a utilizar o termo figuração. (LANDINI; PASSIANI, 2001 apud LANDINI, 2005).

3.1 A realidade social

A partir da obra de Berger e Luckmann pode-se constatar que a sociedade existe em uma realidade que os autores denominam como realidade por excelência, ou realidade predominante. Ela é ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. A sociedade como realidade objetiva se constrói mediante processos de institucionalização e legitimação e como realidade subjetiva através dos processos de interiorização da realidade (socialização primária e secundária) e da estrutura social. Esta sociedade deve ser entendida num processo de exteriorização, objetivação e interiorização - que não acontece de forma sucessiva, mas simultânea. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

O indivíduo não nasce parte da sociedade, mas se torna parte dela através do processo de interiorização que se dá mediante a socialização primária e secundária. A socialização primária ocorre na infância, na vivência com processos subjetivos de outros indivíduos (pessoas com quem se relaciona frequentemente) que se tornam significativos para a criança. Conforme Belloni (2007, p. 58) a socialização não se limita a um treinamento realizado por quem cuida da criança (família, escola), compreende um processo dinâmico e complexo que se dá na infância e adolescência e que integra “a influência de todos os elementos presentes no meio ambiente e exige a participação ativa da criança.” A interiorização do indivíduo é condição para que se torne membro da sociedade e tem como base primeira a compreensão dos seus semelhantes e, posteriormente, o mundo como realidade social dotada de sentido. No aprendizado da socialização primária, além do caráter cognoscitivo, existe a presença do ingrediente emocional, que intensifica a identificação da criança com outros significativos absorvendo condutas e interiorizando-as como suas. Tem-se nesta perspectiva que a personalidade é uma entidade reflexa, “implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e identidade subjetivamente apropriada.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 177). O indivíduo absorve papéis e atitudes dos outros e assume seu mundo, criando desta forma uma identidade e seu lugar específico no mundo. (BERGER; LUCKMANN, 2007). Relevante mencionar a contribuição de Belloni (2002, p. 61, grifo do autor) ao destacar que

ao contrário da concepção determinista de Durkheim e do que está implícito em muitas teorias pedagógicas mais recentes, a socialização **não** é um processo de inculcação de valores e

saberes pela família, escola e outras instituições, complementada pela influência mais ou menos difusa de elementos do meio ambiente natural e social. **Do ponto de vista da criança**, a socialização constitui um processo de apropriação e de construção, por meio da participação ativa do indivíduo jovem que intervem, age e interage com todos os elementos de seu universo.

Já a socialização secundária introduz o indivíduo já socializado em setores do mundo objetivo da sociedade - instituições, atividades, tradições e papéis sociais. É a aquisição do conhecimento de funções específicas, com vocabulário específico, de compreensões tácitas, que implica na divisão do trabalho e na divisão social do conhecimento. A exteriorização se dará através da sua participação na vida cotidiana e no acervo social de conhecimento. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Antes de o indivíduo entrar em cena, a realidade da vida cotidiana é uma realidade que se lhe apresenta ordenada e objetivada. É na interação social que o homem afirma o sentido da realidade e a linguagem é a responsável por dar sentido e significação a esta realidade para o indivíduo. A linguagem é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana, tem efeito coercitivo sobre os indivíduos, força-os a seus padrões. A expressividade humana é possível através de uma atitude subjetiva (em situações face a face em que ficam aparentes fisionomia, postura, movimentos, etc) ou objetiva (onde um objeto pode expressar um sentimento de cólera, por exemplo, uma faca utilizada para agredir alguém). A faca, um produto humano, que não foi criada exclusivamente para agredir os indivíduos, em situações da vida cotidiana, termina por receber uma significação de violência reconhecível por qualquer pessoa e torna-se uma objetivação da subjetivação humana. (BERGER; LUCKMANN, 2007). Logo, um objeto pode expressar objetivamente uma realidade que é partilhada coletivamente em suas significações.

Distinta de qualquer outro sistema de sinais está a linguagem na situação face a face, onde os interlocutores tem acesso as suas subjetividades e ouvem o que cada um diz no mesmo instante. Ainda, cada interlocutor, pode ouvir a si mesmo, fazendo a linguagem tornar 'mais real' sua própria subjetividade para o outro e para si próprio. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A linguagem tem a característica de tipificar e classificar as experiências, agrupando-as em amplas categorias, que fazem sentido

para os semelhantes. Através da capacidade de transcender o momento presente, a linguagem estabelece pontes e relaciona as diversas zonas temporais da realidade da vida cotidiana, integrando-as e lhes conferindo sentido. A transcendência de dimensões espaciais, temporais e sociais permitida pela linguagem, pode tornar presente objetos que estão distantes nestas dimensões, proporcionando uma vasta acumulação de experiências e significações no ‘aqui e agora’. A linguagem pode se tornar fonte objetiva de significados e experiências, preservadora do tempo e transmissora para as gerações seguintes. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A questão temporal tem realmente suas particularidades quando se trata da realidade social da vida cotidiana. Para Elias (1998b) o ser humano possui a capacidade de ligar numa mesma sequência contínua de fatos, o que ocorre antes e o que ocorre depois. É uma capacidade de abarcar em uma representação de fatos que não ocorrem simultaneamente, uma capacidade de síntese do ser humano (chamada por Elias de ‘síntese do sucessivo’). Representa uma relação complexa entre sequências de acontecimentos, que é estabelecida por grupos humanos. Berger e Luckmann (2007) destacam que o indivíduo se relaciona principalmente a partir do seu mundo por excelência, o ‘aqui e agora’, o mundo que se pode alcançar, onde seu interesse é mais intenso e mais urgente do que nas realidades distantes temporalmente. O interesse do indivíduo tende a se situar no aglomerado de objetos que estão presentes em sua ocupação diária, em seu tempo de agora.

O tempo na realidade diária é contínuo e finito e toda sua existência no mundo é permanentemente ordenada e envolvida pelo seu tempo. Elias (1998b, p. 59) que dedicou toda uma obra ao tema, esclarece que os “conceitos temporais estruturam a experiência do devir em função de sua relação com o continuum evolutivo representado pelos grupos humanos que vivem essa experiência.” Assim como a própria realidade da vida cotidiana, o tempo preexiste ao indivíduo e continuará a existir após sua morte, trazendo ao ser humano a consciência de seu tempo de existência, de sua finitude nesta realidade e afetando sua atitude com relação aos seus projetos de vida. Historicamente, a estrutura temporal determina a situação do indivíduo no mundo da vida cotidiana, impõe prioridades à sua agenda e a sua biografia em sua totalidade. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Para além da realidade social e do mundo cotidiano, existem outros campos (finitos) de realidade como a arte e a religião, por exemplo. Mesmo enfocando aspectos diferentes, tanto Berger e

Luckmann (2007) como Elias (2001b) mencionam este espaço de deslocamento da realidade com pensamentos convergentes. Berger e Luckmann (2007) destacam que, embora na vida cotidiana exista a possibilidade do deslocamento de atenção desta realidade, os campos finitos de significação desviam a atenção da realidade da vida cotidiana de forma radical. Para os autores, tanto o sonhador, o físico, o artista e o místico vivem a realidade cotidiana e um dos seus problemas é interpretar a coexistência da realidade da vida cotidiana com as outras realidades em que se aventuram. (BERGER; LUCKMANN, 2007). Elias (2001b) alerta que a realidade social, permeada de preconceitos e enganos instituídos por mitos, pode mascarar e deformar a visão que o homem possui das coisas, impedindo os indivíduos de agir de forma sensata. Segundo o autor, os homens precisam de mitos (talvez para fazer poesias), mas não para comandar sua vida social. Ambos concordam que a realidade da vida cotidiana conserva sua situação dominante e vigorante mesmo com a presença das realidades criadas paralelamente com as vivências proporcionadas por seus transe.

A realidade social da vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo, onde se divide com outros a mesma realidade. O mundo da vida cotidiana se origina no pensamento e na ação dos homens comuns e é afirmado como real por eles. O homem pode estar só no mundo dos sonhos, mas a vida cotidiana é realidade para todos. Cada indivíduo possui sua perspectiva de mundo, com projetos diferentes que podem gerar conflitos, mas todos vivem um mundo real em comum, com significados correspondentes. A atitude natural é a do senso comum e através dela os homens se expressam. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Percebe-se diante do exposto a importância da interação entre os indivíduos para o conhecimento da vida cotidiana que estrutura-se essencialmente em termos das relações e convivências.

3.2 A relação entre os indivíduos na realidade da vida cotidiana

Na realidade da vida cotidiana a relação entre os indivíduos tem caráter protagonista. Elias (2001b) enfatiza que o homem não se tornaria de fato homem se não vivesse com outros homens e não aprendesse coisas com eles. O indivíduo está ligado a outros por um fenômeno de dependência recíproca, de interdependência.

Diferente dos animais, o desenvolvimento orgânico do ser humano não se completa biologicamente na vida intra-uterina, quando

ainda se encontra no corpo de sua mãe - continua a se desenvolver quando em contato com o seu ambiente. Este ambiente em que o ser humano é inserido é natural e humano. Significa que o indivíduo, ainda bebê e em desenvolvimento, se correlaciona com uma ordem natural particular, mas também com uma ordem cultural e social específicas (socialização primária). Logo, a direção de seu desenvolvimento orgânico é também socialmente determinada. A forma como a humanização é moldada se determina pelas formações sociais e culturais, o homem constrói sua própria natureza, produz a si mesmo, não de forma solitária, pois a auto produção do homem constitui empreendimento social. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Pode-se dizer que o homem, em conjunto com outros homens, produz um ambiente humano com a totalidade de suas formações sócio-culturais e psicológicas, que não podem ser entendidas como produto da sua constituição biológica. No isolamento o homem não poderia se desenvolver como tal, nem o homem isolado poderia produzir ambiente humano, pois se tornaria um ser no nível animal, partilhando experiências e vivências com outros animais. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A intensidade com que as relações entre indivíduos determinam a visão da realidade social e a do próprio indivíduo sobre si mesmo podem ser dimensionadas, como já mencionado, na comunicação que se estabelece através da relação face a face. Conforme Berger e Luckmann (2007, p. 47-48) a situação face a face é a experiência mais importante na interação social com o outro, onde a subjetividade do outro oferece-se expressivamente próxima, onde o outro é real, como é real a vida cotidiana. A ausência do face a face torna o outro real somente por nome ou por algum tipo de relação a distância, mas no pleno sentido, a realidade só se dá quando existe um encontro físico. Os autores afirmam que, nesta experiência de encontro, o outro se torna mais real para o indivíduo do que ele mesmo. Para explicar tal afirmativa, os autores esboçam que na situação face a face, o outro, naquilo que ele é, está apresentado e acessível continuamente para o indivíduo. Este, por sua vez, mesmo que se conheça melhor do que conhece o outro, no que diz respeito a sua própria subjetividade e seu passado, este conhecimento de si mesmo não é apresentado imediatamente a ele, exige reflexão e esforço pessoal. Para além deste esforço, a própria reflexão sobre si mesmo é ocasionada pela manifestação do outro sobre o indivíduo, “uma resposta ‘de espelho’ às atitudes do outro.”

Em consonância com essa concepção, Elias e Scotson (2000) endossam que o indivíduo não é totalmente independente da opinião dos outros, sua auto-estima e auto-imagem estão ligadas, impreterivelmente, ao que os outros membros do grupo pensam dele. Eco (2009) também enfatiza que o olhar do outro tem uma condição fundadora, define e forma o indivíduo, faz parte dele. Assim como o indivíduo não consegue viver sem comer ou dormir, também não consegue se compreender sem o olhar e a resposta do outro.

Na interação face a face é difícil impor padrões rígidos à interação, pois estes padrões não resistem à demonstração da subjetividade alheia, sendo mais fácil ignorá-la se não me encontro diante do outro. Os autores destacam que

é possível que interprete mal as intenções do outro mesmo na situação face a face, assim como é possível que ele ‘hipocritamente’ esconda suas intenções. De qualquer modo, a interpretação errônea e a ‘hipocrisia’ são mais difíceis de manter na interação face a face do que em formas menos ‘próximas’ de relações sociais. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 49).

Não se pode deixar de mencionar que, mesmo nas situações de face a face, o indivíduo apreende o outro através de esquemas tipificadores. Embora não se possibilite a imposição de padrões rígidos, esta interação já se encontra previamente padronizada com tipificações que afetam a relação com o outro, reciprocamente, na rotina da vida cotidiana. Entretanto, na situação de face a face, estas tipificações entram em ‘negociação’ e eventualmente, podem sofrer alterações. À medida que se afastam da situação de face a face, as tipificações da interação social, tornam-se anônimas e a combinação entre grau de interesse e de intimidade, pode aumentar ou diminuir o anonimato da experiência. As tipificações vão se tornando cada vez mais anônimas quando se distanciam do ‘aqui e agora’ e do face a face, entretanto, o anonimato de tipificações na relação com predecessores e sucessores, que não estão na minha zona temporal e nem na situação de face a face, não os impede de atuarem como elementos, por vezes de maneira muito decisiva, na vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A humanidade do homem, porém, está condicionada a sua sociabilidade. Os autores destacam ainda que as estruturas de conveniências de um indivíduo cruzam-se com as estruturas de conveniências de outros em muitos pontos, resultando em trocas

essenciais para o conhecimento da vida cotidiana que fundamentalmente se dá no conhecimento do que é importante para os outros. (BERGER; LUCKMANN, 2007). Logo, o que é importante para mim e outros indivíduos é fundamento para a leitura que faço do mundo e para minha conduta na vida cotidiana.

3.3 Da conduta na vida cotidiana

Para a temática da pesquisa e seu embasamento nos estudos sobre a ética que está expressa nos discursos dos criadores de bibliotecas comunitárias, a dimensão do processo civilizador elaborada por Norbert Elias demonstra-se fundamental como parte do cenário teórico. O autor aborda como ocorreram e quais foram as causas e forças motivadoras das mudanças de comportamento no Ocidente no processo de civilização dos costumes, que ele considera como um condicionamento e adestramento da sociedade ocidental ao longo dos tempos. Segundo o autor, a moralidade não é um traço natural do indivíduo nem legado divino, foi adquirida por um processo (doloroso) que tornou o homem um ser previsível. (ELIAS, 1994b).

Elias (1994b, 1993, 2001a) demonstra como as noções de civilização, civilidade e cortesia são oriundas da sociedade de corte apresentando características das cortes francesa, inglesa e alemã. Foi no ambiente cortesão que surgiu o que ele denominou de ‘boa sociedade’. As disputas que tinham como principal valor a força física deu lugar à competição por prestígio e favores reais, sintetizadas pelo autor na expressão “a espada fora substituída pela intriga e por conflitos nos quais as carreiras e o sucesso social eram perseguidos por meio de palavras” (ELIAS, 1993, p. 225). O homem da corte era senhor dos seus gestos, polido, e todo esse jogo complexo de influência e estima que exclui a violência física e a explosão emocional explícita, terminava por exigir deste indivíduo auto controle e precisão de conduta. As paixões e impulsos terminam cativos de possíveis aborrecimentos posteriores, pelo medo de uma dor futura, receio da vergonha e repugnância social.

Em consonância com a transformação social, também são transformadas as relações interpessoais, o comportamento e a estrutura da personalidade do indivíduo. Conforme destaca o autor, essa ‘psicologização’ das regras de conduta determinadas pela observação e experiência, constitui uma manifestação da rápida transformação da classe alta em classe cortesã e de uma maior integração de todas as partes da sociedade nesse período. Esta ‘psicologização’ está

diretamente ligada à ‘racionalização’, uma manifestação da mudança na personalidade que ocorre neste processo, bem como da crescente previsibilidade, fruto da exigência de um número maior de funções sociais. Aumentando quantitativamente o número de atividades e o número de pessoas de que depende o indivíduo e suas atividades, torna-se mais previsível as consequências de longo prazo. Na configuração social, a maneira como as pessoas estavam ligadas umas às outras mudou. (ELIAS, 1993).

Neste contexto, Berger e Luckmann (2007) tratam da dialética entre natureza individual e a sua identidade produzida socialmente. Destacam que a sociedade (civilizada) impõe limitações às possibilidades biológicas do organismo, pois o mesmo não possui os meios necessários para dar estabilidade à conduta humana. Para os autores, é possível dizer que a abertura para o mundo, sua exteriorização, é transformada pela ordem social em um relativo fechamento ao mundo. A inerente instabilidade do organismo humano obriga o homem a fornecer a si mesmo um ambiente estável para sua conduta e o ‘fechamento’ (que não significa a neutralização da existência animal) mencionado anteriormente, assegura a direção e a estabilidade para a conduta humana. Aumenta a responsabilidade do homem pois ele próprio tem de se especializar e dirigir seus impulsos, sob a pena de sofrer as sanções instituídas por esta ordem.

Ao nascer o homem encontra as peças do jogo já colocadas no tabuleiro, ou seja, a realidade da vida cotidiana encontra-se estabelecida. A ordem social é parte desta realidade. O homem experimenta em si mesmo, a oscilação no equilíbrio entre ter um corpo e ser um corpo que o remete a consequências no que se refere “à análise da atividade humana como conduta no ambiente material e como exteriorização de significados subjetivos.” (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 74).

Berger e Luckmann (2007) enfatizam que embora a ordem social não seja derivada de dados biológicos, os fatos biológicos servem de premissas para a sua produção, ou seja, provém do equipamento biológico do homem. E assim como a natureza humana incide sobre a ordem social, esta também incide sobre o organismo humano. Assim também se dá com a ordem social, como produto humano.

No que tange a origem, manutenção e transmissão da ordem social necessário se faz rever os processos de institucionalização e legitimação.

3.4 Sobre a institucionalização e a legitimação

A institucionalização é precedida pelos processos de formação dos hábitos. A ação humana está sujeita ao hábito, à ação repetitiva que se torna em padrão e que se aplica tanto ao indivíduo solitário quanto ao indivíduo na coletividade. A formação do hábito tem importante componente psicológico pois constitui-se na cristalização de atividades que excluem a necessidade da decisão. O hábito estreita o leque de opções, constitui um alívio psicológico no sentido de que liberta o indivíduo do peso de “todas as decisões”, pois possui o caráter direcionador e especializado da atividade, trazendo estabilidade para a atividade humana. Esta estabilidade permite que o indivíduo tome o menor número de decisões na maior parte do tempo, libertando energia para ocasionais decisões. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Acerca do processo de institucionalização, Berger e Luckmann (2007, p. 79) destacam que ele ocorre quando existe uma “tipificação recíproca de ações habituais por tipo de atores.” As tipificações das ações habituais são aceitas e acessíveis aos membros do grupo e a instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais.

A partir do entendimento de Berger e Luckmann (2007) a compreensão da institucionalização se faz mediante processos de sedimentação (experiências que são retidas e ficam na lembrança do indivíduo) e tradição (processo de sedimentação coletiva), e dos papéis sociais (tipificação do desempenho de cada indivíduo).

As instituições exigem um processo histórico (que as produziu) e controle, mediante padrões da conduta do indivíduo, tornando-a previsível e estabilizando reciprocamente a interação social. As instituições que, independente da vontade do indivíduo detém autoridade sobre ele, resistem às investidas individuais de redefinição, pois são organismos integrados, decorrem de significados socialmente articulados e compartilhados por uma coletividade. Estes significados exigem um conhecimento por parte dos membros da ordem institucional. Este conhecimento, conforme os autores, constitui a dinâmica motivadora da conduta institucionalizada, o conhecimento socializador e formador do indivíduo, mediador no processo de interiorização individual das estruturas objetivas na realidade social, por meio da linguagem. No processo de institucionalização, a sedimentação de experiências e a tradição destacam-se através da linguagem, seu

instrumento transmissor e perpetuador. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A instituição, como parte da realidade social, é uma objetivação de ‘primeira ordem’ que incide sobre o indivíduo, é construída e legitimada por ele. A legitimação é uma objetivação que os autores denominam como de ‘segunda ordem’ porque decorre dos processos institucionais. A legitimação se faz necessária quando as objetivações da ordem institucional devem ser transmitidas às futuras gerações, não contando somente com a memória e hábitos dos indivíduos. A legitimação trata de explicar e justificar a ordem institucional através de valores e conhecimentos, dá dignidade normativa a suas práticas. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Os dois processos, como mencionado anteriormente, são responsáveis pela manutenção e pela transmissão da ordem social estabelecendo um mecanismo de controle sobre o indivíduo. Conforme Elias (1994b) a institucionalização vigorante através de regras e normas (explícitas ou implícitas) exige dos indivíduos o autocontrole de suas pulsões naturais, aumentando, como já mencionado, a responsabilidade do indivíduo diante dos mecanismos que regem a conduta humana.

3.5 Relações de poder e exclusão

Os conflitos e tensões fazem parte da interação entre os indivíduos na realidade social. Na história da humanidade, foram vários os conflitos (alguns inclusive culminaram em guerras e extermínio de vidas) que se originaram do entendimento humano de que determinados grupos são superiores a outros, ou seja, tiveram sua gênese na desigualdade de status social. Elias e Scotson (2000, p. 83) destacam que “as tensões e conflitos são um componente estrutural intrínseco das hierarquias de status em todos os lugares.” Na interação entre os seres humanos na vida cotidiana, esta temática será abordada neste estudo por relacionar-se com as questões éticas, de exclusão e da conduta humana diante do outro e da própria realidade social.

A obra ‘Os estabelecidos e os outsiders’ de Norbert Elias e John L. Scotson, que é fruto de três anos de trabalho de campo, trata das relações entre dois grupos distintos de moradores de uma cidade inglesa. Um determinado grupo, morador de uma determinada zona geográfica detinha supremacia de poder social e moral, fruto não de sua posição econômica, mas de sua situação de tempo de permanência no local. A única diferença entre os dois grupos: um era formado por antigos

residentes, outro por recém-chegados. O primeiro grupo tinha alto grau de coesão de famílias que se conheciam há duas ou três gerações, em contraste com os recém-chegados que eram estranhos para os residentes e para os outros recém-chegados. A exclusão e a estigmatização dos outsiders eram armas poderosas para que o *establishment* (termo em inglês para designar grupos e indivíduos que detém posições de prestígio e poder) preservasse e afirmasse sua superioridade, mantendo os outsiders no seu lugar.

Nas obras sobre o processo civilizador, Elias demonstra, ao estudar os casos de padrão de etiqueta e conduta da sociedade de corte, que a mudança de costumes acontece à medida que cresce o sentimento de vergonha, repugnância e embaraço dos indivíduos que não detém padrões da classe superior, causando um distanciamento entre as classes. Elias (1993, p. 242) esclarece que trata-se de um “medo da degradação social ou, em termos mais gerais, de gestos de superioridade de outras pessoas.” Esta situação afeta a estrutura da personalidade do indivíduo e, conseqüentemente, a realidade da vida cotidiana. Elias e Scotson (2000) destacam que um grupo com alto grau de coesão tem uma profunda influência em seus membros, como força reguladora de seus sentimentos e sua conduta.

Na sociedade de corte, estudada por Elias (2001a), o valor do indivíduo, que não dependia de méritos financeiros ou de talentos individuais, estava presente na estima do rei e na influência junto aos poderosos. Este era um fator de diferenciação de status. Na cidade estudada por Elias e Scotson, a dimensão temporal assumiu papel determinante para sua estrutura e características sociais, conforme mencionado anteriormente. Através destas situações resgatadas na história e, desta forma, possíveis de observação, destaca-se que a questão econômica na relação entre os dois grupos é fator relevante, mas não determinante.

Elias e Scotson a este respeito trazem grande contribuição para o estudo das diferenças entre grupos. Sob influência dos estudos de Marx, pode-se perceber que é pela supremacia econômica que tende-se a acentuar as diferenças entre dois grupos. Entretanto, Elias e Scotson (2000) através de sua obra, revelam que quando não existe a diferença econômica presente nas diferenças grupais, mais evidentes ficam os outros aspectos de tensões e conflitos.

Quando o grupo de outsiders tem que viver no nível de subsistência, o montante de sua receita prepondera sobre todas as suas outras necessidades. Quanto mais eles se colocam acima

do nível de subsistência, mais a sua própria renda – seus recursos econômicos – serve de meio para tender a outras aspirações humanas que não a satisfação das necessidades animais ou materiais mais elementares, e mais agudamente os grupos nessa situação tendem a sentir a inferioridade social – a inferioridade de poder e de status de que sofrem. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 33).

O estigma que é criado pelo grupo estabelecido a respeito de um grupo outsider traduz-se numa fantasia coletiva que normalmente é coisificada. Essa ‘coisa’ (atributos físicos ou de conduta), motivo de repugnância, vergonha ou embaraço, é implantada nos outsiders pela natureza ou pelos deuses, de modo que o grupo estigmatizador fica eximido de qualquer responsabilidade de sua suposta superioridade. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Araya Umaña (2002) enfatiza que a inserção das pessoas em diferentes categorias sociais e sua adesão a grupos distintos incidem na concepção individual de realidade social, gerando visões compartilhadas da realidade e interpretações semelhantes sobre os acontecimentos.

3.6 A dinâmica da manutenção e das mudanças sociais na realidade da vida cotidiana

Embora o estoque social do conhecimento represente o mundo cotidiano de maneira integrada, não constitui a totalidade deste mundo. Berger e Luckmann (2007) comparam a realidade da vida cotidiana como aquilo que se enxerga ao acender uma lanterna em uma vastidão de floresta, a zona clara que, ao mesmo tempo, não descarta a existência da imensidão de obscuridade.

Na realidade da vida cotidiana, para o indivíduo abandonar a certeza de seu caráter factual e debruçar-se sobre a dúvida, ele realiza uma extrema transição do ambiente de zona clara para o desconhecido, na zona obscura. Berger e Luckmann (2007, p. 41-42) ao se referir à realidade da vida cotidiana, afirmam que mesmo o setor não problemático da realidade cotidiana só é tal até novo conhecimento, isto é, até que sua continuidade seja interrompida pelo aparecimento de um problema. Quando isso acontece, a realidade tenta integrar o setor problemático dentro do que já não é problemático.

As mudanças significativas nas estruturas sociais acontecem de tempos em tempos e possuem como característica, serem precedidas de

resistência. Berger e Luckmann (2007) enfatizam que a sociedade cria procedimentos de conservação da realidade para resguardá-la num equilíbrio entre a realidade objetiva e subjetiva.

No processo social de manutenção da realidade existem outros mais significantes e outros menos importantes para o indivíduo, mas todos servem para afirmar e conservar a realidade subjetiva. Os outros significantes, entretanto, ocupam uma posição relevante na economia de conservação desta realidade e são fundamentais para o processo de confirmação da identidade do indivíduo. São os outros significantes que conferem a confirmação explícita e cheia de emoção sobre quem o indivíduo é, conservando a confiança de que ele é na verdade quem pensa que é, conservando, portanto, sua própria realidade subjetiva. Os outros menos importantes funcionam como um ‘coro’ de apoio ou não destas afirmações dos outros significantes. Nos casos de desacordos, porém, evidencia-se um problema de coerência que pode ser resolvido pela modificação da sua realidade ou das relações que são mantidas na realidade. Uma identificação solidamente negativa por parte do ‘coro’ pode afetar a identificação fornecida pelos outros significantes e, da mesma forma, a identificação dos outros significantes é capaz de efeito mais amplo sobre o indivíduo em sua identificação mais ampla. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

A via mais utilizada para a conservação da realidade é a conversa, isso sem deixar de considerar os atos não verbais que envolvem a fala, mas, contudo, colocando-a com posição privilegiada na totalidade do ato. A maior parte da conversa cotidiana conserva a realidade subjetiva. Quando isto não acontece, tem-se uma ameaça para a realidade considerada verdadeira. Logo, também a conversa pode ser força modificadora da realidade. Para garantir a manutenção da realidade a conversa deve ser contínua e coerente. A frequência da conversa confirma seu poder gerador da realidade e na sua ausência, ela pode ser compensada pela intensidade da mesma ou pela autoridade de quem transmite, autoridade legitimada por alguém que possui condição privilegiada. (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Os autores destacam que

a ruptura da conversa significativa com os mediadores das respectivas estruturas de plausibilidade ameaça as realidades subjetivas em questão. [...] A estrutura de plausibilidade é também a base social para a particular suspensão da dúvida, sem a qual, a definição da realidade em

questão não pode se conservar na consciência. (BERGER; LUCKMANN, 2007, p. 205-206).

Na cidade estudada por Elias e Scotson, a manutenção da realidade social e dos status dos diversos grupos, era assegurada pelo fluxo constante de conversas, ou ‘fofocas’ depreciativas e elogiosas, que para além de conservar, constituíam componente fundamental para bloquear a possibilidade de contradizer aquela realidade. Elias e Scotson (2000, p. 125) constataram que no grupo estabelecido, de status dominante, a fofoca “corria com liberdade e abundância” enquanto que no grupo outsider os circuitos de fofoca eram mais curtos, tênues ou inexistentes, havia mais barreiras a sua transmissão.

A sociologia do conhecimento procura conhecer o processo em que o conhecimento humano se desenvolve, se transmite e se mantém em situações sociais, cristalizando uma “realidade” para o homem da rua. O senso comum, que se demonstra relevante no construcionismo social de Berger e Luckmann e no processualismo histórico de Norbert Elias, destaca-se igualmente nos estudos de Moscovici, proponente do conceito de representação social e desenvolvedor da teoria das representações sociais.

4 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

“De fato, todas as representações são racionais, mesmo que, para parafrasear Orwell, algumas pareçam mais racionais do que outras.”

“O que é absurdo aos nossos olhos não o é, necessariamente aos olhos de outros.”

Moscovici

O entendimento sobre a realidade social e o seu processo de construção como expostos anteriormente, constituem uma base para a compreensão das representações sociais.

O conceito de representações sociais foi proposto por Moscovici em 1961 e evoluiu para uma teoria que, segundo Arruda (2002, p. 129), terminou por operacionalizar um conceito visando “trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e diversidade.” Para Araya Umaña (2002), trata-se de uma ferramenta que fornece um marco explicativo acerca dos comportamentos das pessoas (que constituem objeto de pesquisa) em circunstâncias específicas da interação social. Marková (2006) partindo do pressuposto que representar significa pensar, considera que as representações sociais são como pensamentos em movimento.

Araya Umaña (2002) destaca que as representações sociais são fáceis de captar, entretanto, devido à complexidade dos fenômenos de que dão conta, sua definição conceitual torna-se mais complexa. Nas palavras de Moscovici (2009, p. 21), representação social é

um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

Muitos autores construíram sua própria definição de representação social e a definição mais consensual é a de Denise Jodelet (ARRUDA, 2002), aluna e colaboradora de Serge Moscovici, professora

e pesquisadora francesa responsável pela difusão da teoria no Brasil e em outros países da América Latina. Para ela, “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (JODELET, 2002, p. 22 apud ARRUDA, 2002, p. 138).

O conceito desenvolvido por Franco (2002, p. 170) pode também auxiliar para melhor compreensão:

As representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formulam acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo... e assim por diante. Essas mensagens, mediadas pela linguagem, são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem.

As pessoas conhecem a realidade mediante explicações que apreendem do processo de comunicação e do pensamento social. As representações sociais sintetizam estas explicações, fazendo referência ao senso comum, um conhecimento socialmente elaborado com conteúdos cognitivos, afetivos e simbólicos que orientam a conduta das pessoas na vida cotidiana. (ARAYA UMAÑA, 2002). Para Arruda (2002), Moscovici questiona a racionalidade científica (racionalidade que produziu teorias como racismo e nazismo) e reabilita o senso comum, o saber popular, o conhecimento da vida cotidiana e “pré-teórico” mencionado por Berger e Luckmann. Este questionamento da racionalidade científica e o olhar para os movimentos da vida cotidiana também são particulares do processualismo histórico de Elias, como mencionado anteriormente.

As representações sociais são sistemas cognitivos que possibilitam reconhecer a presença de estereótipos, opiniões, crenças, valores e normas que podem servir para orientar as atitudes tanto positivas quanto negativas. Possuem um sistema de códigos, valores, lógicas classificatórias, princípios interpretativos e orientadores das práticas que definem a “consciência coletiva”, na qual se rege com força

normativa e institui os limites e as possibilidades sobre as formas do indivíduo atuar no mundo. (ARAYA UMAÑA, 2002, p. 11).

Moscovici em seus estudos questiona como e por que as pessoas partilham conhecimento constituindo uma realidade comum (a realidade da vida cotidiana) e, além disso, de que forma os indivíduos transformam ideias em prática, ou seja, como o tripé grupos/atos/ideias se constitui e como transforma a realidade. (OLIVEIRA, 2004).

O estudo das representações sociais, entretanto, debruçou-se sobre alguns aportes teóricos de estudiosos de áreas diversas, com destaque para Durkheim. E muito embora Moscovici (2009) em sua obra levante várias objeções sobre como o conceito foi trabalhado por Durkheim, ele próprio admite que as representações sociais constituem uma herança deste teórico através da teoria das representações coletivas.

4.1 Representações sociais e realidade social

A construção da realidade social, já citada na fundamentação teórica tem relação com as representações produzidas pelos atores sociais. As representações são produções mentais que se originam e se transformam nesta realidade, são fruto de um processo de socialização que incide sobre os indivíduos e os fazem refletir e atuar na vida cotidiana.

A construção da realidade social foi um conceito inicialmente desenvolvido por Durkheim e posteriormente por Schutz, que emprestou aportes filosóficos da fenomenologia de Husserl para desenvolver sua teoria da importância dos significados sociais. Desde então, Berger e Luckmann foram quem mais desenvolveram o conceito. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Como já mencionado, para Berger e Luckmann a construção social da realidade faz referência à tendência fenomenológica das pessoas em considerar os processos subjetivos como realidades objetivas. O senso comum é a realidade por excelência, impondo-se sobre a consciência das pessoas mediante sua apresentação ordenada, objetivada e ontogenizada. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Com percepções semelhantes às de Berger e Luckmann, Moscovici enfatiza a capacidade do indivíduo em formular sua própria visão da realidade da vida cotidiana, entretanto, essa visão é fruto de uma construção e processos sociais. Araya Umaña (2002), em concordância com estudos de campo realizados por Norbert Elias, destaca que a inserção dos indivíduos em diferentes tipificações e sua

adesão a grupos distintos possuem grande influência sobre a elaboração individual que fazem da realidade social.

A realidade da vida cotidiana pressupõe processos de interação e comunicação que possibilitam aos indivíduos compartilhar e experimentar outros indivíduos. Nesta construção, a posição social e a linguagem possuem papéis decisivos, pois possibilitam a acumulação de um acervo social de conhecimento que pode ser transmitido para gerações futuras. Pode-se dizer sobre as pessoas que o meio cultural, o lugar que ocupam na estrutura social e as experiências concretas diárias influenciam sua forma de ser, sua identidade social e a forma com que percebem a realidade social. (ARAYA UMAÑA, 2002). Franco (2004, p. 170) contribui com esse entendimento ao enfatizar que, para estudar as representações sociais, indispensável se faz

[...] conhecer as condições de contexto em que os indivíduos estão inseridos mediante a realização de uma cuidadosa ‘análise contextual’. Isso porque entendemos que as representações sociais são historicamente construídas e estão estreitamente vinculadas aos diferentes grupos socioeconômicos, culturais e étnicos que as expressam por meio de mensagens, e que se refletem nos diferentes atos e nas diversificadas práticas sociais.

A teoria das representações sociais é uma maneira particular de enfocar a construção social da realidade, buscando compreender os modos de conhecimento e os processos simbólicos em relação à conduta. Uma condição relevante para as representações é a identificação do contexto social das pessoas que as elaboram, pois se busca detectar a ideologia, as normas e os valores das pessoas, instituições e grupos. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Para as representações sociais, assim como no construcionismo social, na interação entre sujeito e objeto, vários sujeitos estão implícitos nesse sujeito que interage. Berger e Luckmann mencionam os outros significativos que impactam tanto nossas opiniões e atitudes na vida cotidiana. Conforme Araya Umaña (2002) este outro é chamado por Moscovici de Alter. Caminhando junto com os estudos de Berger e Luckmann, Moscovici monta um esquema triádico composto pelo indivíduo, pelo objeto e pelo Alter, no entendimento de que os outros (alter) são mediadores do processo de construção do conhecimento e

que a relação dos outros com o objeto (físico, social, imaginário ou real) é o que possibilita a construção de significados.

Na teoria proposta por Moscovici, o indivíduo é um ser autônomo que pensa, produz e comunica suas representações. Não é concebido como receptor passivo, entretanto, na construção da realidade social e no relacionamento e interação entre os indivíduos, o papel do Alter é significativo e possui uma influência decisiva sobre sua conduta. Na construção social da realidade, ao mesmo tempo em que o indivíduo constrói é construído, assim como são definidas as representações sociais por Ibañez, “pensamento constituído e pensamento constituinte” (IBAÑEZ, 1988 apud ARAYA UMAÑA, 2002, p. 83).

4.2 Funções, dimensões e formações das representações sociais

Para Moscovici, as representações sociais emergem em momentos de crise e conflito, determinadas pelas condições em que são pensadas e constituídas. Elas emergem quando existe dispersão da informação (insuficiência de informações para responder a uma pergunta ou formar uma idéia sobre um objeto), distanciamento (preserva interesses particulares de um grupo) e pressão para a interferência (pressão para que os indivíduos sejam capazes de estar em situação de responder a questões de interesse público). (ARAYA UMAÑA, 2002).

As representações sociais possuem a função de compreensão do mundo e suas relações, a função de valoração dos fatos, a função de comunicação mediante a interação e a criação e recriação das representações, e a função de atuação. É a partir das representações sociais que os indivíduos produzem significados para compreender, avaliar, comunicar e atuar na realidade social. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Como forma de conhecimento, as representações sociais aludem a um processo e a um conteúdo. Enquanto processo, são uma forma de adquirir e de comunicar conhecimento e como conteúdo, um universo particular de crenças e conhecimentos que se distinguem em três dimensões que irão determinar o que se sabe – informação, como se interpreta – campo de representação e o que se faz ou como se atua – atuação. São elas:

- informação: trata-se da organização de conhecimentos que um indivíduo ou um grupo possui sobre um determinado objeto ou situação, dimensão que se destaca pela riqueza de dados, podendo-se distinguir

pela qualidade e quantidade. É importante destacar que a informação que se obtém em contato direto com o indivíduo ou grupo é diferente da informação que é repassada através de meios de comunicação social.

- campo de representação: concernente à ordenação e hierarquização dos elementos que compõem as representações sociais. O campo de representação se organiza em torno do núcleo figurativo (parte mais estável da representação) que é construído no processo de objetivação.

- atitude: estrutura particular que orienta a conduta das pessoas com a função de dinamizar e regular sua ação. Pode favorecer ou desfavorecer uma representação e é mais evidente que a informação ou o campo de representação. Expressa o aspecto mais afetivo da representação, o elemento mais primitivo e resistente das representações. Uma pessoa ou um grupo pode ter uma reação emocional sem necessidade de ter maior informação sobre um determinado objeto particular. (ARAYA UMAÑA, 2002).

Após abordar as funções e dimensões das representações sociais, serão abordados dois elementos que atuam na formação das representações sociais: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação é a cristalização de realidades que não são concretas (como amor, amizade, por exemplo) a partir de um processo figurativo e social e constitui-se como núcleo central de uma determinada representação. (FRANCO, 2004). Para esclarecer, Araya Umaña (2002) destaca que na teoria das representações sociais o processo de objetivação transforma conceitos abstratos e invisíveis em experiências concretas e perceptíveis em um processo que implica em três fases:

- Construção seletiva: seleção de elementos que se dá num processo de descontextualização do discurso de acordo com critérios culturais e normativos, retendo o que concorda com o ambiente de valores do indivíduo. Arruda (2002, p. 136) destaca nesta fase as influências dos estudos de Piaget e como a criança nesta fase passa pelo processo de “enxugamento do excesso de informação”.

- Esquema figurativo: o discurso estruturado em um esquema figurativo de pensamento, ou seja, idéias em forma de imagem nuclear que captura a essência do conceito, que é denominada de núcleo figurativo.

- Naturalização: neste processo, segundo Arruda (2002), completa-se o ciclo da objetivação, o objeto misterioso, não familiar, passa a ser objetivo, palpável, natural à realidade da vida cotidiana.

A ancoragem, outro elemento que compõe as representações, confere sentido ao objeto familiarizado no processo de objetivação, reciclando o objeto e integrando-o à leitura de mundo do sujeito. (ARRUDA, 2002). Pode-se dizer que o processo de ancoragem permite aproximar o objeto dos indivíduos, inserindo-o como instrumento de mudança, permitindo inovações e inserção na dinâmica da realidade social. (ARAYA UMAÑA, 2002).

A Teoria das Representações Sociais aponta para um universo discursivo elaborado pelos informantes. Essa circunstância dá à pesquisa um caráter qualitativo em que o fundamental é a busca do significado que os participantes dão a sua realidade. O discurso é um componente essencial do estudo e sua relevância irá orientar a escolha de uma estratégia de análise do mesmo, ou seja, a escolha de um instrumento como o Discurso do Sujeito Coletivo, para o tratamento e análise dos dados, como será exposto mais adiante nos procedimentos metodológicos.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EMPREGADOS

“[...] O verdadeiro significado da ciência,
que a distingue de toda outra forma de
nossa atividade civilizada, é o de ser um
método de pensamento e de ação”
Giles Gaston Granger

Como já mencionado anteriormente, para as incertezas e dúvidas que se colocam diante da realidade da vida cotidiana, os homens dão conta de sistematizar meios para viabilizar possíveis respostas, a fim de tornar o desconhecido cada vez mais familiar. Assim, ao longo de sua história, na busca do entendimento das coisas, aplica os meios que dispõe e conhece para se “aproximar” de um determinado objeto ou situação.

Marconi e Lakatos (2009) destacam que, inicialmente, os homens obtinham explicações e conhecimentos a partir do sobrenatural, do misticismo. A filosofia ruma para uma investigação racional no intento de captar a essência do real, através do conhecimento da forma e das leis da natureza. É somente no Renascimento (século XVI), que se desenvolveu o processo de explicação dos acontecimentos a partir da observação científica e do raciocínio. Moles (1981) afirma que em sua gênese o conhecimento científico e a filosofia se fundiam no termo filosofia natural. O cientificismo, caracterizado pela adoção de métodos experimentais, originado no Renascimento e comprometido com a operacionalidade das doutrinas, terminou por separar a filosofia da ciência. O cientificismo caracterizava-se pelo determinismo e considerava que “toda reflexão do homem sobre seu lugar no mundo é devaneio inútil e impotente, pois a atitude científica resolve todos os problemas e, se não os resolve hoje, deve resolvê-los amanhã”. (MOLES, 1981, p. 4).

A ciência caracteriza-se por sua modificação constante a partir de revoluções que se impõem diante de constantes paradigmas que se apresentam na vida cotidiana. Popper (1975) afirma que a ciência não se constitui de verdades certas e estabelecidas e possui, através dos procedimentos adotados pelos cientistas, um caráter permanentemente crítico, avança à medida que corrige erros e formula novas hipóteses. Essa afirmativa a respeito da ciência mencionada por Karl Popper faz parte de uma evolução na visão da ciência, que passou do determinismo (também responsável por gerar um afastamento do pensamento

científico do filosófico) para uma concepção mais idealista da ciência, essencial na evolução do pensamento moderno e na reaproximação do pensamento filosófico e científico. Em menos de cinquenta anos, passou-se da ciência do certo à ciência do provável e, bem recentemente, do percebido. Tal evolução foi resultante de uma “ambiência de idéias, de reflexões perspectivas que pertencem à época inteira e mais particularmente ao pensamento filosófico encarregado de exprimir essa época.” (MOLES, 1981, p. 7).

A utilização de meios científicos de investigação não é de uso exclusivo da ciência, entretanto, a ciência não existe sem o empenho de tais métodos, exclusivamente científicos. Magalhães (2005) destaca que a palavra método tem origem no grego *methodos*, decorrente da justaposição de *meta* e *hodos* que significa “através ou ao longo do caminho”.

Metodologia seria, portanto, o estudo ou a ciência do caminho, se pretendendo que este seja uma trilha racional para facilitar o conhecimento, além de trazer implícita a possibilidade de, como caminho, servir para que diversas pessoas o percorram, isto é, que possa ser repetidamente seguido. (MAGALHÃES, 2005, p. 226).

Este estudo, de natureza científica, enfoca o desenvolvimento do conhecimento a partir da lógica da ciência, portanto, adota procedimentos metodológicos que asseguram sua natureza. O seu objeto de estudo, ou seja, o discurso dos líderes de bibliotecas comunitárias e a reflexão sobre a ética que é expressa no pensamento destes indivíduos só é possível mediante a produção de discurso, mediante a expressão das ideias que formam as representações. Os caminhos a percorrer para alcançar os objetivos propostos pela pesquisa; os procedimentos a utilizar para obter o pensamento destes indivíduos; os métodos que irão assegurar qualidade à pesquisa; os cuidados que como pesquisador deve-se ter na utilização destes métodos e a forma como serão tratados e analisados os dados após sua coleta, são elementos que se inserem na ideação e formulação dos procedimentos metodológicos.

Nesta seção da dissertação, serão expostos os procedimentos de pesquisa que foram adotados especificando o tipo de pesquisa, seus participantes, a coleta, tratamento e análise dos dados, finalizando com destaque para a observância de questões sobre a ética na pesquisa.

5.1 Tipo de pesquisa

As técnicas mais utilizadas no Brasil para a abordagem da temática proposta neste trabalho compõem uma abordagem metodológica de natureza qualitativa. Deslauriers e Kérisit (2008) destacam diversos casos em que a pesquisa qualitativa se demonstra mais eficaz metodologicamente: quando não pode ser realizada de modo experimental (por razões de ordem prática ou ética) ou quando tem por objetivo o aprofundamento de processos ou fenômenos complexos. Logo, se aplica a este estudo que pretende investigar os fundamentos éticos que motivam indivíduos para a criação de bibliotecas comunitárias.

A pesquisa qualitativa conforme Flick (2009, p. 20, 23) “é de particular relevância ao estudo das relações sociais” e seus aspectos essenciais

[...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes no reconhecimento e análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

Conforme Deslauriers e Kérisit (2008), o objeto de pesquisa pode ser concebido em uma perspectiva de conhecer para modificar ou conhecer para conhecer melhor. A pesquisa qualitativa pode superar esta divergência, associando as duas perspectivas.

Flick (2009) destaca que existem três linhas de abordagens principais inerentes à pesquisa qualitativa que se diferenciam por seus objetos específicos de pesquisa e pelos métodos empregados. A primeira extrai pontos de referencial teórico do interacionismo simbólico e da fenomenologia, a segunda apóia-se na etnometodologia e no construcionismo e a terceira abarca as posturas estruturalistas ou psicanalíticas que envolvem estruturas e mecanismos psicológicos inconscientes e configurações sociais latentes. Pode-se enfatizar que as três se aplicam a proposta deste estudo que desponta como pesquisa essencialmente do tipo qualitativa.

5.2 Participantes

As bibliotecas comunitárias configuram-se, conforme estudos já esboçados sobre o tema, como uma resposta de indivíduos ou da

comunidade à demanda por estes espaços. Implementá-las, porém, requer esforço, recursos financeiros e tempo de dedicação. O enfoque das pesquisas até então estava no próprio espaço, como já mencionado anteriormente, um fenômeno que cresce no país. Nesta dissertação, o responsável por estes espaços configura como objeto principal de estudo, através da investigação da ética que é expressa por estes líderes, contribuindo igualmente para melhor compreensão da realidade das bibliotecas comunitárias no Brasil.

Participaram desta pesquisa os indivíduos líderes de bibliotecas comunitárias de todas as Regiões do Brasil. Alguns entrevistados foram selecionados através de vídeos postados no Youtube, outros por indicação de pessoas envolvidas com iniciativas ou através da RBBC. O critério utilizado para a seleção decorreu de uma percepção da representatividade política e cultural das iniciativas existentes em cada Região brasileira, com base na relação de bibliotecas comunitárias, já mencionada.

Quadro 2: Bibliotecas comunitárias e entrevistados por Região

Região	Iniciativas existentes	Entrevistados selecionados
Norte	110	3
Nordeste	81	3
Centro	9	1
Sudeste	142	4
Sul	10	2

Fonte: Autora (2011).

5.3 Coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados viabilizam contato com informações da qual depende o pesquisador para sua pesquisa. São critérios para julgar sua validade:

- capacidade de trazer a maior quantidade possível de informações desejadas;
- eficácia em quesitos como rentabilidade, custo e acessibilidade;
- comprometimento com a ética na pesquisa. (DESLAURIERS; KERISIT, 2008).

Neste estudo, foram utilizados três instrumentos para coleta de dados: a entrevista, o questionário e o diário de entrevistas. Em função da coleta das representações sociais, deu-se prioridade à entrevista, utilizando os outros instrumentos como complementares.

5.3.1 Entrevista

Aqui se apresenta a fundamentação do uso da entrevista neste estudo. Ela constitui-se como ferramenta de grande produção de discurso. É considerada técnica privilegiada de comunicação (MINAYO, 2008) e possui atributos e características que a colocam como elemento mais importante entre os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa.

A utilização do recurso da entrevista justifica-se essencialmente a partir de três argumentos. O primeiro, de ordem epistemológica, explicita que a entrevista explora em profundidade a perspectiva dos indivíduos, tornando-se indispensável para precisa compreensão e apreensão das condutas sociais. O segundo, de ordem ética e política, enfatiza que a entrevista possibilita compreender e conhecer internamente os dilemas e questões que os indivíduos enfrentam. E o terceiro, de ordem metodológica, incide sobre as ‘ferramentas de informação’ capazes de elucidar as realidades sociais. (POUPART, 2008).

Araya Umaña (2002) destaca três níveis relacionais que determinam o sentido do discurso gerado a partir da entrevista: o contrato comunicativo, a interação verbal e o universo social de referência.

Alguns cuidados são pertinentes na elaboração de um roteiro de entrevista:

- formular os objetivos que se deseja atingir antes da elaboração da questão;
- evitar questões que produzam representações cognitivas e promover as que incitem representações comportamentais ou atitudinais;
- evitar questões que contenham respostas induzidas;
- não fazer perguntas com o único objetivo de produzir reações emocionais;
- não fazer perguntas que não incitem discursos;
- não fazer perguntas inadequadas para o entrevistado;
- não fazer perguntas que não sejam compreendidas em seu enunciado (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

A pergunta ideal possui a capacidade de levar o entrevistado a produzir discurso, a responder o que ele acha e não o que o entrevistador deseja, revela nas suas respostas um conteúdo com exatidão para a investigação do pesquisador, é apropriada e compreensível para o

entrevistado e deve ser pré-testada em indivíduos equivalentes aos da pesquisa proposta. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

A entrevista possui um caráter paradoxal, pois é utilizada para que produza um discurso de caráter pessoal e íntimo. Ao se produzir, deixa de ser íntima. (ARAYA UMAÑA, 2002). Portanto, um aspecto relevante deste instrumento é a cordialidade, responsável por gerar uma inter-relação de confiança. (ROSA; ARNOLDI, 2008).

Este aspecto da confiabilidade reforça o fato de que o entrevistador deve se preparar para este momento, bem como, preparar o ambiente, o clima e o equipamento necessário para a entrevista. Poupart (2008) destaca que a entrevista é uma situação artificial e o entrevistado só se expressará bem se estiver verdadeiramente à vontade no momento da entrevista. Enfatiza alguns cuidados que o entrevistador deve ter como a escolha do melhor momento, do lugar mais favorável (normalmente casa ou trabalho do entrevistado, lugares familiares para ele) e sem riscos de intervenções externas, neutralização dos instrumentos de coleta, o vestuário do entrevistador, bem como, empatia, habilidade em escutar demonstrando interesse pelo que diz o entrevistado.

Lefèvre e Lefèvre (2005) também ressaltam alguns cuidados relevantes que merecem a atenção do pesquisador. Inicialmente o entrevistador deve se apresentar ao entrevistado e esta apresentação deve manter um padrão para que ocorra da mesma maneira com todos. Nesta apresentação, o entrevistador deve solicitar a anuência do entrevistado e apresentar por escrito o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A). Os entrevistadores devem ser rigorosos em seguir o roteiro estabelecido previamente, sem introduzir novas questões, modificar, opinar ou intervir na entrevista, com exceção de adendos como “algo mais a dizer?”, “explique melhor”, “Por que?”, etc.

O ambiente para a entrevista deve ser preparado a fim de que o pesquisador tenha êxito e não perca dados importantes. Dois aspectos merecem destaque com relação ao ambiente da entrevista. O primeiro alerta para o fato de que a pesquisa não pode ser realizada duas vezes, ou seja, ser substituída por outra realizada em outro momento. Esta repetição acarretaria em um efeito-aprendizagem que deve ser evitado, no caso das pesquisas de representação, onde a linguagem e o pensamento que movem o mundo cotidiano são resgatados. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). No caso do estudo em questão, perder um entrevistado é perder muito do conjunto de representações, pois cada entrevistado se configura como único para o conjunto da pesquisa.

O outro aspecto diz respeito ao clima da entrevista. Deve ser informal para que o entrevistado se sinta à vontade para falar livremente sobre as questões propostas, porém, o entrevistador deve manter o controle da situação e tomar cuidado com o clima de descontração, não interferindo no discurso. Como o encontro entre entrevistado e entrevistador, no momento da entrevista é muitas vezes envolto em emoções e sentimentos, suscitando reações afetivas no entrevistador, este deve cuidar para evitar gestos que possam induzir o entrevistado no momento do seu discurso, como os de aprovação ou reprovação, situações que podem terminar por inutilizar a entrevista. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005; ROSA; ARNOLDI, 2008).

Nesta pesquisa, as entrevistas foram realizadas presencialmente e a distância, entretanto, neste último caso, não foi dispensada a obrigatoriedade do face a face e da entrevista em tempo real, como se dá no encontro presencial. Para a realização das entrevistas o equipamento utilizado para registro foi o mini gravador de áudio digital Panasonic RR-US511, tanto para a entrevista pessoal como para a realizada a distância. Posteriormente, de posse da entrevista, a pesquisadora fez a transcrição na íntegra para que o conteúdo fosse aplicado no instrumento de tratamento e análise dos dados (Apêndice E), parte da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que será explicitada a seguir.

Em função do momento único em que se caracteriza a entrevista, como um procedimento complexo de coleta de dados, Lefèvre e Lefèvre (2005) destacam que o preparo do equipamento de gravação das entrevistas exige cuidados prévios, incluindo checagem das pilhas (pilhas novas), teste com o aparelho antes e no momento da entrevista, cuidar para que o aparelho não esteja no *pause* e que a altura do som esteja adequada. Os autores também recomendam que o entrevistador verifique, no meio da entrevista, a qualidade da gravação.

Como se pode observar, a entrevista não é uma simples coleta de dados, mas “uma gama de procedimentos complexos capazes de conduzir a resultados verídicos ou não.” (ROSA; ARNOLDI, 2008, p. 25). Nesta pesquisa, o momento da entrevista foi escolhido pelo entrevistado. No caso da entrevista presencial, o local preferido foi o ambiente de trabalho e nos casos de entrevista a distância, a residência.

As questões formuladas na entrevista (Apêndice C) foram elaboradas com base nas orientações de Lefèvre e Lefèvre (2005) expostas anteriormente, pois, para o tratamento e análise dos dados coletados, foi utilizada a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC),

dispositivo criado pelos autores e que será descrito com detalhes posteriormente. A transcrição das entrevistas na íntegra também está disposta neste estudo (Apêndice D).

5.3.2 Questionário

O questionário neste estudo constitui-se instrumento complementar de coleta de dados e é responsável por explorar o perfil sócio-econômico dos entrevistados. (Apêndice B). Na pesquisa qualitativa, os questionários possuem papel coadjuvante dentre as técnicas de aprofundamento qualitativo, complementam as técnicas capazes de produzir a vivência dos fatos e das relações humanas em intensidade. (MINAYO, 2008).

Os questionários foram entregues e respondidos pelos participantes da pesquisa no dia da entrevista no caso das entrevistas presenciais. Quanto às entrevistas a distância, em que não houve o encontro presencial, os questionários foram enviados e devolvidos por *e-mail*.

5.3.3 Diário de entrevistas

O diário de entrevistas é um recurso informal que permite ao pesquisador registrar todas as suas percepções, possibilita anotações sobre o ambiente da entrevista, curiosidades, imprevistos, oferecendo um detalhamento dos momentos e processos da pesquisa. Oferece uma “memória” que auxilia no momento da análise dos dados para retratar e resgatar minúcias que possivelmente possam se demonstrar relevantes e que o tempo daria conta, em meio a tantas informações, de escurecer na memória do pesquisador.

Através deste instrumento de pesquisa, busca-se igualmente transportar o leitor para o ambiente de entrevistas, para que tenha a oportunidade de experimentar um pouco das “sensações” proporcionadas no momento da entrevista, já que o relato no diário é mais pessoal. A partilha das percepções do entrevistador poderá auxiliar no entendimento a respeito da atmosfera em cada uma das entrevistas e do papel desempenhado pela pesquisadora e entrevistado.

5.3.4 O pré- teste

O pré-teste foi aplicado visando o aperfeiçoamento das questões de pesquisa, trazendo à tona possíveis dúvidas que poderiam surgir por parte dos entrevistados, perguntas que porventura não ofereceriam a clareza desejada pelo pesquisador.

As questões formuladas no questionário (Apêndice B) e no roteiro de entrevista (Apêndice C) tiveram pré-teste aplicado na modalidade presencial com um líder de biblioteca comunitária para testar o entendimento das perguntas e foi realizado outro pré-teste a distância para testar a eficácia dos equipamentos. Não houve nenhuma irregularidade nos dois pré-testes realizados.

5.4 A técnica do DSC

O Discurso do Sujeito Coletivo é uma técnica que permite o resgate de pensamentos¹² coletivos. Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre criaram-no como um instrumento que sustenta a busca de várias falas individuais e permite transformá-las em uma fala coletiva.

O DSC é oriundo da teoria da Análise do Discurso, que surgiu na França da década de 60, através dos estudos de Michel Pêcheux que subsidiaram a base teórico-metodológica da Análise do Discurso em oposição à Análise de Conteúdo¹³. Além da França, que também teve como destaque os estudos de Dominique Maingueneau na década de 90, outros países da Europa como Rússia e Inglaterra, trouxeram outras abordagens sobre a Análise do Discurso. Em todas elas, o ponto convergente identificado era o contexto histórico-social a partir de uma construção coletiva, não individual. A Análise do Discurso tem como características compreensão do processo produtivo do discurso, relaciona-se com o contexto social e histórico, interpreta os resultados da análise e tem caráter de historicidade (forma como dá significado e delimita a natureza). (MENDONÇA, 2007).

¹² “Ou os valores, as crenças, as representações, enfim, as várias formas de que se reveste o sentido atribuído pelos atores sociais aos eventos que cercam a vida deles.” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2009, p. 13).

¹³ Técnica que tem no texto um documento limitado ao seu contexto, visando o que o texto quer dizer, buscando o sentido do texto expresso em sua estrutura e interpretando-o a partir daí sem relação direta com a historicidade. (MENDONÇA, 2007).

O DSC será explicitado mais detalhadamente, em virtude da sua importância como instrumento metodológico capaz de revelar as representações sociais dos participantes da pesquisa.

5.4.1 Sobre o DSC

O resgate do pensamento de uma coletividade sobre determinado objeto de estudo por meio de pesquisa social empírica, só é legitimado pela manifestação linguística, ou seja, pelo depoimento discursivo, pelo posicionamento. Este depoimento é composto por uma ideia central e seus conteúdos e argumentos. No DSC, é através do discurso de vários indivíduos e a livre expressão de seus depoimentos possíveis mediante perguntas abertas, que se chega ao discurso coletivo. Entretanto, para isso, é preciso acreditar que é possível produzir uma soma de vários discursos. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

O conceito de DSC consiste na proposta de “organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 15-16), obtidos, neste estudo, através de depoimentos dos líderes, dos criadores das bibliotecas comunitárias.

O DSC, segundo seus autores,

[...] consiste, então, numa forma não-matemática nem metalingüística de representar (e de produzir), de modo rigoroso, o pensamento de uma coletividade, o que se faz mediante uma série de operações sobre os depoimentos, que culmina em discursos-síntese que reúnem respostas de diferentes indivíduos, com conteúdos discursivos de sentido semelhante. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2009, p. 25).

Consiste na análise do material coletado dos depoimentos dos entrevistados de onde é possível a extração das ideias centrais e/ou ancoragens e suas correspondentes expressões-chave. A partir das expressões-chave das ideias centrais e/ou ancoragens semelhantes compõem-se um ou vários discursos-síntese de onde se revela o Sujeito Coletivo. Este Sujeito se expressa na primeira pessoa (coletiva) do singular, pode-se considerar um “eu sintático”, que simultaneamente indica a presença de um sujeito individual do discurso e fala pela ou em nome de uma coletividade. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

A seguir, serão detalhados todos estes termos mencionados anteriormente, necessários para a compreensão do funcionamento do DSC e que fazem parte da sua estrutura.

5.4.2 Estrutura do DSC

Na sua estrutura, o DSC possui as seguintes figuras metodológicas:

- Expressões-chave (E-Ch): trechos selecionados da fala do entrevistado que devem ser destacadas por revelar a essência do depoimento e melhor descrever seu conteúdo.

- Ideias centrais (IC): revelam e descrevem o(s) sentido(s) presente(s) nos discursos analisados e também de cada conjunto de resposta dos indivíduos que apresentam sentido semelhante ou complementar. São descrições do sentido presente nas E-Ch, não interpretações.

- Ancoragens (AC): estão presentes quando na fala do entrevistado se revela e descreve explicitamente, com marcas linguísticas claras e genéricas, de teorias, ideologias, crenças e valores.

- Discursos do Sujeito Coletivo (DSC): discurso-síntese formado pelo conjunto das E-Ch presentes nos discursos e que possuem ICs e/ou ACS com sentido semelhante ou complementar. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005; LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2009).

A proposta deste mecanismo com todos estes elementos é de

[...] reconstruir com pedaços de discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tanto discursos-síntese quantos se julgue necessários para expressar uma dada 'figura', ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 19, grifo do autor).

Na junção destes discursos e na montagem deste quebra-cabeça para que o encaixe seja perfeito, os autores ressaltam a relevância de alguns princípios:

- Coerência: é uma soma (não matemática) de partes isoladas de discursos que forma um discurso-síntese coerente. Todas as partes se reconhecem como compondo este discurso e o discurso constituído por estas partes.

- Posicionamento próprio: este discurso produzido expressa seu posicionamento, distinto, autêntico específico diante do tema pesquisado.

- Tipos de distinção entre os DSC: quando diante de uma resposta, acontecer mais de um DSC pode-se utilizar o critério de distinção de diferença/antagonismo (sua apresentação deve ser separada) e o de complementariedade (a apresentação em separado fica a critério do pesquisador se deseja resultados mais genéricos ou mais detalhados).

- Produção de uma ‘artificialidade natural’: para que o discurso coletivo “pareça falado por uma só pessoa” deve-se limpar as particularidades que são mencionadas nos discursos nos pedaços selecionados da fala do entrevistado. Deve-se igualmente encadear a narrativa dos discursos para que tenha estrutura sequencial clara e coerente. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Para mover as peças deste quebra-cabeça na prática e verificar como se dá o funcionamento do DSC, será detalhada passo-a-passo sua forma de funcionamento e aplicação, com todos os elementos de sua estrutura.

5.4.3 Forma de funcionamento e aplicação

Para aplicar o DSC, em primeiro lugar, é necessária a leitura da bibliografia sobre o assunto, bem como, a adesão e assimilação dos seus princípios básicos de pesquisa social qualitativa. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Posteriormente, para que se consiga reconstruir as representações sociais existentes propostas neste estudo procede-se à coleta dos discursos que, conforme mencionado anteriormente, têm na entrevista seu mais potente e minucioso método. Após coletados, gravados e transcritos os depoimentos, parte-se para a tabulação dos dados.

A tabulação dos dados, conforme os autores criadores da técnica do DSC, deve seguir rigorosamente a ordem dos seguintes passos:

a) 1º passo: análise das questões isoladamente. A questão 1 de todos os entrevistados será analisada; em seguida, a questão 2 de todos os entrevistados e assim sucessivamente. Deve-se copiar na coluna das E-Ch o conteúdo integral das respostas da questão 1 no Instrumento de Análise de Discurso 1 (IAD 1).

b) 2º passo: Destacar nos discursos as E-Ch das ICs com determinado recurso gráfico.

c) 3º passo: Identificar as ICs partindo das E-Ch, colocando-as no quadro das ICs.

d) 4º passo: identificação e agrupamento das ICs de mesmo sentido ou de sentido equivalente ou complementar, etiquetando cada agrupamento através de letras (A, B, C...).

e) 5º passo: denominar cada um dos agrupamentos com as letras o que implica em criar uma ideia central-síntese que expresse da melhor maneira possível as IC de mesmo sentido.

f) 6º passo: construção do DSC utilizando o IAD 2. São necessários dois procedimentos:

- Copiar do IAD 1 as E-Ch do mesmo agrupamento e colocá-las na coluna das E-Ch do IAD 2

- Construir o DSC de cada agrupamento, propriamente dito. Para isso, deve-se sequenciar as E-Ch num esquema de começo, meio e fim ou do mais geral para o mais particular. A ligação entre as partes do discurso é feita por meio de conectivos que dão coesão (assim, então, logo, enfim...), também se eliminam as particularidades¹⁴ (sexo, idade, eventos particulares...). Deve-se utilizar para construir o DSC todo o material das E-Ch. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

A apresentação dos resultados pode-se dar de maneiras diferenciadas, entretanto os autores dão uma sugestão de apresentá-los por questão. No caso de mais de um DSC por questão, pode-se apresentar um quadro-síntese com as ideias centrais que surgiram no momento da análise da questão.

O DSC não deve estar entre aspas, pois não se trata de citação, deve aparecer em itálico em consideração à fala coletiva. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 56-57).

5.4.4 Adequação à base teórica e metodológica deste estudo

Mendonça (2007) destaca que a utilização do DSC é crescente em todas as áreas do conhecimento, inclusive na Ciência da Informação. Em sua dinâmica teórica emergem a interdisciplinaridade, a preocupação com a interpretação do contexto histórico-social que a cerca e a análise científica.

O DSC, como se pode perceber, aplica-se perfeitamente a esta proposta de estudo. Sua origem na análise do discurso, que pressupõe a relação com o contexto social e histórico e sua preocupação com o

¹⁴ Processo também chamado de desparticularização. (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

processo em que se dá o discurso, bem como sua base teórica nas Representações Sociais, encaixam-se à fundamentação teórica e metodológica já exposta anteriormente.

5.5 Ética na pesquisa

A ética está imbricada no mundo da vida cotidiana e não é diferente na esfera da pesquisa científica. Flick (2009) afirma que a ética na pesquisa vem à tona, principalmente, para garantir a proteção dos interesses dos entrevistados e em função da possibilidade de manipulação dos dados.

A repercussão de escândalos na pesquisa científica tornou a ética na pesquisa tema constantemente suscitado e, como consequência, houve a preocupação em formular códigos e instituir comitês de ética nas diversas áreas do conhecimento. Os códigos de ética visam regular a relação do pesquisador com as pessoas e campos de seu estudo, preconizando que a pesquisa deve estar baseada no consentimento informado, que os pesquisadores não devem causar danos aos participantes, respeitando e considerando seus interesses e necessidades. (FLICK, 2009).

Esta pesquisa está de acordo com o Regimento do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, criado em 1997 e registrado junto à Comissão Nacional de Ética em Pesquisas (CONEP/MS), em cumprimento às Resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Os entrevistados participaram da pesquisa com ciência do objetivo do estudo. Antes da aplicação dos questionários e da entrevista, foram entregues aos entrevistados a cópia do projeto para leitura e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura (Apêndice A). Quanto aos entrevistados a distância, estes preencheram o documento e encaminharam via *e-mail* junto com um texto de declaração de que aceitavam participar da pesquisa e concordavam com o conteúdo do TCLE.

6 RESULTADOS OBTIDOS

Em seguida, será traçado um perfil dos entrevistados, resultante dos quadros elaborados com dados dos questionários, bem como, o ambiente das pesquisas, que se registrou mediante diário de entrevistas e o DSC final.

6.1 Perfil dos entrevistados

Os resultados do questionário foram esquematizados em quadros e esboçados neste estudo visando traçar um pouco mais sobre o perfil dos indivíduos pesquisados.

Como pode-se observar no quadro 3, o grupo pesquisado é composto igualmente por homens e mulheres, de idades diferenciadas, nascidos em diversas regiões do Brasil e, em sua maioria, possuem dependentes. Destaque para o entrevistado que possui 15 filhos e contou, segundo registro no diário de entrevistas, que cinco destes filhos faleceram, entretanto, adotou mais cinco. Outra observação relevante é que dois deles, embora tivessem saído de sua cidade de nascimento para estudar, após aposentadoria, voltaram para liderar as iniciativas de biblioteca comunitária em sua cidade natal.

Quadro 3: Identificação geral dos entrevistados

Idade	Sexo	Filhos	Cidade/Estado de nascimento
48	Feminino	0	São Paulo/SP
33	Feminino	0	São Paulo/SP
34	Masculino	1	São Gonçalo/RJ
51	Feminino	4	Rio de Janeiro/RJ
30	Masculino	2	Caracará/RR
47	Masculino	1	Tubarão/SC
34	Masculino	1	Juruti/PA
26	Masculino	0	Olinda/PE
64	Feminino	0	Siderópolis/SC
52	Feminino	4	Mata Grande/AL
46	Masculino	1	Salvador/BA
62	Feminino	15	Pena Forte/CE
71	Masculino	0	Nova Soure/BA

Fonte: Autora (2011).

Apesar dos entrevistados exercerem ocupações variadas não se pode deixar de destacar o predomínio da atividade docente, conforme exposto no quadro 4. Praticamente metade dos entrevistados é ou já foi professor (caso dos aposentados). Destaque também para a diversidade de grau de escolaridade que vai desde o não acesso ao estudo formal até o doutorado.

Quadro 4: Escolaridade e profissão dos entrevistados

Grau de escolaridade	Ocupações exercidas ao longo do tempo	Ocupação atual
Ensino Fundamental	Auxiliar de embalagem, auxiliar de montagem, auxiliar de escritório, auxiliar de Centro de Processamento de Dados, faxineira/diarista, apontadora de jogo do bicho, catadora.	Catadora
Graduação e Licenciatura em História pela USP	Professora	Presidente de uma ONG
Graduação em História na FEUDUC/RJ	Atendente de bar, servente de pedreiro, montador de parque, atendente de banca de jornal, ajudante de cozinha, auxiliar de almoxarifado	Professor de História da rede privada de ensino
Graduação em Biblioteconomia pela UNIRIO/RJ	Diarista, auxiliar administrativa	Desempregada
Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia na FACETEN/RR e cursando Biologia no Instituto Federal do Pará	Agente comunitário da saúde, assistente de alunos (concurso público), secretário escolar, professor temporário, professor da rede municipal de ensino	Professor da rede municipal de ensino (4ª série)

Graduação em Engenharia Elétrica pela UFSC e Mestrado em Engenharia Elétrica pela UFSC	Professor	Professor
Graduação em Letras, Artes e Formação de Professor na Ulbra e no CEFET/Santarém, Especialização em andamento em Gestão Escolar pela Escola de Governo	Coletador de metais, ajudante de pedreiro, carregador no mercado de peixe, comerciante, auxiliar de professor, coordenador do Projeto Arte na Escola da Gente, Coordenador do Programa Pró-Letramento	Coordenador do Projeto de Leitura e Coordenador de uma ONG de fomento à leitura.
Graduação em Pedagogia pela UFPE	Mediador de Leitura, Gestor de Biblioteca Comunitária, Coordenador de Biblioteca Comunitária, Coordenador de projetos em Educação, Coordenador de Projetos de Leitura (Rede de Bibliotecas), Educador.	Coordenador de uma Rede de Bibliotecas Comunitárias
Graduação em Letras (Francês-Português) pela UFSC e Mestrado e Doutorado em Educação pela UNICAMP	Sempre foi professor	Coordenador da Biblioteca Comunitária (Aposentado)
Graduação em Letras pela UFAL e Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	Sempre foi professor	Coordenador da Biblioteca Comunitária (Aposentado)
Ensino Fundamental (Escola Pública)	Sempre foi comerciante	Comerciante

Não estudou	Cozinheira, faxineira, lavadeira, ajudante de farmácia, catadora, líder comunitária	Líder comunitária
Graduação em Letras e História pela USP, Especialista em Teoria Literária, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas (Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) pela UFRRJ.	Trabalhou na agricultura, em indústria, zelador, professor do ensino fundamental, médio e superior (graduação, mestrado e doutorado)	Pesquisador do CNPq, Consultor e Curador da Biblioteca Comunitária (Aposentado do Magistério)

Fonte: Autora (2011)

Metade dos entrevistados afirmou ser a biblioteca comunitária seu principal ambiente de atuação ocupacional. Nestes casos, o tempo de dedicação é variado, com destaque para o entrevistado que passa praticamente todo seu dia dentro da biblioteca, inclusive finais de semana, conforme exposto no quadro 5.

Houve um predomínio de iniciativas que datam do ano de 2007 e a mais antiga é do ano de 2000. De fato, conforme já mencionado, 2007 é o ano de criação do Programa Mais Cultura e a década que abarca o início das bibliotecas lideradas pelos entrevistados, é a mais eferescente em termos de suporte estatal para este tipo de organização, como se pode perceber através dos estudos de Machado (2008) quando trata das políticas públicas nacionais para bibliotecas.

Quadro 5: Dados da(s) biblioteca(s) comunitária(s)

Ano de criação da Biblioteca Comunitária	Principal ambiente de atuação ocupacional?	Quanto tempo de dedicação?
2000 e 2007	Sim	30h por semana
2001	Sim	5 dias por semana
2001	Sim	Mais de 40h por semana
2001	Não	20h por semana
2002	Não	16h por semana
2004	Sim	40 horas por semana
2007	Não	8h por semana

2007	Sim	15h por semana
2007	Não	16h por mês
2007	Não	2 horas por dia
2007	Sim	Todos os dias das 8h às 20h (inclusive finais de semana)
2007	Sim	De 8h a 9h por dia/ exceção de segundas, sábados e domingos
2009	Sim	10 horas por semana

Fonte: Autora (2011)

6.2 O ambiente das entrevistas

O ambiente das entrevistas foi registrado com o auxílio do diário, mecanismo que possibilitou, através de anotações no período de coleta de dados, maior dimensão do momento e do clima que envolveu esta etapa da pesquisa. Acredita-se que o relato do diário poderá mostrar aos leitores da dissertação um pouco do precioso cenário que permeou a coleta do discurso dos entrevistados.

Conforme exposto anteriormente, as entrevistas foram realizadas de forma presencial e a distância. Ambas trouxeram grande aprendizado, entretanto, na decisão de investir¹⁵ no encontro presencial, fui contemplada com experiências inesquecíveis. As viagens foram rápidas e realizadas perto do final de semana¹⁶, no período de sexta a domingo, ou de sexta a segunda, e foram recheadas de ricas vivências e sensações em virtude das pessoas, espaços e culturas diferentes que visitei. Com as entrevistas a distância, também tive boas surpresas, fiquei mais atraída pelo ambiente virtual e mais habilitada para lidar com as ferramentas que viabilizam este tipo de encontro, pois não tinha este hábito antes da pesquisa.

A forma como expus as entrevistas, por itens, objetiva agrupá-las no período em que foi realizado o encontro nesses dois meses de coleta de dados (abril e maio de 2011), bem como, facilitar a relação entre o diário e a transcrição das narrativas constantes no Apêndice D. Ao final

¹⁵ Penso que não foi muito onerosa a minha decisão. Abri mão de adquirir algumas coisas que não eram prioritárias, para adquirir hospedagens, passagens rodoviárias e aéreas.

¹⁶ O cronograma de entrevistas foi apertado porque tinha que conciliar dispensas e reposições no meu local de trabalho para poder viajar.

deste diário, registro algumas observações gerais sobre os encontros e entrevistados.

Os entrevistados foram tratados pelo termo “pessoa entrevistada” e serão identificados sequencialmente por letras do alfabeto, seguindo a ordem de realização das entrevistas. Procurei preservar a origem de cada entrevistado, ocultando o nome das cidades.

6.2.1 Entrevistas com “A.”, “B.”, “C.” e “D.”

No dia 31 de março, fiz minha primeira viagem. Saí de Florianópolis para encontrar os quatro primeiros entrevistados. A ida (de ônibus¹⁷) me deixou em estado de alerta porque teria que encontrá-los no horário marcado e em locais que eu desconhecia, portanto, a logística, o trânsito, tudo tinha que cooperar. Comigo, um cronograma que incluía desde horário de entrevistas e transporte, até horário de almoço e repouso¹⁸. O cronograma previa o encontro de dois entrevistados no dia primeiro e dois entrevistados no dia 3, com retorno no dia 4 do mês de abril.

A viagem de ônibus durou toda noite, mas não me cansou. Quando cheguei na Cidade de destino, no início da manhã, o dia estava ensolarado e eu, mochileira, com mapa na mão, entre as infundáveis estações de metrô e muita caminhada, estava ansiosa para encontrar a primeira pessoa entrevistada. A entrevista com “A.”, estava programada ainda para o período da manhã.

“A.” lidera uma biblioteca comunitária que funciona anexa a uma Cooperativa de Reciclagem em uma área de classe média da cidade. Debaixo do viaduto, separadas por uma rua, estão a Cooperativa e um espaço de convivência, pode-se assim considerar, onde fica a biblioteca comunitária. “A.” me aguardava na Cooperativa e me levou para conhecer a Biblioteca, do outro lado da rua. O espaço de convivência é uma área de lazer muito confortável, com vários quadros, trabalhos manuais, objetos de decoração, móveis de demolição reformados e rústicos, dando um ar de cuidado e zelo com o espaço. Várias mesas espalhadas pelo pátio se justificam porque a Cooperativa mantém refeitório com cozinha e cozinheira para fazer o almoço dos cooperados. Neste espaço, eles também fazem confraternizações,

¹⁷ Nesta primeira viagem, fiz tudo de ônibus para economizar também em hospedagem já que as viagens, entre as três cidades envolvidas, eram noturnas. Dormi três noites em ônibus.

¹⁸ Além do meu marido como companhia, levei também uma lembrancinha para os entrevistados, artesanato de Florianópolis em agradecimento.

atividades, trabalhos manuais com materiais encontrados no lixo, objetos como bolsas, chaveiros, quadros, entre outros e que são expostos e vendidos para a comunidade.

A biblioteca estava fechada com dois cadeados no momento da nossa visita e não apareceu nenhum usuário durante nossa permanência. A pessoa entrevistada falou que os trabalhos estavam meio parados porque estava sem voluntários no momento e teve que sair da biblioteca porque assumiu um cargo na Cooperativa que toma bastante de seu tempo. Permanece lá atualmente somente umas oito horas por semana. O espaço estava bem arrumado, com livros identificados, fichas de empréstimo e com aparência de biblioteca para crianças. Muitos enfeites coloridos e decoração feita com material retirado do lixo. “A.” falou que os móveis e livros foram doados inicialmente por uma ONG, mas que hoje não recebe incentivo financeiro; a biblioteca se sustenta por meio de doações. No acervo, pode-se observar obras escritas por usuários, com capas de papelão reciclado. “A.” mencionou que muitos dos frequentadores são moradores da rua, que não se sentem à vontade para entrar numa biblioteca pública. Tinha desenvoltura e demonstrou ter disposição para dar entrevista, mencionou que isto é costumeiro, principalmente por seu trabalho na Cooperativa de reciclagem. Estava bem à vontade, mas, na entrevista, que começou às 10h30min, foi de poucas palavras. Mencionou que está fazendo curso de Administração (curso técnico) para aprimorar a gestão que faz da Cooperativa. Falou que a prefeitura queria tirar os catadores de debaixo do viaduto mas não conseguiu porque eles fizeram uma mobilização social com camisetas e a população deu um abraço humano em volta do viaduto que abriga a Cooperativa e o espaço onde está a Biblioteca. Falou da importância do sindicato dos catadores da cidade para conseguir o terreno onde hoje funciona a Cooperativa e este espaço de convivência onde se encontra a biblioteca. Antes de me despedir, pedi permissão para fotografar as catadoras em seu local de trabalho, mas “A.” mencionou que os cooperados não gostam, entretanto, permitiu que eu fotografasse a Cooperativa do lado de fora, da rua.

Em seguida, caminhei aproximadamente uma hora, até chegar ao bairro da próxima pessoa entrevistada, “B.”, pois havíamos marcado a entrevista para 15h. Após almoçar e aguardar entre uma livraria e um café, toquei o interfone da casa onde funciona a sede da ONG criada por “B.”, num bairro nobre da cidade. A casa de dois andares, muito agradável, grande, tinha aproximadamente 10 pessoas trabalhando. Cheguei com antecipação de alguns minutos do horário marcado e

enquanto aguardava, um rapaz me deixou numa sala com água e café, vendo um filme sobre a primeira expedição, do que hoje é a ONG liderada por “B.”, em comunidades ribeirinhas.

A sala não traduzia um ambiente comum de trabalho, era domiciliar, informal, aconchegante. Pela janela, não parecia que estávamos em ambiente urbano; a vista era arborizada e sons de passarinhos cantando foram frequentes na gravação da entrevista. Na parede da sala, um mapa do Brasil indicava os pontos onde a ONG estava atuando.

“B.” entrou na sala um pouco depois do filme terminar¹⁹, eu ainda estava emocionada com a história e as imagens. “B.” foi a única pessoa entrevistada que, nas trocas de *e-mails* que antecederam o encontro, se mostrou curiosa e um pouco desconfiada com relação às perguntas, pediu que eu enviasse anteriormente, entretanto, expliquei que não seria possível pois a metodologia e o instrumento metodológico empregados na pesquisa não o permitiam.

Percebi que à medida que conversávamos, a pessoa entrevistada foi ficando mais à vontade, entendendo a proposta da pesquisa; leu o TCLE e concordou com o mesmo, sem problemas. Mencionou que tinha uma hora para nossa entrevista, porque tinha outro compromisso posteriormente. Começamos a entrevista num clima muito amistoso, estava à vontade com as perguntas, sua exposição foi rica em detalhes e não se preocupou com o passar das horas. A cada resposta, percebi grande comprometimento, uma intensidade, um mergulho em sua própria história de vida, o que tornou aquele momento especialmente precioso para mim. Acredito que a pessoa entrevistada estabeleceu comigo e com a pesquisa uma relação de confiança para se abrir tão levemente.

Depois da entrevista conversamos um pouco mais e “B.” se emocionou ao relembrar de alguns fatos. Mencionou sobre sua atividade que atualmente se concentra na administração da ONG e na captação de recursos para manter funcionando as bibliotecas ativas. Falou que gostaria de estar mais presente nos locais onde estão as bibliotecas, mas que sua atividade é fundamental para a sobrevivência da iniciativa. Mencionou que muitas vezes seu estímulo para continuar vem das ligações telefônicas de crianças, para desejar bom dia, perguntar como está, quando irá voltar aos locais onde estão as bibliotecas.

¹⁹ O filme teve uns 10 minutos de duração.

No final da entrevista, levou-me para conhecer e me apresentar a todos que trabalhavam no local, pediu a uma educadora que me ajudasse a localizar o contato de líderes de bibliotecas em outras regiões. Ainda, antes de eu sair, presenteou-me com dois livros e dois vídeos sobre a iniciativa que lidera. Os livros são transcrições e desenhos de cartas que crianças escreveram umas para as outras de cidades diferentes, uma de interior e outra de uma capital, de Estados bem diferentes do nosso País. Nos livros, as crianças fazem um intercâmbio cultural, contam e desenharam sobre suas vidas, o ambiente em que vivem, sua realidade, perguntam sobre coisas das duas cidades e dividem experiências umas com as outras.

Este primeiro dia foi muito especial e intenso pra mim, a sensação de que as perguntas formuladas iriam resultar em bom material para trabalho de pesquisa, a identificação pessoal, a troca com as pessoas entrevistadas, o cronograma cumprido. Fui caminhando para o Hotel e, ao cruzar duas grandes avenidas da Cidade, lembrei da canção de Caetano e senti que realmente alguma coisa acontecia no meu coração...

O próximo dia de entrevistas previsto era domingo, 3 de abril, portanto tirei o sábado para fazer as transcrições e dar uma volta. Viajei de ônibus para uma cidade de outro Estado, vizinho ao que visitei, na madrugada do sábado e a chegada era prevista para 5h da manhã de domingo. Neste dia, estavam programadas duas entrevistas, ambas para o período matutino, em função do horário de retorno para Florianópolis. Houve grande empenho das pessoas entrevistadas deste dia para que as entrevistas pudessem acontecer.

“C.”, a primeira pessoa entrevistada deste dia, foi fundamental para que meu cronograma fosse um sucesso. Conforme combinamos anteriormente por *e-mail*, “C.” iria gentilmente me pegar na rodoviária, em virtude da dificuldade em chegar ao bairro onde se situa a biblioteca comunitária que lidera e me levaria também até a segunda pessoa entrevistada para que eu pudesse fazer tudo em tempo hábil.

Cheguei à rodoviária da cidade e ainda estava escuro, às 5h30min, num frio que eu desconhecia, mesmo durante os quinze anos em que eu havia morado lá. Apesar de ser domingo, início da manhã, era grande o movimento de pessoas, algumas, cansadas, pareciam voltar do trabalho e outras, agitadas, certamente regressavam de programações noturnas do sábado anterior²⁰. “C.” chegou à rodoviária por volta de

²⁰ Permaneci por mais de uma hora esperando o entrevistado e senti medo porque o ambiente era estranho para mim, apesar de eu ter nascido e vivido durante quinze anos em uma cidade

7h30min e fomos em direção ao bairro onde se localiza a biblioteca, bem distante do centro. Ao chegar, pude observar a dificuldade que passam seus moradores, as carências que possuem de infra-estrutura. O local me pareceu modesto, mas alegre, com poucos carros na rua, o barulho maior era de moto e de carroça.

A biblioteca comunitária possui três espaços pequenos, duas pequenas varandas, um banheiro e um quintal com uma garagem. Os espaços estão divididos da seguinte forma: um lugar, que é como recepção, com computador para quem recebe os usuários e uma pia com cafeteira e água; o outro, com mesas para estudo e pesquisa; outro, com carteiras, computadores e quadro negro para as aulas que são ministradas ali. Os livros estão dispostos na maioria dos espaços. "C." explicou que pessoas da comunidade abrem a biblioteca durante o dia para as diversas atividades. As obras que constam do acervo não possuem etiquetas de classificação de assunto e o empréstimo é livre, sem anotações. Todos da comunidade são responsáveis por gerir o acervo da Biblioteca. "C." mencionou que os gastos são poucos para manter a Biblioteca funcionando e possui investidores para cada gasto que a Biblioteca tem. Também declarou que já fez seminário batista e teve forte envolvimento com igrejas, tanto católicas como protestantes, mas hoje seu dízimo é destinado à iniciativa. A pessoa entrevistada também mantém em seus arquivos eletrônicos o que denomina de Centro de Memória Local e Regional, um banco de dados, vídeos e fotos de documentos antigos sobre o bairro e arredores. Deu para perceber que a comunidade tem muita ligação com a Biblioteca, apropriando-se do espaço. Achei inusitado porque estávamos em uma manhã de domingo, permanecemos na Biblioteca das 8h até as 10h30min e, neste período, algumas pessoas apareceram para pegar livros, acessar computador e fazer perguntas sobre como pesquisar determinados assuntos.

Após um gostoso café, a entrevista iniciou às 8h. Neste momento, eu estava bastante impressionada com tudo que havia vivenciado desde que cheguei à rodoviária, nas duas horas que antecederam meu encontro com a pessoa entrevistada. "C." estava à vontade, a entrevista que concedeu para a pesquisa também foi intensa, mostrava-se entregue às

do mesmo Estado. Estava com um aparato tecnológico de *notebook*, gravadores, *pen drive*, máquina fotográfica e, com exceção do *notebook*, tudo era emprestado. No bar, onde aguardava a pessoa entrevistada, entraram pessoas embriagadas e entorpecidas, vi um rapaz armado, várias situações da vida cotidiana se apresentaram para mim, algumas oportunidades de grande reflexão sobre como a mídia influencia a nossa sensação de segurança.

perguntas, parecia ter prazer de estar ali e queria falar sobre sua vida, sobre a Biblioteca, sobre seu trabalho²¹.

“C.” tem um talento especial para lidar com pessoas, sua recepção foi cuidadosa e divertida, de um jeito que eu tive a sensação de sermos velhos conhecidos. Ele e seu primo²² nos levaram até a segunda pessoa entrevistada do dia, “D.”, em uma cidade vizinha.

“D.” marcou encontro no conjunto habitacional em que reside, um local com muitas ladeiras, bastante carente da cidade. O lugar estava bem movimentado, por conta da feira e da missa que acontece todo domingo. O dia estava fechado e naquele momento, o frio matinal já não existia, estava quente como de costume. Encontramos a pessoa entrevistada em frente à igreja, onde fica a biblioteca comunitária que lidera. A entrevista foi realizada às 12h na própria biblioteca, que estava fechada e foi aberta para que pudéssemos conhecer o local. A biblioteca é pequena, mas pareceu bem organizada e todas as obras estavam classificadas e devidamente etiquetadas, organizadas em fichas por ordem de autor. Também os usuários possuem fichas e a pessoa entrevistada mencionou que a biblioteca possui 400 usuários cadastrados. A Biblioteca é decorada com quadros de santos e da figura católica de Maria. Possui uma mesa com seis lugares e um computador com uma cadeira para ela trabalhar.

Ao mencionar sobre a história da biblioteca, contou que o padre que deu apoio para a criação da Biblioteca havia saído da paróquia e o novo padre queria retirar algumas obras do acervo que não eram da doutrina católica, como livros espíritas ou obras com conteúdo mais sensual, por exemplo. Contou o constrangimento que passou quando crianças estavam rindo e folheando uma revista com a fotografia de uma mulher semi nua. Contou também que o padre queria mudar o nome da Biblioteca para o nome de um outro padre porque não estava gostando do nome atual, uma sigla que sugere um trocadilho com o nome do bairro.

Como era meio-dia e a missa estava acabando, ela estava muito preocupada se iam querer fechar a biblioteca. Foi um discurso corrido, a pessoa entrevistada estava preocupada com o fim da missa, algumas pessoas a interromperam e creio que isso atrapalhou um pouco a

²¹ Essas características, aliadas ao sorriso fácil da pessoa entrevistada, foram motivadoras para mim. A sensação é de que eu havia arranjado um cúmplice para a pesquisa. Àquela altura, havia compreendido de fato que o trabalho não era só meu e que o mérito da pesquisa estava na narrativa desses líderes.

²² Veio acompanhado de um primo que dirigia porque estava sem carteira de motorista.

narrativa. Apesar de demonstrar ser uma pessoa alegre e muito receptiva, seu desânimo com a situação atual da biblioteca comunitária com as intervenções do novo padre foram constantes na nossa conversa. Foi uma visita breve, tivemos pouco tempo e por todas as questões já expostas, a entrevista foi menos solta e menos fluida, se comparada às demais.

Após o almoço, “C.”, que havia me levado à entrevista com “D.”, com sua generosidade, me levou à rodoviária de sua cidade, que neste horário de domingo já estava bem mais tranquila do que na madrugada. Por causa da “força” dos depoimentos e da vivência nas comunidades nesse início de coleta de dados, peguei o ônibus de volta para Florianópolis às 15h com a sensação de ter vivido em três dias o que não havia vivido nos últimos três anos de minha vida...

6.2.2 Entrevista com “E.”

A quinta entrevista, com “E.”, foi realizada no dia 19 de abril às 16h, por meio de chamada de vídeo do Skype. Esta foi minha primeira entrevista a distância. Alguns fatos que antecederam este encontro “face a face” viabilizado pelo Skype, desejo pontuar para registro.

Um dia antes, na segunda-feira, dia 18, eu e “E.” nos encontramos virtualmente para checar o aparato tecnológico para a entrevista, momento em que as ferramentas não poderiam falhar. “E.” estava na escola onde trabalha, com o *notebook* que foi emprestado por uma professora, pois não dispõe de computador em seu domicílio. Eu estava em minha casa, no mezanino. Neste dia que antecedeu nossa entrevista, ficamos tentando ajustar o acesso por vídeo das 15h até 23h, com algumas pausas e intervalos. Pelo fato da pessoa entrevistada possuir acesso a MSN, resolvemos fazer a entrevista através deste meio. Neste dia, tentamos acessar a chamada de vídeo do MSN, mas não conseguimos completar a conexão, acredito que pela distância, pois a pessoa entrevistada mencionou que sempre tentou e nunca conseguiu falar com sua sobrinha de São Paulo. Ao fazer a chamada de vídeo aparecia uma mensagem de “aguarde, carregando...” que permaneceu por muito tempo. Sugerí a utilização de outra ferramenta que disponibiliza gratuitamente a chamada de vídeo, o Skype. Como não a utilizava, “E.” teve dificuldades de acessar e abrir uma conta, por isso, preocupada que eu estava em não tirar muito do seu tempo, criei uma conta fictícia. “E.” não conseguiu acessar a conta fictícia e instalar o programa, tivemos que fazer passo-a-passo e a pessoa entrevistada

acessou através da minha conta e eu pela conta fictícia. Quando conseguimos acessar, “E.” me via e me ouvia, mas eu não conseguia ouvi-lo e nem vê-lo. Resolveu ir para sua casa, uns 10 minutos de distância da escola, pegar o microfone para instalar no *notebook*. Pedi para que não fosse, para que deixássemos para o dia seguinte. Em Florianópolis, eram 22h, em sua cidade o fuso horário era diferente, 21h. A esta altura, eu estava impressionada com a boa vontade da pessoa entrevistada, que com toda paciência insistiu para que fizéssemos uma tentativa, muito interessada em me auxiliar e fazer o contato acontecer naquela noite. Quando voltou, plugou o microfone e então conseguimos conversar sem que fosse necessária a digitação. Ainda assim, não conseguia ver sua imagem, “E.” estava tendo dificuldade em ligar o vídeo do *notebook*, mesmo com minhas orientações. Por volta das 23h de Florianópolis, 22h da cidade da pessoa entrevistada, resolvemos que seria melhor que “E.” pedisse auxílio para a professora que emprestou o *notebook* para acionar o vídeo, e que nos encontraríamos no dia seguinte, às 16h, via Skype, para a entrevista²³.

No dia seguinte, dia da entrevista, terça-feira, dia 19 de abril, “E.” estava no laboratório de informática da escola onde trabalha, e eu, no mesmo lugar, em minha casa. Enfim, aconteceu o encontro “face a face”, a conexão via Skype funcionou perfeitamente, tanto o vídeo quanto o áudio. A pessoa entrevistada entrou com minha conta pessoal e eu com a conta criada para a entrevista. Neste momento, acontecia um evento no pátio da escola e a pessoa entrevistada tinha dificuldade em me escutar por causa do barulho. Foi fechar a porta e melhorou um pouco.

A entrevista correu bem, a pessoa entrevistada ficou preocupada em responder “corretamente”, perguntava se era aquilo que ela tinha que responder. “E.” demonstrou vontade em responder às perguntas, bem como envolvimento e empolgação com a pesquisa. Houve sintonia entre a pessoa entrevistada e a entrevistadora.

Após a entrevista, conversamos mais um pouco, mas não tanto como nas entrevistas presenciais. Mencionou que faz parte da RBBC, que já foi dar uma palestra em São Paulo, a convite do Centro Cultural da Espanha e que, nesta ocasião, pode conhecer muitas pessoas da Rede e a realidade da rede pública do Estado, de acesso ao livro. Falou com bastante orgulho da participação que teve neste evento.

²³ Sua esposa estava na escola, esperando por ele para ir para casa, pedi desculpa pelo adiantado da hora e pelo tempo que ficamos envolvidos neste procedimento.

6.2.3 Entrevista com “F.”

A sexta entrevista foi presencial, realizada no dia 22 de abril, sexta-feira da semana santa, às 16h20min, na própria Biblioteca. Não foi preciso viajar, entretanto, antes de chegar à Biblioteca peguei grande engarrafamento, a cidade estava com sol e calor e recebeu muito turista nesse feriado. Esse foi o motivo do meu (pequeno) atraso, pois a entrevista foi marcada para 16h. Não era dia de abrir a biblioteca, “F.” o fez somente em função de minha visita. Enquanto estivemos lá, durante aproximadamente uma hora, não entrou ninguém.

A pessoa entrevistada comentou que está num processo semelhante, de coleta de dados, em função de sua pesquisa em nível de doutorado. Foi receptiva, entretanto, a mais reservada até agora. A entrevista foi feita numa sala nos fundos da Biblioteca, agradável, iluminada, numa mesa dessas grandes de reunião. O ambiente da Biblioteca não é muito grande, mas é aconchegante. A biblioteca comunitária foi criada por “F.” e por um grupo de amigos da época da universidade. A pessoa entrevistada ocupa o cargo de tesouraria da Biblioteca, durante a entrevista se manifestou de forma pausada, o que facilitou a transcrição. Também, ao início das perguntas, penso que se sentia menos motivada que as outras pessoas entrevistadas, principalmente nas perguntas mais pessoais, quando tinha que falar sobre si. Manifestou certa resistência com as perguntas muito gerais. Foi um encontro com alguma conversa, entretanto, mais breve do que tenho experimentado em entrevistas anteriores.

6.2.4 Entrevista com “G.” e “H.”

A próxima entrevista foi realizada no dia 06 de maio, com “G.”, por meio de chamada de vídeo do MSN. Nesta entrevista, eu estava muito contente por conseguir horário com o entrevistado, pois desde o dia 22 do mês anterior não conseguia estabelecer um horário que fosse compatível para mim e para os entrevistados com entrevistas a distância; isso estava me deixando bastante ansiosa.

Inicialmente, tentamos contato via Skype, em função da experiência com a entrevista anterior, mas desta vez, o áudio funcionou bem melhor via MSN. De qualquer forma, em termos de tecnologia a entrevista foi difícil, fiquei tensa todo tempo, achando que o acesso iria ser interrompido a qualquer momento, como realmente foi, por uma vez. Iniciamos a chamada às 21h30min e começamos a entrevista uma hora

depois. Também tivemos problema de vídeo, em determinado momento, ela me via, mas eu não conseguia mais enxergar a pessoa entrevistada.

“G.” também foi muito disponível, ajudou-me e em nenhum momento desistiu, mostrou cansaço ou impaciência. Pelo contrário, muitas vezes o otimismo veio de sua postura, alegre, sorridente que o diálogo via computador não conseguiu ocultar. Nestas ocasiões, sinto-me agradecida por ter parceiros de pesquisa tão companheiros e prestativos.

“G.” estava na sua casa e eu, na minha. Apesar dos problemas técnicos, a entrevista correu bem, a pessoa entrevistada foi muito simpática, pareceu ser uma pessoa muito divertida. “G.” seduz quando fala de suas experiências e expõe seus motivos; foi bom o tempo que passamos juntos na entrevista e, apesar do desgaste que é ficar ajustando o aparato para viabilizar a conversa via Internet, essa noite de entrevista foi muito boa, leve.

Já acumulava alguma experiência quando me preparava para entrevistar “H.”, no que se refere às entrevistas a distância. Fiquei somente torcendo para que fosse tão paciente quanto os demais. A entrevista com “H.” se deu no dia 11 de maio, depois de muito marcar e desmarcar, depois de alguns encontros frustrados, percebi que a pessoa entrevistada era muito ocupada, o que justifica também a hora de início da entrevista, 23h50min.

Não tivemos muitos problemas para viabilizar a chamada de vídeo via MSN e iniciamos a conversa depois de uns 20 minutos de ajuste. Durante a entrevista, na penúltima pergunta, a chamada de vídeo caiu, tive que chamar novamente e depois deu tudo certo. A pessoa entrevistada interagiu comigo a respeito da pesquisa antes de começar a entrevista, o que me animou bastante para a narrativa que escutaria pois naquele horário o sono já havia me alcançado e a entrevista começou de fato já no outro dia, 12 de maio, perto da 1h da manhã. Como a entrevista durou mais ou menos 1h20min, terminamos depois das 2h da manhã.

“H.” pareceu não estar com sono, demonstrava prontidão. A entrevista foi tão intensa e emocionada que nem me importei com a hora e com o fato de ter que acordar 5h30min para trabalhar. Eu estava totalmente entregue ao discurso de “H.”, que em determinado momento da entrevista se emocionou bastante ao lembrar sua infância e adolescência. Também foi uma entrevista que me seduziu bastante, tive dificuldade em conter minha emoção, empolgação e tristeza com fatos que relatou. Eu na minha casa e a pessoa entrevistada na casa dela.

Percebi que “H.” também estava mergulhado nas reflexões sugeridas pelas perguntas da pesquisa e quando isso acontece nas entrevistas, sempre me traz grande satisfação. Dormi pouco, mas inspirada.

6.2.5 Entrevista com “I.”

A próxima entrevista foi presencial, para meu deleite, porque depois das três entrevistas a distância, sentia muita falta de estar no ambiente de atuação destes agentes, como nas experiências presenciais anteriores, com possibilidade de sentir cheiros, toques, postura, compartilhar e observar espaços concretos. A entrevista com “I.” aconteceu no dia 13 de maio e demorou para ser viabilizada porque no primeiro contato, a pessoa entrevistada se preparava para viagem de férias e no seu retorno, marcou um encontro com bastante antecedência, em função de compromissos já previstos. Não foi preciso viajar. A entrevista foi marcada para 11h da manhã, no local da biblioteca, um bairro muito visitado, destino turístico. O dia de sol enfatizava a beleza do lugar.

A casa onde funciona a biblioteca comunitária liderada por “I.” possui dois andares e tem um ambiente muito agradável, com vista privilegiada. No térreo, estão dispostos um café com algumas mesas, um espaço para atividades culturais e para leitura, com revistas e jornais, além de banheiro. A escadaria de madeira direciona os usuários para um local não menos aconchegante onde estão o acervo, alguns computadores, local para estudo e uma salinha separada por divisória direcionada para atividades internas administrativas. Nitidamente, o espaço é muito bem cuidado.

Ao me encontrar, “I.” avisou que estava muito cansada e que dispunha de pouco tempo. Durante toda manhã, duelamos contra o relógio em função de compromissos que “I.” havia assumido após a entrevista, entretanto, o mais interessante é que mesmo verbalizando a apreensão com sua agenda do dia, durante algumas “pausas” que fazia na entrevista por conta de interrupções exteriores, a narrativa da pessoa entrevistada tinha outro ritmo, outro tempo, estava comprometido com aquele momento. Foi uma entrevista longa, envolvente e que durou aproximadamente duas horas.

6.2.6 Entrevista com “J.”

A entrevista com “J.”, a próxima pessoa entrevistada foi realizada a distância, às 20h, do dia 21 de maio. Senti grande pesar de não poder vivenciar a iniciativa liderada por esta pessoa, pois li sobre suas experiências com a biblioteca comunitária na RBBC e sobre a realidade social da localidade. Foi difícil viabilizar a entrevista com “J.”, deixei vários recados via *e-mail*, Orkut e não tinha seu telefone. Tive receio de não conseguir seu depoimento, entretanto, esta pessoa, assim como as outras pessoas entrevistadas, foi muito solícita e também veio em minha direção, viabilizando o encontro. Eu estava no mesmo lugar onde faço as entrevistas, em minha casa, e “J.” estava no quarto da casa onde mora. Tentamos contato pelo Skype, mas a chamada não estava muito boa e eu não conseguia enxergar a pessoa entrevistada, só ela me via. “J.” teve auxílio do seu filho para poder viabilizar o acesso ao MSN por vídeo, instrumento pelo qual realizamos a entrevista. Como foi para mim, aquela tecnologia também era novidade para “J.”.

Durante a entrevista “J.” e eu estávamos felizes com o encontro e a entrevista correu bem, sem nenhum problema técnico. A pessoa entrevistada se emocionou, chorou ao falar da realidade das crianças em sua cidade, e eu vivi as narrativas de forma intensa, como na entrevista com “H.”, foi difícil ficar calada, só escutando, sem demonstrar muita emoção. Foi um grande esforço para mim. Demorei para dormir porque os cenários e situações descritas ocupavam minha imaginação e meus pensamentos.

6.2.7 Entrevistas com “K.” e “L.”

No dia 26 de maio, viajei para o que seria a segunda e última viagem de coleta de dados e, como na primeira experiência, estava muito ansiosa. Esta viagem significou muito para mim porque as pessoas que eu entrevistei foram inspiradoras para o tema da pesquisa. Tive o prazer de conhecer “K.” e a iniciativa que lidera, no ano de 2007, quando estive na cidade que atua para apresentar um trabalho em um Congresso e, a partir deste encontro, senti brotar as primeiras inquietações a respeito deste tema de pesquisa. As outras duas pessoas que pretendia entrevistar foram selecionadas de última hora, fruto da minha vontade de conhecê-las e de vivenciar suas iniciativas, bem como, ter o privilégio de constá-las nesta pesquisa. Diferente das outras pessoas entrevistadas que foram selecionadas através da RBBC, estas

duas, foram identificadas através de vídeos dispostos no *Youtube*. Um dos vídeos eu já conhecia e o outro me foi apresentado pelo meu orientador.

Saí de Florianópolis, de ônibus, numa quinta-feira, dia 26 de maio, às 6h30min com destino à Curitiba. Chegando lá, aguardei no aeroporto Afonso Pena até pegar o voo para a cidade de destino, o que aconteceria às 14h²⁴. Durante toda viagem para estas três entrevistas, que durou até terça-feira, dia 31 de maio, nas esperas em aeroportos ou mesmo durante o voo, conversei com muitas pessoas e quando questionada sobre meu destino, pude compartilhar sobre minha pesquisa e também escutar sobre experiências pessoais de alguns com bibliotecas comunitárias. Esse assunto, mesmo que eu evitasse²⁵, era o assunto que predominava quando alguém puxava papo comigo. Percebi que as pessoas possuem grande admiração, como eu, por indivíduos como os entrevistados da pesquisa. Às 17h30min do dia 26 de maio, uma quinta-feira de sol²⁶ cheguei à cidade onde mora “K.”; entretanto, a entrevista estava marcada para o dia seguinte, na manhã de sexta, dia 27, às 9h30min.

Na sexta, consegui um táxi “baratinho”, que me levasse até “K.”. Já havia assistido nos noticiários da manhã a repercussão do *show* de um ilustre cantor, reconhecido nacionalmente, que aconteceria em frente ao estabelecimento de trabalho da pessoa entrevistada e, quando cheguei ao local, onde também realizamos a entrevista, ainda estavam desmontando o palco e as pessoas na rua ainda comentavam sobre o evento.

Fiz muitos contatos prévios com a pessoa entrevistada para ver qual a melhor data de entrevista porque não poderia ficar muito tempo na cidade e “K.” também trabalha muito, dispõe de pouco tempo. “K.”

²⁴As passagens aéreas para a cidade da próxima entrevista com saída de Curitiba estavam absurdamente mais baratas que as com saída de Florianópolis.

²⁵Eu estava com dois livros muito sugestivos sobre o assunto e que despertaram principalmente interesse de dois companheiros de voo que puxaram papo comigo: “Saí da Microsoft para mudar o mundo”, que conta a história de um ex-executivo da empresa que monta escolas e bibliotecas em lugares como o Nepal, e “A terceira xícara de chá”, que conta a história, também verídica, de um indivíduo que enfrentou o terror no Afeganistão com iniciativa semelhante. Isso me fez lembrar da leitura que fiz do livro de Alberto Manguel, “Uma história da leitura”. Em algum momento ele menciona que os livros são como uma insígnia, ou uma aliança, e que ele selecionava meticulosamente os livros que iria levar para viagem, isso o identificaria com outros viajantes.

²⁶Fui numa quinta-feira porque, além de conseguir uma passagem aérea mais barata, tinha a expectativa de assistir ao show de Zé Ramalho que aconteceria naquele dia, proporcionado pelos trabalhos desenvolvidos pela primeira pessoa entrevistada desta viagem. Isso não foi possível por questões financeiras. Fiquei hospedada na Base Aérea de Brasília, muito longe do local onde aconteceria o evento e as passagens de táxi em Brasília são muito caras.

em todos os contatos foi muito disponível, exceto em fazer a entrevista por vídeo, o que deliciosamente me “obrigou” a percorrer mais de 3.000 quilômetros para viabilizar o encontro.

Quando cheguei ao estabelecimento de trabalho da pessoa entrevistada, onde também funciona uma biblioteca, “K.”, muito bem humorado, estava trabalhando e cedeu um pouco do seu tempo para me atender. Fomos para uma salinha nos fundos, com um monte de livros que foram doados e uma mesa com um computador. Nesta mesa, trabalhava um indivíduo muito interessante²⁷, que estava envolvido com o *show* da noite anterior e esteve presente durante toda entrevista.

O ambiente não era o mais silencioso das entrevistas que fiz, pois a atividade principal de “K.” envolve o uso de ferramentas cortantes como serras e facas, mas nada que atrapalhasse a sintonia e o compromisso que havíamos firmado para aquele momento. O entrevistado não era tão calado quanto eu julgava, resultado da impressão que tive na primeira visita em 2007. Fala bastante, gesticulando com as mãos, uma pessoa que não passa despercebida. Ficamos numa posição que achei a mais interessante de todas as entrevistas que realizei. Cadeira na frente de cadeira, no meio da sala, sem mesa nem nada entre nós, sem barreira, parece que ficamos mais “olho no olho”.

Tive que recusar o convite de almoço da pessoa entrevistada por causa dos horários de viagem, uma pena. Ao sair da entrevista, satisfeita porque tudo havia corrido bem, resolvi pegar um ônibus até o aeroporto e me surpreendi com pessoas lendo em dois pontos de ônibus que possuíam estantes com livros dispostos para empréstimo²⁸, iniciativa de “K.”. Não conheço a realidade do transporte público naquela cidade, mas naquele momento, tive uma experiência de espera que até poderia ser ruim²⁹, não fossem as expressões dos leitores grudados nos livros³⁰ ou mesmo motoristas locais oferecendo carona para os mais diversos destinos³¹.

²⁷Tivemos a oportunidade de conversar um pouco depois da entrevista, e ele indicou uma leitura relevante para meu trabalho sobre Pontos de Cultura.

²⁸Pedi permissão para os leitores e tirei fotos.

²⁹Além de esperar bastante, perdi dois ônibus porque eles passavam pela pista do meio e não podiam ver as pessoas que faziam sinal para que parassem. As pessoas, no ponto de ônibus, diziam que aquilo acontecia com frequência.

³⁰Não pareciam estar esperando ônibus. Se estavam, acredito que alguns ônibus devem ter passado sem que eles se dessem conta.

³¹Perguntei se aquilo era comum ali, uma cidade grande, alguns disseram que sim.

Peguei o vôo em direção ao interior, de outro Estado, para encontrar os dois entrevistados com os quais ainda não havia feito contato direto. Sobre eles, havia conseguido apenas algumas informações através de ligações telefônicas realizadas de Florianópolis para as prefeituras e organizações da cidade, o suficiente para me convencer de que valia a pena a tentativa. Do aeroporto fui para uma cidade vizinha³², que posso dizer, foi meu “quartel general”. Pretendia fazer a primeira entrevista no sábado, pois a biblioteca comunitária desta cidade localizava-se em um Conjunto Habitacional, ou seja, como era local de moradia, de alguma forma encontraria alguém no sábado ou, possivelmente, agendaria uma entrevista para o domingo. A outra entrevista era com uma pessoa que, por trabalhar em Cooperativa de Reciclagem, teria que ficar para segunda-feira, dia útil, porque se tratava de ambiente de trabalho; tinha receio de não encontrar ninguém no final de semana e a distância entre as cidades era mais longa.

No sábado, como programado, fui para a entrevista no Conjunto Habitacional³³, em busca do possível entrevistado que havia conhecido através de um vídeo gravado em 2005, que sempre me chamou muita atenção. O vídeo contava a falta de perspectiva dos meninos e meninas daquele Conjunto Habitacional, com tantas necessidades para além da questão da leitura. Entretanto, aquela pessoa estava lá para oferecer junto com a leitura, outra perspectiva de vida para aquelas crianças, com aula de capoeira, computação, alfabetização de adultos. Eu estava muito ansiosa para encontrá-lo e escutar sua história e sobre a iniciativa. Depois de muito procurar dentro da cidade, encontramos o local, muito simples, necessitando cuidados. Identifiquei o espaço da biblioteca assim que o vi, apesar de desfeito, e entendi que algo havia acontecido³⁴. Muitas crianças brincavam num parquinho muito mal conservado. Conversei com alguns deles e com uma moradora que disse, muito triste, sentir falta da presença daquele líder que eu procurava e que liderava os trabalhos na Biblioteca. Seu trabalho enfrentou resistência e a moradora mencionou que ele havia se tornado pastor de igreja. Lembrou que durante o tempo em que a Biblioteca estava ativa através da atuação dele, as crianças tinham um espaço interessante para

³² Minha irmã mora nesta cidade, que fica relativamente próxima das duas cidades que teria que visitar, o que me ofereceu alguma economia e, como a visito muito pouco, fiquei com a sensação de poder “matar dois coelhos com uma cajadada só”.

³³ Com o carro da minha irmã, acompanhada dela, do meu cunhado e do meu sobrinho.

³⁴ Tirei fotos e registrei a situação do local, contrariando indivíduos que, talvez sem saber, me intimidavam ao fazer uso de drogas na presença das crianças.

permanecer enquanto não estavam na escola. As crianças falaram com muita tristeza do afastamento dele e da interrupção dos trabalhos que realizava na Biblioteca e me perguntaram se eu sabia onde estava aquele líder que eu também procurava. O sábado passou, mas as imagens que vi não. Senti uma tristeza e ao mesmo tempo ampliava minha compreensão sobre a realidade das bibliotecas comunitárias em nosso país.

No domingo, ainda na casa da minha irmã, dia 29, tentei fazer uma entrevista a distância mas não consegui³⁵, apesar de gastar bastante tempo tentando. Fizemos contato por telefone e ainda tentamos no dia seguinte, na segunda-feira, sem sucesso. Esta entrevista só aconteceria no dia 2 de junho, quinta-feira, já na minha casa em Florianópolis, fechando o ciclo de entrevistas.

Na segunda-feira, dia 30 de maio, cumprindo meu cronograma e lançando a sorte, fui atrás de outra inesperada, mas possível, entrevista³⁶. Depois da experiência de sábado, estava ainda mais disposta a encontrar a outra pessoa que me fora apresentada através de vídeo do Youtube, pelo meu orientador. Como mencionei anteriormente, esta pessoa montou uma biblioteca em uma cooperativa de reciclagem, com os livros que resgatava do lixo.

Deu tudo certo, com um mapa na mão e muita conversa nos postos de gasolina, cheguei à cidade esperada, no bairro que desejava e localizei a cooperativa. As catadoras estavam longe, não vi portão (na verdade eu estava na parte dos fundos, mas não notei) e, não vendo porta, eu gritei “é aí que tem uma biblioteca comunitária?”. Quando elas sorriram e falaram que sim, senti vontade de pular o muro. Elas me indicaram a porta de entrada e uma catadora, a responsável, veio me receber. Eu procurava pela pessoa que vi no vídeo do *Youtube*, que criou e liderou a biblioteca da Cooperativa, que agora, vendo ao vivo, não era nada parecido com o que a gravação havia mostrado. Ao perguntar pela pessoa que procurava, comunicaram-me que ela havia saído da Cooperativa, o que me deixou arrasada. Senti que com a saída desta pessoa, algo havia mudado ali naquele lugar e muito embora a catadora responsável quisesse dar entrevista, eu agradei perguntei se sabiam do paradeiro daquela pessoa que havia criado a biblioteca. Um senhor, funcionário da prefeitura que naquele momento faria qualquer um

³⁵ Na casa da minha irmã não havia o aparato tecnológico necessário.

³⁶ Desta vez fui dirigindo e sozinha. Não conhecia aquelas estradas e cidades do interior daquele Estado. Como companhia, as músicas de Chico Buarque e Luiz Gonzaga, o rei do baião, que estavam registradas em meu celular.

acreditar em anjos, escutando minha conversa, não somente forneceu o telefone desta pessoa como ligou para ela, marcou entrevista na mesma hora e ainda me levou onde ela estava, do outro lado da cidade. Este senhor me ajudou muito e fez valer a solitária e longa viagem até aquela cidade. Pelo visto ele e a pessoa que eu procurava eram muito ligados, ele tinha grande admiração por ela.

Quando cheguei lá, grata surpresa! A pessoa, que enfim seria uma pessoa entrevistada, “L.”, estava aposentada, havia saído da Cooperativa, mas não desistiu da biblioteca. Criou uma biblioteca comunitária no seu bairro, uma biblioteca que, como as casas residenciais do bairro, foi construída pela própria comunidade, todos integrantes do Movimento Sem Terra.

“L.” me recebeu muito bem, minutos antes do meio-dia e ficou comigo até perto das 16h. Sem almoçar, estava pouco preocupada com comida e muito interessada em me mostrar o trabalho que, junto com a sua comunidade, realizava na biblioteca e no centro comunitário do seu bairro. Encontrei uma pessoa muito afetuosa, fácil de gostar, de grande prontidão, dessas que a gente pega como exemplo para nossa vida e não esquece nunca mais. Embora seja uma pessoa de idade, sua postura revela uma meninice. Contou que teve quinze filhos, perdeu cinco e adotou mais cinco. Além da biblioteca comunitária, lidera um trabalho com um grupo de mulheres, onde elas fazem e ensinam outras mulheres a fazer trabalhos manuais para expor e vender em feiras e eventos.

“L.” tem grande participação política na cidade, como conta na sua entrevista. Contou como era o bairro antes de eles construírem as casas com tijolos que eles mesmos produziram; moravam debaixo de lonas e tinham embates constantes com a polícia.

Disse ter vontade de escrever sobre sua história, entretanto, seu ponto fraco é a escrita. Aprendeu a ler lendo, lê bastante e apesar de ter escrito muito bem o seu nome, treme (e teme) muito quando vai escrever, diz que não sabe escrever. Disse que sua maior tristeza foi nunca ter frequentado a escola e se tivesse ao menos feito o primeiro grau, ninguém a “seguraria”.

Vi uma biblioteca cheia de crianças, com movimento. Atrapalhei um pouco a rotina de atendimento; a pessoa entrevistada avisou que estava gravando uma entrevista e percebi que isso intimidou várias crianças que queriam entrar na biblioteca. Lá dentro, espaço com almofadas, jogos educativos, dois computadores (que ainda não funcionam), carteiras escolares para estudo, e várias estantes com livros e revistas, ventilador no teto, banheiro, tudo em um ambiente simples e

muito gostoso, divertido, bem cuidado. O terreno onde funciona a biblioteca foi comprado pela comunidade. Ao lado da biblioteca, uma área de lazer que, embora tivesse muito mato³⁷, pareceu ser bem utilizada. Os trabalhos na biblioteca são mantidos pela comunidade e também por alguns parceiros, fruto de sua articulação política. Ainda assim, faltam coisas como, por exemplo, descarga para a privada do banheiro que funciona com balde de água.

A entrevista foi divertida, ora serena, ora exaltada, ora conformada, ora contrariada, ora triste, ora alegre, mas seu discurso foi sempre recheado de muita perspectiva na vida, muita esperança, muitos projetos, muito o quê fazer. Pareceu ser uma pessoa agitada, sua postura corporal é de uma pessoa disponível, de ação. Gesticulava durante todo tempo.

Após a entrevista fomos ao Centro Comunitário onde pude ver várias fotos da história do bairro e da comunidade, que “L.” mesmo registrou: fotos antigas da época de MST. Pude ver também mulheres trabalhando no Projeto que mencionou, fazendo *bijouterias*, roupas, almofadas, bolsas. A história da comunidade e do Projeto atrai pesquisadores do mundo inteiro e a pessoa entrevistada também registra a visita destes pesquisadores³⁸.

Retornei para a casa de minha irmã com minha alma em paz, pôr-do-sol na estrada. Não foi só pelo fato de eu ter conseguido entrevistar “L.”, mas pela entrevista, pelo cenário, pelas histórias³⁹.

No dia seguinte, retornei para Florianópolis rumo a minha última entrevista que aconteceu na quarta-feira, dia 1^o de junho, às 20h30min.

6.2.8 Entrevista com “M.”

A pessoa entrevistada também não tinha muita intimidade com os recursos de chamada de vídeo, como eu e a grande maioria dos selecionados para a coleta de dados. Passamos um período de quase meia hora pelo telefone acertando nosso contato virtual. Durante todo

³⁷A pessoa entrevistada contou que o asfalto no bairro aconteceu recentemente por conta da mobilização e cobrança da comunidade. Agora, eles se mobilizam para solicitar ao poder público a limpeza das ruas (que têm muito mato) e também o auxílio na limpeza do terreno, já que ali se desenvolve um trabalho público. Disse ter passado o domingo roçando o terreno da biblioteca que, na frente, estava bem limpinho.

³⁸ “L.” explicou que registra tudo com fotos e realmente pude constatar este fato. Fiquei pensando o quanto a limitação no escrever atrapalha a pessoa entrevistada, como se a máquina fotográfica pudesse cumprir este papel de registro que não consegue fazer através da escrita.

³⁹ Eu, conscientemente, não sou mais a mesma depois dessa pesquisa.

tempo, como de costume, o entrevistado se colocou a disposição, pacientemente, para resolvermos os problemas técnicos. Resolvidos, começamos a entrevista, entrevistado na casa dele e eu na minha, às 21h30min.

“M.” pareceu ser muito envolvido com as questões de biblioteca comunitária no Brasil, é participante ativo da RBBC, tem grande conhecimento sobre a área e já escreveu muitos artigos sobre o tema. Conhece a maioria das pessoas que entrevistei, pude aprender bastante na interação com “M.”. Tive a sensação de que o conhecia de longo tempo, acredito que esse contato nos trouxe muita proximidade. Sua iniciativa já foi noticiada em veículos de telecomunicação em nível nacional e também já estive em programa de entrevistas. A narrativa de “M.” foi a mais prolongada de todas, parecia mesmo, uma despedida desta fase tão prazerosa⁴⁰ da pesquisa.

6.2.9 Impressões finais

Além das constatações que pude fazer sobre as entrevistas e sobre o ambiente do entrevistado, busquei também registrar neste diário, através de um relato informal, questões pessoais como os investimentos financeiros, as emoções e os sentimentos que envolveram o período de coleta de dados. Acredito que tudo está imbricado na pesquisa e influencia a vida (e o estudo) do pesquisador.

Acredito ser também relevante registrar minha percepção de que todos os entrevistados, e não acredito que seja por acaso, tiveram uma grande característica neste processo de discorrer sobre si e sobre suas experiências. Com prazer, todos se esforçaram para fazer parte da pesquisa, para viabilizar o encontro. Percebi grande comprometimento e empenho em fazer o melhor, muita disposição e prontidão, a mesma postura que lhes é peculiar e necessária na empreitada a que se dispuseram, de liderar iniciativas de bibliotecas comunitárias, responsabilizando-se pela articulação e captação de recursos, por atrair leitores, por desenvolver o gosto literário e mostrar outros caminhos para a comunidade através da informação⁴¹.

Como expus em alguns relatos, algumas vezes foi difícil controlar as emoções. Em diversos momentos, contive-me para não traçar

⁴⁰ Uma experiência meio que espiritual, arrisco dizer.

⁴¹ Essa marcante característica, presente em todos os entrevistados, me alimentou e me trouxe mais consciência da importância dos momentos de encontro, eu realmente estive com pessoas muito especiais.

comentários quando surgiam interrogações no meio da narrativa, para não chorar ou dar boas gargalhadas⁴².

Nas entrevistas a distância, foi complicado ficar acordada e manter a motivação enquanto aguardava os entrevistados⁴³. No período que antecedeu às entrevistas, eu julgava que as realizadas a distância seriam mais “fáceis” e trariam menos “complicações” por não exigir saídas de casa e maiores esforços. Contrariando minhas expectativas, estes encontros exigiram bem mais de mim do que as entrevistas presenciais. Tive que administrar a convivência entre as entrevistas que foram todas realizadas em minha casa e a vida em família⁴⁴, negando por várias noites, a contação de histórias para meu filho, que este ano está sendo alfabetizado na leitura da palavra.

Não posso deixar de registrar a tentativa frustrada de entrevistar Natali, uma líder de biblioteca comunitária com quem fiz contato algumas vezes por telefone e que atua em São José do Couto, Campinápolis, no Mato Grosso. Como os outros entrevistados de lugares distantes, Natali foi incansável na busca por viabilizar a entrevista, entretanto, por dificuldade no acesso à Internet (para entrevistas a distância) e por dificuldade de transporte até sua região (não sai ônibus de sua localidade nos finais de semana), não foi possível nosso encontro.

6.3 O DSC final

O DSC final é um discurso que foi organizado a partir de expressões-chave extraídas das narrativas dos líderes de bibliotecas comunitárias entrevistados, conforme explicação anterior, para que pudesse fornecer resposta ao objetivo principal da pesquisa: investigar os fundamentos éticos mobilizadores dos líderes das bibliotecas comunitárias para a criação e manutenção destas. Os trechos sublinhados sem itálico não são provenientes das falas, mas conectores utilizados com o único propósito de dar encadeamento ao texto e escolhidos com o cuidado necessário para que interfiram o mínimo possível no pensamento exposto nas entrevistas. As reticências entre colchetes [...] foram empregadas para representar supressão de termos

⁴² A grande maioria dos entrevistados é muito divertida.

⁴³ A maioria delas aconteceu de noite, horário difícil pra mim, entretanto a dificuldade sumia quando o entrevistado aparecia on-line e começávamos a interação.

⁴⁴ Minha casa é pequena e preocupava-me com a hipótese do entrevistado escutar algo do cotidiano da casa (telefone, criança, cachorro, vizinhos que chegam), tendo o prejuízo da perda do clima intimista e sigiloso, bem como fluxo espontâneo da sua narrativa.

ou expressões cuja omissão não interfere no entendimento do discurso proferido e, ao mesmo tempo, permite a redução da extensão textual do conjunto de ideias apresentadas. As partes que estão em itálico correspondem à transcrição literal das entrevistas.

A soma desses discursos é apresentada a seguir:

Criei a biblioteca comunitária pela [...] vontade de ter um lugar que as pessoas possam vir pegar um livro, possam sentar, ler, [...] de haver um espaço cultural de acesso ao público e gratuito [...]. *Ver as crianças, mesmo aquelas que não sabem ler, pegar os livros, olha as figuras e começa a conversar consigo, [...] que capacidade de imaginação, [...] de criação, de cenário, de criar imagens. [...] Realmente minha avó, minha tia, minha mãe, elas sempre diziam [...] que conhecimento e informação ninguém tira da gente [...] e quanto mais a gente tem mais a gente enriquece e [...] os outros também, então, ações como essa me empolgam de uma maneira incrível [...] que salto esse sujeito dá, esse sujeito nós, damos. As minhas motivações estão nessa vida que eu levei [...] com as experiências de leitura, de contatos culturais a partir do livro, [...] com a minha vivência infantil em casa de leitor que nasceu com livro, e revista e música, dentro de casa, pai e mãe leitores. Quando eu trabalhei [...] pra formar a Cooperativa de Reciclagem [...] de voluntária e o caminhão do lixo trazia muito livro, [...] você vê um livro desse cair no lixo, misericórdia [...]. Trabalho para distribuir um bem que, historicamente, é um bem que dois segmentos fortes da sociedade não é muito apreciador da literatura de maneira geral, que sempre trabalha com a questão da alienação, que é o Estado e a igreja, [...] que não estimula que você tenha uma diversidade de arte. Tive essa curiosidade, essa possibilidade, esse desejo de troca, de poder ir até as pessoas, conhecer o saber popular, me enriquecer com isso e ao mesmo tempo oferecer pras pessoas parte do patrimônio cultural que a humanidade tem e que é patrimônio de todos. [...] Criei esse espaço pra que eu pudesse conhecer melhor o mundo, o Brasil, a educação, a vida das pessoas, a infância, em outros espaços que não esse daqui de prédio de criança amarrada em cinto de segurança, em escola [...] é como se eu tivesse criado esse espaço [...] pra [...] melhorar os meus conhecimentos da vida, e pra que todas as pessoas que estão nesse espaço [...] pudessem também trocar entre si e pudessem ter acesso a conhecimentos ancestrais, ou a coisas novas [...]. [...] A história de vida que eu tenho e tudo que eu recebi eu tento fazer com que seja colocado em prática aqui na Biblioteca e é isso que continua me motivando ainda. Tive um amigo [...] que o sonho dele era*

ter uma biblioteca. [...] Uma professora despertou em mim nos livros, aquelas práticas punitivas, me criou a aversão [...] o que mais me motivou nisso foi inovar, fazer o oposto do que ela fazia comigo, bem como a necessidade que tivemos na família pra que eu me conduzisse a uma sala [...] quando eu fui ser professor [...] ao invés de espantar, espancar as crianças como foi feito [...] eu busquei [...] desenvolver formas pra que as crianças tivessem curiosidade pelo livro, gostassem do livro, formas completamente opostas às que a minha professora usava comigo. Durante [...] muito tempo, fiquei juntando livro [...] minha [...] consciência profissional de professora é de que a partir do livro tu movimentas a vida de um aluno, a partir da linguagem, a partir da palavra oral e da palavra escrita, tudo isso é maior quando tu lê. Tento reverter aquilo que eu adquiri de conhecimento em transformação da realidade da minha comunidade [...] eu tive acesso, vi que poderia fazer e tô fazendo com que essa biblioteca comunitária se transforme nessa referência de educação, cultura, conhecimento, solidariedade, justiça, amor, fraternidade. [...] A motivação maior é conseguir fazer com que eles tenham uma referência além do boteco [...] e da igreja. É uma alternativa cultural pra comunidade [...] a humanização do espaço público [...]. [...] A inexistência de bibliotecas na tua comunidade, na tua cidade, [...] e tu com o livro... Então vamos botar o livro na roda [...]. Perguntava-me “como eu poderia ajudar, como?” [...] eu queria muito mostrar [...] um futuro diferente pra eles, [...] que eles podem ocupar o tempo deles de outra forma que não [...] no meio de violência, que têm outras coisas mais agradáveis. Pensei, [...] vou lá pro meu bairro, vou investir lá, [...] me deu um estalo, eu vou fazer uma biblioteca comunitária onde eu nasci, dê no que der [...]. Mostrar àquelas crianças que existia outra realidade mais colorida mais bonita que aquela que elas estavam inseridas [...], do que aquilo que elas viam, de briga, de confusão, de alcoolismo. É como se eu estivesse tentando fazer com que elas respirassem mais aliviadas, elas estavam sufocadas [...]. [...] Se eu consigo salvar aqueles meninos daquela situação de marginalidade que eles vivem, o meu trabalho já valeu a pena [...]. A motivação são as pessoas mesmo, [...] eu acho que as pessoas que não tem acesso à leitura e à escrita, apesar de não serem, elas se sentem inferiores [...] Ao oferecer a leitura e a escrita pra eles, [...] eles vão perceber o quanto eles são valiosos e quanto somos todos iguais [...]. Eu acho que a minha motivação tem muito a ver com o conhecimento mesmo, eu querendo ter acesso a conhecimento e querendo que outras pessoas, que a gente pudesse colocar em rede

assim, trocando [...] uma sede de saber que não se esgota. O que me motivou, e que continua me motivando, é ser referência pras crianças, ser referência pros adultos, pros jovens, pros idosos [...], para que eles possam atuar, sair de cena e atuar. [...] Quando um adolescente [...] começa a escrever o que ele pensa, [...] sai do papel de leitor e entra agora no papel do autor, [...] essas coisas me motivam muito [...] continuar. Penso que [...] você só pode ser livre se você tiver acesso à diversidade de arte, se você não tiver diversidade de arte você não tem possibilidade de ser livre, de ser questionador. A biblioteca para mim democratiza o acesso a esse bem de consumo que é o livro [...] você raramente vai poder colecionar individualmente o que uma biblioteca [...] vai poder te oferecer como um conjunto. [...] Além de elas guardarem a memória [...] e serem [...] uma referência [...] em relação ao conhecimento estático [...], [...] é o caminho, o acesso [...], [...] fundamental pros jovens, pra todos [...]. [...] É o centro pras pessoas, tanto para o estudante desde o jardim de infância, até o pós-graduando, dentro da linha educacional. É um [...] espaço [...] de pesquisa [...], de [...] aquisição de novos conhecimentos, [...] de mergulho, [...] de curiosidade, de conexões de ideias, [...] de insights, [...] viagem [...], [...] volta ao passado [...], [...] lugar dos sonhos, [...] de instigar o pensamento, [...] a capacidade de pensar [...] e as bibliotecas valorizam isso [...] elas são espaços impulsionadores do pensar, do fazer pensar, [...] a porta de entrada para o mundo da imaginação, para o mundo da criação, para o mundo do exercício da palavra, de apropriação da palavra escrita, não só falada, de potencializar a escrita, então, não podemos pensar a biblioteca descolada do mundo. São um lugar de conexões de pessoas [...], tem um papel social, cultural, econômico [...], [...] onde o coletivo é muito respeitado [...]. Dão acesso gratuito [...] ao livro, que é caro, [...] às vezes raro [...], [...] um bem da comunidade. [] e sem a biblioteca não tinha nada disso. Através dela [...] as pessoas [...] podem entender a realidade que os cerca. [...] Ela é uma referência pra libertação de mentes, [...] um espaço transformador [...], que [...] contribui para ocupar o tempo ocioso, de pessoas que talvez se não tivesse acesso aqueles livros, estivessem fazendo coisas erradas [...]. [...] Ela está ali, ao mesmo tempo esperando e ao mesmo tempo ela tem que provocar [...], é [...] um convite para a pessoa [...] participar da vida a partir da palavra escrita, [...] da arte literária [...], dá ao sujeito [...] tudo que é significativo, [...] tudo que é emoção, [...] não tem como pensar a sua existência sem você se alimentar [...]. Se você deixa de beber água você morre, se você deixa de frequentar biblioteca, se você

deixa de ler os livros, se você deixa a literatura de lado, você também morre, [...] e é uma morte muito pior eu acho, porque você fica ali vagando, entre aspas, morto, porque imagina você não utilizar sua capacidade de pensar [...]? É alimentação da alma mesmo, não tem como pensar a existência sem pensar em biblioteca, sem pensar em acesso ao livro, sem pensar em acesso à leitura, literária, não tem como. [...] Eu tenho a certeza que se tivesse mais bibliotecas a gente precisaria de menos hospitais. [...] A biblioteca chama só coisa boa [...]. Qualquer cidadão, ele tem o direito de frequentar biblioteca [...] se tivesse havido uma política de bibliotecas públicas ou a sensibilização por parte da população mesmo em criar bibliotecas comunitárias, ou alternativas, ou livres, abertas, a situação da cultura e a situação da leitura no Brasil seria totalmente diferente. A biblioteca pública [] diz que é pro público, mas muitas horas é às portas fechadas [...] é da alta sociedade, não adianta falar que não é, é, só um cego que não vê. [...] Já tive relatos de que eles não aceita, aceita, mas do jeito deles, as pessoas que não tão bem vestido, tão de chinelo [...]. [...] Quem frequenta a biblioteca pública hoje são as pessoas que vão em busca de realizar uma pesquisa, aquela pesquisa mecânica, [...] gente [...] que já sabe o que procurar [...] vai lá [...], a população mesmo, pouquíssimas frequentam a biblioteca. Eu acho que as bibliotecas públicas têm um grande papel na sociedade, elas estão aí, elas estão instaladas [...] é bom ter, [...] mas assim, pra pessoa pobre da periferia é mais difícil o contato, porque [...] é longe, a pessoa não tem dinheiro pra se deslocar [...] pra ir pra lá [...], [...] deveria ter uma biblioteca em cada bairro [...], [...] elas precisam estar mais perto das pessoas, [...] precisam se espalhar mais [...]. Na biblioteca pública tem aquele dia certinho, sexta-feira, fechou, acabou, pronto, sete horas da manhã, fechando meio-dia pro almoço [...]. Tomara que elas se reergam, vivenciem as que tem [...], poderia ser diferente, [...] poderia ser melhor. [...]. Eu penso que pra realmente você gostar de alguém, você se apaixonar por alguém, a gente sempre pinta uma imagem [...]. [...] Elas não incentivam, elas não tem projetos pra chamar atenção, pra formar leitores, [...] pra que as pessoas queiram entrar, queiram ler, [...] que realmente proporcione o interesse das pessoas [...]. São [...] um lugar escuro, [...] poeirento, que tem que ficar quieto. [...] Não [...] está impregnada de coisas boas e alegres e fantásticas e incríveis, como de fato os livros estão [...] vem carregada de autoritarismo, ela vem carregada de coisa ruim. [...] Eu sinto [...] que são espaços cansados, [...] museológicos, [...] não de radiação de informação, de

concentração de informação, [...] ainda cristalizados, [...] pouco articulados, [...] com outros espaços. [...] Carece de uma agenda [...] são espaços mórbidos [...] uma energia parada, é até pesada [...], chata, melancólica, tradicional. Tirando raras exceções, eu vejo como um depósito de livros [...]. É [...] muito desorganizada, com um acervo pobre. [...] O Estado, ele deve comprar acervo, não pode o Estado ficar captando livro usado [...], tem que renovar seu estoque, [...] eu acho isso um absurdo, o Estado fazer campanha [...] pra fazer biblioteca com livro usado [...]. [...] Eu chamo isso de roubo, é você se apropriar de um bem da comunidade, não pode fazer isso [...]. [...] Acho que a biblioteca pública se passar por um conceito moderno de biblioteca, [...] pode fazer muito bem esse serviço, mas tem que desburocratizar, [...] descomplicar [...]. [...] Acho que tem talvez melhorado um pouco, mas não o suficiente. [...] A minha visão de biblioteca pública hoje é de abandono e, as que funcionam, de frieza. [...] Eu [...] não vejo as pessoas que trabalham na biblioteca [...] com preocupação de fazer com que as pessoas vão até eles [...] “estamos aqui a obrigação de vocês é vir”. Eu acho que as pessoas que tão lá dentro ficaram paradas no tempo, não foi oferecido pra esse profissional formação, reciclagem e eles ficaram com uma espécie de um [...] corporativismo também dos bibliotecários [...]. Eu penso que elas hoje elas tão muito voltadas pras suas atividades internas, [...] não trabalham, não desenvolvem uma política de livro e leitura, por falta de apoio oficial, por causa de seus profissionais, por causa da falta de política da própria biblioteca [...], [...] se preocupam [...] pouco com o acesso [...], com a relação. Acho que elas não estão sendo bem aproveitadas [...], [...] e não são espaços humildes não, são espaços de difícil relacionamento, de você chegar com propostas novas e as pessoas não quiseram dar nenhuma importância pra isso [...], achar que eles sabem tudo, os bibliotecários, [...] de acharem porque estão num espaço público, e são representantes do poder público e estar naquela estrutura grandiosa, basta [...] como se não tivesse minimamente um conhecimento disposto a socializar, complicado. [...] Elas [...] ficam boiando na administração pública também uma hora é cultura, outra hora é educação, [...] não tem um política pública forte de livro e da leitura e acesso às bibliotecas, então eu posso tirar o dinheiro que ia ser pra biblioteca [...] do orçamento porque não vai fazer falta mesmo... [] Não existe uma organização [...], não existe [...] uma pessoa capacitada na biblioteca pra fazer sua gestão. [...]. A pessoa está ali porque [...] está colocado por um favor, ou é um eleitor de um prefeito ou de um vereador, que está precisando

de emprego, não tinha onde colocar, põe ele lá pra tomar conta daqueles livros [...], não tem um mínimo de valorização. Tem que ter apoio [...] financeiro, do Estado, do município, do órgão público, para ter lá profissionais competentes, com toda sua capacitação já feita e oportunidades de mais capacitação [...], que a biblioteca não é simplesmente só para guardar livros ou documentos históricos, [...] tem que ter essa dinâmica, essa vivacidade [...]. O que é que adianta ter livros nas estantes se o sujeito não tem nenhuma relação de vínculo com aquele material, com o livro? [...] Um livro de poesia na gaveta, não adianta nada. [...] Culpo o governo, [...] culpo inclusive a categoria também, [...] muito parada com relação à reivindicação, com relação à defesa deste espaço, um espaço mais dinâmico [...]. Nesta biblioteca comunitária que criei/ajudei criar [...] são feitos empréstimo de livros, [...] de forma gratuita, [...] pesquisas, [...] rodas de mediação de leitura [...] acesso à Internet [...], é oferecido, capoeira, [...] curso de teatro, [...] violão, [...] roda de poesia [...], [...] aula de canto [...] contação de história, [...] aula de percussão, [...], joguinhos [...], gincana [...] de leitura oferecendo prêmios [...], sarau [...], [...] evento cultural, [...] festa [...], [...] exibição de vídeo, exposição, acesso a diferentes linguagens artísticas, conversas com escritores, [...] acesso a filmes [...], [...] quem toca uma boa música [...], rodas de conversa, [...] oficinas mesmo de criação de gêneros literários, [...], suporte pras escolas municipais, [...], pré-vestibular comunitário [...] curso de espanhol, [...] curso de informática, [...] reforço de português e matemática [...] capacitação de professores [...] leitura para aqueles que não têm acesso à biblioteca pública. [...] Faz um acompanhamento [...] nas comunidades, pra saber quais as necessidades maiores [...], [...] consegue perceber uma mudança [...] cultural [...], [...] consegue observar professores, alunos desenvolvendo atividades [...]. Esta biblioteca trouxe muito benefício pro bairro [...] o povo olha pro bairro com outro olhar [...] até o poder público mesmo não querendo ele vem, mesmo que ele não faça nada, ele vem. [...] Antigamente as crianças eles chegavam da escola e ficavam na rua, [...] agora [...] eles tem um lugarzinho pra eles, [...] já vem direto pra cá, [...] traz o dever [...] pra fazer aqui [...]. [...] Vários alunos jovens terminavam o ensino médio e como não tinham condições [...] pra fazer um preparatório, eles vão [...] e ficam lendo lá pra se preparar e com isso já entraram alguns [...] na Universidade [...] e concurso público também. A secretária da educação, [...] me falou [...] que na avaliação que foi feita da educação no Município, o povoado que aparece disparado em melhoria do ensino

é lá [...] ela mesma atribui, [...] isso à biblioteca [...]. A biblioteca também oferece serviço pras pessoas que não sabem ler, [...] quando precisar de tirar um documento, [...] questão de cidadania, a gente vai lá, orienta, tira o documento dele, encaminha, sem pagar nada. As pessoas [...] passaram a valorizar, a sentir a biblioteca como um espaço deles [...]. [...] A biblioteca dá acesso aos bens culturais, democratização do acesso aos bens culturais, [...] livros para todos. É um espaço para [...] reflexão, para [...] ampliar o conhecimento sobre as artes, sobre o mundo, sobre o conhecimento em sua própria existência, a partir da consciência de diversos saberes, com certeza, mudo minha prática e mudo minha atuação no mundo. [...] Nela dá para sentir empoderado pra fazer, [...] aprender muito. Proporciona interação e mobilização social, [...] encontros, [...] essa oportunidade [...] de se engajar em alguma coisa também, [...] ter um ideal, lutar por alguma coisa [...] de fazer algo, de se sentir útil, [...] não ficar só sentado reclamando, só sentado olhando [...]. [...] Pode ser quase nada, mas alguma coisa eu estou fazendo.

7 INTERPRETAÇÕES DO DSC

Esse discurso do sujeito coletivo apresenta uma fluência que revela, inicialmente, o que o sujeito sente como sua motivação para o envolvimento com a iniciativa de biblioteca comunitária. Em seguida, esboça uma reflexão sobre o objeto de ação mais amplo, ou seja, o pensamento sobre as bibliotecas no geral, seus benefícios, suas características, o que elas representam para a sociedade. Posteriormente, levanta várias questões, específicas, a respeito das bibliotecas públicas de maneira franca e aberta. Por fim, revela sua percepção sobre a biblioteca comunitária, sobre o fruto do seu trabalho, sua atuação e relação com a comunidade usuária destacando os benefícios que o espaço proporciona. Neste encadeamento, buscou-se estruturar a interpretação das representações esboçadas pelos líderes entrevistados.

7.1 Da motivação para o envolvimento com bibliotecas comunitárias: questões éticas

As questões éticas encontram-se relacionadas ao dever fazer. O dever constitui uma das noções fundamentais da ética (MARCONDES, 2007). Diante de uma situação, de um dilema, de alguma escolha que não está costumeiramente em nosso cotidiano somos confrontados com reflexões do tipo “o que fazer?”, como expressa esse questionamento do sujeito coletivo:

Perguntava-me “*como eu poderia ajudar, como?*”

O dever pode ser o pleno exercício e a limitação do livre agir do ser humano. Se por um lado, o sentimento de dever nos permite exercer atividades, por exemplo, de forma inovadora (o que representa liberdade de atuação), por outro, conforme Marcondes (2007) também limita nossos instintos, impulsos e desejos com base em normas que se baseiam em valores éticos.

O dever, para Chauí (2010) não pode ser entendido como imposição externa à vontade e consciência, mas a expressão da presença da lei moral, de sua liberdade, manifestação mais alta da humanidade que existe nos indivíduos. No caso do discurso coletivo, fica clara uma situação específica que cria um questionamento gerando uma motivação para o dever em trechos como este:

Quando eu trabalhei [...] *pra formar a Cooperativa de Reciclagem [...] de voluntária e o caminhão do lixo trazia muito livro, [...] você vê um livro desse cair no lixo, misericórdia [...].*

A realidade faz parte de um setor “não-problemático” até que apareça novo conhecimento, até ser interrompida pelo surgimento de um problema (BERGER; LUCKMANN, 2007). Ao ver livros indo para o lixo, o líder percebe uma situação que o faz refletir e se sente no dever de agir. A liberdade que se expressa através de sua escolha de ação, entretanto, não se traduz somente em benefício próprio, mas de uma coletividade. Singer (2009) enfatiza que a escolha por padrões éticos no modo de vida e nas ações se justifica com argumentos que não são exclusivamente de interesse pessoal. A ética implica em algo maior que o individual, com benefícios para um público maior. Ela se dá nas relações, “ela mesma é sempre uma relação [...] ninguém pode se arvorar o predicativo de ‘ético’ a partir de si mesmo [...]” (GUARESCHI et al., 2003, p. 53) e é em função desta dimensão relacional que Eco (2009) afirma que o surgimento da ética se deu a partir do surgimento do outro.

A necessidade de relação com o outro também fica evidente nesse discurso coletivo através de trechos que enfatizam a troca como:

Tive essa curiosidade, essa possibilidade, esse desejo de troca, de poder ir até as pessoas, conhecer o saber popular, me enriquecer com isso e ao mesmo tempo oferecer pras pessoas parte do patrimônio cultural que a humanidade tem e que é patrimônio de todos. [...] Criei esse espaço pra que eu pudesse conhecer melhor o mundo, o Brasil, a educação, a vida das pessoas, a infância, em outros espaços que não esse daqui de prédio de criança amarrada em cinto de segurança, em escola [...] é como se eu tivesse criado esse espaço [...] pra [...] melhorar os meus conhecimentos da vida, e pra que todas as pessoas que estão nesse espaço [...] pudessem também trocar entre si e pudessem ter acesso a conhecimentos ancestrais, ou a coisas novas [...]. [...] Eu acho que a minha motivação tem muito a ver com o conhecimento mesmo, eu querendo ter acesso a conhecimento e querendo que outras pessoas, que a gente pudesse colocar em rede assim, trocando [...] uma sede de saber que não se esgota.

Neste caso, o desejo de auto formação, de aquisição de conhecimentos, é um desejo que inclui outras pessoas, que existe e se sustenta em meio à visão da partilha e solidariedade. Nesta perspectiva, valores como partilhamento e solidariedade também são igualmente frequentes nas falas do sujeito coletivo:

Criei a biblioteca comunitária pela [...] vontade de ter um lugar que as pessoas possam vir pegar um livro, possam sentar, ler, [...] de haver um espaço cultural de acesso ao público e gratuito.

[...] A história de vida que eu tenho e tudo que eu recebi eu tento fazer com que seja colocado em prática aqui na Biblioteca e é isso que continua me motivando ainda.

É uma alternativa cultural pra comunidade [...] a humanização do espaço público [...]. [...] A inexistência de bibliotecas na tua comunidade, na tua cidade, [...] e tu com o livro... Então vamos botar o livro na roda [...].

Tento reverter aquilo que eu adquiri de conhecimento em transformação da realidade da minha comunidade [...] eu tive acesso, vi que poderia fazer e tô fazendo com que essa biblioteca comunitária se transforme nessa referência de educação, cultura, conhecimento, solidariedade, justiça, amor, fraternidade.

Percebe-se através deste discurso, que o sujeito coletivo atua no sentido de semear valores. Os valores que motivam o sujeito coletivo para sua atuação na biblioteca comunitária, só fazem sentido no âmbito das relações. Ao mencionar sobre o livro de Pegoraro, “Ética e justiça”, Guareschi e outros autores (2003) relembram o resgate que este autor faz da argumentação de Aristóteles, de que a justiça é a virtude central da ética.

Justiça provém de jus, que no latim quer dizer direito. [...] Alguém sozinho pode ser alto, branco, simpático [...]. Agora, justo, ele não consegue ser sozinho, pois a justiça, ou a injustiça, só entram em cena no momento em que alguém se relaciona com outros. Isso quer dizer que é só à ‘relação’ que se pode aplicar o adjetivo ‘justo’ [...]. Eu sou justo quando estabeleço relações com outros que sejam justas, isto é, que respeitem os direitos dos outros. Justiça tem a ver, pois, com o respeito aos direitos das pessoas. Há justiça quando os direitos das pessoas são respeitados. (GUARESCHI et al., 2003, p. 54).

Os valores citados pelo sujeito coletivo, assim como justiça, por exemplo, sugerem uma consciência de seu papel social. Sánchez Vázquez (2003) destaca que os valores são, pois, criações humanas no sentido que existem e se realizam no homem e pelo homem, existem somente em um mundo social.

O valor de justiça encontra-se bastante presente no discurso do sujeito coletivo através dos ideais de igualdade mencionados nas falas. Souza (2002) destaca que a ética nasce com a humanidade, no momento em que o homem se percebe entre iguais. No discurso abaixo, fica

explícita a interdependência e a visão do outro como um igual, que tem seu clímax na menção do *sujeito nós*:

[...]. Ver as crianças, mesmo aquelas que não sabem ler, pegar os livros, olha as figuras e começa a conversar consigo, [...] que capacidade de imaginação, [...] de criação, de cenário, de criar imagens. [...] Realmente minha avó, minha tia, minha mãe, elas sempre diziam [...] que conhecimento e informação ninguém tira da gente [...] e quanto mais a gente tem mais a gente enriquece e [...] os outros também, então, ações como essa me empolgam de uma maneira incrível [...] que salto esse sujeito dá, esse sujeito nós, damos.

O entendimento presente no discurso é de que o *salto*, mencionado no discurso, não é individual. Quando um indivíduo *enriquece*, desenvolve-se, e o sujeito coletivo compreende o desenvolvimento também como sendo seu, como sendo de toda sociedade, o que nos reporta aos estudos de Elias (1994) quando afirma que não somos um ‘eu’ destituídos de um ‘nós’.

Ao se sentir entre iguais e entendendo a desigualdade como um desajuste, o indivíduo atua no sentido de restabelecer a igualdade, conforme destaque do trecho do discurso que segue:

[...] eu acho que as pessoas que não tem acesso à leitura e à escrita, apesar de não serem, elas se sentem inferiores [...] Ao oferecer a leitura e a escrita pra eles, [...] eles vão perceber o quanto eles são valiosos e quanto somos todos iguais.

Liberdade é outro valor que desponta no discurso do sujeito coletivo:

Trabalho para distribuir um bem que, historicamente, é um bem que dois segmentos fortes da sociedade não é muito apreciador da literatura de maneira geral, que sempre trabalha com a questão da alienação, que é o Estado e a igreja, [...] que não estimula que você tenha uma diversidade de arte. Penso que [...] você só pode ser livre se você tiver acesso à diversidade de arte, se você não tiver diversidade de arte você não tem possibilidade de ser livre, de ser questionador.

A respeito da liberdade, Chauí (2010) elenca alguns pensadores que introduzem ao tema a noção de possibilidade objetiva, que bem se aplica a este estudo. O possível é algo objetivo que se instala na necessidade, indicando que os indivíduos podem mudar situações para certas direções e sob certas condições. A liberdade, entretanto, diz respeito à capacidade de percepção das possibilidades, bem como, o poder de agir para mudar o rumo das coisas, conferindo-lhes outra direção e sentido:

O que me motivou, e que continua me motivando, é ser referência pras crianças, ser referência pros adultos, pros jovens, pros idosos [...], para que eles possam atuar, sair de cena e atuar. [...] Quando um adolescente [...] começa a escrever o que ele pensa, [...] sai do papel de leitor e entra agora no papel do autor, [...] essas coisas me motivam muito [...] continuar.

Todos estes valores citados pelo sujeito coletivo se relacionam a fim de criar um ambiente que possibilite a inclusão social. Boff (2008) afirma que a mudança desta condição social de exclusão, depende da consciência dos excluídos sobre a injustiça de sua situação, bem como, de sua organização para que, com suas práticas, possam transformar a estrutura destas relações sociais iníquas. Para o autor, o compromisso com a superação do problema da exclusão (e também da pobreza e da opressão) revela uma força política de dimensão-cuidado. Enfatiza ainda que “o cuidado assume uma dupla função: de prevenção a danos futuros e de regeneração de danos passados.” (BOFF, 2009, p. 48).

A ética do cuidado em muito se relaciona com a ética da alteridade, que é, conforme Melo (2003), formalmente caracterizada pela ética de Levinas. Muito embora a alteridade como fundamento ético não tenha sido descoberta deste autor, ele foi responsável por transformá-la em uma filosofia solidária, da abertura, da acolhida, da hospitalidade. (MELO, 2003). Nela, a responsabilidade pelo outro faz parte da estrutura do humano (PIVATTO, 2008) e traços de seus fundamentos estão presentes em várias falas expressas pelo sujeito coletivo:

[...] A motivação maior é conseguir fazer com que eles tenham uma referência além do boteco [...] e da igreja. [...] Eu queria muito mostrar [...] um futuro diferente pra eles, [...] que eles podem ocupar o tempo deles de outra forma que não [...] no meio de violência, que têm outras coisas mais agradáveis. Pensei, [...] vou lá pro meu bairro, vou investir lá, [...] me deu um estalo, eu vou fazer uma biblioteca comunitária onde eu nasci, dê no que der [...]. Mostrar àquelas crianças que existia outra realidade mais colorida mais bonita que aquela que elas estavam inseridas [...], do que aquilo que elas viam, de briga, de confusão, de alcoolismo. É como se eu estivesse tentando fazer com que elas respirassem mais aliviadas, elas estavam sufocadas [...].

Nesta fala anterior, também está presente a ideia de busca da felicidade, o eudemonismo. Aristóteles, conforme Sánchez Vázquez (2003), foi o primeiro a sustentar que a felicidade é o maior bem e que

todos a aspiram. O mesmo autor destaca que a questão da felicidade tem reforço em nossos dias⁴⁵.

De fato, vemos hoje com maior clareza que a felicidade jamais pode separar-se de certas condições sociais [...]. Os homens não podem ser verdadeiramente felizes na miséria, na exploração, na falta de liberdades políticas, na discriminação racial, etc., mas [...] os indivíduos como tais podem encontrar graves obstáculos na obtenção de sua felicidade, que não podem desaparecer nem sequer nas condições sociais mais favoráveis. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003, p. 158).

No discurso do sujeito coletivo, está presente a motivação destes líderes, que *são as pessoas mesmo*. As pessoas nos formam e nos moldam, todos estamos ligados uns aos outros, como Elias (1994) destaca, não por elos visíveis como grilhões de ferro, mas por estruturas mais elásticas, variáveis e mutáveis. Esse discurso do sujeito coletivo ressalta a força que as relações exercem sobre o indivíduo, com trechos como os destacados abaixo:

[...] Uma professora despertou em mim nos livros, aquelas práticas punitivas, me criou a aversão [...] o que mais me motivou nisso foi inovar, fazer o oposto do que ela fazia comigo, bem como a necessidade que tivemos na família pra que eu me conduzisse a uma sala [...] quando eu fui ser professor [...] ao invés de espantar, espancar as crianças como foi feito [...] eu busquei [...] desenvolver formas pra que as crianças tivessem curiosidade pelo livro, gostassem do livro, formas completamente opostas às que a minha professora usava comigo.

Tive um amigo [...] que o sonho dele era ter uma biblioteca.

O modo de agir dos indivíduos é fruto dessa interdependência que temos uns com os outros, determinado pelas relações estabelecidas no passado e no presente:

As minhas motivações estão nessa vida que eu levei [...] com as experiências de leitura, de contatos culturais a partir do livro, [...] com a minha vivência infantil em casa de leitor que nasceu com livro, e revista e música, dentro de casa, pai e mãe leitores.

⁴⁵No Senado brasileiro tramita há cerca de pouco mais de um ano uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que pretende colocar o direito à felicidade como um direito social, acrescentando-a no artigo 6º da Constituição.

O outro assume grande centralidade no discurso do sujeito coletivo. Elias (1994, p. 26) destaca que, ainda que nos tornássemos eremitas, isolados do mundo, “os gestos executados longe dos outros, assim como os gestos a eles dirigidos, são gestos relacionados com os outros”.

A religiosidade traduz valores que direcionam a conduta do indivíduo. Esta ideia também aparece no discurso coletivo, quando o sujeito coletivo menciona a expressão *salvar*, que caracteriza a redenção, sugerindo indícios de uma ética cristã:

Se eu consigo salvar aqueles meninos daquela situação de marginalidade que eles vivem, o meu trabalho já valeu a pena [...].

A ética cristã se origina de “verdades reveladas a respeito de Deus, das relações do homem com seu criador e do modo de vida prático que o homem deve seguir para obter a salvação no outro mundo.” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003, p. 276). Conforme Baelz (apud LACOSTE, 2004), a ética cristã é o estudo da vida moral à luz da crença de Deus, criador e redentor.

Como a religião, o trabalho também é fonte de valores que nos movem para uma atuação específica em sociedade. Elias (1994) destaca que cada pessoa possui uma função na sociedade, que oferece ao indivíduo modos de comportamento possíveis. Neste sentido, pode-se perceber no discurso do sujeito, vestígios de uma ética que sugere um compromisso profissional, uma ética do dever da profissão:

Durante [...] muito tempo, fiquei juntando livro [...] minha [...] consciência profissional de professora é de que a partir do livro tu movimentas a vida de um aluno, a partir da linguagem, a partir da palavra oral e da palavra escrita, tudo isso é maior quando tu lê.

Na perspectiva de interdependência, podemos afirmar como Boff (2009) que a ética surge e se renova quando nos deparamos com o outro e nos obriga a tomar determinada posição, não raro, novas e inovadoras. Machado (2008) ressalta que as bibliotecas comunitárias podem se constituir espaços públicos emancipadores, afloradores da prática cidadã de forma inovadora, criativa e propositiva.

Renovação, criatividade e inovação são características identificadas na ação deste sujeito coletivo em decorrência de sua percepção de mundo, que foi, em parte, expressa através de suas representações a respeito das bibliotecas e das estruturas existentes nas bibliotecas públicas, demonstradas a seguir.

7.2 A biblioteca para o sujeito coletivo

Em todo discurso sobre a biblioteca, percebe-se, por parte do sujeito coletivo, grande valorização do livro e da leitura, ou seja, a possibilidade da utilização deste bem de consumo, conforme explícito em trecho abaixo:

A biblioteca para mim democratiza o acesso a esse bem de consumo que é o livro [...]. [...] Além de elas guardarem a memória [...] e serem [...] uma referência [...] em relação ao conhecimento estático [...], [...] é o caminho, o acesso [...], [...] fundamental pros jovens, pra todos [...].

Pensar que existe outro objetivo para a biblioteca que não o leitor seria um “erro burocratizante” (FONSECA, 2007). A percepção de que o leitor é a figura central na biblioteca, faz parte da evolução da história destes espaços, suas raízes históricas privilegiavam o acervo, restrito à maioria das pessoas e privilégio de uma minoria. Durante longos períodos da história, o livro foi raridade e, em muitos lugares, ainda é⁴⁶. O sujeito destaca a relevância do *acesso gratuito [...]* a este bem que *é caro, [...] às vezes raro [...], [...] um bem da comunidade. []* enfatizando que *sem a biblioteca não tinha nada disso*.

Muitos são os tipos de usuários e faixas etárias, portanto, existem diferentes categorias de biblioteca. Ao mencionar a biblioteca no geral, o sujeito coletivo parece vislumbrar todas elas. Por exemplo, ao enaltecer a biblioteca enquanto guardião de um acervo resgata características de uma Biblioteca Nacional, seu caráter de depositária e controladora do que é produzido nacionalmente.

[...] você raramente vai poder colecionar individualmente o que uma biblioteca [...] vai poder te oferecer como um conjunto. [...]

Fonseca (2007) destaca que a Biblioteca Nacional possui alguns objetivos básicos e entre eles está sua função de depósito legal e difusora da produção bibliográfica nacional.

Outra categoria que parece ser lembrada por este sujeito é a da biblioteca escolar, ao mencionar que ela *é o centro pras pessoas, tanto para o estudante desde o jardim de infância, até o pós-graduando, dentro da linha educacional*. A biblioteca escolar tem um objetivo específico de fornecer material didático para estudantes e professores, com infra-estrutura bibliográfica e audiovisual. (FONSECA, 2007).

⁴⁶ Cf. WOOD, John. “Talvez um dia o senhor volte com livros” In: _____. *Sai da Microsoft para mudar o mundo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2007. p. 8-16.

Na biblioteca escolar, professor é aluno também (MILANESI, 1998), ou seja, ela representa um espaço onde os papéis se igualam, onde discente e docente encontram-se como usuários, pesquisadores, curiosos, ou tantos mais adjetivos quanto a biblioteca possa oferecer aos que dela fazem uso.

De fato, o que está em jogo na leitura, ou na apropriação da língua, como menciona Petit (2008) vai além do bom desempenho escolar. A biblioteca, para este sujeito coletivo oferece muitas possibilidades, é um [...] *espaço [...] de pesquisa [...], de [...] aquisição de novos conhecimentos, [...] de mergulho, [...] de curiosidade, de conexões de ideias, [...] de insights, [...] viagem [...], [...] volta ao passado [...], [...] lugar dos sonhos [...] a porta de entrada para o mundo da imaginação [...]*.

O sujeito privilegia a biblioteca como um espaço de vivências das mais variadas. Alberto Manguel compartilha fato de sua vida que exemplifica o discurso do sujeito coletivo.

[...] Adolescente na biblioteca [...] de meu pai em Buenos Aires [...] eu começara a procurar na [...] enciclopédia [...] os verbetes que de alguma forma eu imaginava relacionados com sexo [...]. Eu tinha doze ou treze anos; estava [...] absorto em um artigo sobre os efeitos devastadores da gonorréia, quando meu pai entrou e sentou-se à escrivania. [...] Então me dei conta de que ninguém – nem mesmo meu pai [...] – poderia entrar em meu espaço de leitura, de que ninguém poderia decifrar o que estava sendo lascivamente contado pelo livro que eu tinha em mãos [...]. Terminei o artigo sobre gonorréia mais eufórico do que chocado. Um tempo depois, naquela mesma biblioteca, para completar minha educação sexual li *O conformista*, de Alberto Moravia, *O impuro*, de Guy des Cars, *Peyton Place*, de Grace Metalious, *Rua Principal*, de Sinclair Lewis, e *Lolita*, de Vladimir Nabokov. (MANGUEL, 2009, p. 26, grifo do autor).

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, uma frase célebre de Paulo Freire (FREIRE, 1986). Manguel (2009) menciona que ler letras é somente um dos disfarces da leitura pois o astrônomo pode ler um mapa de estrelas, o zoólogo pode ler rastros de animais, o pai pode ler sinais de alegria no rosto do bebê, o leitor lê o sentido e ele

atribui significado aos signos que lê. Ler, portanto, precede o escrever, o escritor deve “ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema social de signos antes de colocá-los no papel.” (MANGUEL, 2009, p. 20). O sujeito coletivo destaca a relevância da biblioteca como fazendo parte deste *mundo da criação, para o mundo do exercício da palavra, de apropriação da palavra escrita, não só falada, de potencializar a escrita*, e menciona que não se pode *pensar a biblioteca descolada do mundo*.

A biblioteca implica em liberdade de acesso à informação como direito humano. Esta liberdade deve incluir condições básicas para o exercício do pensamento criador visando à manutenção de um ciclo onde a informação é produzida e organizada, disponibilizada para o público que faz análise e crítica. Desta ação, pode-se gerar novo produto informativo que irá dar seguimento ao ciclo. (MILANESI, 1988).

Milanesi (2003) concebe as bibliotecas como assembléia de leitores. O sujeito coletivo também dá este “tom” ao discurso ao mencionar que são um lugar de conexões de pessoas [...], tem um papel social, cultural, econômico [...], [...] onde o coletivo é muito respeitado [...]. Através da leitura, a biblioteca se torna este ambiente de encontro. Petit (2008, p. 96) destaca que a leitura “é a promessa de não pertencer somente a um pequeno círculo” e Manguel (2009) ao ilustrar seu livro com fotos de diversos leitores, nas mais variadas situações, identifica-se com eles e desabafa “não estou sozinho”.

As relações com os outros não se limitam aos conhecidos e contemporâneos, mas também com predecessores e sucessores (BERGER; LUCKMANN, 2007) e isso é uma realidade neste espaço onde permeiam ideias e pensamentos de indivíduos de diferentes épocas.

Lemos para tentar compreender a nós mesmos e ao mundo, para saber o que somos e onde estamos (MANGUEL, 2009). Petit (2008, p. 71) demonstra a relevância da leitura para a construção do ser, para o desenvolvimento da habilidade em servir-se da linguagem, pois “quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo.” Berger e Luckmann (2007) destacam que a linguagem, embora seja definida como sistema de sinais vocais que tem origem na situação face a face, pode ser destacada desta: podemos gritar no escuro ou a distância, falar pelo telefone ou transmiti-la por meio da escrita. Destacam que “a linguagem é capaz de ‘tornar presente’ uma grande variedade de objetos que estão espacial, temporal e socialmente ausentes do ‘aqui e agora’.” (BERGER; LUCKMANN,

2007, p. 60). A biblioteca, portanto, camufladamente estática, torna-se dinâmica a partir da diversidade de linguagens, essencialmente, a partir da palavra escrita.

Através dela [...] as pessoas [...] podem entender a realidade que os cerca. [...] Ela é uma referência pra libertação de mentes, [...] um espaço transformador [...],

[...] Ela está ali, ao mesmo tempo esperando e ao mesmo tempo ela tem que provocar [...], é [...] um convite para a pessoa [...] participar da vida a partir da palavra escrita, [...] da arte literária [...].

Na pesquisa desenvolvida por Petit (2008), a valorização do livro por parte dos entrevistados ganha destaque e este é definido como “o saber”. O saber é o que pode lhes apoiar em seu percurso escolar e formação profissional, trazendo maiores oportunidades de conseguir um emprego. A autora destaca que a biblioteca é o lugar onde se pode encontrar documentos e livros que suas casas não dispõem e neste caso, através dos livros, ganha status de “tábua de salvação” conforme afirmativa abaixo:

[...] contribuí para ocupar o tempo ocioso, de pessoas que talvez se não tivesse acesso aqueles livros, estivessem fazendo coisas erradas [...].

A representação de biblioteca por parte do sujeito coletivo vai mais além. Em seu discurso a biblioteca

dá ao sujeito [...] tudo que é significativo, [...] tudo que é emoção. [...] não tem como pensar a sua existência sem você se alimentar [...]. Se você deixa de beber água você morre, se você deixa de frequentar biblioteca, se você deixa de ler os livros, se você deixa a literatura de lado, você também morre, [...] e é uma morte muito pior eu acho, porque você fica ali vagando, entre aspas, morto, porque imagina você não utilizar sua capacidade de pensar [...]?

A biblioteca, construída a partir do acesso à leitura, tem a função *de instigar o pensamento, [...] a capacidade de pensar, [...] elas são espaços impulsionadores do pensar, do fazer pensar, [...].* Petit (2008) concorda ao mencionar que através da leitura somos levados a pensar, atividade que a autora julga rara em nosso tempo *e as bibliotecas valorizam isso.*

Ler para o sujeito coletivo se configura como função vital, como menciona Manguel (2009) essencial, quase como respirar.

É alimentação da alma mesmo, não tem como pensar a existência sem pensar em biblioteca, sem pensar em acesso ao livro, sem pensar em acesso à leitura, literária, não tem como.

De fato, para este sujeito coletivo, *a biblioteca chama só coisa boa [...]*. Além de espaço de memória, de identidade, de encontro, de formação educacional, de inserção no mercado de trabalho, de existência, a biblioteca também aparece no discurso como espaço terapêutico.

[...] Eu tenho a certeza que se tivesse mais bibliotecas a gente precisaria de menos hospitais.

A leitura como terapia vem sendo abordada por diversos autores (CALDIN, 2010; OUKNIN, 1996) inclusive mencionando sua utilização em hospitais (SEITZ, 2006) e centros de atendimento psicossocial⁴⁷. Caldin (2010, p. 85) destaca que o texto literário carrega uma possibilidade terapêutica ao permitir ao “leitor/ouvinte/espectador pensar sobre seus sentimentos e problemas e, amalgamando suas retensões e protensões com o simbólico, transformar uma narrativa ficcional em narrativa terapêutica”.

No contexto da dinâmica social, do ponto de vista da interdependência abordada por Elias (1994a) e Berger e Luckmann (2007) a função terapêutica da biblioteca pode ser vislumbrada como visão terapêutica de toda a sociedade. O sujeito coletivo menciona que *qualquer cidadão, ele tem o direito de frequentar biblioteca [...]*. O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as Bibliotecas Públicas formaliza o caráter de acesso democrático que deveriam sustentar as bibliotecas destinadas à população geral. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2011). Entretanto, a população possui males (alguns provavelmente podem corresponder à saúde física de fato) acumulados pela ausência da biblioteca de acesso público ao cidadão, pela falta de informação, que leva o sujeito coletivo a afirmar:

se tivesse havido uma política de bibliotecas públicas ou a sensibilização por parte da população mesmo em criar bibliotecas comunitárias, ou alternativas, ou livres, abertas, a situação da cultura e a situação da leitura no Brasil seria totalmente diferente.

Nossas estruturas de conveniências se cruzam com as estruturas de conveniência dos outros, resultando em coisas “interessantes” a dizermos uns para os outros. (BERGER; LUCKMANN, 2007). O que pensa esse sujeito coletivo a respeito da biblioteca pública?

⁴⁷ RIBAS, Rosaura Denise Carbone. *Biblioteca comunitária: uma possibilidade de dispositivo para atos terapêuticos*. 36 f. 2010. Monografia (Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

7.3 Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça: representações sobre a biblioteca pública

O sujeito coletivo não se demonstra indiferente quando se defronta com o tema biblioteca pública. Em suas representações, aborda diversos aspectos no que diz respeito ao ambiente, atividades desenvolvidas, relações e, principalmente, sobre seus profissionais, esboçando uma postura bastante passional. A primeira representação que desponta no discurso traduz um sentimento de exclusão:

A biblioteca pública [...] diz que é pro público, mas muitas horas é às portas fechadas [...] é da alta sociedade, não adianta falar que não é, é, só um cego que não vê. [...] Já tive relatos de que eles não aceita, aceita, mas do jeito deles, as pessoas que não tão bem vestido, tão de chinelo [...].

“As bibliotecas frequentemente esquecem sua finalidade”, menciona Fonseca (2007, p. 66). Ao enfatizar que a biblioteca pública é para a *alta sociedade* e que os que lá trabalham não prestam o mesmo atendimento para pessoas de diferentes classes econômicas, o sujeito coletivo sugere tratar-se de um lugar que exclui indivíduos, aparentemente, identificados como “pobres”, de baixa renda. Pobreza e exclusão não são conceitos sinônimos, mas uma condição pode conduzir à outra. Pobreza não é caracterizada somente por ausência de renda, pode resultar também da ausência de poder e, nesta direção, os conceitos se associam “vinculando-se às desigualdades existentes e especialmente à *privação de poder de ação e representação*” (WANDERLEY, 2008, p. 23, grifo do autor).

Machado (2008) em sua tese relata situação de carroceiros que, indagados sobre os motivos pelos quais não utilizavam a biblioteca pública, perto da cooperativa de reciclagem que trabalham, mencionaram que não se sentem acolhidos no espaço. Um deles disse não ter coragem de entrar descalço e o outro relembrou situação em que, ao entrar certa vez na biblioteca pública, o guarda do estabelecimento o seguiu no ambiente.

Espera-se dos responsáveis pela biblioteca pública, no entanto, que direcionem suas ações em movimento contrário. O Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas pleiteia que “os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social.” (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E

INSTITUIÇÕES, 2011). Petit (2008), em sua pesquisa com jovens moradores de periferia e sua relação com a leitura, identifica que por meio da leitura as pessoas teriam maior condição de resistir aos processos de marginalização. Almeida Júnior (1997b, p. 16) destaca também que as bibliotecas públicas poderiam contribuir para o fortalecimento dos mecanismos de defesa das classes populares “oferecendo condições para um aumento do seu grau de consciência, possibilitando a aquisição de instrumentos que possam ser utilizados como armas contra a opressão.”

Se não é receptiva ao cidadão mais carente deste tipo de espaço, conforme representação do sujeito coletivo, para quem, ou para qual grupo, está disponível o acervo disposto nas prateleiras das bibliotecas públicas efetivamente? Na percepção deste sujeito coletivo, a biblioteca pública, na prática, serve a um tipo específico de usuário.

[...] Quem frequenta a biblioteca pública hoje são as pessoas que vão em busca de realizar uma pesquisa, aquela pesquisa mecânica, [...] gente [...] que já sabe o que procurar [...] vai lá [...], a população mesmo, pouquíssimas frequentam a biblioteca.

A percepção do sujeito coletivo é de uma situação semelhante à descrita por Almeida Júnior (1997b), em palestra proferida pouco mais de duas décadas atrás. O autor destaca que a biblioteca parece ter algum tipo de presença na vida das pessoas, enquanto são estudantes, para realizar pesquisas e, talvez, por isso mesmo, possa ser associada à ideia do castigo, como é a lição, o dever de casa. Pode-se constatar através da percepção do sujeito coletivo que, da palestra proferida em 1989 até os dias de hoje, a biblioteca pública não conseguiu alcançar a população como um todo. O trabalho realizado nas políticas públicas para as bibliotecas não foram suficientes para incluir outros setores da sociedade que não os estudantes, que segundo o autor, representam uma pequena e reduzida parcela da população, o tipo de usuário que dela menos necessita. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b).

Fonseca (2007) destaca a biblioteca pública em grau de prioridade, diante das outras categorias de bibliotecas, pois além de cumprir com seus objetivos, pode complementar às demais. O sujeito coletivo não descredencia a biblioteca pública como organismo; pelo contrário, considera *que as bibliotecas públicas têm um grande papel na sociedade, elas estão aí, elas estão instaladas [...] é bom ter [...]*. No discurso, espera *que elas se reergam, vivenciem as que tem [...]*, entretanto, ressaltam que *poderia ser diferente, [...] poderia ser melhor [...]*.

Na representação do sujeito coletivo, o acesso e o alcance da sociedade como um todo a biblioteca pública encontra vários obstáculos: a escassez de bibliotecas, o local em que estão instaladas (a maioria das vezes distante das periferias), o horário desencontrado de funcionamento, muitas vezes inacessível ao trabalhador que cumpre muitas horas de expediente e a ausência de incentivo à população, são alguns deles.

[...] pra pessoa pobre da periferia é mais difícil o contato, porque [...] é longe, a pessoa não tem dinheiro pra se deslocar [...] pra ir pra lá [...], [...] deveria ter uma biblioteca em cada bairro [...], [...] elas precisam estar mais perto das pessoas, [...] precisam se espalhar mais [...]. Na biblioteca pública tem aquele dia certinho, sexta-feira, fechou, acabou, pronto, sete horas da manhã, fechando meio-dia pro almoço [...].

Constata-se na realidade brasileira, entretanto, a dificuldade no cumprimento do Manifesto da IFLA/UNESCO em suas recomendações sobre o funcionamento e gestão de bibliotecas públicas, que preconiza que

Os serviços têm de ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade. Tal supõe a existência de edifícios bem situados, boas condições para a leitura e o estudo, assim como o acesso a tecnologia adequada e horários convenientes para os utilizadores. Tal implica igualmente serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca. Os serviços da biblioteca devem ser adaptados às diferentes necessidades das comunidades das zonas urbanas e rurais. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES, 2011).

O sujeito coletivo destaca a importância da imagem para se *gostar de alguém, [...] se apaixonar [...].* Com o sentimento de exclusão, a consciência da ineficácia da biblioteca pública para a comunidade em tantos aspectos, aliados ao tratamento que a biblioteca pública no país amarga ao longo dos tempos, a imagem desta instituição inevitavelmente é representada por esse sujeito da seguinte forma:

São [...] um lugar escuro, [...] poeirento, que tem que ficar quieto. [...] Não [...] está impregnada de coisas boas e alegres e fantásticas e incríveis, como de fato os livros estão [...] vem carregada de autoritarismo, ela vem carregada de coisa ruim. [...] Eu sinto [...]

que são espaços cansados, [...] museológicos, [...] não de radiação de informação, de concentração de informação, [...] ainda cristalizados, [...] pouco articulados, [...] com outros espaços. [...] Carece de uma agenda [...] são espaços mórbidos [...] uma energia parada, é até pesada [...], chata, melancólica, tradicional.

Algumas destas percepções estão ligadas à questão do silêncio, da leitura como única finalidade e da pouca movimentação cultural, por exemplo. De fato, Almeida Júnior (1997b, p. 37) menciona que “as bibliotecas mantêm uma postura contrária e intransigente em relação à comunicação verbal”, exigindo silêncio em função da prioridade representada pela leitura como meio de comunicação. O autor menciona que, ao priorizar o livro como único suporte de informação, exclui-se parte da população, deixando clara a predisposição dos responsáveis pela biblioteca pública em atuar somente com um segmento da sociedade, os alfabetizados. Destaca também que na biblioteca pública os eventos (quando acontecem) são desconexos, sem relação entre si e com o único objetivo de propiciar o próprio evento, visando apenas o consumo, sem produção cultural. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b).

Outra situação que colabora para a visão da biblioteca pública como um mausoléu ou “bolorenta”, como Fonseca (2007, p. 56) a caracteriza em sua obra, é a forma como é tratada a seleção e aquisição de obras para o acervo, colaborando para a visão de um espaço mais considerado como depósito de livros:

Tirando raras exceções, eu vejo como um depósito de livros [...]. É [...] muito desorganizada, com um acervo pobre. [...] O Estado, ele deve comprar acervo, não pode o Estado ficar captando livro usado [...], tem que renovar seu estoque, [...] eu acho isso um absurdo, o Estado fazer campanha [...] pra fazer biblioteca com livro usado [...]. [...] Eu chamo isso de roubo, é você se apropriar de um bem da comunidade, não pode fazer isso [...].

Esta prática de solicitar à comunidade a doação de qualquer livro, que amplia um acervo quantitativamente pobre e que é comum entre as bibliotecas, se fundamenta muitas vezes no discurso de neutralidade da biblioteca pública e do profissional que lá atua. Se estes são neutros, “qualquer livro, independente da sua relação com os interesses e necessidades da comunidade, será incorporado ao acervo e considerado importante.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 37). Ao bibliotecário não cabe o papel de censor do acervo, o exercício que Ortega y Gasset (2006) denominou de filtro entre os livros e o homem exige sua intervenção no planejamento da coleção, como destaca Fonseca (2007).

Ao mencionar sobre o trabalho na educação, o mito da neutralidade também foi abordado por Freire (1986) que enfatizou que ele nega a natureza política do trabalho, tornando-o puramente um afazer, onde a humanidade é entendida como uma abstração. Destaca a relevância de entendermos que tanto no processo educativo quanto político, deve-se ter clareza a respeito de para quem e para que (logo, contra quem e contra que) se constróem estes processos.

Estas situações, assim como a ideia de neutralidade, colaboram para ampliar e dimensionar a *visão de biblioteca pública [...] de abandono e, as que funcionam, de frieza [...]*, percebida pelo sujeito coletivo. Todas as questões sobre a biblioteca pública levantadas por este líder de biblioteca comunitária, sobre a imagem que possuem deste espaço, dizem respeito diretamente à imagem do profissional que lá atua, da gestão que é empregada e ao atendimento prestado. De fato, o ambiente de trabalho molda o indivíduo e também é moldado por sua atuação.

Almeida Júnior (1997b) menciona a impossibilidade de refletir sobre o fracasso da biblioteca sem conhecer a visão do usuário sobre o profissional bibliotecário. Um dos entrevistados menciona que ao implementar um trabalho de biblioteca comunitária em determinada localidade, as pessoas da comunidade se expressaram da seguinte forma: “[...] *falaram que havia um curso de biblioteca, imaginava umas senhoras assim bem velhas, bem chatas, de óculos, bem brabas [...]*”.

A imagem da velhinha, que atualmente não corresponde à realidade, só pode ser compreendida como um estereótipo, a figura do “velho” está vinculada muito mais à ideia que se tem da própria biblioteca, do que da imagem do profissional. O aspecto físico do local da biblioteca, “cinzento”, a austeridade, a exigência de rígidos comportamentos como silêncio absoluto, como já mencionado, rigor das normas, acabam contribuindo para a consolidação desta identificação. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b).

Em estudo realizado⁴⁸ em 2007, sobre a imagem deste profissional retratada nos filmes cinematográficos, o autor, separando por gênero, retrata a imagem negativa da bibliotecária que se assemelha

⁴⁸ ROCHO, Rodolfo de Matos. *O estereótipo do bibliotecário no cinema*. 2007. 97 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16257/000667029.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 18 set 2011.

à bruxa descrita na mitologia e nos contos de fadas, uma velha ranzinza. Uma mulher pouco atrativa, expressão preocupada e séria, conservadora no vestir, sempre requisitando silêncio com gestuais. O bibliotecário em sua imagem negativa é visto como alguém tímido, pobre, calvo, mal vestido, solteirão, mal humorado, sensível e cruel.

A passividade, característica do bibliotecário abordada por diversos autores (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b; MILANESI, 2003; ORTEGA y GASSET, 2006; BORGES; CASADO, 2009) é também destacada diversas vezes pelo sujeito coletivo:

Eu [...] não vejo as pessoas que trabalham na biblioteca [...] com preocupação de fazer com que as pessoas vão até eles [...] “estamos aqui a obrigação de vocês é vir”. [...] Elas não incentivam, elas não tem projetos pra chamar atenção, pra formar leitores, [...] pra que as pessoas queiram entrar, queiram ler, [...] que realmente proporcione o interesse das pessoas [...].

A passividade [...] reflete a ideia de uma profissão amorfa, sem dinamismo, que exala o mesmo cheiro de mofo e pó que saem dos enfadonhos, aborrecidos e grossos volumes imobilizados nas estantes. Quando a biblioteca, o bibliotecário e a profissão são entendidos da maneira exposta [...] prejudicam muito qualquer trabalho que vise a criação do hábito de leitura (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 30).

Almeida Júnior associou a passividade também à falta de atualização profissional, que acredita ser reflexo da reserva de mercado. Por força de lei, o espaço do bibliotecário só pode ser invadido por seus pares e, junto ao funcionalismo público, “seu emprego está resguardado pela estabilidade, isentando-o da necessária atualização.” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 103). Este ponto também foi expresso nas representações do sujeito coletivo:

Eu acho que as pessoas que tão lá dentro ficaram paradas no tempo, não foi oferecido pra esse profissional formação, reciclagem e eles ficaram com uma espécie de um [...] corporativismo também dos bibliotecários [...].

A imagem de passividade também é escorada na percepção de que as atividades internas são privilegiadas em detrimento do atendimento às pessoas. Vários autores (TARGINO, 1997; WALTER; BAPTISTA, 2009; FONSECA, 2007; ALMEIDA JÚNIOR, 1997b),

estudiosos da biblioteconomia, destacam esta característica do profissional.

Eu penso que elas hoje elas tão muito voltadas pras suas atividades internas, [...] não trabalham, não desenvolvem uma política de livro e leitura, por falta de apoio oficial, por causa de seus profissionais, por causa da falta de política da própria biblioteca [...], [...]se preocupam [...] pouco com o acesso [...], com a relação.

Milanesi (2003), em obra que menciona sobre os centros de cultura como uma evolução da biblioteca pública, trata a questão do capital humano destas instituições. Embora, exista uma tendência de redução das preocupações com as regras e aumento do direcionamento ao público, resultante do desenvolvimento tecnológico que implica em cooperação e organização coletiva para os procedimentos técnicos, ressalta que o bibliotecário tradicional esteve mais atento à organização e gerenciamento do acervo. O autor denominou esta situação de “passividade eficiente: o acervo é organizado à perfeição, encerrando aí a tarefa do bibliotecário.” (MILANESI, 2003, p. 214-215). Targino (2003) em artigo sobre a práxis bibliotecária ressalta a necessidade dos profissionais investirem mais na transformação social através da popularização do saber, bem como, privilegiar a humanização da prática em detrimento do tecnicismo predominante. Souza (1990) ao mencionar sobre o caráter tecnicista da formação dos estudantes, enfatiza que o bibliotecário está aquém das necessidades dos usuários e isso pode se dar não somente pela preocupação exacerbada com os procedimentos técnicos mas também porque o bibliotecário não consegue se enxergar como usuário, porque ele não é, não usa biblioteca.

A postura passiva também impede a participação por parte do público, para quem as bibliotecas públicas se destinam. O sujeito coletivo menciona sobre esta questão:

Acho que elas não estão sendo bem aproveitadas [...], [...] e não são espaços humildes não, são espaços de difícil relacionamento, de você chegar com propostas novas e as pessoas não quiseram dar nenhuma importância pra isso [...], achar que eles sabem tudo, os bibliotecários, [...] de acharem porque estão num espaço público, e são representantes do poder público e estar naquela estrutura grandiosa, basta [...] como se não tivesse minimamente um conhecimento disposto a socializar, complicado. [...] Elas [...] ficam boiando na administração pública também uma hora é cultura, outra hora é educação, [...] não tem um política pública forte de livro e da leitura e acesso às

bibliotecas, então eu posso tirar o dinheiro que ia ser pra biblioteca [...] do orçamento porque não vai fazer falta mesmo...

Com relação à situação descrita, Milanesi (2003) relata importante fato histórico, que, em parte, reforça o contexto estático da organização no Brasil. No Estado Novo, na década de 30, é criado no país o primeiro programa de incentivo às bibliotecas públicas, mas que reduzia a atividade do Instituto Nacional do Livro (INL), criado na ocasião, a de doador de livros. A doação era coerente com a política do Estado, porém, distante da opinião do público. A política pública pioneira no país no que diz respeito a bibliotecas públicas, se mostrava, desta forma, autoritária, sem incluir a participação social. Paralelamente, foi criado um programa para formar auxiliares de biblioteca, que consistia em cursos rápidos para funcionários públicos, geralmente de baixa qualificação. Conforme o autor, “de antemão entendeu-se que o bibliotecário – profissional raro – muito pouco tinha a fazer [...]” e “[...] as bibliotecas foram entregues a pessoal com baixa qualificação, imunes ao tempo e com tendência à paralisia e à estratificação, como ocorre comumente no serviço público” (MILANESI, 2003, p. 119).

Inicia-se uma proposta para bibliotecas públicas sem a participação social e sem incluir o bibliotecário, “filtro” entre os livros e o homem, como beneficiário destas políticas. O Estado é um organismo de poder, legitimado pela sociedade, conforme Elias (1993), o único que legalmente pode utilizar a violência e a tributação e uma estrutura importante no processo de “civilização”. Sem o objetivo de isentar as responsabilidades inerentes à profissão do bibliotecário, o Estado colaborou para a sedimentação de uma postura de um funcionário público que (não buscou e) não foi alvo, ao longo da história, de valorização. O bibliotecário, assim como a população, não foi incluído (e não se incluiu) neste processo de construção de políticas públicas para bibliotecas. Isto gerou e gera ainda em muitas bibliotecas, a sensação de que o barco está sem direção, de que o leme está sem um guia.

[...] Não existe uma organização [...], não existe [...] uma pessoa capacitada na biblioteca pra fazer sua gestão. [...]. A pessoa está ali porque [...] está colocado por um favor, ou é um eleitor de um prefeito ou de um vereador, que está precisando de emprego, não tinha onde colocar, põe ele lá pra tomar conta daqueles livros [...], não tem um mínimo de valorização.

Segundo estudo realizado por Marquetis (2005), embora o usuário reconheça a importância do bibliotecário para o bom funcionamento de uma unidade de informação, a maioria teve

experiências negativas com relação ao atendimento. Isto se deve ao fato de que, essa atividade, muitas vezes é delegada a pessoas sem qualificação ou é desenvolvida por profissionais descontentes com a profissão, pelos mais variados motivos.

Tem que ter apoio [...] financeiro, do Estado, do município, do órgão público, para ter lá profissionais competentes, com toda sua capacitação já feita e oportunidades de mais capacitação [...], que a biblioteca não é simplesmente só para guardar livros ou documentos históricos, [...] tem que ter essa dinâmica, essa vivacidade [...].

Almeida Júnior (1997b) destaca, entretanto, que a transformação da biblioteca pública só ocorrerá quando as informações disseminadas pelos profissionais tiverem como finalidade a satisfação das necessidades das classes excluídas, para que reconheçam a biblioteca como uma instituição socialmente útil. Targino (2003) endossa ao enfatizar que “a compreensão do caráter crítico que existe na difusão e na produção do conhecimento é fundamental para uma prática bibliotecária na perspectiva de práxis social.”

No caminho para construir o que Flusser (1990) denomina “biblioteca verdadeiramente pública”, segundo Feitosa (1998) além da revisão das bases eruditas que sustentam as bibliotecas, está o redimensionamento do usuário das classes populares como alguém que é participante de uma cultura peculiar e significativa para as bibliotecas, dando a palavra ao não público. Isto implica, segundo o autor, inclusive “rever estruturalmente sua política de aquisição de acervo”, através de um “exaustivo levantamento de interesses dos usuários aos quais a biblioteca irá atender [...] uma mudança radical na burocracia oficial”. (FEITOSA, 1998, p. 31). O sujeito coletivo endossa:

[...] Acho que a biblioteca pública se passar por um conceito moderno de biblioteca, [...] pode fazer muito bem esse serviço, mas tem que desburocratizar, [...] descomplicar [...]. [...] Acho que tem talvez melhorado um pouco, mas não o suficiente. [...]

A reflexão do sujeito coletivo ao perguntar *O que é que adianta ter livros nas estantes se o sujeito não tem nenhuma relação de vínculo com aquele material, com o livro?* incita reflexão acerca da finalidade de uma estrutura como a biblioteca. O sujeito coletivo afirma que *[...] Um livro de poesia na gaveta, não adianta nada* e Milanese (2003, p. 214) concorda ao enfatizar que “acervos passivos ante o público, pouco significam.”

Diante do exposto, muitos são os desafios para o Estado e para o profissional bibliotecário. O sujeito coletivo os responsabiliza diante da situação atual:

[...] Culpo o governo, [...] culpo inclusive a categoria também, [...] muito parada com relação à reivindicação, com relação à defesa deste espaço, um espaço mais dinâmico [...].

O atendimento oferecido aos usuários, a impossibilidade do debate e da discussão através da imposição do silêncio como a única forma de se conseguir cultura, a repressão ao manuseio dos livros na tentativa de conservá-los novos e intactos, o horário de atendimento ineficaz por não coincidir com a disponibilidade da maior parte da população – todos esses itens - afastam-nos dos ideais de democratização da informação, do acesso à cultura apregoados nos discursos bibliotecários - nossa prática é diversa. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b). “Biblioteca e usuário, em sua maior parte, são, assim, opostos, contrários. [...] E nós bibliotecários somos aquilo que dizemos que não somos, somos aquilo que não queremos ser. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b, p. 66). O que mais incomoda na biblioteca pública brasileira, não é o prédio, o acervo desatualizado e precário ou equipamentos obsoletos e inadequados, mas as pessoas que os dirigem. E é o que mais importa, já que os recursos materiais de nada valerão se a questão humana não for considerada. (MILANESI, 2003).

Os desafios com relação à ineficácia e percalços da biblioteca pública, portanto, não são lançados somente para o Estado e para o profissional bibliotecário, mas também para a sociedade. Algumas pessoas e comunidades percebem a lacuna deixada por esta instituição e são sensíveis a esta situação e, dentro deste contexto, emergem as bibliotecas comunitárias. Machado (2008) destaca que os idealizadores destes espaços tendem a apresentá-los como diferentes da biblioteca pública, pois almejam constituir nestes ambientes ideais de acolhimento, convivência e direcionam suas ações e serviços com base na realidade e conhecimento locais.

7.4 Quem tem olhos para ver, que veja: a biblioteca comunitária

O sujeito coletivo faz um alerta. Suas motivações estão entrelaçadas à negação de um direito que se materializa através da ausência de bibliotecas públicas para um público que se encontra à margem de sua atuação. Este sentimento de marginalidade é compreendido através da distância da biblioteca pública da população,

do seu horário limitado, da manutenção de uma imagem negativa, da postura de seus servidores, sua falta de identidade e comunicação com a sociedade.

Muito antes da proliferação quantitativa deste tipo de iniciativa no Brasil, Almeida Júnior (1997b), em 1989, mencionou sobre a diferença destes espaços (que na época designou como Centros de Documentação Popular) em detrimento da biblioteca pública. Já vislumbrava, naquela época, que o aflorar destas iniciativas seria decorrente da necessidade de uma resposta da população à ineficácia da biblioteca pública. A pesquisa de Machado (2008) endossa a afirmativa deste autor, pois identificou que o motivo principal que leva à criação destes espaços é a carência de espaços públicos que possibilitem acesso ao livro e à leitura. Madella (2010, p. 142) em sua dissertação também menciona a tentativa deste tipo de biblioteca de suprir a ausência da biblioteca pública e visualiza a biblioteca comunitária como “denúncia do pouco interesse estatal pela cidadania.”

Salvo raras exceções, das 350 bibliotecas comunitárias relacionadas por Machado (2008)⁴⁹ em sua tese, a maioria encontra-se localizada em áreas que a autora designou como de exclusão, carentes, com dificuldade de acesso.

A exclusão do indivíduo na biblioteca pública pode se dar não somente pela dificuldade de acesso, pela indiferença mencionada ou mesmo pela ausência do espaço em algumas localidades. Como já mencionado, através dos estudos de Almeida Júnior (1997b), quando os trabalhos para o desenvolvimento do hábito de leitura disponibilizados pela biblioteca pública utilizam o livro como único suporte na transferência de conhecimentos, exclui grande parte da população, pois exigem a alfabetização como condição mínima para que a população se sirva do espaço. Ou seja, muitas vezes, quem mais precisa, fica excluído do processo.

Apesar de ser o discurso mais frequente, os serviços prestados pelos idealizadores de biblioteca comunitária não se limitam ao acesso ao livro. Quais serviços são viabilizados através destes espaços? No que elas diferem das bibliotecas públicas?

Nestas bibliotecas, além do *empréstimo de livros, [...] de forma gratuita, [...] pesquisas*, como nas bibliotecas tradicionais, são

⁴⁹Aproximadamente 67% estão localizadas em zonas rurais de pequenos municípios e as restantes encontram-se distribuídas em grandes centros urbanos. Nestes casos, situam-se em áreas consideradas excluídas como favelas e cooperativas de catadores de lixo.

disponibilizados serviços de acesso à Internet, [...] *rodas de mediação de leitura*, [...] *capoeira*, [...] *curso de teatro*, [...] *violão*, [...] *roda de poesia* [...], [...] *aula de canto* [...] *contação de história*, [...] *aula de percussão*, [...], *joguinhos* [...], *gincana* [...] *de leitura oferecendo prêmios* [...], *sarau* [...], [...] *evento cultural*, [...] *festa* [...], [...] *exibição de vídeo*, *exposição*, acesso a diferentes linguagens artísticas, *conversas com escritores*, [...] *acesso a filmes* [...], *quem toca uma boa música* [...], *rodas de conversa*, [...] *oficinas mesmo de criação de gêneros literários*, [...], *suporte pras escolas municipais*, [...] *pré-vestibular comunitário* [...] *curso de espanhol*, [...] *curso de informática*, [...] *reforço de português e matemática* [...] *capacitação de professores* [...] *leitura para aqueles que, na fala do sujeito coletivo estão à margem e não tem acesso à biblioteca pública*.

Toda esta amplitude de serviços, dentro do ambiente de bairro, comunidade, e, como mencionado, em sua maioria, locais periféricos, instiga à inclusão. A biblioteca comunitária, como se pode observar, se apresenta para a comunidade de forma diferente, é um centro cultural. Além de privilegiar ambientes de lazer, ser um espaço festivo, de brincadeiras, esporte e cultura, também oferece cursos profissionalizantes, demonstrando a necessidade e preocupação dos membros da comunidade no mercado de trabalho. Prado (2010) destaca que este ambiente criado pela biblioteca comunitária estabelece condições para incluir segmentos sociais que se encontram à margem do processo produtivo moderno, integrando-os nas discussões sobre sua representatividade no processo de mudança social, no âmbito da sociedade da informação.

O livro está ali, mas prioritariamente, estão as pessoas da comunidade, suas necessidades, incluindo as mais básicas. Portanto, as bibliotecas comunitárias, em sua maioria, demonstram ser, primordialmente, um espaço de encontro, de troca, como mencionado anteriormente na motivação dos líderes. Não é um espaço exclusivo, mas inclusivo de leitura. Nela, convivem tradição escrita e oral e a conversa se constitui base das relações no ambiente. Conforme menciona Almeida Júnior (1997b) ao produzirem informações, seja ela escrita, imagem, som, etc, o fazem de uma forma que possa ser inteligível para a população. Desta forma, fortalecem a identidade entre comunidade e biblioteca, o que faz com que as pessoas passem a *valorizar, a sentir a biblioteca como um espaço deles* [...].

Bauman (2003, p. 7), ao tratar do termo “comunidade”, menciona que expressões como “companhia” (má companhia), ou “sociedade”

(normalmente julgamos o modo como funciona, sua estrutura) podem ser pejorativas aos olhos do senso comum. No entanto, a palavra “comunidade”⁵⁰ sempre parece ser uma coisa boa, sugere lugar confortável, aconchegante, e, utilizando as palavras do autor, soa como “um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado”. O termo, portanto, não afasta, aproxima, faz com que as pessoas se sintam parte. Para este tipo de biblioteca, este “adjetivo”, comunitário, parece ter um efeito que potencializa a identificação por parte das pessoas.

A *alfabetização de adultos*, atividade citada pelo sujeito coletivo, reforça o contexto inclusivo nesta biblioteca comunitária e diferenciador diante do que já foi exposto. Machado (2008) e Massola (2011) também destacam algumas iniciativas nestas bibliotecas que, sobre este tema, nos remetem aos estudos de Freire (1986). Este autor destacou a relevância da biblioteca, que ele denominou popular⁵¹, para a alfabetização de adultos, o aperfeiçoamento e intensificação da forma correta de ler o texto, relacionando-o com o contexto, privilegiando a leitura do mundo. Enfatiza que bibliotecas populares que estimulam programas de educação ou de cultura popular, surgem em função das exigências populares provocadas por um esforço de cultura popular, em uma atitude política. Freire (1986) sugere algumas formas de trabalhar na alfabetização de adultos com gravador, por exemplo, incluindo a oralidade.

Atividades como *contação de histórias, mediação de leitura, rodas de conversas, roda de poesia*, incluem o livro, mas não excluem os que não sabem ler. Jovens de bairros urbanos marginalizados entrevistados por Petit (2008, p. 163-165) falaram da importância que o mediador teve para eles e referiam-se ao bibliotecário (que seria este mediador) com muita consideração, como a pessoa responsável por lhes atribuir um sentido e amor para a leitura. Destacaram também a importância do olhar atento deste mediador, que conta histórias, indica obras e que acredita no potencial do usuário, que se envolve com o interesse dos mesmos e que se preocupa em ‘fisar’ o leitor. Estas atividades e ações personificaram algo maior que a imagem do guardião

⁵⁰ Um indício disto é que, recentemente, ocorre no Brasil um esforço em substituir o termo “favela” por “comunidade”, evitando a discriminação de quem habita nestes espaços.

⁵¹ A biblioteca popular, de posição crítico-democrática, centro cultural e não depósito de livros, como foi caracterizada por Paulo Freire em muito se assemelha à biblioteca comunitária que descrevemos neste trabalho.

de livros, mas, de acordo com suas palavras, “uma espécie de mágico” que conduz aos livros e a outros mundos.

Petit (2008, p. 166) conclui que

não é a biblioteca ou a escola que desperta o gosto por ler, por aprender, imaginar, descobrir. É um professor, um bibliotecário, que levado por sua paixão, a transmite através de uma relação individual. Sobretudo no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurar por essa via devido a sua origem social, pois é como se a cada passo, a cada umbral que atravessam, fosse preciso uma tutorização para ir mais longe.

A pesquisa de campo viabilizada por este trabalho em consonância com alguns relatos descritos na tese de Machado (2008) atestam a preocupação, de muitas das lideranças de bibliotecas comunitárias, com a formação de mediadores de leitura, com a seleção e formação das pessoas que irão prestar serviços à determinada comunidade. O foco do trabalho não está centrado na forma com que vão ser controlados ou estar dispostos os materiais, mas na *democratização do acesso aos bens culturais* e na distribuição de *livros para todos*.

Caracteriza-se por ser biblioteca sem amarras, descomplicada, informal. Machado (2008, p. 120) relata a política adotada por uma biblioteca comunitária que, na ausência de endereço para empréstimo de um livro, o responsável se permite anotar “Zezinho, amigo do João borracheiro da esquina.”

Outra característica deste tipo de biblioteca que pode-se perceber através do discurso do sujeito coletivo é o conhecimento da comunidade e de suas necessidades, bem como, o gerenciamento das atividades que são realizadas através da biblioteca, conforme se observa neste trecho da fala:

Faz um acompanhamento [...] nas comunidades, pra saber quais as necessidades maiores [...], [...] consegue perceber uma mudança [...] cultural [...], [...] consegue observar professores, alunos desenvolvendo atividades.

Prado (2010) destaca a biblioteca comunitária como espaço de memória e enfatiza tratar-se de um espaço ideal também para a prática da cidadania. Almeida Júnior (1997b, p. 56) pergunta “Onde se consegue uma carteira de identidade?” Esse serviço, segundo o autor, deveria ser prioritário em uma biblioteca direcionada ao público. São

informações que “mudam o caráter da biblioteca e não é necessário que o usuário saiba ler, qualquer um pode ter acesso a elas.” Este serviço também é relacionado pelo sujeito coletivo:

A biblioteca também oferece serviço pras pessoas que não sabem ler, [...] quando precisar de tirar um documento, [...] questão de cidadania, a gente vai lá, orienta, tira o documento dele, encaminha, sem pagar nada.

Dentre as inúmeras necessidades já citadas destes indivíduos excluídos do acesso à informação, aparece outra no discurso do sujeito coletivo, muito curiosa e reveladora das necessidades locais, que diz respeito à segurança:

Antigamente as crianças eles chegavam da escola e ficavam na rua, [...] agora [...] eles tem um lugarzinho pra eles, [...] já vem direto pra cá, [...] traz o dever [...] pra fazer aqui [...].

Em uma realidade de baixa renda, em que as mães⁵² não têm onde deixar seus filhos, esta passa a ser mais uma necessidade que a biblioteca parece suprir.

Através desta narrativa, o sujeito coletivo parece caracterizar a biblioteca comunitária como local de refúgio, de abrigo, o contexto “salvador”, mencionado anteriormente, um lugar onde se pode aproveitar o tempo para formação e educação do indivíduo.

[...] Vários alunos jovens terminavam o ensino médio e como não tinham condições [...] pra fazer um preparatório, eles vão [...] e ficam lendo lá pra se preparar e com isso já entraram alguns [...] na Universidade [...] e concurso público também.

No raciocínio formulado anteriormente, o livro “salvador” sustentava a ideia de “saber” e, neste contexto, pode trazer grandes prestígios para comunidades carentes, chamando atenção das autoridades públicas, conforme relato do sujeito coletivo:

[...] A biblioteca trouxe muito benefício pro bairro [...] o povo olha pro bairro com outro olhar [...] até o poder público mesmo não querendo ele vem, mesmo que ele não faça nada, ele vem. [...]

A secretária da educação, [...] me falou [...] que na avaliação que foi feita da educação no Município, o povoado que aparece

⁵² Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), desde 1992 o aumento das mulheres que trabalham fora de casa foi de 56,7% a 64%. Em 2008, o número de mulheres chefes de família chegou a 34,9%, aumento de quase 10 pontos percentuais se comparado a uma década atrás. (GANDOLFO, Cibele. Mais de 64% das mulheres trabalham fora. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 8 mar 2010. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/News/5797899/mais-de-64-das-mulheres-trabalham-fora.aspx>>. Acesso em: 12 out 2011.)

disparado em melhoria do ensino é lá [...] ela mesma atribui, [...] isso à biblioteca [...].

Desta forma, a biblioteca comunitária torna-se instrumento de identidade e reivindicação local e se consolida como mecanismo de manifestação social no que se refere ao acesso à informação.

Machado (2008, p. 145-146), a respeito das bibliotecas comunitárias, ressalta que as bibliotecas que surgem do processo natural, ou seja, da ação individual ou coletiva de um grupo local organizado, resulta da “forma sócio-política de reivindicação e luta da sociedade pelo direito à informação, à leitura e ao livro. É a prática social resultante da carência educacional e cultural vivenciadas por grande parte da população brasileira.”

Estas bibliotecas, para alcançar a comunidade, abandonaram o aspecto “sóbrio e cerimonioso”, tornando-o mais colorido, alegre, acolhedor, com almofadas pelo chão, ilustrações coloridas nas paredes e, no acervo, obras que estão ao alcance das mãos. (MASSOLA, 2011). Um dos seus objetivos é propiciar espaços e incentivar a organização da comunidade para debates e discussões, na defesa de seus interesses. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997b). Machado (2008) destaca que quando a biblioteca conta com membros da comunidade em sua equipe de trabalho fortalece as articulações locais. De fato, o sujeito destaca que a biblioteca *proporciona interação e mobilização social, [...] encontros [...].*

Almeida Júnior (1997b) defende este tipo de biblioteca como a que precisamos num país como o nosso [...] que caminha ao lado e com a maioria da população, auxiliando as pessoas na busca do resgate de sua dignidade e de sua condição de cidadão. *É um espaço para [...] reflexão, para [...] ampliar o conhecimento sobre as artes, sobre o mundo, sobre o conhecimento em sua própria existência, a partir da consciência de diversos saberes, com certeza, mudo minha prática e mudo minha atuação no mundo. [...] Nela dá para sentir empoderado pra fazer, [...] aprender muito.*

Freire (1986) ao destacar a relevância da biblioteca popular para a alfabetização de adultos, afirma que o Brasil foi ‘inventado’ de forma autoritária, de cima para baixo e que seria necessário reinventá-lo em outros termos. O sujeito coletivo esboça no discurso sua prontidão em atuar:

[...] Pode ser quase nada, mas alguma coisa eu estou fazendo. É uma oportunidade [...] de se engajar em alguma coisa também, [...] ter

um ideal, lutar por alguma coisa [...] de fazer algo, de se sentir útil, [...] não ficar só sentado reclamando, só sentado olhando [...].

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS



(“Not to be reproduced”, Magritte, 1937)

As bibliotecas comunitárias me instigam desde que percebi sua existência. São para mim algo como as pinturas surrealistas do belga René Magritte, impossível olhar sem ficar “perturbada” com o que se apresenta. As bibliotecas, como as obras do pintor, resultam da ação do homem, então, posso dizer que é esse “homem” que me interessa, que me instiga e perturba, a sua escolha, seu “mover”, resultado de suas necessidades, de seus pensamentos, de suas ideias. Porque contemplei este indivíduo cheguei até aqui.

Além dos objetivos específicos e o geral a que me propus alcançar neste estudo, também “soltei” ao longo do texto perguntas a mim mesma e ao leitor que pretendo honrar com algumas respostas e provocar, quem sabe, mais questionamentos. Perguntas como: Quem lidera tais iniciativas? Por que surgem as bibliotecas comunitárias? Por que elas se demonstram tão necessárias para a comunidade? As bibliotecas comunitárias “denunciam” a impotência das bibliotecas públicas do Estado? Por que estes líderes não esperam pela ação dos profissionais formais? Creio que todas estas perguntas terão suas respostas implícitas nos objetivos estipulados neste estudo, mas algumas irão direcionar alguns “desvios” e complementos dos objetivos.

Do universo dos entrevistados, pode-se constatar que estas lideranças correspondem a um grupo diversificado, bastante heterogêneo no que diz respeito às características sócio-econômicas e culturais. Composto por homens e mulheres, equitativamente, abarcam indivíduos de três gerações diferentes, nascidos e criados em áreas urbanas e no interior. O grau de instrução deste grupo varia de nenhum

ensino formal ao doutorado e suas profissões revelaram-se as mais diversas, entretanto, com o predomínio da atividade docente.

Ao resgatar dados do contexto social, econômico e cultural em que ocorreu o desenvolvimento pessoal, educacional e profissional destes líderes, constatou-se que, embora não seja a realidade de todos, a grande maioria dos entrevistados nasceu e se criou em locais mais distantes dos centros urbanos, em periferias, interior ou zona rural e se desenvolveu em meio a grandes dificuldades econômicas e sociais. Poucos foram os que tiveram uma situação favorável em seu ambiente de desenvolvimento, como ficou evidente no caso de três dos entrevistados. Sobre estes, seus relatos indicam que gozaram de boas escolas (públicas e privadas), de suposta estabilidade familiar, e, cada um em sua realidade, teve a possibilidade de ter acesso a bens de consumo em seu desenvolvimento. Moraram em locais, capital ou interior, onde foi possível o acesso a bens culturais. Um desses entrevistados, além de acesso a boa escola privada, conforme relata, “*cara*”, em um grande centro urbano, também enfatizou que pôde fazer intercâmbios em outros países desde muito cedo e conhecer diferentes culturas.

Destacam-se também outros casos, como o do entrevistado que, mesmo com situação econômica favorável, em sua infância e adolescência, o meio social não propiciava acesso a bens culturais (em sua cidade no sertão nordestino até hoje não existe banca de jornal); ou de outro, que mediante auxílio pôde estudar em escola particular mas, como relata, só tinha acesso a jornal quando o mesmo vinha embrulhando o peixe da semana santa. Este último se desenvolveu em comunidade periférica, com pouca infra-estrutura de saneamento e mobilidade, onde viu pessoas passando fome.

Notória é a dificuldade que alguns destes líderes tiveram durante sua infância e adolescência no acesso aos meios de comunicação que oportunizam aproximação com o conhecimento externo e com o meio social imediato e ao tempo presente. Alguns entrevistados destacaram acesso a cinema e televisão e há o entrevistado que destacou o rádio e as conversas com pessoas mais velhas, ou o que lembrou que em sua cidade “*[...] não tinha luz elétrica também, o rádio a transistor ainda não estava difundido, mas tinha uma ou duas pessoas que tinham rádio através do cata-vento, energia eólica*”.

Com poucas exceções, através das narrativas destes líderes compreende-se que seu desenvolvimento se deu em meio a dificuldades sociais e econômicas. Alguns relatam que trabalharam na infância e que

o acesso à escola teve muitos percalços. Com relação à escolarização muitos tiveram que migrar de cidade para continuar estudando, um dos entrevistados nunca frequentou estabelecimento escolar (lê, mas não escreve), e outro contou que foi alfabetizado quando tinha 16 anos.

Aos que tiveram acesso à escola, percebe-se que, na maioria dos casos, ela oportunizou espaços de vivência e desenvolvimento cultural e, por vezes, demonstrou ser o único espaço de acesso aos bens culturais. Um dos entrevistados relata que em sua escola tinha uma boa biblioteca e que gostava de ler e outro menciona que em sua escola “*livros não existia, não tinha biblioteca, a gente nunca tinha visto falar em biblioteca, não existia essa palavra biblioteca, o livro era um livro só pra muita gente*”. Houve relatos de influências positivas e negativas por parte do professor e pode-se perceber que a escola também foi um dos mecanismos citados como oportunidade de estimulação e gosto pela leitura, bem como, o ambiente familiar.

Alguns entrevistados enfatizaram a admiração e exemplo da figura do pai e da mãe ou de alguma figura feminina da família. Os que mencionaram sobre o contexto familiar, referiram-se a uma estrutura que incluía irmãos. Como problemáticas familiares, foram destacados casos de separação e ausência paterna, seja por morte, divórcio ou trabalho. Outra dificuldade enfrentada em família que foi destacada por alguns entrevistados foi a de moradia e, mais especificamente, também de segurança, ao mencionar que “*com sete anos, meu pai morreu, e eu me achei debaixo de uma choupana, sem estudo, eu minha mãe mais dois irmãos, passei muita fome, muita fome mesmo, sofri muito, aprendi a me defender dos homens com sete anos [...]*”.

Em sua ambientação social durante a infância e adolescência, houve relatos de líderes que conviveram com pessoas de classe média e alta, classe média, ou de diferentes classes sociais, mas a grande maioria ressaltou a convivência em ambientes de baixa renda. Um dos entrevistados destaca que morava em comunidade de baixa renda, mas estudava com pessoas de classe alta, situação que possivelmente aumentou sua percepção sobre as desigualdades sociais.

Como espaços de socialização e engajamento foram elencados bar, clube, escola e igreja. Esta última, presente em quase todas as declarações, assim como a escola, também se demonstrou um espaço de vivência cultural, com relatos de influência do catolicismo, protestantismo e cultos afros.

Muitas lembranças foram resgatadas por estes líderes quando perguntados sobre sua vivência cultural. Futebol, brincadeiras na rua,

brincadeiras com bola, brincadeiras regionais, *skate*, bonecos, jogos de montar, papagaio, pescaria, contação de histórias e vídeo game. No ambiente cultural, também tiveram destaque os encontros familiares, conversas sobre filmes e livros, declamações, *shows*, filmes, envolvimento com grupos culturais, bandas de música, maracatu, danças, música e até apreciação pelo horário político obrigatório. Outro componente do espaço de vivência cultural comumente citado foram as festas populares, juninas, religiosas e regionais.

A difícil situação social e financeira esboçada nas narrativas da grande maioria destes líderes se apresenta também como um entrave no acesso à leitura e à biblioteca. Muitos relataram que não gostavam de ler e os que declararam prazer e gosto pela leitura na infância foram, na sua maioria, os mesmos que tiveram maiores condições econômicas e sociais, através do estímulo familiar e escolar. Destaque para uma das pessoas entrevistadas, que menciona não ter sido incentivada por ninguém, mas que sempre gostou de ler, embora o acesso ao livro em sua cidade fosse artigo de luxo. Ressalta-se também, em outra narrativa, a influência de amigos que tinham acesso a livros e biblioteca em casa, que contribuíram para o despertar da leitura no período de adolescência de um dos entrevistados.

Dos treze entrevistados, somente dois nunca se envolveram com movimentos sociais, para além da biblioteca comunitária. Os outros onze já se envolveram anteriormente (ou se envolvem paralelamente) em outros movimentos sociais como movimentos relativos à educação, assistência social, políticos, culturais e religiosos.

Através do discurso do sujeito coletivo e sua interpretação, pôde-se perceber a amplitude e a riqueza que a instituição biblioteca possui para estes líderes, pois é descrita nas mais diversas facetas. A descoberta da realidade através da biblioteca é narrada por um dos entrevistados ao contar fato ocorrido quando estava na quarta-série: *“Foi minha primeira descoberta, que eu fiz num livro, eu descobri que o Brasil era Terceiro Mundo, era subdesenvolvido, um livro, que me condicionou a romper com a vida que eu achava que eu tava levando e todo mundo levava. Eu olhava o mundo pela minha vida, quando eu tive contato com um livro da biblioteca da minha escola, eu descobri que não [...]”. A partir daquele dia eu comecei a pensar, ‘puxa eu tenho que fazer alguma coisa pro Brasil sair do Terceiro Mundo’ [...]”*.

Houve no discurso grande valorização do livro como componente principal da biblioteca, reforçando uma imagem usual de um espaço que disponibiliza este suporte informacional, com alguns depoimentos

inclusive atribuindo a democratização do acesso a este bem como principal importância da biblioteca. Outro componente que se demonstrou relevante no que diz respeito à biblioteca foi a promoção do aprendizado e formação do indivíduo, que foi, de fato, o motivo primeiro do estabelecimento das bibliotecas abertas ao público. Entretanto, há que se destacar também pensamentos que direcionam a biblioteca como um espaço de entendimento do mundo, “ventilando” e sugerindo um conceito que parece ter sido inspirado por Paulo Freire⁵³, já mencionado, a respeito da “leitura”. Em alguns destes depoimentos a disseminação do livro e da leitura, deixam de ser um fim, mas passam a ser um meio para a própria existência do homem a partir do exercício do pensar, da potencialização da escrita, da promoção de cidadania e, inclusive, da promoção de bem-estar, saúde e segurança. Estes três últimos itens, bem-estar, saúde e segurança, são pouco referenciados de forma direta quando o assunto é biblioteca. Os líderes os mencionam em falas explícitas: “[...] eu queria mostrar àquelas crianças que existia outra realidade mais colorida mais bonita que aquela que elas estavam inseridas nela, do que aquilo que elas viam, de briga, de confusão, de alcoolismo. É como se eu estivesse tentando fazer com que elas respirassem mais aliviadas, elas estavam sufocadas [...]” e “[...] Eu tenho a certeza que se tivesse mais bibliotecas a gente precisaria de menos hospitais”, e ainda “Antigamente as crianças eles chegavam da escola e ficavam na rua, arriscado um carro passar por cima [...]”.

A respeito do valor da biblioteca com relação a questões como as levantadas pelos entrevistados, Pedro Bandeira (2005), autor de livros infanto-juvenis, ao relatar sobre suas andanças em escolas públicas brasileiras destacou o caso de uma menina de uma escola da periferia de São Paulo⁵⁴ que despertou sua atenção. Uma jovem que, segundo ele, esboçava nervosas indagações sobre livros e que demonstrava uma ligação incomum com a literatura, entretanto, com uma ansiedade que parecia patológica. Ao mencionar sobre a menina com a diretora, esta relatou que ela morava em condições sub-humanas e tinha sérias dificuldades familiares, ameaças a sua integridade física. A escola não

⁵³ Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em Recife, Pernambuco, no ano de 1921 e desde cedo experimentou as dificuldades de sobrevivência das classes populares. Pôs em prática uma educação que identifica a alfabetização como um processo de conscientização. Sua prática educativa foi reconhecida mundialmente através de várias homenagens e premiações. Entre suas obras estão: Educação: prática da liberdade (1967), Pedagogia do oprimido (1968), Cartas à Guiné-Bissau (1975), Pedagogia da esperança (1992) e À sombra desta mangueira (1995). Faleceu em São Paulo, no ano de 1997. (GADOTTI, 1996).

⁵⁴ Segundo o autor, a escola havia sido incendiada recentemente pelos alunos.

tinha ensino integral mas, atenta às dificuldades da aluna, a diretora permitia que ela ficasse na biblioteca durante todo dia, até o período noturno. Quando a escola fechava, ela ia para seu barraco, com livros da biblioteca e uma lanterna dada pela professora, onde lia até adormecer. Os livros eram a alternativa à loucura.

As opiniões expressas sobre as ações realizadas pela instituição biblioteca na sociedade contemporânea são espelhadas através de suas manifestações a respeito da biblioteca pública e sua estrutura. Percebe-se que todas as críticas direcionadas à biblioteca pública e seus responsáveis não representam a negação do valor nem da biblioteca, nem dos bibliotecários que trabalham nestes espaços. Ao contrário, através das representações pode-se concluir o quão relevantes são para a sociedade, a partir da negação do direito de acesso a determinadas fatias da sociedade e também de sua inoperância. As bibliotecas comunitárias parecem realmente surgir desta ausência, como também afirmou Machado (2008) em seu estudo, do vácuo, da indiferença, e, de certa forma, seu nascimento, sua presença e sua “andança na corda bamba” para se manter “viva”, é uma denúncia à atuação (ou a falta dela) das bibliotecas públicas do Estado.

O líder se demonstra atento às problemáticas sociais. Ao mencionar sobre a biblioteca comunitária que lidera, através da exposição dos serviços e benefícios que ela traz para sua comunidade, termina por revelar as necessidades que, na sua concepção, uma biblioteca como a pública, por exemplo, poderia suprir, como é o caso da alfabetização de adultos, ou mesmo atividades que incluam este sujeito que ainda não decifra o alfabeto. Se a biblioteca pública não “abraça” este indivíduo, se através da atuação de seus profissionais não demonstra sua responsabilidade em servir este cidadão, ele entenderá que não faz parte deste espaço. A biblioteca dispõe de materiais que privilegiam a informação impressa e se os responsáveis por ela centrarem sua atividade somente no empréstimo deste tipo de material, deixa de ser significativa para este tipo de público e até mesmo para os alfabetizados funcionais, por exemplo, outro grande problema social brasileiro.

O que se percebe no discurso destes líderes, em sua maioria, principalmente dos que mantêm bibliotecas comunitárias em áreas com concentração de pessoas nestas condições, é um fazer não excludente. Não é só pelo fato de se ocuparem em disponibilizar cursos de alfabetização de adultos, mas por demonstrarem na sua prática que a biblioteca pode ser mais do que distribuidora de um acervo impresso.

Ela (a biblioteca), comunitária, porém, de fácil acesso, perto de casa, frequentada por pessoas conhecidas e próximas, oferece em meio à rotina das pessoas, atividades como contação de histórias, exposição de filmes, conversas com escritores, manifestações culturais (normalmente do próprio local), palestras e encontro para discutir problemas da comunidade, *shows* e tantas outras iniciativas que não excluem o cidadão não letrado no alfabeto, ou mesmo, que não tem ainda consolidado o gosto pela leitura. Portanto, a este cidadão, também lhe é permitido o acesso à biblioteca, para leitura do seu mundo ou de outros, esse outro tipo de leitura que a biblioteca pública também pode (e deve) propiciar. Qual nas lições sobre a floresta que o Saci dá a Pedrinho, no Sítio do Picapau Amarelo, uma delas é de que a mata é um “livro” que, para ser “lido”, necessita de tempo, observação e estudo. (LOBATO, 1972). Mas não precisa da leitura do alfabeto. A possibilidade de fazer parte de um ambiente como a biblioteca pode ser um convite, para “[...] a pessoa vir, participar da vida a partir da palavra escrita, a partir da arte literária, a partir das outras artes [...]”.

Recentemente, em palestra proferida no XXX Painel de Biblioteconomia de Santa Catarina, realizado em Florianópolis, Luiz Milanesi⁵⁵ mencionou que as bibliotecas escolares (peço licença ao autor para ampliar o alerta para as bibliotecas públicas, ou centros culturais, como ele denomina sua evolução) deveriam dar conta de “educar” o aluno (ou, o cidadão) não somente para o intelecto, mas também para a sensibilidade. Essa “educação” é do território da arte, literária, plástica, musical, em todas as suas expressões. Neste sentido, um dos entrevistados nos direciona para o entendimento de que o acesso à arte não pode estar vinculado à situação econômica, o Estado deve ser responsável por fornecer este acesso. Entretanto, acredita que por ser o Estado um organismo que trabalha com um pensamento dominante, as iniciativas como as bibliotecas populares, dão um contraponto. Declara que sabe que com sua iniciativa não vai “*resolver a questão da biblioteca que são poucas e nem resolver o problema da literatura na cidade*” e que sua intenção é fazer uma “*provocação, [...] humanizar o espaço de concreto [...] fazendo atividade cultural [...]. [...] O meu trabalho é uma arte, é um trabalho de arte, porque o que é que é a função da arte? É levar o homem a pensar [...] tem uma força fundamental de botar você sempre em estado de alerta [...]*”.

⁵⁵ Informação oral apresentada por Luiz Milanesi na Conferência de Abertura, no dia 8 de outubro de 2011, com o tema “A Escola do Profissional da Informação na Escola”.

A atuação destes líderes em muito se assemelha à missão profissional dos bibliotecários, especificamente de bibliotecas públicas, e sua mobilização demonstra que eles não esperam pela atuação destes profissionais formais. As razões para esta postura se revelam na mesma medida em deixam transparecer o lado reverso de uma ética bibliotecária, percebida por estes líderes. Em suas falas, destacam o mau atendimento nas bibliotecas que inclui o tratamento diferenciado para determinados grupos. Nas anotações que fiz durante a entrevista, um dos entrevistados menciona que a maioria dos usuários da biblioteca comunitária que lidera é composta por moradores de rua que não frequentam a biblioteca pública porque não se sentem à vontade. O que gerou essa sensação por parte dos moradores de rua só seria possível saber de fato se fizéssemos um estudo direcionado, mas certamente, também não se traduz na imagem de um local que lida com a presença deste grupo sem preconceitos, como deveria. O discurso da ética bibliotecária de tratar com igualdade todos os usuários é desmistificado, quando um dos entrevistados menciona que a biblioteca pública “é da alta sociedade”. Para este entrevistado, que nunca teve oportunidade de frequentar escola, alta sociedade pode ser um estudante, para quem, de fato, demonstra ser direcionado o trabalho da biblioteca pública atualmente, em função da precariedade e ausência também das bibliotecas escolares. Cada categoria de biblioteca vai amargando suas mazelas e umas esbarram nas outras, como efeito dominó.

A imagem do profissional passivo e neutro, aliada à imagem da própria biblioteca pública, abandonada pelo poder estatal, colabora para enfatizar tais características, destacadas pelo sujeito. Estes líderes não percebem mobilização, interesse, articulação e envolvimento político por parte deste grupo de profissionais formais que deveria estar no centro das questões de leitura no País. Rasche (2005, p. 138) pode nos mostrar o outro lado do discurso, em seu estudo sobre as representações de ética dos bibliotecários de bibliotecas públicas. Revela que na “fala” destes profissionais, o usuário figura como principal preocupação na sua prática profissional, entretanto, a autora toma tal afirmativa como “intrigante” pois em suas narrativas aparecem qualificações para o usuário como “usuário problema” e mesmo menção a grupos de usuários com os quais os bibliotecários possuem mais afinidade. Estas considerações levam a autora a questionar sobre o rótulo que afasta o usuário e o privilégio que teriam no atendimento e acesso à informação, os que se dão bem com os bibliotecários, excluindo uma ideia de tratamento igualitário. Em suas representações sobre suas práticas os

bibliotecários não explicitam “a noção de direito de acesso à informação” nem sobre a situação política da Instituição que trabalham. Em seus discursos não se menciona em alternativas para solução de conflitos com usuários que reclamam de normas, e a responsabilidade social do bibliotecário ou da biblioteca quase não foi mencionada se não fosse pela menção à preservação do espaço da biblioteca como um bem público. A autora não percebe nestes profissionais uma narrativa voltada para uma “postura de atuação voluntária ou altruísta em favor de um maior acesso à informação, ou de campanhas em favor de bibliotecas públicas, ou de acesso à leitura.” (RASCHE, 2005, p. 138).

A questão do apego ao tecnicismo nem aparece no discurso dos bibliotecários na pesquisa mencionada anteriormente, mas é levantada na percepção dos líderes de bibliotecas comunitárias como se revelou no discurso do sujeito coletivo. Entretanto, relevante destacar Souza (1990), já mencionado anteriormente, que afirma que a passividade dos bibliotecários pode não estar somente ligada ao enfoque tecnicista, mas ao fato dos mesmos não serem leitores assíduos, ou mesmo usuários de biblioteca e, por isso, não conseguirem se identificar com os que são. Esta ideia também se vincula à afirmativa de Milanesi no Evento realizado recentemente quando ressalta a questão de que os bibliotecários fazem parte de uma formação com pouco diálogo com o mundo, vivem no isolamento. Diante desta linha de raciocínio, passividade, neutralidade, isolamento, falta de engajamento com políticas públicas e associativas, são características de um profissional, servidor público, que chocam com o esperado por indivíduos que precisam (por seus mais variados motivos) da biblioteca de caráter público. Como a população pode esperar? Pedro Bandeira (2005) ao final de seu texto se identifica com a menina da escola pública do interior paulista, pois assim como para ela o livro era alternativa à loucura, para ele, o livro foi alternativa à solidão. Os bibliotecários, preparados nos Cursos de Graduação em Biblioteconomia e profissionalizados pelo seu registro junto ao Conselho de Biblioteconomia sabem de fato de todos estes benefícios que a leitura pode oferecer, como estes líderes (e Pedro Bandeira), parecem perceber? Têm compaixão do livro que se despedaça da mesma forma que se compadecem das pessoas a quem o acesso à informação foi negado? E o que fazem por isso? Existe na formação dos bibliotecários e dos cidadãos que irão se transformar em futuros bibliotecários, espaço para este tipo de percepção, debate ou reflexão? Eles têm a observância que merecem no meio acadêmico e associativo de classe? Quando estudam e

debatem temas sobre a imagem do profissional, por exemplo, o fazem por questões que visam benefício próprio para a classe bibliotecária ou também por saber que esta imagem é relevante para que os leitores possam reconhecer neles cúmplices e companheiros e não pessoas que querem somente manter a ordem nestes estabelecimentos? São educados para a “educação da sensibilidade”? Se não o são, buscam por ela ou pensam que ela tem importância para eles próprios e para as pessoas chamadas de usuários?

Muitas destas questões que foram colocadas fazem parte das surpresas que aguardam o pesquisador durante o desenvolvimento de uma pesquisa científica. Este estudo, entretanto, tem uma pergunta maior a ecoar em todas as suas etapas que foi relativa aos fundamentos éticos mobilizadores dos líderes das bibliotecas comunitárias para a criação e manutenção destes espaços. Creio que muitos são estes fundamentos e poderei expor uma parte deles, o que pude perceber e resgatar através de suas narrativas para poder entender um pouco mais sobre suas motivações, o que, de forma alguma, não significa toda sua amplitude.

Uma ideia ética que julguei ter ênfase neste estudo é a questão do dever, termo que sugere uma obrigação, uma dívida. Este sentimento de dever, pelos mais diferentes motivos, traduz-se na criação e/ou manutenção de espaços de bibliotecas comunitárias: o dever de realizar o sonho de alguém; o dever de promover conhecimento, interação e igualdade; o dever de retribuir socialmente o que recebeu para transformação da sua comunidade; o dever de contribuir na promoção do acesso ao livro e à leitura; o dever de formar pessoas que sejam atuantes no mundo; o dever de propiciar um espaço cultural de acesso gratuito à cultura; o dever de fazer diferente do que uma professora fez, para que pudesse promover o prazer da leitura; o dever de contribuir para o desenvolvimento das pessoas através da leitura, da escrita e das possibilidades que ambas oferecem no compartilhamento do aprendizado; o dever de socializar um bem em uma cidade carente de biblioteca, fundamentado na sua vivência familiar e profissional; o dever de promover bem-estar e oferecer outras alternativas para sua comunidade; o dever de promover ideais de liberdade através da humanização do espaço público através da arte, especialmente a literária; o dever de desenvolver sua comunidade através dos livros; o dever de auxiliar no desenvolvimento de sua cidade natal fundamentado em sua vivência profissional.

Folgamos com nossos direitos, mas os deveres normalmente nos soam como penosos. Através deste estudo, podemos compreender de forma explícita, como o dever, ainda que se traduza como algo limitador, que direciona e “obriga” determinadas ações, também pode ser visto como um exercício de reflexão, oportunizador de atividades inovadoras. Não é uma imposição externa ao indivíduo, mas a presença da lei moral, da liberdade (CHAUÍ, 2010). Os sentimentos de dívida com alguém, com uma comunidade, com uma atividade profissional, com a propagação de ideais, representam em sua essência, o sentimento de dívida com o outro, está implícito o conceito de interdependência tão mencionado no aporte teórico através dos estudos de Elias e Berger e Luckmann e destaca uma ética pautada no bem de uma coletividade e na dimensão relacional.

Os ideais de biblioteca como um local oportunizador de “troca” de conhecimentos, de partilha, de solidariedade, igualdade, liberdade, justiça e inclusão, como destacados na interpretação do discurso coletivo, enfatizam isso. Evidencia-se uma ética do cuidado que se traduz na atenção, no zelo, na ocupação, na preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo com o outro, o oposto de descuido e descaso, mais que um ato, uma atitude (BOFF, 2008). Destacam-se igualmente traços de uma ética da alteridade, do eudemonismo, da ética cristã, de uma ética profissional que não se caracteriza necessariamente por uma deontologia⁵⁶.

Por serem os líderes de bibliotecas comunitárias indivíduos que lidam com o mesmo objeto de atuação profissional dos bibliotecários, a percepção da fundamentação ética mobilizadora destes líderes, no âmbito da Ciência da Informação, em estudos da linha de Profissionais da Informação, mostra-se relevante à medida que a partir dela, os profissionais da informação podem ser estimulados a refletir sobre suas próprias fundamentações e a ação que delas resulta. Dos treze entrevistados, somente um é bibliotecário com formação no nível de graduação em Curso de Biblioteconomia, entretanto, apesar da ausência de pessoas com esse perfil nas bibliotecas comunitárias, as iniciativas parecem funcionar de maneira mais eficaz. Essa eficácia não se encontra materializada nos procedimentos técnicos e formalização organizacional, mas na presença espontânea dos usuários e na

⁵⁶ Deontologia: “elenco de determinações objetivas, instruções operacionais e de cunho prático, que os membros de um grupo profissional devem seguir, no exercício de suas atividades, para garantir a uniformidade, em todos os seus aspectos e lugar, do trabalho e ação do grupo, como se fosse a ação de um único indivíduo.” (SOUZA, 2002, p. 55).

demonstração de ser este, um espaço necessário à comunidade. Se isto tudo não possibilita reflexão, mesmo em eras de avanço tecnológico onde se exige um pensar complexo, ainda será possível aos bibliotecários participar de muitos eventos nos quais irão “chorar” juntos mais uma vez sua imagem profissional. Ainda terão que escutar que fazem parte de uma classe profissional que tem como característica o isolamento, o não-diálogo com o mundo, agindo de forma irresponsável com toda uma geração de bibliotecários do por vir. Talvez, no futuro, existam bibliotecas públicas preparadas para receber ou sair de suas paredes e ir ao encontro de pessoas reclusas, asiladas, hospitalizadas, deficientes visuais, auditivos e mais uma série de especificidades de deficiência, desde que estas dificuldades não exijam empenho pessoal e possam ser resolvidas mediante tecnologia, o que não é solução para os que se sentem excluídos, sejam deficientes, não letrados, ou mesmo, moradores de rua.

_ Glória da natureza! - exclamou o capetinha com ironia. - Ou está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi Dona Benta ler, num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta que entre os homens haja isso que eles chamam guerra, para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra? (LOBATO, 1972).

Ainda relembro as lições do Saci quando diz a Pedrinho para que ele não se meta a defender o bicho homem, não devemos nos meter em defender o que não tem defesa, e sim refletir e buscar aprender com o que nos oferece aprendizado, como é o caso da atuação destes agentes. Através deste estudo, acredito que foi possível enxergar um pouco mais os líderes de bibliotecas comunitárias, como se o indivíduo, no quadro de Magritte já não estivesse mais de costas. Em verdade, seu rosto pouco importa, mas sua motivação e sua força de atuação que possibilitaram vários alertas que incluem e transbordam a Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. *Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas*. Londrina: Ed. UEL, 1997.
- _____. *Sociedade e biblioteconomia*. São Paulo: Polis; APB, 1997.
- ARAYA UMAÑA, Sandra. Las representaciones sociales: ejes teóricos para su discusión. *Cuadernos de Ciencias Sociales*, San José, n. 127, out., 2002.
- ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, nov., 2002.
- BADKE, Todêska. Biblioteca popular: uma experiência no bairro das Laranjeiras. *Palavra-Chave*, São Paulo, n. 4, p.18-19, maio. 1984.
- BANDEIRA, Pedro. *Uma alternativa ao desespero*. Disponível em: <http://www.vivaleitura.com.br/artigos_show.asp?id_noticia=14>. Acesso em: 10 out 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 57-82, jan./jun. 2007.
- BENNIS, Warren; NANUS, Burt. *Líderes: estratégias para assumir a verdadeira liderança*. São Paulo: Harbra, 1988.
- BERGAMINI, Cecília Whitaker. *Liderança: administração do sentido*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BORGES, Maria Manuel; CASADO, Elias Sanz (Coord.) *A Ciência da Informação criadora de conhecimento*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. v. 1.

BRASIL. Decreto n. 6.226, de 4 de outubro de 2007. Institui o Programa Mais Cultura. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6226.htm>. Acesso em: 03 nov. 2010.

_____. Ministério da Cultura. Mais cultura para o Brasil e o povo brasileiro. *Apresentação do Programa Mais Cultura*. out. 2007.

Disponível em:

<http://www.cultura.gov.br/upload/Programa%20Mais%20Cultura_1191616644.ppt>. Acesso em: 03 nov. 2010.

_____. Ministério da Cultura. Políticas, Programas e Ações. Livro e Leitura. *MinC divulga habilitados para edital de apoio a bibliotecas*. 27 out. 2010. Disponível em:

<<http://www.cultura.gov.br/site/2010/10/27/minc-divulga-habilitados-para-edital-de-apoio-a-bibliotecas/>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

BUONOCORE, Domingo. *Dicionário de Bibliotecologia*. Argentina: Editorial Castellán. 1976.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *Biblioterapia: um cuidado com o ser*. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CAMPBELL JÉREZ, James. El rol de las bibliotecas públicas comunitárias em el desarrollo sócio-económico de Nicaragua. *Biblios*, n. 28, abr.-jun., 2007. Disponível em:

<<http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtualdata/publicaciones/biblios/n28/a01n28.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

CASTRILLÓN, Silvia. *Organización de la sociedad civil por el derecho a leer y a escribir*. 2007. Disponível em: <http://www.cerlalc.org/redplanes/secciones/biblioteca/castrillon_organizacion.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 14. ed. São Paulo: Ática, 2010.

DEMO, Pedro. *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p.127-153.

DISKIN, Lia. Ética ou arte da convivência. In: DISKIN, Lia et al. *Ética, valores humanos e transformação*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

DURHAM, Eunice Ribeiro. (Org.). *Bronislaw Malinowski: antropologia*. São Paulo: Ática, 1986.

ECO, Umberto. Quando o outro entra em cena, nasce a ética. In: ECO, Umberto; MARTINI, Carlo Maria. *Em que crêem os que não crêem?* 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

_____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

_____. *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ELIAS, Norbert.; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E INSTITUIÇÕES. *Manifesto da UNESCO sobre as bibliotecas públicas*. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

FEITOSA, Luiz Tadeu. *O poço da draga: a favela e a biblioteca*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed; São Paulo: Bookman, 2009.

FLUSSER, Victor. Uma biblioteca verdadeiramente pública. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 131-138, set. 1980.

FONSECA, Edson Nery da. *Introdução à biblioteconomia*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2007.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 169-186, jan./abr. 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 12. ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/pub/Crpf/CrpfAcervo000011/Vida_Biografias_Voz_Bi%3f3grafo_Brasileiro_v1.pdf>. Acesso em: 11 out 2011.

GALIANI, Sebastian. *Políticas sociales: instituciones, información y conocimiento*. Santiago: Nações Unidas, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. Ética e relações sociais: entre o existente e o possível. In: JACQUES, Maria da Graça Correa et al. (Org.) *Relações sociais e ética*. Porto Alegre: ABRAPSO Regional Sul, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho A. et al. *Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

HADDOCK-LOBO, Rafael. As muitas faces do outro em Lévinas. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. (Org.). *Desconstrução e ética: ecos de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

JODELET, Denise. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 53-66.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2004.

LANDINI, Tatiana Savoia. A sociologia processual de Norbert Elias. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR - TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9., 2005, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: CEFET-PR, 2005. Disponível em: <http://www.pg.cefetpr.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/ mesa_debates/art27.pdf>. Acesso em: 22 jun 2010.

LE COADIC, Yves-Françoise. *A ciência da informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro, 2009.

_____. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)*. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2005.

LOBATO, Monteiro. O Saci. In: _____. *Obras completas*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972. v. 2.

MACHADO, Elisa Campos. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil*. 2008. 184 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-84, jul./dez. 2009.

MADELLA, Rosângela. *Bibliotecas comunitárias: espaços de interação social e desenvolvimento pessoal*. 2010. 221 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MAGALHÃES, Gildo. *Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia*. São Paulo: Ática, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARCHIONNI, Antonio. *Ética: a arte do bom*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARQUES, Mário Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

MARQUETIS, Eliana Marciela. O profissional da informação sob o ponto de vista do usuário: algumas reflexões. In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). *O profissional da informação em tempo de mudanças*. Campinas: Alínea, 2005. p. 83-98.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997.

MASSOLA, Gisele. Reinventando a leitura: um olhar para as práticas de uma biblioteca comunitária. *Ensino Em Re-Vista*, Uberlândia, v. 18, n. 1, jan./jun. 2011. p. 123-132.

MEDELLÍN TORRES, Pedro. *La política de las políticas públicas: propuesta teórica y metodológica para el estudio de las políticas públicas em países de frágil institucionalid*. Santiago: Nações Unidas, 2004.

MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

MENDONÇA, Ana Valéria Machado. O uso da análise do discurso do sujeito coletivo em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007.

MERHI, Danielle Quintanilha et al. *Cultura, poder e liderança nas organizações: um estudo de caso no setor de celulose*. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca, centro de cultura*. 4. ed. rev. e ampl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.

_____. *O que é biblioteca*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINUZZI, Josiane; CASAROTTO FILHO, Nelson; SANTOS, Paulo da Cruz Freire dos. Relações entre os valores e a liderança responsável em APLs. *Revista CAP: Accounting and Management*, Pato Branco, n. 3, ano 3, v. 3, p. 17-23, 2009.

MOLES, Abraham. *A criação científica*. São Paulo: Perspectivas, 1981.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Manfredo A. (Org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Márcio B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180-186, jun. 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PIVATTO, Pergentino S. Ética da alteridade. In: OLIVEIRA, Manfredo A. de (Org.) *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

POPPER, Karl Popper. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1975.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215- 253.

PRADO, Geraldo Moreira. A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação. *Inclusão Social*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 139-145, jan./jun. 2010.

PRADO, Geraldo Moreira; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENANCIB, 9., 2008. *Anais...* São Paulo: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/eventos/ix-enancib-encontro-nacional-de-pesquisa-em-ciencia-dainformacao>>. Acesso em: abr. 2009.

RASCHE, Francisca. *Ética em bibliotecas públicas*: representações de ética de profissionais da informação bibliotecários. 2005. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. *A entrevista na pesquisa qualitativa*: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SALOMON, Delcio Vieira. *A maravilhosa incerteza*: ensaio de metodologia dialética sobre a problematização no processo do pensar, pesquisar e criar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo. *Ética*. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SEITZ, Eva Maria. *Biblioterapia*: uma experiência com pacientes internados em clínica médica. Florianópolis: Habitus, 2006.

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SILVA, Márcio Bolda da. *Rosto e alteridade*: pressupostos da ética comunitária. São Paulo: Paulus, 1995.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *Ética e deontologia*: textos para profissionais atuantes em bibliotecas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

_____. *O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1990.

TARGINO, Maria das Graças. Práxis bibliotecária. *Informação e Sociedade*, João Pessoa, v. 13, n. 1, jan./jun., 2003.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Os docentes de biblioteconomia, documentação e ciência da informação no Brasil: alguns resultados de estudo exploratório sobre as representações da profissão bibliotecária. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 1-37, 2009. Disponível em: <<http://www.journal.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14n28p01/11015>>. Acesso em: 11 set 2011.

WANDERLEY, Mariangela Belfiore. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAIA, Bader (Org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 16-26.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Ana Claudia Perpétuo de Oliveira da Silva, estou desenvolvendo pesquisa intitulada “A ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias” que objetiva investigar os fundamentos éticos mobilizadores dos líderes das bibliotecas comunitárias para a criação e manutenção destes espaços. Esta pesquisa faz parte dos estudos que realizo no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, iniciados em 2009, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Serão entrevistados líderes de bibliotecas comunitárias de todas as regiões do Brasil e sua aceitação em participar da pesquisa é muito importante. Informo que nenhum participante será identificado pelo nome, mantendo as informações sob sigilo. Em qualquer momento, fique a vontade para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa e desistir da participação, se assim desejar.

Pesquisador

Orientador

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____/____/201__.
 (Cidade, Estado) (Data)

Assinatura: _____ RG: _____

APÊNDICE B – Questionário

A – IDENTIFICAÇÃO GERAL

Idade: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Se possui filhos, quantos? _____

Cidade e Estado de nascimento: _____

B - ESCOLARIDADE E PROFISSÃO

() Ensino fundamental

() Ensino Médio

() Graduação. Curso _____

Instituição de conclusão do Curso/Estado _____

() Especialização. Curso _____

Instituição de conclusão do Curso/Estado _____

() Mestrado Curso _____

Instituição de conclusão do Curso/Estado _____

() Doutorado. Curso _____

Instituição de conclusão do Curso/Estado _____

Profissões/ocupações exercidas ao longo do tempo (todas que já exerceu formalmente ou informalmente):

Profissão atual: _____

C – BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Qual o ano de criação da Biblioteca Comunitária? _____

A Biblioteca Comunitária constitui ambiente principal de sua atuação profissional? () Sim () Não

Quanto tempo de sua semana dedica à Biblioteca Comunitária?

APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista

- 1 Fale livremente sobre sua vivência cultural na infância e adolescência.
- 2 Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?
- 3 Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da Biblioteca Comunitária?
- 4 Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas.
- 5 Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente
- 6 Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária.
- 7 Fale sobre os serviços e benefícios que a Biblioteca que lidera traz para a comunidade.
- 8 Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar.

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas na íntegra⁵⁷**ENTREVISTADO(A) A**

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

A.: Eu não gostava muito de ler não, depois, com o tempo que eu vim a gostar de ler, depois que eu fiz o curso, nem na minha infância nem na adolescência eu gostava muito de ler não, mas fiz até o primeiro grau, só que depois que montei essa biblioteca aqui que eu peguei gosto.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

A.: Eu conheci muitas pessoas assim influentes, pessoas que não podia me ajudar financeiramente, mas, conversando a gente conhece todo tipo de pessoa lá de fora. Através daqui a gente viaja muito, a gente viaja aqui dentro mesmo, que sou, eles vem muito pra cá, eles quer conhecer, saber, então, nesse contexto aí do social foi esse. No econômico não mudou muita coisa não, econômico continua o mesmo, está dando pra sobreviver, quando eu era pequena, era meio precário, que eu me lembre, na infância, era dolorido.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

A.: Não, só aqui na biblioteca comunitária e lá na cooperativa né.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

A.: Eu acho que pra mim e pras pessoas que não tem tanto dinheiro pra sair, pra conhecer o mundo aí fora, podem conhecer aqui através dos livros. Eu sempre falo isso pra eles, que o meu sonho é pegar, conseguir trazer aquele povo da cooperativa, que isso aqui é deles, trazer e ver eles sentado aqui lendo, pra eles ver como é bom, dá pra viajar, viajar muito, através dos livros.

⁵⁷ Na transcrição das entrevistas estão ocultos nomes das bibliotecas comunitárias, local de trabalho e cidade onde atuam os entrevistados. Optou-se por colocar entre colchetes algumas expressões visando a preservação do sigilo dos informantes.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

A.: Atualmente, eu não tenho ido às bibliotecas públicas, mas já tive relatos de que eles não aceita, aceita, mas do jeito deles, as pessoas que não tão bem vestido, tão de chinelo, não são muito aceita nessas bibliotecas. Eu acho que isso aí teria que acabar, é pública, é pra todo mundo, já diz, pública, público é pra todo mundo não interessa se você tá de chinelo, se você tá de bermuda ou se você tá de terno. Então eu acho que eles precisa dá uma reavaliada nesse sentido assim.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

A.: A minha motivação foi o ex presidente da Cooperativa. Que o sonho dele era ter uma biblioteca. Ele batia naquela tecla. E ele não sabia ler. Quando falou da biblioteca ele falou, “não, eu vou aprender a ler”, e realmente ele aprendeu a ler, hoje em dia ele lê muito bem, pega os livros , conversa... não tem aquele estudo, mas o pouco que ele aprendeu ele sai aí fora e fala muito bem. Ele me incentivou muito a querer ficar aqui, a fazer o curso, então hoje em dia eu agradeço a ele.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

A.: A biblioteca oferece a leitura para aqueles que não têm acesso à biblioteca pública e de vez em quando a gente faz uns eventos, evento cultural, chama contador história pra contar umas história aí pro povo, fazer eles ri, aqueles contador de anedota, piadas, pra intercalar. Faz tempo que a gente não faz isso mas precisamos voltar na ativa, porque isso é muito bom, porque esse pessoal que trabalha ali, aquele trabalho é muito pesado, é muito estressante. Penso que eles tem que ter um dia pra parar, sentar, relaxar, acho que não só eles, não só eles como acho que o mundo todo tá assim, então, acho que tem que ter um tempo, parar... E a atividade que a gente faz aqui é uma festa, uma vez por mês, que é os aniversariante do mês, do outro lado de lá da cooperativa e aí a gente faz aqui, fora da Biblioteca, eles tem acesso a ligar uma televisão, assistir um vídeo, toda comunidade participa, a gente faz divulgação pela Internet e a gente tem muitos voluntários. A gente já tem uns cadastro tal, então a gente faz uns papelzinho, uns panfletinho e sai entregando aí na comunidade.

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

A.: *O trabalho aqui da Biblioteca ele é muito gratificante. Você vê, a gente recebeu 1600 livros, tudo novo na caixa, enquanto eu tava aqui eu já tinha cadastrado mais de 3000 livros... dado em doação, porque tem muita gente que vem e olha fala, “não, eu vou trazer”, “serve pra você?”, serve, tudo que é doado pra nós é bem-vindo, se não servir pra cá pra biblioteca se tiver alguém que precise a gente repassa, se não tiver também é investido lá na cooperativa porque serve de forma de retirada. Eu também sou uma cooperada, apesar de ficar aqui na Biblioteca, apesar de ficar lá na parte de escritório, mas eu sou que nem eles, sou uma cooperada e a Biblioteca aqui pra nós é tudo, pra mim, que eu venho aqui, eu pego livro, levo pra casa... que depois que você pega gosto você quer só ficar lendo.*

ENTREVISTADO(A) B

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

B.: *A minha vivência cultural foi muito rica, de várias formas, primeiro eu tive acesso à educação, desde pequena, fui pra escola com 1 ano, então eu sempre tive muito presente esta questão da educação. Frequentei boas escolas aqui [da cidade, capital de um estado da região Sudeste], tive um acesso à cultura e ao universo cultural que normalmente a escola te apresenta. Mas fora isso, eu tive uma oportunidade desde cedo, a minha família, eu e meus irmãos nascemos [aqui] mas a minha mãe veio do interior [do Estado], mas na verdade ela nasceu no Espírito Santo e o meu pai é do interior de Minas. Apesar de eu ter nascido [aqui] eu sempre tive a possibilidade desde muito pequena de conhecer um pouco mais a cultura do interior do Brasil, então, principalmente essa origem do meu pai, do interior de Minas, ele, a família dele veio de uma zona rural também de Minas, um lugar que a gente até hoje volta, um povoadinho chamado Macuco do Muriaé, onde como é muito comum no Brasil tem as tradições de santo, de festejo, de coroação, de não sei o quê, aquelas procissões, então, acho que Minas tem muita cultura, muita cultura popular. Então eu me lembro desde pequena de ter tido a oportunidade de ter tido esse contato diferente de uma criança de cidade grande que não tem conexões, todo mundo tem um pouco, mas eu tinha e isso era uma coisa que me chamava muito a atenção, essa diversidade. Meus primos cresceram os primos [de grandes cidades], os primos do interior, os primos de não sei aonde, na minha família eu acho que eu já tive o*

contato desde a infância com diferentes tradições culturais brasileiras e isso pra mim era sempre muito interessante. Depois eu tive oportunidade também de fazer alguns intercâmbios, que foram incríveis pra minha formação, eu acredito muito na força dos intercâmbios culturais pra educação, pra formação das pessoas. Então eu me candidatei, na escola que eu estudava tinha algumas possibilidades, então desde pequena, por exemplo, eu comecei a estudar inglês, eu me inscrevi num programa de intercâmbio de cartas com pessoas de países de língua inglesa, então tinha lá uma amiguinha que escrevia carta de não aonde, depois eu me candidatei a um intercâmbio que eu acabei indo com uma turma da escola pra um acampamento com 13 anos. Foi minha primeira experiência que eu pude sair do país, eu fui pra um acampamento em Cuba e chamava acampamento de pioneros, era um acampamento que tinha crianças cubanas, crianças russas, crianças não sei o quê, de vários países do mundo ficavam convivendo num período determinado do verão deles, eu fui, aquilo me abriu a cabeça. Depois eu me inscrevi, eu tava sempre atrás disso, eu tinha uma fascinação por isso, me inscrevi naquele negócio de intercâmbio que chama CISV, Children International Summer Village, um programa também pra cultura da paz, para as crianças do mundo inteiro conhecerem as diferentes culturas e eu fui selecionada pra receber uma alemã na minha casa, depois eu pude ir e passar um mês na casa dessa alemã. Isso desde a adolescência, então eu acredito que eu tive a oportunidade de ter acesso a um grande universo cultural, primeiro no meu próprio país, na minha própria família, pela origem dos meus pais e dos meus avós e tal, e segundo, na verdade acho que minha mãe incentivou muito essa busca. Minha mãe veio de uma família humilde mas ela ganhou uma bolsa para morar nos Estados Unidos quando ela tinha 18 anos, então, ela tinha essa marca na formação dela que ela achava muito valiosa, acho que ela passou isso pros filhos, o valor dessas experiências multiculturais de intercâmbio. Eu peguei muito isso dela, os meus irmãos até não tem nada disso, cada um faz uma coisa, mas eu herdei isso e fui querendo também me inscrever nesses concursos, nesses programas e acabei conseguindo ir pra alguns lugares. Em relação à leitura especificamente foi, eu acho que com certeza, o meu primeiro passaporte pro universo, pra diversidade cultural do mundo, foram os livros. Eu tive a sorte de ter em casa uma tia que morava com a gente que lia desde os 2, 3 anos de idade pra mim, toda noite, o livro da ursinha, o livro do não sei o quê, o livro do não sei o quê... Eu acho que eu tive acesso à cultura de muitas formas e

literária também, desde pequena. Inclusive, a primeira vez que eu vi um livro da Amazônia, eu lembro, eu era muito pequena, o meu pai ganhou ficava em cima da mesa, era um livro dos índios do Xingu e eu me lembro que, de criança, já ficava olhando aquilo e falava “gostei”, sempre eu ia no mesmo, pesquisava. Tinha um outro de fotos aéreas da Amazônia que eu tenho até hoje, aquilo ficava enfeitando a mesa assim da sala e eu ficava assim, acho que daí também veio uma vontade, uma curiosidade de... de expandir, de conhecer não só a Amazônia, o mundo. Acho que essa coisa da diversidade cultural do mundo eu tive oportunidade de ver que ela era muito rica desde pequena e sempre também tinha muita curiosidade por isso, então, acho que eu tive a sorte de ter bastante recurso cultural a minha volta.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

B.: *A minha vida na verdade acompanhou um pouco a trajetória profissional dos meus pais, do meu pai principalmente que ele, quando eu nasci, ele estava desempregado. Então era uma família de classe média, quer dizer, tinha um apartamento, morava de aluguel, tava financiando pra comprar, tinha o carro, mas enfim, meu pai e minha mãe não eram ricos de jeito nenhum. A minha mãe, a família da minha mãe, vem de uma origem bem mais humilde. A família do meu pai eles tinham tido lá em Minas um laboratório, uma coisa assim, mas também tinham falido, mas tanto meu pai como minha mãe fizeram universidade. A minha mãe, muito por mérito totalmente dela, meu pai teve acesso a uma escola boa, estudou no colégio interno no Estado do Rio de Janeiro. Eu acho que era uma família de classe média onde ambos tiveram acesso a educação, uma boa formação, mas estavam ambos começando a vida. Quando eu nasci, meu pai estava desempregado, e a gente tinha uma vida boa, nasci numa família boa em termos sociais, nunca passei fome, nunca passei necessidade, nasci num hospital, numa maternidade particular e tal, mas sem grandes luxos. Logo que eu comecei a crescer ele tava num bom emprego e ao longo da vida ele foi melhorando a condição social dele. É engraçado que eu tenho umas irmãs mais novas que elas já nasceram, seis anos mais novas, elas já nasceram com uma condição social diferenciada e eu e o meu irmão, meu irmão é mais velho que eu ainda, ele fala “ah, gente é da época que o presente de natal era nananã”, a gente faz um folclore assim, da nossa época e da época das duas. Então eu acho que sócio economicamente falando, meu pai conquistou muitas coisas hoje*

ele é de classe alta, eu acho, mas teve essa ascensão social no meio do caminho e eu pude então desfrutar já na minha adolescência de alguns luxos, de algumas coisas. Por exemplo fazer essa viagem pra Alemanha, que foi paga, tinha um subsídio do programa, mas foi paga, ou, ampliar ainda mais o meu universo cultural eu acho, por conta dessa ascensão social do meu pai que veio pra [cá] em busca disso mesmo, e aqui ele conseguiu um bom emprego e foi trabalhando. A minha mãe era funcionária pública, minha mãe já falecida, nunca chegou a ganhar muito dinheiro como funcionária pública mas, os dois somando conseguiram dar, tiveram quatro filhos, a gente morava num condomínio bacana, eu fui estudar numa escola que hoje é muito boa [na cidade], super cara. No começo ela não era tão famosa, mas eu me lembro na escola, que era uma escola que tinha pessoas de classe alta até classe média. Eu não era das mais ricas, as meninas tinham coisas, eu não podia ter coisas que as pessoas tinham, mas ao mesmo tempo eu cabia naquela escola, de algum jeito, eu pertencia aquele grupo, mas as vezes é até meio opressivo porque quando você é adolescente você quer ter tudo o que o top manda, então aí eu já não podia. Não tinha ido pra Disney, todo mundo tinha que ir pra Disney, e você acha que isso é uma coisa muito importante, imagina, as crianças são umas figuras... Então eu acho que eu tive, nasci dentro de uma condição sócio econômica, conhecendo o Brasil como eu conheço, bem privilegiada, nunca me faltou nada.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

B.: *Já. Eu comecei a trabalhar com isso com 16 anos, então, no colegial eu fui pra uma escola de padres, um colégio que era de origem católica e lá tinha uma possibilidade de você fazer um trabalho voluntário muito com esse olhar da caridade, mas de qualquer forma, eu me engajei nessa atividade extra curricular. Tinha a possibilidade de você fazer uma visita aos orfanatos, a uns asilos, aí eu experimentei e achei os dois muito tristes. Aí eu tinha visita depois, uma possibilidade de fazer um trabalho numa comunidade, que era numa paróquia, numa periferia aqui [da cidade] que os alunos podiam fazer recreação com as crianças da paróquia e eu me engajei nesse trabalho, dessa comunidade. Eu fazia semanalmente, eu tinha uma turminha de 7 anos que era minha turminha da recreação, que eu que tinha que bolar tudo e tal. Então comecei como voluntária com 16 anos e não parei mais. Quando eu saí eu fui pra Faculdade, daí com 19 eu comecei como voluntária também*

num projeto na periferia aqui de [da cidade], depois nesse projeto eu fui contratada, me tornei educadora do projeto. Eu estudei História, me formei como professora de história, fiz estágio tal, mas nunca lecionei em sala de aula, sempre na educação não formal, sempre nesse ambientes das ONGs, do extra curricular, tal. Então eu trabalhei muitos anos na periferia, de 98 até 2001, eu trabalhei no Projeto Anchieta, e aí eu fui pra esse projeto que hoje se tornou a ONG. Mas mesmo depois voltando da primeira expedição da ONG, eu continuei como voluntária nesse projeto da periferia, no conselho, que a diretoria não é remunerada, eu continuei como diretora não remunerada. Eu tenho essa curiosidade, acho que essa vocação de atuar nessa área de educação não formal mesmo, ligada sempre a comunidade de alguma forma, urbana, rural...

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

B.: *Esse é um tema fascinante não é... [risos, pausa, suspiro]. Eu acho que a biblioteca em si, o espaço da biblioteca em si, é uma casa de livros, guarda livros, você pode ter acesso, ela democratiza o acesso a esse bem de consumo que é o livro, que é caro, que é às vezes raro, que é às vezes, você não vai ter todo o acervo do mundo na sua casa, você tem um livro ou outro. Então, a biblioteca em si eu acho que ela é um serviço de poder dar acesso para as pessoas àquilo que cada um individualmente nunca poderia colecionar, mesmo, até pode, o José Mindlin pode colecionar a melhor, a maior e melhor biblioteca do Brasil, mas salvo os José Mindlins que são pessoas, ou o Dom João que trouxe a Biblioteca pro Brasil, o Dom João VI, salvo o José Mindlin que é uma figura incrível que dedicou a vida a isso, ou o Dom João VI que tinha por ser herdeiro da Biblioteca, salvo pessoas muito excepcionais, você, raramente vai poder colecionar individualmente o que uma biblioteca, seja ela pública, seja ela comunitária, o que uma biblioteca vai poder te oferecer como um conjunto. Eu acho que ela é um lugar onde o coletivo é muito respeitado, onde cada um pode ir lá e ter acesso a um universo muito grande. A biblioteca em si, acho que é um espaço também de mergulho, de pesquisa, de curiosidade, de conexões de ideias, de conexões de pessoas também, de insights, o espaço dela em si. Agora o que é o mais incrível que eu acho para além até da biblioteca em si é o livro, porque são os materiais que ela guarda. O livro pra mim é isso, ele foi muito forte na minha vida, desde pequena. Eu tenho essa minha tia que conta que era daquelas que ela,*

eu não sabia ler, mas era um livrinho bem pequenininho, então ela virava a página e eu dizia o que estava escrito ali porque eram frases assim “a ursinha acordou, a ursinha foi tomar café”, essas crianças que você já leu 10 vezes o livro e elas decoram? Aí ela vê e “a ursinha acordou” aí eu viro a página, “a ursinha foi tomar café”, então eu tinha muita vontade de ler, de saber ler, de saber aquelas letras. Tive essa sorte de ter pessoas a minha volta, minha vó também lia muito, minha mãe também sempre leu, de ter pessoas que eram leitoras. Sempre achei bonito ver alguém sentado lendo, achava aquilo bonito demais, quieto, lendo, “o que esse fulano ta...” Então eu tive oportunidade, eu amo o livro, eu sou apaixonada pelo livro, eu não sei o que te dizer da biblioteca sem te falar acima de tudo do livro entendeu, ela é a casa dos livros então ela é o máximo porque lá tem livro. E eu acho o livro mesmo, não interessa que agora tem os livros digitais e tudo bem, pode ser digital, pode ser do jeito que for, o que interessa é o conteúdo. Eu gosto do papel, eu amo o papel, o livro de papel, mas acho que pode ser que ele seja substituído pelo livro digital, mas ainda assim, ele vai continuar sendo uma obra de arte, uma obra humana, com imagens, com textos, com aventuras, com expressões, muito particulares e ao mesmo tempo muito universais, que tocam cada um, qualquer pessoa do mundo se toca mesmo com uma história de um esquimó que a mãe foi viajar e ele tá com saudade e não sei o que, e aquilo te toca e você não é esquimó... Eu acho o livro fascinante eu lembro dos primeiros livros que eu consegui ler, tinha um que chamava “Clarita da pá virada”, que era umas coisas, era um livro antigo, tinha histórias de uma menina que estudava num internato e que ela só fazia bagunça e as freiras ficavam dando bronca, eu me lembro de ler e rir alto, gargalhar sozinha, de estar lendo uma coisa que eu tava achando graça sabe. Aí eu me lembro de ler, a coisa mais desafiadora que eu fiz na minha vida, uma delas, até hoje, foi ler “Os Doze Trabalhos de Hércules”, do Monteiro Lobato, que era a Emília e tal mas era o Hércules, e aquilo eram 2 tomos, eram dois livros assim, cada um com duzentas páginas e eu me achava uma pessoa muito importante de estar conseguindo ler isso. Então conseguir ler é você conseguir se superar, eu sei lá, não sei nem te dizer, são tantos lados, é desde o lado de você com a cultura que você descobre, você com o seu processo de leitor que se supera, você com o vínculo com as pessoas que lêem pra você, que te emprestam livros, que você empresta livros que não sei o quê, você com o seu mundo interno que você... de repente se liga que você é igual tal personagem que você está fazendo aquela mesma pirraça que aquela

outra pessoa... Eu acho que são tantas as faces desse encantamento que eu tenho pelos livros que não dá pra dizer, e como a biblioteca é onde eles moram eu acho a biblioteca o máximo.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

B.: *Penso que é um equívoco, é um equivoco. Penso que aqui na ONG a gente tem essa mini contribuição, de tentar resignificar um pouco biblioteca, essa palavra, porque é uma palavra que lembra um lugar escuro, chato, poeirento, que tem que ficar quieto. Eu não sei, não é uma palavra que está impregnada de coisas boas e alegres e fantásticas e incríveis, como de fato os livros estão, é uma palavra que é a ordem, é o silêncio, é o não sei o quê, ela vem carregada de autoritarismo, ela vem carregada de coisa ruim, não sei. Então a gente fala que a gente faz biblioteca, mas não é aquela que vocês estão pensando, não vocês mas, quando alguém, um outro tipo, a nossa biblioteca vai nessas caixinhas, nessas estantinhas, quando a gente lê pras crianças eles ficam no chão em cima de um tapete, elas viajam de barco, elas vão, sabe, elas não são essa coisa dura. Eu acho que as bibliotecas ainda são muito opressoras, as bibliotecas públicas não, eu acho que as pessoas que tão lá dentro ficaram paradas no tempo, não foi oferecido pra esse profissional formação, reciclagem e eles ficaram com uma espécie de um, sei lá, um corporativismo também dos bibliotecários. Eu acho que as pessoas se preocupam muito com a organização e com a catalogação e pouco com o acesso sabe, pouco com a relação. Então eu acho um equívoco, eu acho que elas estão abandonadas, acho que tem talvez melhorado um pouco mas não o suficiente. Eu sei que quando a gente chegou nas comunidades e a gente foi dar os cursos, o pessoal falava sempre pra gente, “ah, falaram que havia um curso de biblioteca, imaginava umas senhoras assim bem velhas, bem chatas, de óculos, bem brabas, e vocês tão aí descalças, de saia, conversando com a gente, e fazendo brincadeira e fazendo dinâmica e brincando de não sei o que, tem nada a ver com o que eu pensava”. Então eu acho que isso espelha um pouco a imagem, eu acho que as bibliotecas públicas estão com essa imagem muito carregada ainda sabe, então eu acho que é isso, acho que elas não estão sendo bem aproveitadas. Acho elas fundamentais, mas também que elas precisam estar mais perto das pessoas. Você tem uma biblioteca pública no centro da cidade, é bacana pra uma pesquisa universitária, pra um né, mas não é ela que vai chegar ao povo todo. Pra chegar ao povo ela vai precisar ter uma filialzinha em cada bairro dela, pra ela poder chegar às pessoas. Eu*

acho que os livros tem que ir até as pessoas, as pessoas não precisam sofrer tanto pra, não devem, se elas tiverem que percorrer muita coisa e superar muita coisa pra chegar até elas é possível que eles continuem distantes. Eu acho que elas precisam se espalhar mais, se descomplicar um pouco também.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

B.: *A minha motivação para criar a ONG foi essa curiosidade, essa possibilidade, esse desejo de troca, de poder ir até as pessoas, conhecer o saber popular, me enriquecer com isso e ao mesmo tempo oferecer pras pessoas parte do patrimônio cultural que a humanidade tem e que é patrimônio de todos. Eu acho que é isso, é a troca, eu sou uma pessoa, sou nascida numa zona urbana, eu sou uma pessoa que teve acesso a educação tal, no momento em que eu vou trocar, vou encontrar, vou conhecer uma criança da zona rural que rema, ou uma senhora que planta, que faz farinha que não sei o que, eu aprendo com ela e ela pode aprender comigo. Não há saber melhor. Minha motivação pra criar a biblioteca não é que todos saibam ler e escrever, porque quem só tem conhecimento oral é pior, não acho, eu acho que são sábios, as pessoas que, muitas pessoas que são trabalhadores rurais, que estão no universo da oralidade, que não tiveram acesso à leitura e à escrita, tem uma memória, tem uma riqueza de detalhes, tem uma experiência de vida, tem um conhecimento do mundo fantásticos que me fazem falta. Por outro lado, se eu puder oferecer a eles, ou aos filhos deles, ou aos netos deles, esse instrumento que é a leitura e a escrita, não só eles podem ter contato com outras coisas, como eles podem se sentir mais seguros, de como eles são valiosos de como eles são importantes. Na nossa sociedade, ficou muito opressiva a relação da escrita com a oralidade, como se quem sabe ler e escrever fosse melhor como pessoa do quem não sabe, o que não é, não tem absolutamente nada a ver com a realidade, com quem essa pessoa é na vida, com como ela trata o mundo, como ela trata os filhos, como ela trata o marido, como ela é bondosa, ou como ela é, sei lá, não tem nada a ver, nada a ver, nada a ver, mas parece. E eu acho que as pessoas que não tem acesso à leitura e à escrita, apesar de não serem, elas se sentem inferiores, como se elas tivessem essa coisa inferior. Então eu acho que oferecer a leitura e a escrita pra eles, não é porque eu acho que sem isso eles vão morrer de fome, não, é porque eu acho que com isso eles vão perceber o quanto eles são valiosos e quanto somos todos iguais, e que muitas vezes coisa*

que a gente acha que é o máximo da cidade nananã, e você vai ver nem é tão máximo assim. Eu acho que criar essa biblioteca comunitária ou essa ONG, pra mim, a minha motivação foi conhecer, que o que eu valorizo é o conhecimento da vida, do mundo, da vida, que pode ser adquirido pelos livros mas muito é adquirido pela vida mesmo, a vida te dá, então, pra mim, criar essa ONG, que é como se ela fosse uma grande biblioteca comunitária, foi pra que eu tivesse um espaço para conhecer o mundo, eu criei esse espaço pra que eu pudesse conhecer melhor o mundo, o Brasil, a educação, a vida das pessoas, a infância, em outros espaços que não esse daqui de prédio de criança amarrada em cinto de segurança, em escola não sei o que. É uma metáfora não é, mas é como se eu tivesse criado esse espaço que é a ONG pra que eu pudesse melhorar os meus conhecimentos da vida, e pra que todas as pessoas que estão nesse espaço grande que é a ONG pudessem também trocar entre si e pudessem ter acesso a conhecimentos ancestrais, ou a coisas novas, ou a coisas da Amazônia, ou a coisas da Índia, ou a coisas do Japão, ou a coisas de tudo. Eu acho que a minha motivação tem muito a ver com o conhecimento mesmo, eu querendo ter acesso a conhecimento e querendo que outras pessoas, que a gente pudesse colocar em rede assim, trocando tal é como se eu fosse pesquisar tipo um livro muito antigo, “eu quero descobrir o segredo do, do Santo Graal na biblioteca não sei o que de Israel, de não sei...”, pra mim é tipo, “eu quero descobrir esse país sabe”, “eu quero descobrir esse nosso país, cheio de contradições, cheio de coisa desconhecida, quero descobrir essa Amazônia que faz parte do Brasil”, é como se eu tivesse querendo descobrir mais assim sabe, uma pesquisa mesmo, uma sede de saber que não se esgota. Cada vez que eu vou pra lá, cada vez que eu viajo eu aprendo mais e mais, uma palavra nova, é um peixe, é uma árvore, é uma história, é um caso de exploração de uma região, de uma pessoa, de uma coisa, é uma injustiça, eu aprendo tanto sabe. É o livro da vida assim que vai se apresentando, infinito, essa biblioteca é infinita.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

B.: *É o mesmo eu acho que eu tenho, foi a minha motivação, mas eu acho que todo mundo que está ligado à ONG, os voluntários, os educadores, as comunidades, todo mundo, tem essa oportunidade de troca. Se é uma pessoa já que sabe muito da sua vida rural e não sei o quê, chega lá e descobre uma coisa nova num livro. Ou se é uma pessoa*

que vem daqui [da cidade], um educador, indo lá pela primeira vez descobre muito sobre o nosso país. Eu acho que a ONG possibilita conexões importantes entre pessoas, entre saberes, e essas conexões, possibilita intercâmbios, aquilo que eu falava que eu acho que foi tão valioso pra mim desde pequena, aquele intercâmbio com aquele livro daquele índio do Xingu que chegou na minha casa, eu ali uma menina de [uma cidade grande], que ia de carro pra escola, que ia na nataçãõ, que não sei o quê, de repente me vem aquele índio do Xingu, aí meu Deus. Esse mesmo intercâmbio que eu tive com aquele livro que despertou uma vocaçãõ em mim e que, sei lá eu, com a fotografia, era um livro de fotos também, eu adoro fotografar, eu acho que por isso que eu gostava também, as imagens eram super bonitas. Eu acho que esse mesmo intercâmbio é o que a ONG, essa grande biblioteca comunitária, se é que a gente pode considerar assim, possibilita pra todo mundo que está em volta dela, momento de troca e de se engajar em alguma coisa também, que ela também possibilita pra mim, ter um ideal, lutar por alguma coisa. Acho que todo mundo que está ligado à ONG se realiza por essa possibilidade de lutar por alguma coisa, de fazer algo, de se sentir útil, de se sentir empoderado pra fazer, não ficar só sentado reclamando, só sentado olhando, alguma coisa a gente está fazendo, pode ser quase nada, mas alguma coisa eu estou fazendo. Isso também acho que essa ONG possibilita pra todos, as trocas e a experiênciã mesmo, poder fazer, poder ser útil, poder servir e aprender também, porque a gente erra, aprende, descobre, erra, acerta, faz errado, questiona e recebe críticas aí repensa. Aprender muito.

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

B.: *A ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias... Eu não sei, eu acho que, olha Ana, eu não sei se eu me vejo como uma criadora de uma biblioteca comunitária sabe, mas eu vejo muitas pessoas que são isso, que são mediadoras, tenho a sorte de conhecer muitos, lá da Amazônia, são mediadores, são multiplicadores, eu acho que são pessoas, [...]. São pessoas extremamente generosas, extremamente generosas mesmo, com coraçãoçãõ sabe, pessoas muito voltadas pro outro, pros outros, e são pessoas, essas pessoas que eu tive a sorte de conhecer assim, pessoas muito engajadas, pessoas muito sabe, que também tem as suas fraquezas e que vão aprendendo com elas. Tem muito assim, não sei se você já viu nas outras pesquisas, mas quando o trabalho é em grupo tem muito ciúme, aí um se destaca, aí um fica sendo mais reconhecido do que o outro por aquilo, aí os outros*

brigam, aí esse um se ressentido, aí as vezes exagera também fica achando que o trabalho é só dele... Eu também vivo um pouco isso sabe, eu acho que também é um trabalho, esse trabalho quando você se volta muito pro outro, você muitas vezes também cai em contradições, você tem que olhar pra si, mas de alguma forma eu sinto que as pessoas estão muito abertas a se melhorar, não é que elas não façam coisas erradas ou que as vezes não percam um pouquinho o rumo, ou que as vezes leve a coisa pra um lado que não era, pode acontecer, mas de alguma forma eu sinto que tem uma disposição genuína de se melhorar, se auto criticar, essas pessoas que eu conheço, eu vejo, eu admiro bastante essas pessoas que lideram os trabalhos na ponta. O meu trabalho na prática hoje é um trabalho muito executivo no sentido de ter que ir atrás de recursos, ter que ir atrás de organizar as pessoas, organizar a logística, treinar, formar, prestar contas, leis, burocracias, pra garantir a sustentabilidade disso. Meu trabalho mesmo acabou caindo numa coisa que é muito necessária pra organização, mas que não é a essência de onde eu vim, o que eu gosto de fazer. O que eu faço ainda pra manter meu contato é estar em campo, dando cursos, levando os livros, abrindo as caixas, mostrando pras pessoas, lendo pras crianças, formando os mais velhos, discutindo com a comunidade onde que a biblioteca vai ficar, onde não vai, como que são as regras, como que funciona melhor, observando, aprendendo, aí a gente vai nos municípios conversa, vê como é que funciona a política municipal. O que eu estava te contando no começo que eu acho que eu posso concluir assim, é que quando a gente começou o projeto a gente decidiu que a gente queria deixar as bibliotecas porque elas ficavam, elas simbolizavam o acesso ao conhecimento, mas não tinha ninguém pedindo, não tinha ninguém querendo. Então como é que a gente fez? A gente foi primeiro para as Secretarias de Educação, a gente falou “ah, vai, vamos pensar assim, se tem alguém responsável pela educação, cultura, educação, por que não tem só uma secretaria de cultura no município, por pior que seja, pode ser que seja uma secretaria legal ou não, mas eles é que são os donos desse assunto lá, então vamos ligar pra eles e perguntar se eles conhecem alguma comunidade rural que quer e tal e a gente faz via uma parceria com a secretaria”. Foi assim que começou o projeto, só que as primeiras bibliotecas que a gente criou por indicação da secretaria, a gente foi perceber que em alguns casos as comunidades não tinham interesse, era uma indicação política, porque era a comunidade do filho do prefeito, porque era a comunidade onde tinha mais voto, que ele podia depois dizer que ele tinha levado o

projeto, sendo que na verdade ele não tinha dado nada pro Projeto, ele tinha feito só a indicação, era a comunidade... Então essa primeira expedição que a gente fez que a gente, que foi esse filme que você viu, que a gente ficou um ano na Amazônia, eu aprendi, tirei a minha ingenuidade, demorei viu, porque eu acreditava muito nas políticas públicas, e tal, mas eu demorei, mas eu tirei a minha ingenuidade um pouco, fui me desmistificando, e aí falando “nossa, mas espera”, e com o passar do tempo aí gente voltou pra avaliar o projeto em todas e foi vendo onde que tinha gente que estava a fim, que a biblioteca tinha dado certo onde tinha gente que estava a fim, e onde tinha gente que não estava a fim estava de canto... E a gente foi querendo organizar as comunidades, “olha comunidade, vocês tão a fim ou não tão, vamos decidir, vamos fazer uma reunião vamos discutir isso a gente veio aqui, agora a gente está voltando mas se vocês tiverem a fim a gente ajudar, dar um jeito de continuar esse projeto, se não, não”, e aí foi surgindo um novo grupo de comunidades, que são as mais recentes, digamos, da história do projeto que a gente percebeu, “bom, a gente só pode ampliar esse projeto pra onde as pessoas solicitarem, onde as pessoas quiserem, onde elas tiverem essa...” A gente tem até aqui várias cartas com abaixo assinado da comunidade inteira, pedindo as bibliotecas, e porque que eles querem as bibliotecas, justificando, comunidade indígena, que fala outra língua, justificando porque que eles querem uma biblioteca em português, porque pra eles, eles acham que é importante, que eles precisam dominar isso também, não vão perder a cultura deles se eles tiverem isso, uma coisa não vai substituir a outra e tal tal tal... Então, hoje pra mim, fica muito mais claro quando eu encontro essas lideranças, que são esses líderes que reivindicam, que querem, que solicitam. E no começo do projeto ele não, eu não tinha, não encontrava tantos, alguns eram fantásticos, sorte, foi acaso, tem alguns, tem a [uma pessoa], que é uma moça também lá [do interior matogrossense]. Eu formei uns 30 professores da escola, 29 continuam na escola e não fazem nada, e essa, uma, desde aquele curso, até hoje, lidera esse trabalho de uma biblioteca. Todas as nossas por principio são comunitárias, porque a gente não doa pras escolas, a gente doa pra comunidade, mas às vezes a comunidade também não está muito a fim empurra pra escola, ou às vezes a escola não quer ser comunitária se apropria e tranca e fecha tal, as vezes eles tiveram brigas com a escola e fizeram uma sede própria Biblioteca Comunitária. Tem várias dessa rede que a gente faz e trabalha, que já tem a sua sede e a chave está na mão do cara da comunidade, não da escola, mas essa por exemplo que

eu lembrei agora da [dela], é uma que você vê, dentro de 30 professores, eu formei os 30, só ela está desde 2002 lá com esse trabalho, consegui liderar até hoje, já escreveu prêmio, já ganhou Pontinho de Leitura do Ministério da Cultura, se desenvolveu, desabrochou como pessoa assim, de ver a liderança que ela é e tá lá. Então, você para plantar essa semente num terreno assim, essas pessoas são necessárias, sem essas pessoas o trabalho não vai adiante, sem [essa moça] não tem a biblioteca [nesta região do Mato Grosso], sabe, que já foi premiada até porque no meio do nada do nada do nada, dum areião daquela parte do Mato Grosso que não tem mais nenhuma árvore de pé, só tem sabe fazenda, fazenda, fazenda, e ela está ali tocando aquele trabalho onde é improvável, fez uma placa assim no meio do mato, no areião assim, “próxima a direita, [cidade], aqui tem uma biblioteca comunitária”. E eles adotam, a gente não manda que chame com o nome da ONG, cada um dá o seu nome, mas muitos querem que chame o nome da ONG, pra ficar uma rede. Então eu vejo que o que faz a diferença são as pessoas mesmo entendeu, são talentos, são grandes pessoas que, é uma coincidência, é como você jogar uma semente boa num terreno fértil, você precisa ter as duas coisas, se você jogar uma semente boa num terreno ruim não vai dar certo, se eu jogar uma semente ruim num terreno fértil também não vai pra frente, então assim, acho que pra esse projeto florescer e ir dando esses frutos que vai dando tal, precisa desses fatores, o projeto precisa acontecer, ter essa energia de chegar nos lugares mas ele só floresce se encontra essas pérolas que são pessoas, eu acho mesmo, pessoas diferenciadas que, que levam isso adiante. Tenho muita sorte, é muito motivador você se deparar com esse sujeito sabe, porque é muito inspirador sei lá, “o que eu tô reclamando na minha vida, bola pra frente né”, “do que que eu tô aqui...”, sei lá, “que que eu tô achando dificuldade em a, b e c”, ou você poder relativizar os seus próprios valores ,é um presente, que você... sua vida mais fácil também, você está lá, “uai o que que eu tô reclamando, que eu não tenho isso, eu não tenho aquilo, ou que que eu tô achando dificuldade nisso se aquele faz aquilo”. Então é um presente, é uma inspiração e eu sou muito inspirada pelas pessoas. Eu brinco que o que deu continuidade à ONG foram eles, não fui eu, não foram minhas companheiras de primeira expedição. A gente fez um projeto que ia acabar, só que assim, a recepção, o calor humano, as figuras humanas que a gente encontrou foram tão fascinantes e tão receptivas ao Projeto que ele continuou, então assim, quem fez a ONG? Foram as comunidades, a minha motivação de continuar trabalhando

até hoje são eles, é saber que, eles dão muito retorno, eles tão muito a fim, eles aproveitam prá caramba. Então é isso, um presente poder, acho que assim como se você tiver uma biblioteca, é a mesma coisa eu acho, se você for o gestor de uma biblioteca comunitariázinha, assim, ali no seu bairro, na sua esquina, ela está aberta a todos, alguns vem, e vão ser aquelas crianças que não saem de lá, que vão te ajudar a anotar os livros, que vão te ajudar a limpar, que vão te ajudar a fechar, e é por elas que você continua fazendo esse trabalho. Eu acho que tem essas figuras que realmente se conectam e te movem adiante, então você está ali pra todos, mas sempre tem alguns que você se inspira que você fala “nossa que fofo ele aproveita muito isso, amanhã eu venho abrir de novo”, tipo, “ele tá na porta esperando quando eu chego, amanhã eu venho abrir de novo”. Acho que é a mesma coisa assim, eu, em vários momentos de dificuldade que o Projeto não tem dinheiro, ou que eu não consigo encontrar pessoas pra dar seguimento a ele, ou que eu não consigo encontrar pessoas pra fazer o trabalho porque ninguém quer ir lá pra aquela lonjura que é a Amazônia, às vezes acham muito difícil, aí você desanima. Aí me liga um menino que eu converso desde os sete anos de idade pelo telefone celular, ele me liga a cobrar, porque ele é de uma comunidade, e daí ele grudou, as crianças grudam, quando você vai de fora é comum as crianças ficam super grudentas e é o máximo, maior troca, eles também amam, e ele já tem 14 agora, esses dias ele criou um e-mail pra ele de tanto que eu falei que tava caro o celular “cria um e-mail aí na escola” ele, fizeram uns telecentros agora ele tem um e-mail, mas o negócio dele é me ligar, então assim, quando eu tô mais desanimada aí liga [ele] “Oi, que você tá fazendo? Ah, vocês não vem aqui de novo não? Ah, a professora nananá, ah, não sei o quê...” E eu, “me conta, como é que tá a biblioteca aí, me fala”, “Ah tá boa, tão deixando muito fechada, mas não sei o quê, não sei o quê...”. Aí sabe, tem pessoas que te inspiram, então acho que todo esse trabalho mesmo de você liderar um trabalho desse de biblioteca comunitária é seu mas é em relação sabe, sozinho você não, não leva, você é muito apoiado silenciosamente por pessoas que te engrandecem. Você fala, “nossa, esse, por esse vale a pena, eu vou lá, eu vou lá...””.

ENTREVISTADO(A) C

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

C.: A minha vivência cultural teve como principal fonte cultural a televisão, e de uma forma um pouco até que traumática porque meu pai trabalhava, trabalha até hoje como cozinheiro, e tinha que acordar muito cedo. Eu tinha um padrão pra ver televisão eu tinha que ver até nove e meia, depois da novela das oito porque ele acordava três horas da manhã e era eu que tinha que fechar a porta pra ele, porque a gente não tinha fechadura. Tudo que eu adquiri de conhecimento era via televisão. Eu adorava quando chegava semana santa porque era a única vez que eu lia jornal, porque o peixe vinha enrolado no jornal, eu esperava a semana santa não pelo peixe, mas pelo jornal, porque ele como nordestino, ele achava que o fato de ele já buscar pagar escola e tal, batalhar, ele já tava fazendo o papel dele. Eu não o culpo dele não ter dado mais instrumentos, não foi por falta, por displicência, mas por causa da visão de mundo dele, eu tive que buscar a minha, a minha visão de mundo. Mas a cultura que eu tive foi isso, televisão, no máximo um jornal velho. O rádio também, eu sempre gostei muito de rádio, eu ouvia rádio, quando eu ouvia rádio, as pessoas me viam ouvindo falavam “essa rádio de velho”, “é rádio Globo, é Tupi”. Quando eu era moleque não tinha essas rádios de notícia o dia todo, mas eu ficava ligado nos plantões, “o Globo no ar”. Eu via horário político, meu pai achava que eu tinha problema de cabeça, via horário político, quando tava todo mundo brincando eu tava vendo propaganda eleitoral, e as outras pessoas, mais velhas, que eu buscava uma coisa aqui outra ali, mas isso que eu tive de cultura. Também era, quase que assim, um programa de família sagrado, assistir os Trapalhões no cinema, a gente ia ver os Trapalhões depois ia comer pizza e depois voltava pra casa, era o além que os meus pais entendiam de cultura. Teatro, eu fui vim no teatro com 30 anos, pra ver uma peça mesmo, eu fui no teatro pra outras coisas, mas pra ver uma peça de teatro foi com 30 anos. Foi muito limitado até porque a comunidade onde eu moro até hoje não tinha nenhuma oferta, nenhum aparelho cultural, na verdade oficialmente não tem nenhum até hoje do poder público, então não tive uma fonte muito rica cultural. Uma outra influência também a igreja, a igreja católica quando moleque, quando adolescente, depois, já adulto, na igreja batista eu cheguei até a fazer seminário. Tive essa vivência católico protestante aqui, é uma influência muito grande nessa ideia de

cultura, uma fase você pode isso, na outra fase você não pode aquilo, então acaba que mesclando essa cultura aqui.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

C.: A comunidade ela tem uma característica, de pessoas que trabalham [na cidade vizinha, capital de um Estado da região Sudeste], a maioria, na minha época, que eu cresci, trabalhavam em obra, serviço público, pessoas que tem um grau de instrução baixo, e a comunidade, em relação à infraestrutura também, não tinha quase atendimento nenhum. A escola que hoje temos na comunidade é uma luta que a gente fez durante 15 anos, hoje é uma das melhores escolas da cidade é aqui na comunidade, mas porque a gente brigou muito. Desde moleque eu sempre tentei me aproximar de grupos que fizessem questão de transformar, uma delas é a associação de moradores que nunca teve muita força mas que tentava mobilizar de alguma forma. O nível econômico sempre foi de baixa renda, o pessoal que, como meu pai, acordava muito cedo pra pegar um trem porque, na época que eu era criança e adolescente, não tinha um ônibus direto [pra cidade vizinha, capital de um Estado da Região Sudeste], tinha que acordar cedo pra pegar um trem aqui em um bairro próximo, que saía quatro horas da manhã, então tinha que acordar três horas, ir andando devagarzinho todo mundo ia pra lá, a gente sempre viu pessoas passando fome aqui. Este bairro é um dos bairros mais pobres de [da cidade], contraditoriamente, porque estamos do lado da refinaria [da cidade], que é o que mais gera recursos pra cidade. Então é uma vergonha os bairros no entorno [desta refinaria] não ter asfalto, do lado da fábrica de asfalto. Saneamento básico foi feito ano passado, muito mal, e não em todas as ruas, iluminação, pavimentação, as escolas agora que estão começando a melhorar, por causa de uma luta da minha geração, porque eu quando criança e adolescente não tive a estrutura que nós temos hoje, então é mais ou menos isso. É uma comunidade que trabalha [nesta capital, cidade vizinha], que depende de atividades [desta cidade], que a [própria cidade] não consegue absorver, que se desdobra pra trabalhar, ter que andar três horas dentro de um transporte pra conseguir um emprego, e que a maioria, pelo que eu vi no último censo do IBGE tem uma renda média de seiscentos, setecentos reais, até que cresceu porque do último censo que eu tinha também era de quatrocentos, essa média daqui do bairro. O bairro oficialmente tem doze mil habitantes e essa é média mensal de renda, é

um dado oficial do IBGE, até depois se a gente puder confirmar, mas eu vi isso, então eu cresci, eu acompanhei essa transformação um pouco, a gente pegar uma comunidade quase sem perspectiva e hoje a Biblioteca Comunitária cria um pouco dessa referência pra algo de novo na comunidade. Eu costumo dizer sempre o seguinte, que a Biblioteca tá entre a barraca e a igreja, é porque são duas, eram apenas as duas referências. Ou você tá na barraca enchendo a cara de cachaça, gastando tudo que você não tem, ou você tá numa igreja, buscando o sobrenatural, se salvar, numa perspectiva de vida pós morte, que é extremamente legítimo, as pessoas tem que buscar isso mesmo, só que eu percebi que não tinha algo no meio disso, ou ao lado disso, que eu pudesse criar uma alternativa, e eu vi que esse contexto sócio-econômico era baseado nessas características que eu falei, então, eu pensei o seguinte, a gente tem que pensar algo pra que seja além da barraca e da igreja, até porque eu tenho uma experiência não muito boa com as igrejas, algo até legal pra se registrar é isso, quando eu pensei em organizar a biblioteca, eu pensei em criar numa igreja e nenhuma delas aceitou, nem a que eu era membro, nem a que eu era membro aceitou a proposta de ser na igreja. Teve o argumento deles de não organizar porque eles acreditavam que o movimento ia ser muito grande, na época como eu era membro acreditava que as pessoas deveriam ir pra igreja, e eu percebi que eles não queriam isso, porque não era um princípio, não podia se usar o desenvolvimento de uma atividade cultural também pra se pregar aquilo que nós acreditávamos, e foi a partir daí que eu comecei a romper ideologicamente com a igreja batista até chegar a posição de me desligar definitivamente no ano de 2002, até um dado triste de ter isso acontecido. E hoje está acontecendo o movimento inverso, as igrejas hoje buscam a biblioteca, pra fazer atividades, suporte, apoio, seminários, doações, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias fez uma das maiores doações que nós já recebemos, no total assim de mais ou menos de quase 30 mil reais em doação, computadores, ar condicionado, projetor, telão, caixa de som, e o interessante também é que eles vieram, fizeram a doação, o presidente não falou uma palavra sobre a igreja e não deixou um folheto. Isso significa que eles realmente acreditaram que essa Biblioteca Comunitária tinha credibilidade suficiente pra eles ajudarem sem ter o interesse de aliar questão religiosa, foi de emocionar. E nunca mais voltaram, nunca mais, até a gente tem o contato com a pessoa que fez a ponte, mas isso é interessante de se falar, ele doaram e sem ter a questão do proselitismo, de fazer a propaganda da própria igreja, eles

não falam pra ninguém, eu que falo, eu que falo “gente ó, me ajudaram assim, assim, assado”. Todo mundo que faz doação eu tento, na medida do possível colocar no blog, então assim, é extremamente importante hoje como que mudou essa relação, questão da biblioteca e a comunidade e como esse contexto sócio econômico contribuiu pra essa relação.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

C.: *Participei e participo. Eu sou fruto do pré vestibular pra negros e carentes, um projeto inspirado num projeto da Bahia, foi trazido pra [cá] em 94 e passou a crescer a partir de 95, sendo organizado a partir de 2005 em Conselho Geral e tudo mais. O objetivo do pré vestibular pra negros e carentes era levar as comunidades, o povo carente, o povo pobre às universidades públicas, esse era o nosso objetivo a curto prazo, nosso objetivo a médio prazo era fazer com que a ambientação acadêmica criasse uma consciência de classe, fazer com que as pessoas se identificassem como pobres, como negros na universidade pública e chegassem à conclusão de que aquilo que eles tivessem aprendendo deveria ser revertido em algo prático pra sua comunidade, e a longo prazo, a atuação profissional dele, fosse usada pra transformar tudo aquilo que a gente pensava em realidade. Como eu, que como professor eu vi que seria possível fazer algo para minha comunidade, eu de aluno eu passei pra coordenador do Núcleo, depois de coordenador eu passei pra Secretário Geral dos PVNCs em 2005, eu fiz parte da Secretaria Executiva do pré-vestibular pra negros e carentes já em 2005, junto no Conselho eu fui editor do jornal [de um movimento social] e a partir dali eu tive contato com vários outros movimentos, tive contato com o MST aqui do [Estado], cheguei a ajudar, ser voluntário em alguns acampamentos dando aula também no pré-vestibular deles, aqui na comunidade eu também participei e participo até hoje da Associação de Moradores, eu sou Conselheiro do Conselho Municipal dos Direitos do Negro da Promoção Étnica e Igualdade Racial [da cidade], a biblioteca comunitária tem um assento nesse Conselho por desenvolver atividades que valorizem a cultura afro-brasileira [na cidade]. Inclusive recebemos a, a condecoração máxima da, da cidade que é a medalha Zumbi dos Palmares que é entregue a todas as instituições e pessoas que valorizam a cultura afro-brasileira. Também participo até hoje do Movimento dos Sem Teto no [Estado], dando formação para os professores de lá, é algo periódico assim, bimestre a bimestre, mas a*

gente apóia indiretamente. E politicamente eu sou filiado ao Partido dos Trabalhadores desde 96, fiz parte também da Direção no Município, mas tô afastado já uns três, quatro anos do Partido na cidade.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

C.: A Biblioteca pra mim é uma referência não só em relação ao conhecimento estático, parado nas estantes, mas é uma referência pra libertação de mentes, pra fazer com que as pessoas saibam entender o mundo que tá a sua volta, entender a realidade que os cerca. Eu me lembro que o primeiro livro que eu peguei fora de um livro didático da escola, fora da biblioteca da minha escola particular, que eu estudei, eu peguei um livro eu fiz uma descoberta que quase me traumatizou. Eu avaliava o meu mundo pela minha condição, meu pai trabalhava muito, minha mãe também a gente tinha uma condição boa, razoável de se viver, eu tinha brinquedo que eu queria, eu tinha coisas que eu queria, mas eu achava que todo mundo vivia assim. Eu pequei um livro, que eu tava na 4a série, tava escrito assim, “países de Primeiro Mundo, países de Segundo Mundo, países de Terceiro Mundo”, eu falei “pô minha vida é boa né, então o Brasil deve tá nos países de Primeiro Mundo”, procurei, procurei, procurei, falei “pô o Brasil não tá no Primeiro Mundo, ah, pô, deve tá no Segundo Mundo, o Brasil deve tá no Segundo Mundo”, não tinha nem noção de que, que era capitalista e socialista, “pô o Segundo Mundo é razoável”, procurei, procurei, procurei, falei “caraca, o Brasil não tá no Segundo Mundo, não é possível cara, o Brasil tá aonde, pô, então deve estar no topo do Terceiro Mundo”. Quando eu fui ver o Brasil, eu não me lembro a posição, mas eu acho que era 150ª, 130ª, não me lembro, eu não sei, mas tava muito longe das primeiras posições no Terceiro Mundo. Foi minha primeira descoberta, que eu fiz num livro, eu descobri que o Brasil era Terceiro Mundo, era subdesenvolvido, um livro, que me condicionou a romper com a vida que eu achava que eu tava levando e todo mundo levava. Eu olhava o mundo pela minha vida, quando eu tive contato com um livro da biblioteca da minha escola, eu descobri que não. Então assim, se conseguirmos usar a biblioteca pra fazer com que as pessoas descubram, mas não dizer assim, “tá lá na biblioteca, vai lá”, mas levar e fazer elas entenderem isso, eu acho que as pessoas vão conseguir mudar muito a sua realidade assim como eu consegui mudar o rumo da minha vida. A partir daquele dia eu comecei a pensar, “puxa eu tenho

que fazer alguma coisa pro Brasil sair do Terceiro Mundo”, foi isso que eu pensei naquele dia.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

C.: As bibliotecas públicas hoje, eu pensando aqui a partir da cidade, eu penso que elas hoje elas tão muito voltadas pras suas atividades internas, elas não trabalham, não desenvolvem uma política de livro e leitura, por falta de apoio oficial, por causa de seus profissionais, por causa da falta de política da própria biblioteca. Eu vejo as bibliotecas muito frias, eu não vejo as pessoas que trabalham na biblioteca, seja técnico ou não, eu não vejo eles com preocupação de fazer com que as pessoas vão até eles, o que eu quase leio nas mentes é o seguinte, “estamos aqui a obrigação de vocês é vir”. Essa é minha visão não só por ter uma visão, mas por conviver também, a nível municipal, a nível estadual. Nós temos as Bibliotecas dos CIEPs que, dos Centros Integrados de Educação Pública, que são popularmente chamados Brizolões, que deveriam funcionar como Darcy Ribeiro sonhou, que foi ele que idealizou os CIEPs, junto com Leonel Brizola, mas não funcionam. Pra você ter ideia, se for colocar no papel, são 503 CIEPs, era pra ter 503 bibliotecas públicas estaduais funcionando, mas elas são verdadeiros depósitos de livros didáticos estáticos, que ninguém procura, eu não consigo ver elas funcionando. Eu vejo as bibliotecas municipais sem apoio oficial, sem ter como funcionar, eu vejo essas bibliotecas dos CIEPs abandonadas e ontem mesmo uma menina veio reclamar comigo e me pedir ajuda, de uma escola pública aqui do bairro, estadual, falou assim, “a biblioteca da escola fica fechada, a gente não pode levar livro pra casa”. Por que ela falou isso? Aqui eu não tenho controle de saída de livro, as crianças levam, elas tem o costume de levar e elas devolvem. Eu não anoto nome de ninguém, eu não pego telefone de ninguém, não pego nome de papagaio, de cachorro, nós desenvolvemos uma política de cuidado e de carinho com a biblioteca, as crianças chegam aqui na biblioteca pegam o livro e falam, “tô levando”, beleza, conheço todo mundo, eu sei que se, quem não trouxer, eu vou saber como cobrar. Eles se acostumaram com isso aqui, e querem fazer a mesma coisa na escola, só que fica trancada, a biblioteca ampla, com acervo bom, que fica fechada. As crianças, os alunos, dizem que tem um funcionário na escola pra biblioteca, mas ele é transferido pra cozinha e a biblioteca fica fechada. Então, a minha visão de biblioteca pública hoje é de abandono e as que funcionam, de frieza.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

C.: O que me motivou sempre foi querer reverter aquilo que eu adquiri de conhecimento em transformação da realidade da minha comunidade. Na universidade, eu comecei fazer Ciências Sociais, depois passei pra História, e, o que as pessoas discutiam em teoria, eu vivia na prática. Eu estudei na PUC do [Estado], a PUC é a elite fazendo elite. Imagine, um moleque saído de [um lugar de periferia], morando neste bairro, indo estudar na PUC, com filho de Arnaldo Jabor, membros da família Marinho, tinha outro, na época até era Ministro da Fazenda do Fernando Henrique, Armínio Fraga, filho de Armínio Fraga, o pessoal, a elite do Brasil, [desta cidade da região Sudeste], estudando na PUC e eu lá. Eles comentando como foram as férias em Orlando, como eles foram pro Hawái, a onda que ele pegou, e eu falando pra eles do trem que eu vim, lotado, fedendo cheio de gente sendo tratada igual gado, igual animal. Então quando eu tive contato com aquilo, eu vi o seguinte, “não, espera aí, eu tenho que fazer com que mais pessoas como eu cheguem à universidade, mas pra isso eu tenho que começar lá de baixo, eu tenho que fazer com que as crianças acreditem nelas, fazer com que elas tenham contato com o conhecimento, valorizem o conhecimento, se acostumem com o conhecimento, valorizem esse conhecimento, busquem esse conhecimento, quando eles tiverem esse conhecimento usem pra transformar sua realidade”. Foi isso que aconteceu comigo, eu tive acesso, vi que poderia fazer e tô fazendo com que essa biblioteca comunitária se transforme nessa referência de educação, cultura, conhecimento, solidariedade, justiça, amor, fraternidade. O que me motivou, e que continua me motivando, é ser referência pras crianças, ser referência pros adultos, pros jovens, pros idosos, e a gente tem conseguido. Um das faixas que a gente, que eu vejo que a gente tem que tentar atingir mais, são os jovens. Crianças, adolescentes e adultos a gente consegue, os jovens, como tão na fase da rebeldia, acham que não precisam, acham que não é aquilo que eles tem que fazer por enquanto, é uma luta. A motivação maior é conseguir fazer com que eles tenham uma referência além do boteco, do botequim, da barraca, e da igreja. Tem os seus universos, o universo da boemia e o universo do sobrenatural, isso é o que permeia a juventude e as crianças aqui na comunidade e hoje eles tem uma referência além disso, eles tem a Biblioteca Comunitária que tem pré-vestibular, que tem curso de espanhol, que tem informática, que tem Internet, que tem teatro, que tem violão, que tem um mundo de conhecimento a disposição deles.

Hoje nós temos assinatura das revistas mais conceituadas, eu quando ia na banca de jornal com meu pai eu sonhava, qual que era, a Manchete, a revista de quando eu era moleque era a Manchete, eu sonhava folhear a Manchete, meu pai não comprava, ele achava que pagar a escola, ou me manter numa escola privada era o suficiente e ele nem pagava, ele nem pagava, quem pagava era uma senhora que me adotou desde o prezinho até o terceiro ano do nível médio. Meu pai, ele trabalhava em uma escola tradicional aqui [da cidade vizinha, capital de um Estado da região Sudeste], é uma escola quase que uma PUC assim, de nível médio e uma vez, no prezinho, ele não tinha mais dinheiro pra pagar a minha escola aí ele sentou lá na frente da lanchonete que ele trabalhava e começou a chorar. Passou uma professora perguntou porque que ele tava chorando aí ele foi falou assim “não é que eu vou ter que tirar meu filho da escola particular e botar na escola pública”, aí ela falou assim “não não tira não, pode deixar ele que, eu vou pagar sua escola até o terceiro ano pra ele, pra ele e pra irmãzinha dele”. Pagou minha escola até o terceiro ano, estudei em escola particular. Então assim, esse universo é o que eu tentei, tudo que eu recebi, transformar aqui, na Biblioteca Comunitária, é isso que me motiva. Depois eu fui descobrir que a professora que pagou meus estudos até o terceiro ano é professora de história como também hoje eu sou, e eu nunca vi ela, nunca tive contato com ela, não lembro nem o nome dela, mas, a história de vida que eu tenho e tudo que eu recebi eu tento fazer com que seja colocado em prática aqui na Biblioteca e é isso que continua me motivando ainda.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

C.: *A gente tem primeiro a atividade da biblioteca enquanto biblioteca mesmo, a gente tem empréstimo de livros, temos as pesquisas e damos suporte pras escolas municipais, no nosso entorno aqui, são quatro escolas municipais e uma escola estadual e umas dezenas de igrejas. Todo evento que eles precisam de livros, ou algum suporte mesmo de infra estrutura da biblioteca, a gente apóia, seja projetor, telão, caixa de som, a gente ajuda, isso em termos da biblioteca em si. As outras atividades nós usamos estrategicamente pra atrair as pessoas pra biblioteca. Pelo fato de eu ser ex aluno do pré-vestibular pra negros e carentes eu tenho contato com várias outras pessoas que se formaram e que hoje ajudam a biblioteca sendo voluntários no pré-vestibular comunitário, no curso de espanhol, na informática, no curso de*

informática, na capoeira, no curso de teatro, no violão, no reforço de português e matemática. Todas essas atividades nós desenvolvemos uma estratégia, todas elas trabalham com os livros, da capoeira a informática, nós trabalhamos com os e-books, por exemplo, os livros eletrônicos, pro curso de informática, cada aula tem uma hora e meia, meia hora é eles lendo uma obra clássica, eles fazem o curso de informática, acessam a internet, mas nós orientamos, orientamos eles a trabalhar com essa questão também de literatura e informática. Livros que eles não tem condições de comprar e as vezes que nós não temos aqui, eles leem no computador, que eles vão ter essa ambientação do mundo virtual. O pré-vestibular já é o símbolo do ano, já temos aprovados do ano passado, nas universidades públicas aqui do [Estado]. A capoeira, que agora é patrimônio nacional, cultural. A gente tá também desenvolvendo com as crianças o curso de espanhol, incentivando as crianças a buscarem um curso de línguas, visando os eventos que vão ter na [cidade vizinha, capital de um Estado da região Sudeste]. O reforço de português e matemática, até pra concurso, tem pessoas que fazem esse reforço pra fazer concurso também, tem duas pessoas que passaram pra inspetor de escolas na prefeitura aqui [da cidade] estudando aqui com a gente. O teatro, o violão, que são formas que nós usamos pra que, além da biblioteca, desenvolver uma atividade cultural. O grupinho de teatro já tá montando uma pecinha pra ser apresentada no final do ano, todos os eventos que nós vamos fazer esse ano, todos os cursos vão se apresentar, então assim, os benefícios, além dos serviços é desenvolver uma mentalidade cultural na comunidade, coisa que era restrita a o que? A uma festa junina, que nem existe mais. Nós refundamos a quadrilha aqui, as caipiras, que as crianças dançam, acabou, nós refundamos uma caipira, a gente tá resgatando o que nós tínhamos de folclórico. Então acredito que além do benefício de serviço, de atendimento, de educação que nós desenvolvemos, tem essa mentalidade de se criar a cultura da leitura, a busca por eventos culturais, por informação. A gente tem hoje aqui na Biblioteca Caros Amigos, a Carta Capital, a Culture, Le Monde, são revistas que, na minha época, era coisa da elite da elite, algumas delas nem existiam, mas que a gente tem hoje a disposição, eles não precisam ir numa banca de jornal e gastar doze reais, que eles não tem, pra ler uma revista, tá aqui, à disposição deles. O acervo de literatura infanto juvenil, qualquer revista de literatura que você abrir, todas as referências nós temos. Eu posso dizer isso seguramente, nós temos quatro universidades particulares [na minha cidade], e tem as

bibliotecas públicas que são quatro, e mais três, quatro, comunitárias. De todas essas bibliotecas a gente pode botar em hierarquia de acervo, tem a [de uma universidade particular], em volume, a Biblioteca central do município, e temos nós em acervo, atualizado, não só pra questão de pesquisa mas pra literatura infanto-juvenil, um acervo riquíssimo em relação a cultura afro-brasileira, e além de ser referência em pesquisa pra questão da obra do poeta Solano Trindade. Nós temos rodado o Brasil, falando dessa experiência, como nós recuperamos vinte e dois manuscritos do Solano, que entregamos pra família no ano do centenário, lá no Embu das Artes, no Teatro Popular Solano Trindade.

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar C.: *Eu acho importante dizer qual é a projeção que a biblioteca ganhou hoje [em todo Estado], em relação ao ativismo cultural. A Biblioteca, a maioria dos seus projetos são voluntários, todas as pessoas são voluntárias, exceto, o movimento de alfabetização que é uma parceria com o Sindipetro e a Petrobrás no qual o monitor ganha uma ajuda de custo. Hoje nós somos um movimento, nós não somos simplesmente uma biblioteca, nós somos um movimento popular de incentivo à leitura e valorização da cultura afro-brasileira em referência à obra e pesquisa de Solano Trindade. Ganhamos reconhecimento do Ministério da Cultura, hoje nós somos Ponto de Leitura, reconhecidos pelo Ministério, os benefícios ligados à livro e leitura nós automaticamente recebemos do Ministério, há uma relação de respeito entre essa Biblioteca Comunitária e o Ministério da Cultura, não de aparelhar, mas de apoiar, naquilo que o Ministério oferece pra gente. A Secretaria Estadual de Cultura, a gente tá se aproximando, a Secretaria Municipal de Cultura [da cidade] também está acenando pra se aproximar, pra estabelecer uma parceria conosco. Isso eu acho importante registrar, que a gente está conseguindo transformar o reconhecimento que a biblioteca adquiriu ao longo desses anos em algo realmente prático pra comunidade. Nós provamos que é possível fazer política de cultura com poucos recursos e fazer com que as pessoas tenham uma atividade cultural de qualidade, nós provamos que a comunidade em si pode fazer atividades culturais e tem pessoas capacitadas pra fazer isso, nós provamos pra prefeitura que ela pode fazer e nós vamos emprestar o nosso modelo pra eles. Nós desenvolvemos uma pedagogia, não só uma pedagogia educacional, mas até um novo método, que a gente andou conversando aqui entre os nossos colaboradores e até entre bibliotecários, nós criamos um termo, que é a biblioteconomia*

solidária, e que aí eu dei de presente pro bibliotecário que nos ajuda aqui, que ele vai tentar desenvolver isso no Mestrado dele também, de não ser uma biblioteca fria, que você não pode botar a mão no acervo, que você não pode pegar o livro, é claro que sim, a gente tem que cuidar do acervo, a gente tem que tomar cuidado pra preservar pra continuar servindo a comunidade, mas a gente não pode ser técnico, frio, a ponto de “não toque nesse livro, não tire desse lugar”. A gente tá criando a cultura dele freqüentar biblioteca, uma criança que nunca freqüentou biblioteca não sabe como funciona, mas ela não pode ser afugentada, “olha não pegue esse livro dessa estante porque senão você pode ser punido”, aqui não, a criança fica à vontade, fica à vontade pra pegar o livro que quiser, ler o que quiser e a gente toma cuidado com algumas obras de referência, algumas enciclopédias que as vezes é muito grande, pra não prejudicar a obra, mas ela tem liberdade. Então, a referência que hoje a biblioteca se tornou, é em relação a tudo que ela sempre fez, hoje, tanto na área de educação, na área da leitura, da cultura, hoje nós estamos sendo reconhecidos. Por que? Porque nós desenvolvemos uma atividade e um movimento popular, comunitário e solidário. Eu costumo dizer sempre o seguinte, que na minha juventude de movimento estudantil e partidário, marxista ao extremo, a gente acreditava na revolução armada, eu taquei bomba na casa do prefeito pra ganhar vale, passe livre. A gente vai crescendo e vai vendo que as armas não vão resolver tanto e eu vi que invés de a gente tentar uma revolução muito grande que a gente não ia conseguir controlar era melhor a gente buscar a nossa própria revolução, essa revolução que a gente consegue fazer aqui nessa Biblioteca Comunitária, uma revolução anônima, contínua, transformadora e constante.

ENTREVISTADO(A) D

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

D.: *Bom, meus pais só estudaram até a quarta série, eu sou a primeira filha realmente a ter um nível superior, meus irmãos só foram até o secundário, na minha infância meus pais não tinham dinheiro mas eu lia muito, eu sempre li, comprei livro em sebo, eu adoro, eu adorava ler, freqüentava bibliotecas na minha adolescência freqüentei muitas bibliotecas e, assim, na minha infância não, na minha juventude, porque na infância realmente eu li pouco, fugi da escola também, eu estudei*

pouco. Depois eu parei de estudar, eu tinha preguiça de estudar, depois que eu voltei, mas na adolescência foi que eu tomei paixão pela leitura.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

D.: A nossa família não tinha condições, meus pais não tinham condições, minha mãe trabalhava como doméstica, meu pai, a profissão dele também o rendimento dele era baixo, eu tenho três irmãos também, nós somos seis, e eu comecei a trabalhar cedo, já com 13 anos mais ou menos, em casa de família pra poder ajudar. Com 19 anos eu tive meu primeiro filho, fui morar com o pai deles, aí eu parei de estudar, até 18 anos ainda tentei, engrenei tentar pelo menos acabar o primeiro grau, o ensino fundamental na época, mas aí depois desisti. Tive filhos e parei, parei realmente de estudar, só fui voltar a estudar já praticamente com uns 32 anos, que eu fiz o meu supletivo acabar o primeiro grau, que era uma vergonha não ter o primeiro grau. Depois que eu acabei voltei a morar aqui, que eu já tinha me separado do pai dos meus filhos, aí me deu vontade e voltei a estudar a noite. Terminei meu segundo grau a muita dificuldade, que eu trabalhava em um bairro distante, e estudava aqui né, aí tinha que vim correndo, mas graças a Deus consegui acabar. Um sonho que eu sempre sonhei em fazer biblioteconomia, e sempre vinha aquela possibilidade, “não acabei meu segundo grau, não acabei”, aí quando eu terminei, disse, “ai eu vou tentar”, aí fiz o primeiro vestibular pra Universidade [do Estado] que era também onde eu sonhava estudar, que eu já tinha também colocado aquela meta, eu vou estudar nesta universidade, e não consegui, não passei, também passava até dificuldade na época que eu não tinha dinheiro pra pagar a inscrição, mas aí eu consegui por isenção, consegui até isenção total fiquei super feliz, mas chegou na hora, nas exatas barraram, não consegui passar, cheguei até passar na primeira fase, mas na segunda realmente fiquei. No ano seguinte tornei a fazer vestibular, também não consegui, aí fui estudar, consegui aqui, em 2004 mais ou menos, aqui começou um pré-vestibular, e aí eu disse assim “não agora eu vou, eu realmente eu vou me preparar pra ver se agora deslancho”. Estudei, aqui tinha ótimos professores na época, foi até pelo Educafro, que consegui aqui um pré-vestibular e aí consegui também isenção, graças a Deus. Também só fiz pra [essa universidade], não fiz nem Enem, até esqueci do Enem, quando eu me lembrei já tinha até passado, mas aí graças a Deus na primeira fui, consegui, passei da primeira fase fui pra segunda e quando eu vi, eu já tava a caminho já da Biblioteconomia...

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

D.: Não, antes não, agora que eu estou participando, é a primeira foi aqui, eu tinha até conversado na época com o padre, logo assim que eu passei, que eu comecei a estudar na Universidade [do Estado], eu falei pra ele que quando eu souber realmente, que eu começar a engrenar, que eu souber mesmo sobre biblioteconomia, eu venho aqui que eu quero organizar essa biblioteca. Foi minha primeira atividade que, nós percorremos, um dos rapazes que começou aqui comigo também, que eram três rapazes também que moravam aqui na época tinham um sonho de fazer uma biblioteca comunitária aqui em cima, e a gente até tentou com a Associação, não conseguiu, aí conversamos aqui com o padre e ele liberou pra gente. [esse ali é o padre, nem perguntei se eu podia ficar aqui essa hora, é que daqui a pouco o pessoal vai sair, vou ter que saber dele]. E agora eu também faço parte de um outro movimento também que reúne moradores que querem melhorar um pouquinho aqui a vida da nossa comunidade.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

D.: Eu acho que é super importante, principalmente pras crianças, pra gente tirar assim um pouquinho, que hoje em dia com a tecnologia [já já, porque? – padre perguntando se ela já iria fechar a biblioteca] eles estão muito voltados pra computadores, pra jogos e esqueceram a leitura. Eu acho que a leitura desenvolve muito mais uma criança do que um computador, do que ele ficar lá naqueles joguinhos na Internet, eu acho que a leitura é fundamental pros jovens, pra todos, nem só pros jovens.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

D.: Depois que eu comecei a estudar a biblioteconomia, que a gente vê a deficiência delas, elas não estão localizadas, aonde tem um público alvo maior, porque, por exemplo, aqui, nós não temos biblioteca aqui no bairro, mas se for ver, principalmente aqui, eu acho que isso aqui é enorme, é atendido por uma kombi, quer dizer, uma, o que tem, cabe numa Kombi, quase nada, ele supre assim, romances, literatura, agora o essencial realmente não cabe, e a biblioteca mais próxima [é num bairro distante]. Tudo bem que os adolescentes, as crianças eles podem com o cartão deles de escola, eles tem o passe livre, podem ir, mas e as outras pessoas, até mesmo quem estuda, quem faz um ensino superior

que não recebe um auxílio nem nada, como é que vai procurar uma biblioteca para fazer um trabalho, não tem próxima. Eu acho que deveria ter uma biblioteca em cada bairro, eu acho que isso era o mínimo que poderia ter, e apesar de que tem alguns bairros que são grandes, teria que ter mais de uma biblioteca, pelo menos isso é uma concepção minha, não sei se é verdade, se dá pra se fazer isso, mas acredito que dê, porque agora com essas bibliotecas comunitárias já melhorou um pouquinho mais, pontos de leitura no caso.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

D.: *É justamente isso, a vontade de ter um lugar que as pessoas possam vir pegar um livro, possam sentar, ler, apesar de que o espaço é pequeno, não dá pra você ter uma sala reservada pra estudar, mas a ideia foi essa, você ter um lugar em que possa encontrar o livro que você deseja.*

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

D.: *Por enquanto é só o empréstimo mesmo, mas nos meus planos seria fazer hora de leitura, hora do conto pras crianças. Esse ano eu ainda não fiz nenhuma, mas no ano passado eu tive duas atividades aqui com literatura de cordel, literatura de poesia, uma roda de poesia, essa eu acho que é uma forma de atrair mais público também.*

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

D.: *Eu vou relatar meu sonho de ter um espaço grande, com pelo menos duas salas, um sonho grande meu, ter uma parte separada só pras crianças, com a literatura infantil pra elas poderem sentar, desenhar, e a parte para as pessoas virem, estudarem. Eu tenho a certeza de que eu ainda vou conseguir, não sei quando, mas eu ainda tenho certeza de que eu vou conseguir realizar esse sonho, não sei se vai ser aqui, não se vai ser noutro lugar, mas eu vou correr atrás disso.*

ENTREVISTADO(A) E

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

E.: *Na minha infância eu tive poucos contatos culturais, por morar na zona rural, geralmente a tradição cultural da zona rural é ter uma igreja e fazer eventos festivos, arraiais e esportivos, e na adolescência participei de brincadeira de bola e até hoje ainda participo. Também na adolescência deu uma melhorada, terminei o ensino fundamental na comunidade e não tinha o ensino médio, então tive que ir pra cidade pra concluir meus estudos lá, aí eu fui me envolvendo um pouco mais com relação a parte cultural, teatro, apresentações também, até mesmo na escola ajudou também um pouco, o gosto, o lado da arte o lado cultural mesmo, o desenvolvimento, então esse foi os meus primeiros contato com a cultura.*

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

E.: *No caso o contexto social eu acho que classe média baixa, classe baixa mesmo, a gente não tinha muito, a própria comunidade mesmo não tinha uma estrutura, eram poucos as pessoas que tinham um cargo ou se tinham um cargo eram colocados por outras pessoas. Eu acho que era classe baixa mesmo, nessa época de transição da classe baixa, agora tá bem diferente, em relação com o que eu vivia antes, até mesmo a comunidade mudou essa relação dessa questão social.*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

E.: *Sim, na parte religiosa, que eu comecei a freqüentar na igreja católica mesmo, e eu fazia, e ainda faço às vezes, parte da coordenação, eu sou o presidente da coordenação da igreja católica aqui da comunidade, e minha irmã é a vice. Além da [biblioteca] esse é o outro trabalho que eu faço como voluntário, o lado social na comunidade, além de ajudar quase tudo, porque aqui poucas pessoas tem acesso à Internet, aí claro, a maioria das pessoas que querem fazer algum trabalho nesse sentido elas me procuram, ou procuram alguém da escola, é nesse sentido que a gente trabalha, em ir ajudando as pessoas aqui na comunidade, pela informação.*

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

E.: *Primeiro que as pessoas elas tem um padrão de conhecer biblioteca, aquele prédio lá que a gente só vai pra pegar o livro, ficar lá e ler, tudo arrumadinho, tudo silêncio, esse é o contexto de biblioteca que o pessoal da comunidade conhece e que eu conheço também, tudo arrumadinho os livros intactos, conservados, se precisar, o bibliotecário vai lá e pega, esse é o que eu conheço, mas o ideal acho que não seria bem esse. Aqui mesmo no município, ele não tem biblioteca, chegou esse ano a biblioteca, até agora ainda não fui lá na cidade ainda pra ver, teve a implantação da biblioteca e, pelo visto também ainda não vi ninguém falar da biblioteca, essa biblioteca que chegou no município agora, se tão usando, se tão utilizando, mas o meu conceito sobre biblioteca é aquela que, mesmo que os livros estejam lá intactos você tem que ter um momento, além de levar pra casa, repassar pras outras pessoas também o sentido da leitura, porquê que você vai ler, porquê que você gosta de ler, como você aprendeu a ler, ou quem incentivou você a ler, é como a questão de você gostar de jogar bola, como é que a gente aprende a gostar de bola, e como a gente aprende a gostar dos livros também, da leitura, então acho que essa é minha questão, essa relação ao lado de biblioteca, a relação livro, acho que tem que ter um incentivo também, não partir só da pessoa, se a própria pessoa quiser ela vai continuar, mas acho que nesse sentido tem que ter uma aproximação, alguém tem que fazer esse elo, alguém tem que fazer essa ligação pra que mude o conceito da biblioteca, que hoje que ainda tem, de estrutura padronizada.*

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

E.: *Essa poderia ser diferente, nós do projeto, a gente vai implantar uma biblioteca na cidade. [A biblioteca comunitária] não faz esse trabalho na cidade, mas foi uma questão nossa, da equipe aqui, local, pra gente colocar na cidade, fazer a relação da mediação de leitura livre, de acesso ao livro, todo mundo, com a relação biblioteca particular, pra ver uma diferença. Tanto é que a gente fez uma exigência, uma contextualização, igual a da particular, pra ficar no mesmo local, no mesmo prédio, pra gente ver, uma forma de observação da gente mesmo, como as pessoas se ligam em participar da biblioteca [viabilizada por uma ONG que implementa bibliotecas comunitárias], que os livros são expostos lá, as pessoas podem pegar, folhear, levar pra casa, se rasgar a gente conserta, e a biblioteca*

particular ou essa tradicional pública, se rasgar tem que pagar e é caro o livro, não retira mais o livro. Nesse sentido a gente quer fazer isso, quer mudar esse conceito, a gente vai tentar fazer isso, não sei se a gente vai conseguir, a gente acha que vai enfrentar uma barra grande, vai ficar no mesmo local da biblioteca particular mesmo, biblioteca pública, então a gente quer fazer essa diferença aí, pra ver se vai dar certo ou não também.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

E.: Primeiro eu vou falar da minha desmotivação, porque existe, além de fazer o trabalho voluntário, não é todo mundo que gosta de fazer esse trabalho voluntário, a gente não ganha nada pra isso, a gente faz além, então uma injeção de ânimo pra gente, é ver gente pegar o livro. Eu vou contar até um caso que aconteceu comigo mesmo. A gente foi fazer uma visita numa biblioteca a 30 km daqui, lá ia ser implantada essa biblioteca, e a gente levou apenas quatro livros pra falar do [projeto de uma ONG para implementar bibliotecas comunitárias], quatro livros, e chegando lá tinha aproximadamente, umas 50 crianças ou mais esperando, e aí como é que a gente ia mostrar os livros pra 50, 4 livros pra 50 e poucas crianças, então uma das motivação é isso, são as pessoas mesmo, as próprias pessoas que elas podem também, como a gente não tinha aqui na comunidade, pode levar pra ela esses livros, a gente contribui pra formação pessoal deles lá até que eles possam atuar, sair de cena e atuar.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

E.: A biblioteca ela, além de trazer o conhecimento cultural, a gente quer que se torne cultura isso, a gente pensa isso na equipe [do Projeto] de multiplicadores, que a biblioteca tem que ser, se tornar, cultural, o livro tem que ser cultural, um marco cultural da comunidade, das pessoas. A importância é você chegar lá e ver uma criança pegar um livro até mesmo assim de ponta cabeça, mas ao longo dos dias a gente vai perceber que aquela criança já pega um livro de um modo diferente, as pessoas tão lá dizendo “ó, tá de ponta cabeça”, ela começa pegando de ponta cabeça, depois com o longo do tempo ela vai se aprimorando com o livro, já sabe que o livro não é pra rodar no dedo, porque muitas crianças gostam de fazer isso, os adolescentes, se

abandar... Então, acho que a gratificação é isso a gente ver qual a importância que o livro vai ter pra aquela pessoa futuramente.

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

E.: *Vou contar então do meu envolvimento com [o projeto de uma ONG que visa implementar bibliotecas comunitárias], como a gente iniciou. Quando eu conheci o livro, eu não tinha acesso a livros, aqui mesmo na comunidade, então meu envolvimento começou a partir de 2006, fiz um curso sobre mediação de leitura. Já vinha acompanhando o trabalho sobre leitura desde 2002, [através de um projeto de uma ONG que visa implementar bibliotecas comunitárias], mas como bibliotecário, não tinha relação de mediador de leitura, multiplicador do projeto que hoje eu sou. Fui me envolvendo com os livros aos poucos, eu acho que abriu novos horizontes pra mim a questão da leitura, eu acho que eu cresci, eu acho que o meu crescimento profissional melhorou muito e, na questão pessoal, eu acho que sou um pouco tímido, as pessoas acham que não, eu acredito que me desenvolveu muito essa questão, o lado do leitor, do professor, como pessoa também, eu acho que a questão da leitura ela favoreceu muito pra mim, e o meu envolvimento também, porque se eu não tivesse esse envolvimento com os livros, também eu não sei o que seria, e hoje eu tô aqui, fazendo esse trabalho voluntário, visto a camisa, tenho a camisa de voluntario, fiz um curso em São Paulo sobre o Centro Voluntariado de São Paulo, tenho a camisa, visto a camisa e convido todas aquelas pessoas também que queiram participar como voluntário, façam uma ação na sua escola na sua casa, com seus pais, com seus filhos, eu acho que esse é o ideal pra esse mundo que a gente pretende mudar aos poucos, mas a gente tem que mudar primeiro pra depois tentar mudar as outras pessoas, pra ter uma visão de mundo, uma visão de cultura.*

ENTREVISTADO(A) F

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

F.: *Na infância, culturalmente, eu brinquei muito na rua, teve uma época que eu morei em [outra cidade da região Sul], então tinha um grande grupo de diversas idades na rua, a gente brincava junto. Depois a gente veio pra [esta cidade, da região Sul], eu sempre freqüentei muito cinema, desde pequeno, sempre gostei muito de cinema, eu*

lembro que teve uma época, uns dois anos, eu ia todo domingo na matinê. Gosto muito de futebol, de assistir futebol, de jogar futebol, gosto de teatro, apesar da cidade aqui não oferecer tantas ofertas assim. Eu já fui mais a teatro hoje não, não consigo ir em função de horário, em função de outras coisas que a gente tem, continuo indo bastante a cinema. E a leitura é outra coisa que também eu tenho bastante freqüente, eu acho que tem muito a ver com o que uma professora da quarta série do primário fez, uma biblioteca, uma estante e tu era obrigado a pegar um livro pra semana, tu podia renovar quantas vezes tu quisesse, não era aquela coisa de fazer ficha de leitura nem nada, era ali, e ali eu acho que foi o que me despertou. Leitura é uma coisa que eu sempre tô fazendo, sempre, romance, pego vários tipos, vários estilos, algo que eu sempre fiz. Eu acho que é isso, festas, danças e tudo mais...

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

F.: *Eu vou botar em termos de classe, classe média. Minha mãe era professora do ensino básico e ensino de segundo grau, meu pai era fiscal do INSS. De uma família de 5 filhos eu era o caçula, a gente nunca teve uma vida com todas as benesses, mas sempre viveu bem, peguei uma boa época de ensino público, fiz toda minha formação em escola pública. Economicamente é mais ou menos isso, minha vivência é essa, classe média mesmo, média um pouco pra cima, mas não muito. E socialmente eu, além das escolas, eu participei de grupo jovem, igreja católica, hoje não tenho mais ligação nenhuma com isso, com qualquer igreja, mas foi uma coisa bastante forte, na adolescência até mais tarde mesmo na universidade, movimento estudantil na universidade, bem forte.*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

F.: *Se colocar como social eu participei, se considerar o movimento estudantil, é um movimento bastante social. Depois os grupos jovens também, tinha bastante, a gente tinha uma interação bastante forte, a gente tinha uma vinculação na época com a teologia da libertação, tinha atividade em comunidades e uma discussão política. Agora assim, de atividade de bairro, de uma entidade específica como a biblioteca, é a primeira vez, a gente tinha bastante experiência em outras atividades também sociais, mas de bairro foi a primeira.*

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

F.: *É o acesso ao livro. A gente teve uma surpresa muito grande quando a gente abriu aqui, porque nós abrimos pensando que ia abrir, funcionar uma vez por semana e que ia ter dois três gato pingado aqui, e tem uma frequência que eu não sei te precisar, a gente não tem esses números, mas deve circular em torno de umas 50 pessoas na biblioteca por semana, que trocam livros, que não são as mesmas. O pessoal lê, tem um bom conjunto de leitores, tem mais de mil inscritos na biblioteca, o problema é que o pessoal não tem acesso ao livro, então eu acho que a importância da biblioteca tá nisso, em fornecer acesso pra população pros livros.*

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

F.: *Eu praticamente desconheço as bibliotecas públicas. Uma época eu freqüentava um pouco a Biblioteca Pública aqui do Estado, nessa busca de livros e tudo mais, mas muito desorganizada, um acervo pobre pra uma biblioteca de Estado. Eu não conheço outras, é um dos motivos de ter surgido a biblioteca aqui é esse, a gente não vê, tem poucas alternativas do Estado em termos de bibliotecas, ou de oferta de outra atividade cultural, por isso que a gente lançou e ela faz o sucesso que faz por causa disso.*

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

F.: *Aqui a criação foi engraçada, ela se deu numa festa, a gente tava reunido numa festa lá em casa inclusive, e comentando a falta de espaço cultural aqui no [bairro], nós temos a praia e só temos a praia não temos mais nada, em termos de espaço público, não tem praça, tem uma briga ali por um campo de aviação que nunca sai do papel, e a gente queria tentar. Era um grupo amigo já há bastante tempo, que vem desde a universidade, que não é do mesmo curso, e que continuam ainda fazendo atividades juntos e a gente queria abrir um ponto cultural aqui, mas algo que a gente desse conta com as próprias pernas. Acho que dali um pouco porque a maioria era professor, surgiu a ideia da biblioteca, como ponta de lança, então a motivação foi isso, foi abrir um espaço cultural de acesso ao público e gratuito, por isso o nome, o livre na biblioteca, porque se a gente bota biblioteca publica podia confundir com a atividade do governo, a gente não tem nenhum recurso*

do governo aqui, e a ideia, então, lembramos lá da época dos centros acadêmicos que pra dizer que não eram centros acadêmicos atrelados a estrutura governamental, geralmente os centros acadêmicos tinham a expressão livre no meio, aí virou Biblioteca Livre [do bairro]. Mas a motivação pessoal foi isso, abrir uma alternativa cultural pra comunidade, tanto que a gente tem a biblioteca mas tem outras atividades aqui dentro, tem canto, já teve aula de inglês, tem ioga, tem um curso pra montagem de vídeo com crianças, a gente geralmente faz contação de história. Tem outras atividades que tão ocorrendo aqui, lógico que a gente tá sempre fazendo isso com uma lógica de manter os pés no chão, os recursos são nossos e são poucos, a gente não quer abrir uma estrutura tão grande que daqui a pouco a gente esteja mantendo a biblioteca por causa da estrutura, mas porque ela tá beneficiando o que a gente queria no início.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

F.: *Uma das coisas que a gente estipulou aqui foi o seguinte, qualquer serviço que a gente oferece aqui tem que ser gratuito pra comunidade, a gente pode até conseguir pagar a pessoa que tá fazendo a atividade, por exemplo, o contador de história a gente procura sempre pagar, mas não tem como, uma boa parte dos serviços que tão sendo oferecidos hoje eles são por voluntários, e a gente não tem como pagar esses voluntários. A gente tem uma oferta de atividades diferenciadas, de cunho mais cultural, que é oferecida pra comunidade gratuitamente, pra uma comunidade que muitas vezes não tem acesso a isso. O principal fator é a oferta de livros, também de forma gratuita, a gente não tem nenhuma taxa de inscrição, não tem nenhuma taxa, se o cara não entrega no dia, tudo isso a gente liberou justamente pra dizer “ó, o acesso ao livro tá aqui”, a gente confia que as pessoas devolvem e realmente as pessoas devolvem, se não devolvem também a gente não tem um controle tão exato assim pra saber, mas diria que isso é menos de 10%, deve ter coisa que não entrega mais por esquecimento, por outras coisas, do que por uma questão de querer ficar com o livro. Então isso eu acho que é o maior benefício que a gente traz pra comunidade, a gente pretende ir crescendo, a gente tem hoje com um grupo aqui do [bairro], que é o Radio [do bairro], o Teatro Jabuti, a gente participa de um Ponto de Cultura do Governo, Projeto Ponto de Cultura do Governo. O centro desse projeto é o Teatro, Grupo de Teatro Jabuti, só que como a gente entrou junto, a aula de canto que eu*

te falei que a gente tá tendo, a pessoa que tá ministrando tá sendo paga por esse projeto, conseguiu manter uma periodicidade maior de contação de história, compraram instrumentos aí também pra aula de percussão, e todas essas ofertas que a gente vai tendo são gratuitas.

Pesquisadora: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

F.: *Eu não sei se tu vai tá trabalhando com isso, com a parte de como a gente se sustenta, na verdade a gente tem um grupo, acho que hoje tá em torno de quinze pessoas, que contribuem mensalmente com a biblioteca, espontaneamente. Isso serve pra gente cobrir o aluguel, a água, a luz, e alguma despesa maior, menor. Nosso custo mais ou menos, mensalmente, tá em torno de uns novecentos reais, e a gente cobre dessa forma. Eu acho que isso é importante, porque eu acho que é indicar um pouco que é possível fazer isso, desde que tu queiras, lógico que tu precisa ter um grupo de pessoas com uma certa situação econômica favorável, mas é possível. Uma outra coisa que é impressionante foi, a quantidade de doação de livros que a gente tem, a gente não consegue neste espaço ficar com todos os livros que chegam pra nós. Tem coisa muito boa, tem coisa que não é tão boa assim, doação tu pega de tudo. Uma época a gente tava redistribuindo pra penitenciária, depois foi pro Movimento Sem Terra, as bibliotecas públicas e escolares não pegam, não aceitam, e, às vezes, a gente fica sem muito o que fazer com os livros, fica tentando jogar de um lado pro outro pra ver se resolve esse problema, essa doação é uma coisa que impressiona bastante. Outra é a doação de trabalho mesmo. Como eu te falei, a gente tava prevendo funcionar um dia por semana, porque todas as pessoas trabalham, a gente na verdade ta abrindo toda semana, agora não to sabendo se tem algum dia que não ta coberto mas, das nove ao meio dia, das três às seis, fora as atividades a noite que tem. Todas essas pessoas que vem aqui, que fazem, cuidam do acervo, organizam a biblioteca e tudo mais, é trabalho voluntário. A gente tem um grupo grande de pessoas que são aposentados, que a gente não conhecia, que veio conhecer com a biblioteca e se ofereceram pra trabalhar dentro dessa regra, ninguém recebe, esse é um ponto básico nosso, pra não criar um vínculo que, daqui a pouco a biblioteca se mantém porque alguém tem que se manter financeiramente por causa disso. Eu acho que essa forma de organização nossa, e a gente pretende crescer eu acho que mantendo isso, primeiro dá uma autonomia grande, a gente decide o que quer fazer e o que não quer, tem um limite financeiro, mas ao mesmo tempo, tem essa independência que pra mim*

é um ponto básico, sempre foi, mostrar que é possível, mostrar que a gente tem condições de fazer e se organizar. A gente pretende ir além, pretende ter um grupo maior, de atividades maior aí, mas isso é com o tempo.

ENTREVISTADO(A) G

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

G.: *Quando eu era moleque eu gostava muito de rua, de papagaio, de bola. E o que mais me chamava atenção era poeira e futebol. Quando eu trabalhava no comércio com meu pai, pra ajudar, o futebol acontecia de quatro às seis da manhã. As seis era o horário que a gente entrava pro comércio, seis e meia da manhã, a gente acabava jogando bola de madrugada pra não comprometer as atividades do dia. A noite geralmente a gente ia pro bairro, a gente fazia aquela roda de crianças, aquele monte, pra contar aquelas histórias de assombração que os avós contavam. Eu era bem menor ainda minha vó tinha aquele costume, eu morava no interior, de apagar a lamparina, ou a vela e começava a contar as histórias de terror, de fantasmas, de visagem, de assombração, e era pro moleque ficar com medo e dormir cedo, mas nem tudo mete medo na molecada. Acabei aprendendo algumas histórias com ela, com minha vó, com meu pai e já na pré-adolescência com 12 anos a gente socializava, sentava aquele monte de menino e contava as histórias de visagem, de assombração, pra tentar fazer medo um ao outro. A gente se reunia pra brincar de pira, brincar de se esconde, de boca de forno, algumas brincadeiras que a gente um tempo atrás conseguia fazer, período de festa junina, brincar de quadrilha... Um momento assim que hoje às vezes, a gente ta numa comunidade, a gente não vê tanto, que as crianças brincam mais hoje é com celular, com vídeo game, aquela cultura, aquela tradição foi ao longo do tempo se perdendo e se esquecendo. É o que as vezes a gente acaba tentando resgatar através das rodas de história, dos jogos artesanais, pra ver se a gente consegue repassar para os professores, para os pais, para as crianças a riqueza que se tinha na época, era tudo muito mais saudável. Eu nasci no interior [da região Norte do país], vim com minha família [pra outro município da mesma região] eu tinha um ou dois anos de vida e acabei morando em alguns bairros e comunidades interioranas e assim a gente crescendo, foi convivendo, aprendendo, ensinando,*

trocando as experiências, trocando as idéias e ao longo da vida algumas situações que me permitiram desenvolver esse interesse pela questão da leitura, pela biblioteca, pelo livro. Um desses principais foi uma formação que eu tive, uma educação que eu tive na quarta série, onde as práticas que a minha professora trabalhava em sala de aula, hoje eu a julgo como prática punitiva de leitura, aquele momento em que o aluno ia pra frente no paredão, na frente do quadro negro e tinha que ler em forma de sentido, sentido militar, e se o aluno gaguejasse ou pulasse uma vírgula ou uma letra tomava uma reguada para que lesse com fluência, lesse perfeito, fosse bem, aquela figura exemplar na sala de aula, segundo as vontades da professora. O aluno tinha que se adaptar ao nível ou ao conhecimento ou as necessidades da professora, não o professor tentar buscar metodologias que fizesse com que o aluno realmente aprendesse. E aí, como, digamos assim, o moleque nunca é santo na escola, eu acabava sendo um tanto punido, as vezes até demais, na verdade todos os dias eu estava na parede da sala, cumprindo suspensão porque não havia feito uma boa leitura, por ter sorrido demais na sala de aula, então tudo era motivo pra ela punir. E uma cena que ela fez, na escola ela trabalhava até quarta série na época, então os alunos de quarta série fazia uma fileira e cada um passava para um aluno de terceira série que iria ocupar, digamos, o lugar dele, algo de bom, uma qualidade para o indivíduo. Então eu lembro dessa cena, todo mundo enfileirado, um do lado do outro, uma programação da escola toda, quando a professora chamou o meu nome, deu um sorriso, chamou o nome do outro aluno que ia substituir o meu lugar na quarta série, aluno da terceira, ela disse que daquele indivíduo infelizmente ele não iria receber muitas coisas porque era baderneiro, achava que todo mundo era dentista, só vivia mostrando os dentes, bem na frente de todo mundo e que talvez eu nunca fosse terminar o ensino fundamental como era chamado o primeiro grau. Aquilo eu nunca esqueci e acabou me motivando para eu estudar bastante e provar pra ela que eu não ia fazer os caminhos que ela havia falado naquela hora. E tanto que ao longo da vida eu estudei bastante, ralei muito e estagiei quando estava fazendo Magistério, fui estagiário numa escola onde ela era diretora e a primeira escola que eu fui trabalhar como professor, escola pública, foi a mesma escola onde eu estudei. No dia do concurso público, fiz a prova do concurso na mesma sala, por coincidência com ela e pra felicidade talvez ou obra do destino, quando saiu o resultado ela não foi aprovada no concurso público e eu fui. Então eu fui pra mesma escola que eu estudei e acabou que eu acabei assumindo o papel

dela na escola, com isso, acabei trabalhando por um tempo lá e procurei mudar a metodologia, sendo que não é com punição que se desperta amores, então fazer com que as pessoas realmente gostem de ler, possam despertar não o hábito da leitura, porque eu penso que o hábito é algo corriqueiro que você faz por obrigação, como o hábito de escovar os dentes, ou pentear os cabelos. Imagina só você sair de casa de manhã sem escovar os dentes, sair abraçando, conversando e beijando todo mundo por aí, ou então toda descabelada? Então isso aí é um hábito que se tem pra tentar manter um padrão de beleza ou de conforto no ato de um diálogo, e com certeza, se não tivesse o mau hálito, as cáries e tudo mais ninguém ia escovar os dentes de manhã. Então hoje eu vejo que na escola a criança não precisa ler porque o professor briga, porque tem que fazer uma prova, porque precisa prestar um exercício e etc. A criança tem a possibilidade de ler por livre e espontânea vontade é coisa feita pelo prazer mesmo, então o hábito de leitura vai além, é trabalhar o gosto pela leitura. E pensando sempre nessa minha professora, eu comecei a trabalhar em sala de aula com os meus alunos uma forma diferenciada fazendo de todo possível para que eu pudesse proporcionar a eles um momento de prazer com o livro, um contato com a leitura, principalmente para a região onde contar um livro para um filho ou dar um livro de presente de aniversário pra alguém não faz parte da cultura. As pessoas quando veem alguém com um livro na rua ou batendo nas portas pensam que é um vendedor de livros, geralmente os mediadores aqui são confundidos com vendedores de livros. Acabei cruzando com algumas pessoas na vida que me deram uma oportunidade de mostrar que a leitura pode ser feita de forma diferente, como a prefeitura do município que através da secretaria de educação deu o maior apoio ao projeto que tem desenvolvimento desde o ano de 2000, mas assim muito tímido, que é um projeto de incentivo a leitura, [...], uma espécie de biblioteca e implantar lá em algumas comunidades, tudo com recurso pessoal, recurso próprio mesmo. Então ao longo do ano eu consegui implementar uma ou duas bibliotecas no máximo com ajuda de alguns colegas. Aí a Prefeitura deu oportunidade e a gente conseguiu expandir para 103 escolas. A gente entregava um kit de [um projeto de leitura] é um formato de uma casa mesmo, que quando a gente abre o interior são compartimentos de bibliotecas, de estantes, com roldanas para o professor levar de sala em sala, até porque as escolas aqui não tem estrutura física adequada pra ter biblioteca. Agora que as escolas estão sendo construídas com esse padrão. A maioria a sala de leitura é onde era a sala dos professores

que cederam para montar um espaço de leitura. A gente acabava com os amigos, indo de comunidade em comunidade, até porque percebeu-se logo no início que o problema não estava nos recursos materiais, como os professores trabalhavam, mas na habilidade de desenvolver, de trabalhar com aqueles materiais. Então não adiantava deixar para o aluno, para o professor, tantos livros e um material bem legal, porque o professor não sabia trabalhar então não adiantaria muito. A gente começou a trabalhar na parte de informação e fomento a leitura e escrita nas horas vagas. Aqui pra nós uma forma que eu encontrei, por ter essa facilidade de sorrir bastante, usar aquele instrumento pelo qual um dia eu fui punido, pra tentar fazer com que a garotada passasse a despertar o gosto mesmo, passasse a gostar, a amar, a ter uma relação bem mais próxima com o livro. Comecei a trabalhar de forma lúdica, através de teatro de fantoches, contação de histórias, apresentação de mini espetáculos, fazia as brincadeiras com a garotada, jogos, pra que realmente o trabalho que eu passei com minha professora eu não pudesse estar repetindo com os meus alunos. Em 2005 a Secretaria de Educação me tirou da sala de aula me contratou pra trabalhar interno na Secretaria expandindo o projeto. Passei também a coordenar um outro projeto dentro da Secretaria que trabalhava só com atividades artísticas culturais, dança regional, artes plásticas, cerâmica, capoeira, uma diversidade de modalidades. Passei também a coordenar um programa do Governo Federal de formação de professor. Tive a felicidade também de conhecer [a responsável por um projeto que visa implementar bibliotecas comunitárias] que também me proporcionou mais conhecimento e renovar, melhorar, e novas bibliotecas comunitárias, onde eu acabo coordenando uma rede de bibliotecas comunitárias aqui no município com nove bibliotecas [através de um projeto que visa implementar bibliotecas comunitárias], sendo na região de rios e na região de planalto que é na zona rural da cidade. Pra cá, não sei se você conhece, a nossa realidade tem a parte alagadiça que é de várzea que seis meses ta no fundo, submersa, e seis meses ta imersa, ta fora d'água. Se você vir pra cá vai passar seis meses andando de canoa e seis meses andando a cavalo ou a pé pelas estradas... A gente conseguiu distribuir bastante livros, fiz uma parceria com a Sociedade Bíblica do Brasil, que nos fornece também bastante livros, e assim, o bacana de tudo, o gostoso, é quando a gente começou a fazer um trabalho, e que esse trabalho começou em uma escola, em uma comunidade e que ficava ali preso na biblioteca, e de repente a gente pensa “não, agora bota esses livros pra fora”, e proporcionar o

empréstimo. Só que as pessoas pelo fato de ver os livros todos bonitinhos, legaiszinhos, levavam e esqueciam de devolver, achavam que podiam ficar. O ser humano as vezes, o egoísmo, a gente querer as coisas só pra gente, não pensa na coletividade, mas depois de muito trabalho a gente consegue, depois consegue fazer com que as pessoas percebam ou assimile pra sua cultura, seu comportamento a questão que aquele livro é do coletivo, é de todos, pra que eles possam estar levando os livros pra casa, lendo pros pais depois trazendo e trocando por novos livros. Um problema é questão do sumiço dos livros, mas depois de seis meses, um ano, aqueles livros começam a aparecer, começam a voltar, e eles vão percebendo que o livro é de todos. É legal, no trabalho quando a gente disponibiliza logo os livros, as crianças já vão em cima, pra pegar, pra ler, até na zona urbana mesmo as crianças, nas bibliotecas escolares digamos assim, que elas ficam na verdade alocadas na escola, mas que o aluno também, em um dia da semana, na sexta-feira, ele tem a oportunidade de levar esses livros pra casa, emprestar os livros, pra ler pro pai, ler pra mãe, ler pro irmão, ler pro vizinho, e retornar com ele na segunda-feira pra devolver porque durante a semana ele é utilizado pela escola, de forma que a gente consiga também fazer com que essa cultura chegue até a casa do aluno, não somente na escola, com ele na escola. Isso a gente consegue perceber porque os livros voltam com frequência, quando a gente chega numa praça, as crianças já vem, já não olham com aquela visão de que é uma venda de livros, mas sim um espaço lúdico, atraente, onde ele possa chegar ouvir uma história, pegar um livro, escolher um livro, deitado ou sentado, do jeito que ele achar legar, ouvir uma musiquinha, de repente uma roda de história, que a gente tem um trabalho, as rodas de histórias que a gente faz na comunidade, conversando com as pessoas mais velhas trazendo essas pessoas mais velhas pra um espaço e ouvindo as histórias que ele tem, o conhecimento popular mesmo a gente também vai registrando tudo e no final transforma em livro artesanal. Esses livros artesanais, como é difícil, às vezes, comunidade aqui que a gente passa até 70 horas, 50 horas, 40 horas, de barco, é difícil conduzir essas pessoas idosas pra cidade pra fazer uma roda de história pra gente, pras crianças. A gente se caracteriza de um idoso, vai em praça pública caracterizado, faz uma roda e acaba batendo papo e compartilhando essas histórias com eles, já na zona urbana. A gente acaba migrando da zona rural pra zona urbana, socializando essas histórias, esses casos, esses contos e através do livro artesanal

também a gente faz exposição, uma forma de registro também desses contos para que não se perca.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

G.: *O meu pai ele trabalhou pelo comércio, minha mãe não tinha estudo, meu pai não tinha estudo suficiente, mas ela foi estudar e foi ser professora. Aqui pra cá, salário de professor não é lá essas coisas, era salário mínimo mesmo que ela recebia, e nós somos seis filhos e meu pai arranhou emprego numa empresa, assalariado, e cuidar de seis moleques assim é complicado. Nós não tínhamos casa própria, moramos um período de aluguel, outro período morávamos de favor na casa dos outros, moramos um período com minha vó, nós éramos muito nômades, não tínhamos um paradeiro fixo. Até que um período meu pai, como se diz, na força do ouro, no alto Tapajós, meu pai começou a trabalhar no garimpo e a gente teve um plano de governo e acabou minha mãe, com muito esforço, construindo uma casa e nada assim com muito luxo, casa de madeira simples, seis filhos com a mãe, meu pai passava seis meses no garimpo e um mês em casa. A vida dele era sempre assim, eu pelo menos até hoje eu não conheço nenhum garimpeiro que tenha construído mansões ou que seja bem de vida com o dinheiro que tirou do garimpo. Então a gente basicamente foi criado com o dinheiro da minha mãe que ganhava como professora e depois que eu tinha uns 16 anos ela construiu uma escolinha particular e eu fui trabalhar com ela como auxiliar de sala de aula, ela tinha a turma dela e eu ficava por lá ajudando. Aí na infância trabalhei de várias, moleque curioso, não tinha vergonha, graças a Deus até hoje não tenho mesmo, vergonha de trabalho, sempre digo que se eu tiver de fazer tudo de novo, eu faria, me metia com os trabalhos, que as vezes não conseguia, ia pra beira do cais, do rio, que tinha a feira do peixe, lá carregava peixe que as pessoas compravam, levava até a parada do ônibus, ia ganhando um trocadinho. Depois fui trabalhando como servente de pedreiro na construção civil, enquanto eles carregavam uma massa eu carregava meia, era muito raquítico, bem magrelo mesmo, hoje estou aqui aumentando uns quilos. Mas era isso, não teve uma vida 100% confortável, mas graças a Deus, a mãe sempre tentou botar os moleques na linha. Porque conselho se fosse bom não dava, vendia, a gente aprende mesmo com as experiências que a gente vai vivendo, vai passando...*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

G.: *Antes eu participava só das Associações de bairro, onde a gente mora, grupos de jovens, movimentos ligados mais a parte da igreja, até começar a estudar, fazer faculdade a qual me dediquei mais e acabei me afastando. Depois disso eu acabei me envolvendo mais mesmo exclusivamente com esse movimento relativo a questão de bibliotecas, trabalhar a questão da cultura, do resgate, da valorização cultural nas comunidades, que a gente tem um trabalho paralelo ao das bibliotecas, de distribuição de livros, a gente com a questão do resgate e da valorização cultural. Em algumas comunidades quilombolas daqui a gente vai, faz pesquisa e estudo, faz um acompanhamento em relação à questão da tradição que se perdeu ao longo do tempo, trabalha com oficinas de maculelê, oficinas de tranças, oficinas de capoeira, em comunidades quilombolas. Trabalhamos também em comunidades ribeirinhas com dança regional, arte plástica, artesanato, então a gente acaba indo além da questão das bibliotecas comunitárias somente. Hoje a minha vida é praticamente voltada pra esse tipo de trabalho.*

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

G.: *Eu sempre me coloco como um exemplo da situação por conta de toda dificuldade e necessidade que eu tive no período de formação escolar, não por não ter tido acesso a livro, mas pela forma de como ele me foi apresentado, ele me foi disponibilizado, com aquele aspecto punitivo de incentivo a leitura, eu mais pegava puxão de orelha e reguada do que lia. Eu acabei criando uma aversão ao livro, quando eu olhava pro livro eu saía de perto porque eu já sabia que eu ia apanhar ali. Então hoje eu vejo como é de suma importância, mudança de comportamento, resgate da cultura, aculturação, a partir do momento que uma pessoa, vamos dizer assim, lá de uma comunidade super distante da zona urbana, se aqui na zona urbana já não tem uma facilidade de acesso no interior fica mais complicado ainda, mais difícil ainda, quando a gente chega, consegue doar, muitas das vezes não são livros novos de primeira linha, a gente chega lá e vê aquela alegria, aquela festa da comunidade, das crianças, por estarem recebendo aquele material e valor que eles dão mesmo ainda sem conhecer o conteúdo deles é super, super, super gratificante, maravilhoso. Ao retornar das comunidades, as pessoas que ficam lá como voluntárias responsáveis, encaminham pra gente relatórios bem significativos de*

empréstimos, de movimentação de entrada e saída dos livros na comunidade, a gente percebe que as coisas estão mudando, lenta, mas esta sendo mudado. O comportamento das crianças, a gente trabalhando as crianças, tendo apoio dos pais, a gente consegue perceber essa mudança e as pessoas perceberem a importância que isso tem pra vida deles, a aquisição de novos conhecimentos, a fantástica viagem no Brasil, no mundo, a fantástica viagem imaginária por contos, lendas, a volta ao passado que as vezes utilizando um livro, conversando com as comunidades, “ah, lembro, meu avô contava essa história” e você acaba fazendo uma volta, uma regressão ao passado, e com certeza a leitura hoje está sendo diferenciada aqui nas comunidades, no município. Está tendo um efeito surpreendente, aquele efeito que a gente realmente pensa em causar nos leitores, que realmente as pessoas não estão somente lá, estão despertando o gosto, por iniciativa própria fazem o empréstimo, fazem leitura e você vai conversar as vezes com os pais e eles dizem como as pessoas de hoje estão bem fluidas, crianças com uma idade pequena, já tem um discurso, uma conversa, já tem um diálogo bem mais amadurecido do que nós quando éramos da mesma idade. Então por conta dessa acessibilidade, com o acesso ao livro, acesso gratuito, a gente está distribuindo muitos livros e a leitura em si é fundamental, indispensável pra vida dos seres humanos. Eu sempre coloco assim, o livro é aquela forma que você viaja por etapas, você começa uma leitura, dá uma viajada, aí você pode dormir e no outro dia você pode começar ali do ponto, viaja e seguir caminho até onde você imaginar em sua fantasia.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

G.: *Deixa eu contar uma história. No dia 18 de abril, aqui [nesta cidade] só tem uma biblioteca pública, não, só tem duas bibliotecas públicas, uma é gerida pelo município e outra é gerida por um indivíduo que acabou criando uma biblioteca aí e acabou deixando ela ser pública. Mas tem as bibliotecas das universidades, que aqui tem um pólo da universidade bem legal, em torno de 8 a 10 universidades e algumas escolas de nível superior, apesar do município ser pequeno, considerável pequeno pra essa quantidade. Eu penso que pra realmente você gostar de alguém, você se apaixonar por alguém, a gente sempre pinta uma imagem, você se apresenta como boa pinta, boa praça, aquela troca de olhares, aquela química toda, até você se apaixonar. A maioria depois que casa acaba descobrindo uma outra pessoa, e as bibliotecas públicas eu considero dessa forma. A gente trabalha com*

biblioteca mais ou menos uma espécie de ludoteca, um momento encantador, mágico, fascinante, mostrando a leitura e o livro com sua essência. E a biblioteca pública é completamente o oposto. Tu entra num local onde tu vai ter que viajar, onde tu vai ter que se deleitar, onde tu vai ter que sentar ali e esquecer do mundo, aí tem uma placa bem grande, “silêncio, proibido conversar”, aí já tem então uma série de regras, e aquela coisa mórbida, aquele monte de livros amontoados de formas enfileiradas, sem atrativo algum. Então quem frequenta a biblioteca pública hoje são as pessoas que vão em busca de realizar uma pesquisa, aquela pesquisa mecânica, quando um professor diz que lá naquela biblioteca tem um livro x, no acervo lá, senão a Internet tá aí, disputando a vontade. Eu acho que as bibliotecas públicas, pelo menos as que eu conheço, essa coisa chata, melancólica, tradicional, sem um pingo de metodologia ou atrativo pra que realmente proporcione o interesse das pessoas irem em busca de uma leitura deleite, uma leitura livre, uma leitura espontânea, na verdade elas só atraem as pesquisas mesmo, pessoas que realmente vão pesquisar. Eu não tenho nenhuma aversão as bibliotecas públicas mas eu penso que poderia ser melhor. Por exemplo, aqui [nesta cidade] teve uma empresa que acabou denunciando a biblioteca aqui, renovou ela todinha, montou uma sala lúdica completa, com jogos, com materiais didáticos, com recursos, tudo bonitinho, muito colorido, bem legal, porém nunca foi colocado um funcionário pra trabalhar com o público infantil porque acham que aquilo acaba atrapalhando aquele momento de concentração de pesquisa dos usuários da biblioteca. Então, um espaço muito rico, porém, desativado.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

G.: *A minha motivação foi a aversão que a minha professora despertou em mim nos livros, aquelas práticas punitivas, a necessidade que tivemos na família pra que eu me conduzisse a uma sala de aula sendo professor auxiliar da minha mãe e quando eu fui ser professor eu sabia que a gente não precisa conversar escondendo os dentes, o sorriso. O sorriso é um idioma do amor universal, você sorri pra uma criança que não sabe falar ela te responde com um outro sorriso, então rolou uma comunicação aí. Então eu penso que ao invés de espantar, espancar as crianças como foi feito, eu poderia conquistá-la, e como eu percebia que a leitura era um bicho papão no período de alfabetização da criança, mas que o individuo quando ele é motivado e estimulado a*

gostar de algo, aquilo que ele gosta ele aprende e se dedica, eu busquei a fazer isso, desenvolver formas pra que as crianças tivessem curiosidade pelo livro, gostassem do livro, formas completamente opostas as que a minha professora usava comigo. Porque se ela usou aquela quantidade de metodologias que ela desenvolvia, e aquilo me criou a aversão, o que me motivou a criar a biblioteca foi desenvolver o oposto do que ela fazia e aí foi que eu fui vendo o resultado e acabei criando o projeto [de leitura], ainda no ano de 2000, e a ideia não era de expandir, era só pra minha sala, só pra minha escola, eu ainda era muito possessivo nessa época, mas depois, como se diz, quando você tem um filho não é pra você é pro mundo, depois que ele começa a andar e entender uma realidade ele não é seu, foi o que aconteceu, eu achava que o projeto era meu, era meu e da minha escola, e quando eu tive oportunidade acabou se expandindo. Hoje a tem um título de Ponto de Leitura do Ministério da Cultura, temos umas parcerias com alguns escritores de fora, enfim, a coisa cresceu de tal forma que valeu a pena tentar fazer o oposto que a minha professora fazia, o que mais me motivou nisso foi inovar, fazer o oposto do que ela fazia comigo.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

G.: *A gente faz um acompanhamento onde a gente visita as comunidades, pra saber quais as necessidades maiores, quais as dificuldades que eles estão tendo, e eles emitem relatórios pra gente, vem, procuram, conversam. A ideia não é fazer um monitoramento, monitoramento eu entendo assim, você vai lá ver o que que está errado e depois chama alguém e procura pedir uma solução pra aquilo. Então nos fazemos um acompanhamento pedagógico, chega na comunidade você está com um determinada dificuldade, então nós vamos sentar juntos com a comunidade discutir aquele ponto fraco que esta acontecendo e aí juntos encontrar uma solução para amenizar aquela situação. E, como te falei no início, uma das coisas era justamente a possessividade, achar que era o dono do livro, então emprestava, levava e não tinha retorno. Outro ponto era a quantidade de livros emprestados que era mínimo. Outra situação, que pra gente conseguir perceber, ver, um comunitário, vindo buscar um livro, emprestar um livro pra levar pra ler pro filho, pra ler em casa, isso aqui era basicamente raridade, praticamente impossível, nessas comunidades que a gente foi chegando. Mas com ao longo do tempo a gente foi percebendo que essa historia ia mudando, então, nos relatórios, nos*

levantamentos já tinha um número maior de empréstimo por parte dos alunos, por parte de adolescentes que eram comunitários, que não estudavam na escola e também percebeu a presença dos pais, dos pais se aproximando, com responsabilidade de pegar, emprestar livros pros seus filhos menores que ainda não eram alfabetizados, isso aí, a gente consegue perceber uma mudança, eu posso dizer até assim, cultural, isso tem que fazer parte da cultura do povo, essa questão da leitura e escrita, tem que fazer parte, tem que ser presente. Mudanças de comportamento, mudanças de hábito, passaram a valorizar, a sentir a biblioteca como um espaço deles e não da escola, onde muitas delas estão alocadas por falta de uma estrutura física. Comunidades que se mobilizaram para construir espaços físicos para funcionar com uma biblioteca, então algumas comunidades já tem sua própria estrutura física, sua própria biblioteca, seu próprio espaço, deslocaram esse acervo do espaço escolar para um espaço próprio da comunidade. Então o fato da comunidade se mobilizar pra isso, o normal é tu vê uma comunidade se mobilizar pra uma festa, para uma atividade religiosa, pra um torneio de futebol, mas pra ações que venham a enriquecer a parte cultural, o intelecto, a comunidade, é pouco que a gente percebe. [Este projeto de leitura] tem 11 anos, [uma ONG responsável por implementar bibliotecas comunitárias] esse ano completa 10 anos e o trabalho que a gente vem fazendo agora a gente percebe um resultado. Por exemplo, em comunidades, em escolas, que a gente visita uma vez e retorna, em geral consegue observar professores, alunos desenvolvendo atividades que nós ensinamos atividades que nós ensinamos a quatro, cinco anos atrás. Músicas, cantigas de roda, cantigas tradicionais que estavam sendo esquecidas que nós conseguimos resgatar através das nossas andanças ao longo de 10 anos a gente conseguiu fazer um livro comemorativo dos 10 anos resgatando cantigas, e hoje a gente consegue ouvir as crianças cantando novamente essas musiquinhas nas comunidades.

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar
G.: *Hoje eu me sinto realizado, profissionalmente falando e a minha preocupação com relação a isso é o governo. Eu tenho o apoio do Governo, tenho o apoio de algumas pessoas físicas, mas a preocupação geralmente é com a continuidade, trocou de governo, troca de política, então cada um tem lá sua política educativa, sua política sei lá de que das quantas, sem se preocupar tanto com o real, com a comunidade, com a população em si. Minha preocupação é essa, de repente*

uma mudança de comportamento, uma política implementada na lei que garantisse essa renovação, essa inovação, essa renovação nas bibliotecas públicas pra que o trabalho realmente tivesse uma continuidade. Eu tenho uma equipe que trabalha comigo que nos somos 20 pessoas, que a gente trabalha de segunda a segunda, digamos assim, porque nos sábados e domingos e feriados, são poucos os que a gente realmente descansa. Sonha em dar continuidade, o projeto completou onze, pode completar 20, 30, 40 anos, que realmente o nosso futuro seja o futuro de pessoas não ledoras, ou leitoras, mas aqueles leitores realmente assíduos que façam isso por amor, por prazer, por gosto, não os leitores que fazem isso por hábito, por uma necessidade. Esse período que a gente ta na universidade é o período que a gente mais lê, a gente se perde no meio dos livros, é livro de um lado, livro do outro, lê, passa noites e noites, faz entrevista a distância, por um trabalho de conclusão, por uma média, e realmente se não tivesse isso, será que nós faríamos isso? Esse é meu objetivo, tentar conquistar as coisas, fazer com que as coisas aconteçam de forma espontânea, que as pessoas se conheçam por vontade própria, sem maldade no coração, que os livros sejam de acesso a todos, não acesso de uma minoria, uma política de repente, uma política de livro de facilitar o acesso através de uma redução de preço. Assim, eu te confesso que eu não sei se existe um trabalho melhor que o meu, porque eu gosto do que eu faço, eu me realizo no que faço, é super gratificante, a gente conquista espaço, conquista respeito das pessoas, conquista pessoas, enfim, é uma vida de conquistas, uma vida de inovações, de renovações e as pessoas que realmente possam se doar um minuto, meia hora, uma hora, do teu tempo pra tentar ser solidário com o outro, acho que você acaba ganhando o dia quando você pratica uma ação dessa. Que a vida continue e que a gente consiga chegar bem mais longe e que eu possa ter acesso ao final dessa sua pesquisa.

ENTREVISTADO(A) H

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

H.: *Na minha infância minha vivência foi muito na rua. Eu morava na casa da minha vó, e a casa da minha vó [em uma cidade da região Nordeste], e a rua que ela mora era uma rua de muito movimento, de muitas crianças, então eu brincava muito na rua, porém, dormia muito cedo, 5, 6 horas da tarde já estava dormindo. Era jogar bola, na frente*

da casa dela tinha, tem ainda uma espécie de sítio, mas já foi construída uma mega pousada, mas era um sítio e tinha muitas árvores frutíferas, curtia e tal, no começo estava só o esqueleto da pousada, a parte do cimento, tijolo aparente ainda e tudo, a gente brincava de polícia e ladrão, de se esconder, assistia um pouco de televisão, não lia muito, apesar de ter pessoas com nível de letramento na família alto, na minha família as pessoas tem graduação, terminaram a faculdade, na época eram universitários, minha tia era professora, é ainda professora pelo Estado, mas eu não tinha livros em casa. Era uma infância mais dispersiva, menos introspectiva, apesar de eu ser, eu era uma criança muito introspectiva mas não no sentido de reflexões existenciais, coisa assim, tipo, com relação ao livro e a leitura, personagens e tal, não, não, não, então tive uma infância muito da rua. Parte da minha infância, aos sete anos aí eu viajei [pra uma capital do Sudeste], fui morar com a minha mãe, eu morei dos sete aos quatorze, quinze, [lá], aí era totalmente... [Nesta cidade] a gente sempre morou em vila, também com muitas crianças, a gente assistia bastante televisão, a gente não ia muito cinema, a gente não ia muito pra shows, pra teatro, então, a gente sempre teve um limite de grana, eu sempre vivi numa família que, apesar da família do pai ter um histórico de pessoas, o meu avô, ter tido um status interessante, com relação não só a formação, mas acesso a recursos, acesso a bom emprego, ele foi um camarada razoavelmente endinheirado, mas isso foi se acabando pelo estilo de vida dele, muitas famílias, muita mulher, muita cachaça também.... Eu peguei uma geração, uma parte da família, digamos assim, mais pobre. Quando eu fui morar com minha mãe, minha mãe era casada com um homem, que também a gente tinha uma vida simples, ninguém passava por necessidade, mas também a gente não freqüentava lugares assim, teatro, cinema, “vão pra um show?”, “pô vai ter uma peça legal”, não, não, não. A agenda cultural era visitar a família, era churrasco na casa de Fulano, era passar as férias na casa da minha vó, ela mora [em uma cidade do litoral da região Sudeste], eu era fissurado por futebol, então era jogar bola, jogar bola e praia, tomar banho de mar, pescar siri... Na minha adolescência também jogava muito vídeo game, era uma cultura assim de dentro de casa mais, de brincar de boneco, lego, de montar lego, comandos em ação, [nesta cidade] foi muito disso. A gente só tinha a rua assim mesmo, de se divertir à vontade, quando ia pra casa da minha vó que é no litoral, ela mora na beira da praia, então pra gente era um paraíso. [Nesta cidade para qual eu me mudei na Região Sudeste] Eu não me relacionava muito bem com os meus amigos, tinha

muito preconceito porque eu era nordestino, eu lembro claramente de uma conversa um dia que a gente teve, eu com um amigo, discutindo futebol tudo, e aí a gente teve uma briga horrorosa assim, ele disse “paraíba não entende de futebol”, porque [nesta cidade] ou você é, no caso [nesta cidade] qualquer nordestino, de Alagoas, do Piauí, enfim, é paraíba, todo é paraíba. Em [outra cidade do Sudeste], já é baiano, em Florianópolis eu não sei o que é que é.... E meu irmão era um camaradinho muito difícil de lidar, as amizades legaiszinhas que eu conquistava, o meu irmão detonava e ele era muito difícil da gente se relacionar também, talvez por ser muito mimado, a idade também dele, era muito novo. Enfim, eu não tive muitos amigos [nesta cidade], não tive uma adolescência de grandes amigos, grandes saídas. Isso eu tive quando eu voltei pra cá, quando eu tinha quatorze pra quinze anos, aí sim, foi o retorno da minha infância, porque conhecia as pessoas aqui, fiz novos amigos, eu vim aqui só pra passar umas férias, junto com a minha mãe e com meu irmão, e eu pedi pra ficar aqui, ela foi e meu irmão voltou pra [cidade na Região Sudeste] e eu pedi pra ficar aqui. Sim e aí teve um período [lá] que a gente passou por umas dificuldades porque minha mãe se separou do pai do meu irmão e acabou eu, ela e meu irmão, continuamos morando na Vila, mas pagando aluguel, e ela desempregada, depois ela começou a trabalhar mas mesmo assim, a grana que pegava, pagava aluguel, ficava pouco, não tinha como a gente ter acesso a bens culturais, eu também nem me ligava nessas histórias de biblioteca, literatura e tal. Pra mim era escola, tirar notas boas e está tudo tranqüilo, chegar em casa e ver minha mãe feliz com o boletim e está tudo certo, então não me ligava muito assim, fora o futebolzinho que eu gostava. Então quando eu voltei pra cá, pronto, outros amigos, a gente brincava muito no quintal, eu comecei a andar de skate, e aí eu comecei a assistir mais filmes na casa dos meus amigos, os meus amigos conversavam mais sobre livros, sobre filmes, coisas assim, então, minha adolescência, aqui, quando eu voltei, foi mais interessante, mais aberta. E aí um amigo meu me emprestou um livro do Pedro Bandeira chamado “Droga da Obediência”, foi o primeiro livro que eu peguei que eu li todo, quando eu peguei eu tinha 15 anos, muito bom, um grupo de adolescentes que eles fazem parte de um grêmio estudantil da escola e tal, e na escola que eu estudava, uma escola pública, estava rolando um movimento também, estudantil, de formação de grêmio, aí eu “pô, que massa”, eu vou pegar esse livro aí, eu peguei e comecei a ler, no que eu li eu achei ele fenomenal, que aventura maravilhosa, me identifiquei com o livro, me identifiquei com

os personagens, me identifiquei com a trama. Depois desse eu li a coleção inteira, que ele tinha a coleção toda, que bom que ele não fez que nem a personagem da Clarice Lispector, que ela era dona de livraria o pai dela e... você leu Felicidade Clandestina? Vale a pena, pelo menos esse conto, leia, Felicidade Clandestina... E aí ele me cedeu a coleção dele toda, diferente da Clarice Lispector que queria Reinações de Narizinho, eu peguei a coleção desse dos “Karas”, os quatro livros. Eu passei acho que duas semanas, eu li esses quatro, acho que li mais uns dois de Sydnei Sheldon também, “O Estrangulador”, e outro, eu esqueci o nome, que já foi um outro amigo que me emprestou, mas eu também não me ligava em comprar livro, até então. Aí comecei a estudar pro vestibular, comecei a me envolver também com grupos culturais, aqui é muito forte o maracatu, então comecei a ir pra ensaio de maracatu e aquela..., os tambores, aquela mística do batuque, do movimento e tal, comecei a ficar deslumbrado também e comecei a freqüentar os ensaios desses grupos, eu querendo aprender e tudo, comecei a tocar o maracatu. Aí eu já ia pra um showzinho de rock’nroll, comecei a gostar de rock’nroll, ouvia Nirvana, Legião Urbana... Eu lembro que eu e meu primo a gente gravava as fitas e atrás da casa dele tinha uma caixa d’água que ele tapava com compensado e a gente colocava um microsystem ligava a fita e sentava na cadeira e ficava conversando e ouvindo Legião Urbana até de noite, duas horas da manhã, três horas da manhã e a gente cantava e tudo... Hoje em dia a gente tomaria muitas cervejas, mas a gente nem bebia na época e nada. O irmão dele gostava muito de Lulu Santos também e eu comecei a gostar de Lulu Santos. O acesso a bens culturais aqui, costume dizer assim, eu não precisei ir até eles, eles vinham até mim. Meu vizinho gostava de música, era fissurado em Renato Russo, esse amigo que me emprestava os livros, tinha outro amigo, um vizinho aqui perto da casa da minha avó também que eles eram filhos de médicos, sempre estudaram em escolas super boas e eles tinham biblioteca em casa, tinham muitos livros em casa, e a gente jogava bola na casa deles e passava o dia lá na casa deles. A gente era muito unido, já rolou as vezes divergência por classes sociais, mas isso não afetou a amizade não, foi tranquilo. Bom aí, juventude, bom, comecei a estudar pro vestibular... mas antes de estudar pro vestibular comecei a me interessar por música, estudei música, conheci professores, um professor me chamou pra tocar no grupo dele, e eu comecei a ensaiar no grupo dele, e conheci outras pessoas, outros músicos, aí a rede vai ampliando, as pessoas vão gostando de você também, você vai

demonstrando um pouco mais do seu talento, então fiz muitos amigos, muitos, hoje tenho uma rede de amizade muito grande, conheço bastante gente, mas ainda assim ainda conservo alguns núcleos de amizade específicos, aqueles amigos que são seus amigos até debaixo d'água que se conservou ao longo desses anos todos e vão ficar pra sempre e você cultiva sempre. Deixei a música e comecei a estudar pro vestibular, entrei em cursinho, comecei a estudar pro vestibular, foi um período muito conflituoso da minha vida porque era muito doloroso me afastar da música, me afastar de algumas pessoas, eu me mudei pra outra cidade, um pouco mais afastada da [cidade que eu morava que] é meio que um centro cultural. Eu me afastei um pouco e comecei a estudar pro vestibular e neste estudo pré-vestibular foi um mergulho mesmo, não saía direito, já tinha que estudar as matérias específicas... Eu tive dificuldade porque no meu terceiro ano, no pré-vestibular, eu ingressei numa escola particular, e eu sempre estudei pelo menos a minha adolescência em escola pública, escolas complicadas, porque por exemplo, você só vinha ter aula de química em outubro, aula de física no final do ano e aí você fazia um trabalho e pronto, tá aprovado. Então eu senti uma dificuldade imensa de acompanhar algumas disciplinas de acompanhar química orgânica, física, alguns assuntos de matemática, pra mim foi um terror, eu me dava super bem nas ciências humanas, mas quando ia pras ciências exatas e da saúde eu ficava, pô, era super complicado, tinha que estudar, me apropriar um pouco mais e tudo, então eu deixei, foi muito triste deixar essa intensa vida social pra dedicar, eu lembro que inclusive algumas pessoas se afastaram de mim, porque eu avisei que não dava mais porque eu estava estudando pro vestibular, é como se você estudar pro vestibular você deixava de ser você mesmo. Aí eu acabei entrando nessa ideia de vestibular, eu estudei três anos, reprovei três anos no vestibular, fiz um pra letras, três anos pra ciências biológicas e aí quando eu fiz pedagogia eu passei, mas quando eu fiz pedagogia eu já tava muito mais certo do que eu queria, porque eu já vinha participando dos movimentos, já estava muito conectado com essas questões do livro, da leitura, das bibliotecas, essa discussão do Milanesi já tava muito mais resolvida na minha cabeça, do que era centro cultural, bibliotecas comunitárias, espaços de leitura, então eu decidi fazer pedagogia porque eu achava que era aquilo que ia potencializar o meu conhecimento e eu já estava bastante envolvido com estratégias de mediação de leitura, eu acho hoje que o mediador de leitura tem uma função, assim como o professor, muito heróica, muito revolucionária. Então, minha juventude ela foi com muita presença de

acesso a bens culturais, tive um período até sem grana, mas conheci muita gente de música então a gente tocava sempre, a gente discutia sempre, tocava CD, o que é que tava rolando no momento com relação à música, eu tinha uma banda de pifanas, uma flauta rústica, feita de madeira, de taboca, a gente tinha um grupo, saía pelas ruas [da cidade] tocando e tal e então na minha juventude, o acesso a música, a literatura estava muito presente, eu só não sabia o que fazer, levava aquilo na esportiva, na curtição, nunca imaginei que ia ser minha profissão. Então, fui levando, conhecendo as pessoas e tal e foi aí que tive essa ideia de bibliotecas, teve uma época que eu achava que a biblioteca, e eu ainda acho, ia salvar o mundo, a cabeça das pessoas. Como meu Deus, como é possível o sistema, o governo, não investir em algo que, gente, ia acabar com muita catástrofe no mundo, o acesso ao livro e a leitura, então, isso tomei pra mim e hoje eu faço disso um princípio de vida, permitir que as pessoas tenham mesmo acesso ao livro, às bibliotecas, através das bibliotecas comunitárias que está no seio, está no miolo ali. Tem uma pesquisa de um camarada, de um professor universitário, do Departamento de Ciência da Informação, não sei se você conhece, Marcos Galindo, que ele colocou o mapa de transportes públicos da cidade, e colocou o mapa das bibliotecas e ele viu que o transporte público passava muito longe das bibliotecas e muito longe das comunidades. Então, eu posso até ter bibliotecas, mas como é que eu posso chegar numa biblioteca dessa? E a passagem aqui também é muito cara. É interessante essa relação que ele fez do sistema de transporte com os locais onde estão as bibliotecas, apesar [da cidade] só ter duas bibliotecas municipais e na capital uma biblioteca pública estadual para uma demanda de quase dois milhões de habitantes. Se a gente for colocar isso na proporcionalidade digamos que a gente teria aí, mais de oitocentas mil pessoas, ou pouco mais de quinhentas mil pessoas pra cada biblioteca, pra três bibliotecas, a pública estadual e duas municipais, se a gente for restringir à territorialidade [da cidade], acesso ao livro, à leitura e às bibliotecas no município, sistema municipal, são duas bibliotecas, a gente teria mais ou menos um milhão pra cada biblioteca, imagina. Mas é isso, eu fui na verdade ter acesso aos bens culturais, comecei a ir pra museu, teatro, concertos de orquestra, nem curtia muito orquestra sinfônica, ia pros ensaios da Orquestra Sinfônica [da cidade], teatro [de bonecos], festival de teatro de Mamulengo, porque na realidade isso tudo me alimentava literalmente, no sentido literário e no sentido existencial, comecei a me permitir mesmo, ia muito, todo final de semana saía

muito, mesmo que fosse para os bares aqui perto, os eventos que a gente fazia na rua, execução de vídeo, rodas de leitura, contação de história, enfim, é isso, meu acesso a bens culturais ele veio a partir da minha juventude, mais ou menos aí com uns 15, 16 anos pra frente.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

H.: *Meu contexto social e econômico era muito difícil, não tinha uma família que pudesse me dar um suporte econômico, tive pessoas marcantes na minha família que me deram um apoio moral, traduziram valores fundamentais pra eu pensar o que eu penso hoje, principalmente as mulheres da minha família. Os homens não, os homens sempre tiveram uma vida complicada, mas principalmente minha vó, minha mãe, minha tia, me deram um apoio moral pra minha cabeça não explodir, porque principalmente na juventude, você quer ter uma grana, você quer ter um dinheiro pra sair e eu não tinha, não tinha como. Eu já botei pasta debaixo do braço e pensei em jogar tudo pros ares assim e pensei vou trabalhar numa loja dessas aí, vou ser caixa da C&A, ou vendedor de uma loja, ou trabalhar nessa lojas de surf, como eu era jovem na época (era não, ainda sou), como era mais jovem na época, então essas lojas de surfwear, skateboard, sempre contratava pessoas mais novas, jovenzinhos, mais de estilo. Então eu ia e espalhava currículo já de saco cheio, não agüentando mais não ter grana pra fazer as coisas, não ter dinheiro, pra pagar passagem de ônibus. O pior era lidar com isso num relacionamento, ter uma namorada e, pô bicho, não poder oferecer umas coisas legais, e eu pensava que se eu não tivesse grana, não poderia oferecer, porque ela estaria comigo? Eu tinha uma cabeça muito fechada pra isso, por achar que não poder oferecer momentos bacanas e esse momento tinham que vir porque tinha que ter grana.... Foi meio difícil assim, então, não tive muito suporte financeiro, sempre tive que correr um pouco mais que os outros pra poder ter o que eu tenho hoje, graças a São Jorge e a minha perseverança, eu tenho uma grana que dá pra me sustentar hoje, pago minhas coisas, pago telefone, pago Internet, já morei, já paguei aluguel, compro meus livros, meus Cds, viajo, enfim, tenho tempo pra estudar...*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

H.: *Já participei do movimento estudantil, na oitava, no primeiro, no segundo e terceiro ano. Na universidade aí eu já vim mais calejado, aí o*

movimento estudantil universitário não é algo que eu faço hoje, os colegas que fazem eu apoio, incentivo. Pra passeata, aumento de passagens eu até vou, mas o movimento estudantil acadêmico é algo que pra mim hoje ele precisa mudar muito, com relação a praticas, com relação a idéias mesmo, acho que é meio complicado, principalmente quando a gente vai analisar de fato quem faz parte dos diretórios acadêmicos e nos diretórios centrais dos estudantes, é meio complicado. É uma galera super boa intelectualmente, mas fica no campo da revolta e isso não se traduz em conhecimento, acho que o problema é esse. A coisa fica muito no campo do discurso, da insatisfação, mas tu imagina o que eles poderiam produzir de artigo pra o que eles reivindicam, eles podiam entupir o centro de educação de conhecimento. Aí sim, imagina o respaldo que eles teriam pra poder enfrentar diretamente os professores, o reitor, “cara, a gente faz tudo direitinho e a gente tem o maior direito de pedir o que a gente quer agora”. Você está com a faca e o queijo na mão, só que você está cortando o queijo errado, pelo menos é uma opinião pessoal. Mas fora o movimento em prol do livro, da leitura e da biblioteca, foi o movimento estudantil, não participava de nenhum outro movimento. Movimento musical sim, mas não quanto movimento político, era um movimento mais passivo, a música. Ativo, era o estudantil e a literatura, porque também quando você está envolvido com bibliotecas, ou acesso ao livro e a leitura, isso passa pelo campo dos direitos da criança e do adolescente e aí você se pauta na Constituição, ECA, isso atrai outras discussão, como os direitos humanos, começa a discutir a literatura na perspectiva dos direitos humanos, como o Antônio Cândido discute.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

H.: *Tem um texto de Sérgio Vaz que ele fala que bibliotecas são poemas concretos, e a biblioteca ela é de fato um espaço transformador, eu acho que, a partir do momento que as pessoas têm consciência disso, e a biblioteca ela é importante porque ela está ali, ao mesmo tempo esperando e ao mesmo tempo ela tem que provocar, mas a literatura, pô, é tão bom, mas ao mesmo tempo é tão difícil falar disso porque , bom, eu vou tentar... A mesma importância que as pessoas têm em mostrar objetividade, em procurar trabalho, emprego, se instrumentalizar e tal, a biblioteca eu acho que é o lugar dos sonhos, da imaginação, de instigar o pensamento, de alimentar o sujeito de tudo que é significativo, de tudo que é emoção, então, eu acho que não tem*

como pensar a sua existência sem você se alimentar, é como beber água, a literatura é como beber água, a poesia é como beber água. Se você deixa de beber água você morre, se você deixa de frequentar biblioteca, se você deixa de ler os livros, se você deixa a literatura de lado, você também morre, o sujeito também morre e é uma morte muito pior eu acho, porque você fica ali vagando, entre aspas, morto, porque imagina você não utilizar sua capacidade de pensar e as bibliotecas valorizam isso. As bibliotecas além de elas guardarem a memória, elas são espaços impulsionadores do pensar, do fazer pensar, então, é alimentação da alma mesmo, não tem como pensar a existência sem pensar em biblioteca, sem pensar em acesso ao livro, sem pensar acesso a leitura, literária, não tem como. Ela tem um papel social, cultural, econômico também, substancial, é algo que se um dia acabar, o mundo acaba também, o mundo entra em colapso, as pessoas elas vão deixar de existir. Biblioteca e o livro, ela é o caminho, o acesso, a porta de entrada para o mundo da imaginação, para o mundo da criação, para o mundo do exercício da palavra, de apropriação da palavra escrita, não só falada, de potencializar a escrita, então, não podemos pensar a biblioteca descolada do mundo. Eu tenho a certeza que se tivesse mais bibliotecas a gente precisaria de menos hospitais.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

H.: *Eu sinto muito pesar por elas, por elas não, mas eu sinto que são espaços cansados, ainda são espaços museológicos, ainda são espaços não de radiação de informação, de concentração de informação, são espaços ainda cristalizados, são espaços pouco articulados, são espaços que não procuram se articular com outros espaços. E articular não é só chamar pra eventos não, dizer que vai ter formação tudo, carece de uma agenda, são espaços mórbidos assim, parece que você está entrando num convento, parece que você está entrando num hospital, uma energia parada, é até pesada, como se você entrasse numa biblioteca e você saísse com dor nas costas porque é muito carregado. E não são espaços humildes não, são espaços de difícil relacionamento, de você chegar com propostas novas e as pessoas não quiseram dar nenhuma importância pra isso. Mas as bibliotecas públicas ainda não são bibliotecas boas, carece muito. Eu acho que, quando eu falo da humildade é achar que eles sabem tudo, os bibliotecários, inclusive aqui eles tem a maior deficiência de bibliotecários, mas sei lá, de acharem porque estão num espaço público, e são representantes do poder público e estar naquela estrutura*

grandiosa, basta. Inclusive a gente teve varias dificuldades de se relacionar com o poder público devido a essa pretensão, de chegar pra gente e dizer “não mas a gente dá umas formações” então como se não tivesse minimamente um conhecimento disposto a socializar, complicado. E até reconhece “as bibliotecas comunitárias? Vocês tem um movimento cultural fortíssimo, parabéns e tal”, mas acabou. Elas não tem muita culpa coitadas porque elas ficam boiando na administração pública também uma hora é cultura, outra hora é educação, como aqui [na cidade], no Estado não tem um política pública forte de livro e da leitura e acesso às bibliotecas, então eu posso tirar o dinheiro que ia ser pra biblioteca e fazer um tapete vermelho pra receber o próximo presidente que vai visitar, entendeu, eu posso tirar do orçamento porque não vai fazer falta mesmo... Diferente se tivesse uma legislação mais efetiva assim, é o que a gente está procurando aqui [na cidade] espero que a gente esteja no caminho certo, mas é um descaso que fazem. Eu sei que a política cultural melhorou muito, mas ainda assim, a política do livro e da leitura ainda é muito voltada pras grandes editoras, poucas para a formação de leitores de verdade. Aqui [no Estado] decretaram uma lei que as livrarias vão ter que ter uma estante especifica para a literatura regional. Quem vai se preocupar com isso? Só quem vai se favorecer vão ser as editoras que vão começar a publicar mais livros e elas sabem que vão ter espaço de venda garantido enquanto e a formação do leitor? E o espaço de formação do leitor? O que é que adianta ter livros nas estantes se o sujeito não tem nenhuma relação de vinculo com aquele material, com o livro? Não vai adiantar nada, vai ficar um livro de poesia na gaveta, não adianta nada. Eu lamento também, culpo o governo, culpo inclusive a categoria também, que eu acho pelo menos aqui [no Estado] a categoria ainda é muito parada com relação à reivindicação, com relação à defesa deste espaço, um espaço mais dinâmico, inclusive o lugar do bibliotecário, porque não é que a gente ocupa o lugar, mas que esse lugar não está ocupado pelo bibliotecário.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

H.: *Me motiva quando eu vejo uma criança e ele começa a pegar livro infantil e ela começa a olhar aquelas imagens, a tentar ver algumas frases, a entender um pouco do personagem. No próximo mês ela ta começando a pegar livro de literatura, livro de 200 páginas, 300 páginas. Quando ela começa no mês próximo a perguntar pra mim “Tu,*

tem tal autor?”, eu fico pensando “Meu Deus do céu”, que apropriação, que coisa fantástica, que salto esse sujeito dá, esse sujeito nós, damos. Que potência, o livro estava lá simplesmente. Ou então no processo de mediação de leitura quando um adolescente se identifica com um tipo de literatura e ele começa a escrever o que ele pensa, começa, sai do papel de leitor e entra agora no papel do autor, ele escreve e a literatura, os livros que ele vai pegando aumenta a sua capacidade de escrever. E a gente pega na biblioteca, lota os livros de anotações, poemas que eles escrevem, livros que eles querem publicar, então assim, essas coisas me motivam muito, me motivam muito continuar. Quando eu vejo os mediadores de leitura entusiasmados, quando cai a ficha, digo “meu Deus do céu, a leitura é o acesso, é o exercício da existência”, então a reação dos mediadores de leitura, ver as crianças, mesmo aquelas que não sabem ler, pegar os livros, olha as figuras e começa a conversar consigo, começa a conversar, a fazer relação com as imagens, dizer “não mas Fulana não esta muito feliz com Ciclana porque tal, entrou outro personagem”, que capacidade de imaginação, que capacidade de criação, de cenário, de criar imagens... A gente fez uma oficina na semana retrasada com os poemas do Manoel Bandeira, a partir das leituras dos poemas do Manoel Bandeira, como saíram imagens concretas do que eles imaginavam, do que eles pensavam sobre aqueles poemas, que emoções eles estavam sentindo a partir da leitura daquele poema... São essas assim que me empolgam, acho que o cara abriu a porta, o caminho é esse, o caminho é esse e não tem outro não, o caminho é esse, se a galera não quiser ir pra fila do SUS, vá pra biblioteca. Eu sei que tem muitas necessidades, passa fome ou de repente não dá pra ir na biblioteca porque vai ter que puxar carroça e tal, mas faça um esforço, realmente minha avó, minha tia, minha mãe, elas sempre diziam e elas estão certas, que conhecimento e informação ninguém tira da gente não, ninguém tira da gente não e quanto mais a gente tem mais a gente enriquece e não só a gente mais os outros também, então ações como essa me empolgam de uma maneira incrível. Eu tenho uma experiência que uma das crianças começou a montar o seu cantinho de leitura no quarto dela, uma criança de 8 anos de idade e a mãe não tem condições de comprar livros, mas mesmo assim vai nas bibliotecas, que doam os livros, é incrível. Além das crianças vão as famílias, não adianta você só estar trabalhando diretamente com as crianças sem tentar envolver os pais, sem tentar envolver a mãe nas atividades que as bibliotecas fazem também, é legal nas oficinas ter as crianças e ter também as mães

participando. Eu acredito não só na prática mas na teoria mesmo, das discussões, o Antônio Cândido falando, o Milanese, Michèle Petit, Paulo Freire, enfim, eu acho que as vezes eu tenho a sensação de que tudo que eles falam a gente já sabia mas eles falaram primeiro que a gente, “pô, sabia disso mas ele falou primeiro”.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

H.: *Bom os serviços, o acesso ao livro, as rodas de mediação de leitura, contação de história, exibição de vídeo, exposição, oficinas de linguagem em geral, diferentes linguagens artísticas, conversas com escritores, acesso aos bens culturais, democratização do acesso aos bens culturais. Mas chega um momento que só o acesso aos bens culturais, ainda não é bom, aliás, é bom, mas não é o suficiente. Além de possibilitar o acesso aos bens culturais, possibilitar a apropriação por parte de quem está participando, apropriação no sentido porque não adianta você também só oferecer, você tem que permitir que haja o exercício recíproco de expressão por parte deles também do público atendido diretamente. Os benefícios eles são inúmeros, com relação a ampliar o conhecimento sobre as artes, sobre o mundo, sobre o conhecimento em sua própria existência, a partir da consciência de diversos saberes com certeza mudo minha prática e mudo minha atuação no mundo. Então, você ter acesso a filmes que ia ser muito mais difícil você ver porque a entrada no cinema custa R\$18,00, você ter acesso a livros de qualidade, você ter acesso a escritores, quem escreve livro ainda está vivo também não é só quem morreu, quem toca uma boa música vai na biblioteca, tem rodas de conversa, tem oficinas mesmo de criação de gêneros literários, então oferece serviços que são serviços fundamentais pro sujeito. Além desse serviço tem uma atuação com a escola também, ou seja ocupar um espaço dentro da escola, a biblioteca escolar e a biblioteca comunitária, apesar das resistências tem algumas experiências em algumas bibliotecas que trabalham com os professores e com os alunos. É um serviço fundamental, de exercício e apropriação da linguagem escrita e da linguagem falada, os benefícios são enormes, ampliação do conhecimento mesmo e acesso a diferentes bens culturais.*

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

H.: *Eu só espero mais ênfase na formação de leitores, eu só espero que a gente fazendo possa investir mais nessa perspectiva de formar leitores*

e formação de leitores não é só acesso ao livro, passa pelo acesso às bibliotecas, passa pela mediação de leitura, passa por ter livro em casa, passa por na televisão estar divulgando a importância do livro, porque se a TV aberta, vamos supor, sei lá, oito canais, desses oito canais ao meio dia praticamente os oito estão passando reportagem policial, mas que tivesse dois minutos em horário nobre e fazer um comercial legal com relação ao acesso aos livros, a leitura, às bibliotecas, com certeza isso mudaria muita coisa. Eu conheci o primeiro secretário de leitura do Brasil, Joaquim Francisco Xavier, esqueci o nome dele, mas ele é do Acre, o primeiro secretário de leitura do Brasil, lá no Acre e aí o prefeito falou “e aí, o que é que você quer?” e ele chegou pro prefeito e disse, eu só quero que cada discurso que você faça, que cada ponte que você inaugure, cada poste que você inaugure, cada monumento, você diga que a leitura é importante, fale do livro que você leu, do livro que você gostou, fale da leitura ou deixe que eu falo, você me chama e eu falo. Porque tudo passa, é uma apropriação simbólica do sentido, como é que uma coisa vai fazer sentido pra mim se eu não tenho acesso a ela, e além de eu não ter acesso não tem ação que possa me aproximar dela, então, a coisa sempre vai ficar no âmbito como se fosse um ócio grego, um ócio de classe média alta e tal, como se a leitura fosse um simples deleite, um simples ato de comer caviar, entendeu? Vai ficar uma coisa normal, simples, como tomar água, como assistir uma novela, vou ler um livro. Pode ter a mesma estrutura narrativa de uma novela mas tá no livro, entendeu, está na palavra escrita, você não está vendo imagem, não que eu seja contra imagem mas você está exercitando o seu imaginário, você criando o seu personagem, você está entrando no enredo, você está imaginando coisas, você está criando, você está criando suas entrelinhas, o autor escreve as linhas e você as entrelinhas. Eu acho que se a leitura ela tivesse presente em cada canal de televisão como as igrejas evangélicas estão, como repórteres sensacionalistas que a gente almoçando eles passam programas policiais e morte na televisão, ou programas de rádio fosse lido livros, trechos de poemas, alguma conversa com escritor, uma rádio famosa dessa tipo Transamérica, Rádio Cidade ou Nova Brasil, não sei, uma rádio de grandes proporções pudesse ter sim seu momento literatura, com certeza o Brasil não teria esse déficit enorme de analfabetismo funcional, esse abismo, essa dívida que sinceramente eu não tenho muitas esperanças que o Plano Nacional de Educação vá conseguir cumprir suas metas não. Vai ficar mais um monte metas sem ser cumprida, educação ainda passa pelo campo da instrumentalização e

não sei se é só isso, eu acho que não é só isso. Não é só oferecer ensino instrumentalizado de qualidade, não é só oferecer sala de aula boa, não é só oferecer professores com mestrado e doutorado, entendeu, é oferecer ambiente, é oferecer atmosfera educadora. Na rádio, na televisão, no banco de ônibus, parada de ônibus, tem, mas por iniciativa muito mais dos movimentos populares, das ONGs e tal do que incentivadas e financiadas pelo próprio governo dentro de uma política pública. Não adianta distribuir kit de livros sem dizer que livro é importante, então, democratizar o acesso mesmo, mesmo que a gente diga “pô, mas eu vou ter que também publicar Sabrina, Bianca, todos aqueles romancinhos goiaba com açúcar”, vai ter que sim, eu acredito que sim, as mães adoram esses romances, são romances muito adorados por elas. Pra daí ela ir pra um Agatha Christie, ou então ir pra um romance mais complexo e tal é muito rápido. Eu nunca imaginava por exemplo que um livro de quase 500 páginas que é o Harry Potter estava sendo lido por adolescentes que não leram livro nem de 100 páginas. Toda essa literatura vampiresca também está fazendo um papel, está cumprindo um papel, mas o perigo é ficar só nisso, ficar correndo atrás do rabo, se não tomar uma outra perspectiva de leitura, não correr pra outros autores, não encontrar outros cenários e tal, o problema é esse também, pô, todo mundo está lendo Harry Potter e tal... Só que aí também é meio perverso você só oferecer um tipo de literatura, aí você não vai sair do canto também.... Mas é isso, eu acho que literatura, leitura, acesso a livro e a leitura não passa só pelo campo da objetividade, não é só oferecer livros, bons mediadores de leitura, professores excelentes, isso é óbvio que tem que ter, mas passa pela atmosfera mesmo educadora, de estar passando pela televisão, rádio, porque às vezes independente de estar passando na televisão, pode ser uma porcaria, mas passou na televisão valeu, é bom, eu compro. É isso.

ENTREVISTADO(A) I

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

I.: *Eu acho que tudo começa lá. Eu tenho o privilégio de ser de uma família de pai e mãe leitores, avós leitores. Meu avô materno, italiano, era uma pessoa muito, líder comunitário, foi vereador, que não era o cargo da época. Meu pai, eu acho que na verdade todo esse trabalho nasceu ali, meu pai era um homem que fazia vida cultural na*

cidadezinha que a gente morava. Livros não faltavam, coleções, revistas em quadrinhos, toda família leu revistas em quadrinhos, nada era proibido, pelo contrário, era proibido só levar livros e revistas pra mesa, pra refeição, o resto podia fazer. Ou então quando saía com a mãe pra visita ela dizia “não sentem pra ler, tem que conversar”, mas a gente fez isso a vida inteira, todo mundo, tanto que hoje nossa coleção de Monteiro Lobato, foi lida até pelo sétimo filho, que nasceu temporão, sétimo irmão meu. E o meu pai fazia cine clube na cidade, fazia festas infantis e juvenis com shows, música, declamação. O meu colégio também, o ginásio, [na cidade vizinha], tinha os concursos literários que a gente tinha que participar ou escrevendo, ou lendo, ou declamando, concurso de música, tinha os melhores valores do colégio. Então eu passei desde pequena até o fim do curso normal, fiz jornal, porque meu pai também fazia jornal em [na cidade que nasci, interior de um Estado da região Sul], jornal da [empresa], onde ele trabalhava. Meu pai fazia programa de rádio, dava as informações [da nossa cidade] para [uma cidade vizinha], na hora do esporte, foi presidente de um Clube da cidade, ajudou a fundar e acompanhou até o Clube se extinguir, fazia os bailes de carnaval, então na minha casa era um agito cultural contínuo. A gente ia a shows que a [empresa que meu pai trabalhava] trazia, do Rio, de Volta Redonda, nós vimos meninas Elizete Cardoso cantando na casa de hóspedes, do outro lado da rua, então, isso foi assim, nós somos todos leitores até hoje. Eu fui fazer Letras, outra irmã foi fazer Letras, outra Pedagogia e fez Pintura, e todo mundo ficou na área da Educação, somos quatro professores na família, dois irmãos são engenheiros, mas um também dá aula. Então, a vida cultural nossa não era de sair, fazer viagens pra lá e pra cá, ir a Ouro Preto, não se tinha esse hábito, as escolas não levavam e nem tínhamos recursos financeiros de família pra isso, mas tudo ia pra dentro de casa. E a gente passou toda infância e adolescência, as revistas em quadrinho, X9, Batman, Seleções do Rider Digest, tudo, Pato Donald, Monteiro Lobato, e todos os livros que saía, meu pai ia ao Rio uma vez por ano e trazia, e a gente lia tudo, tinha tudo e tal. Depois que a gente lia as revistas, meu pai ia pro interior, na região da colônia italiana e levava as revistas pros meus tios, bem mais velhos, meu avô fazia saraus de música, ele era topógrafo, então viajava, trazia as informações, era correspondente com a Itália e tal. Então tinha, naturalmente, isso nunca foi para nós uma coisa de ostentação, “oh, minha casa tem uma biblioteca”, não tem, não tinha. A coleção de Monteiro Lobato, os livros, meu pai era da época que se vendia livros

em porta, então ele comprou Humberto de Campos, hoje a gente não sabe o que vai fazer com Humberto de Campos porque não dá pra botar numa biblioteca um autor de culturalmente desapareceu, só os especialistas que vão atrás dele, mas a gente tinha isso tudo e se trocava livro com a vizinhança. A biblioteca do colégio era muito boa, uma vez eu fiquei de castigo uma semana porque eu fiquei sem uniforme, andava no verão sem sapato, botava sandália, aí as freiras achavam que eu tinha que dar o exemplo porque eu era presidente do grêmio então me suspenderam das aulas uma semana, mas eu tinha que ir pro colégio. Aí abriram a biblioteca, tiraram até os livros proibidos, porque eu já estava no normal, tinha uma ótima professora de português e eu fiz o jornal do mês, que a gente fazia [um jornal], nessa semana, eu fiquei na biblioteca de castigo, mas eu tinha que ir uniformizada e tudo, e eu fiz o jornal, li, li, li. Eu nunca tinha entendido porque que eu quis criar isso tudo, até que eu fui a [cidade vizinha à que eu nasci] uma vez, num depoimento em um curso de Pós-Graduação, de um ex aluno meu que tinha sido meu orientando, e ele me levou pra uma banca e depois fomos falando sobre a biblioteca pro pessoal de lá, alunos dele, e ele que fechou “tu na verdade tu tá fazendo uma coisa que seu pai fazia, tu tá seguindo um modelo”. E essa atividade nossa é muito grande também por isso, tanto minha como dos meus irmãos principalmente as mulheres, professoras, secretária da educação, e a outra que escreve ganha prêmio, porque a gente passou a vida assim. Aí adulta fui dar aula, aliás, ainda normalista já dei aula pro primário, e livro e leitura já fazia parte da sala de aula. Depois vim pra [esta cidade] pra fazer Letras e estudei Francês e Português, então toda parte literária continuou, aí como leituras obrigatórias, toda parte que amplia pra crítica e tudo mais. Depois, nos anos 78, 80 existe a Fundação do Livro Infantil e Juvenil no Brasil, e eu fui convidada para fazer parte de um júri que a Fundação monta, já tem há mais de 40 anos, eu não sou uma das fundadoras mas estou lá desde a década de 80, a Fundação que é parte da IBI, um organismo internacional, que foi criado pra trabalhar com crianças e jovens após a Segunda Guerra na Europa, eu não sei bem a história do IBI, eu passei a fazer parte desse júri que consiste em selecionar os melhores livros de cada ano para crianças e jovens. E eu fui acompanhando a evolução da própria Fundação que mandava critérios e tudo mais, e recendo os livros das Editoras, que queriam receber o selo da Fundação porque não entra dinheiro nessa premiação, o que entra é o selo de altamente recomendável e do Prêmio A, B, C, D de cada área, são dezessete

categorias. Então desde os anos 80 que eu faço parte desse grupo e a gente recebe em casa os livros e tem uma seleção que dura o ano inteiro. Agora semana passada nós mandamos os últimos votos para os primeiros lugares de cada categoria, melhor pra criança, melhor pra jovem, melhor tradução, melhor ilustração, vários critérios até tu pode olhar no site da Fundação Nacional tem tudo isso, tem os livros de cada ano. Acaba sendo um trabalho de análise, avaliação crítica, e com os livros dados para os votantes que tem que achar um uso pra esses livros. Então, enquanto eu dava aula no curso de Letras eu fazia com os meus alunos, essa distribuição, os estágios nas escolas eles tinham que fazer, por exemplo, usar um livro infantil, eu lembro de um estagio em que era “Chapeuzinho Amarelo” do Chico Buarque, que foi o livro que detonou todo um mês de estágio na escola na Trindade mesmo. Então eles fizeram com as turminhas da quinta série, já alfabetizados e tudo, fizemos o livrinho cada turma divide em grupos, fizeram Chapeuzinho Amarelo, foi detonador, o Chapeuzinho Azul, aí as crianças estudavam cores, o Chapeuzinho Verde, da natureza e das verduras, o Chapeuzinho Laranja, do sol e da cenoura... Aí toda parte de língua, de linguagem oral e escrita a gente fazia, eu fazia os alunos criarem um projeto diferenciado a partir do livro. Isso eu fiz durante muito tempo e depois eu me aposentei e continuando na Fundação. Ao mesmo tempo, o trabalho na Fundação aumentou muito, porque a gente participou observando e recebendo livros, quando eu comecei eram quarenta, cinquenta por ano e hoje dá mil e duzentos livros novos por ano. O crescimento da indústria editorial para crianças e jovens é o maior das áreas de editoria no Brasil, só perde pro didático, que são os livros obrigatórios nas escolas, mas na literatura mesmo é o livro infantil, juvenil, que vende mais que os próprios livros considerados livros técnicos, livros de adultos. E isso a indústria brasileira sentiu e a editoria está maravilhosa temos coleções, temos editores, temos autores, temos profissionais em todas as áreas, criou-se nestes vinte anos, vinte, trinta anos, a profissionalização do ilustrador pra crianças e jovens, virou um profissional que vai a feiras no mundo inteiro, que participa de projetos e tudo mais, e os nossos livros estão belíssimos e ao mesmo tempo também de boa qualidade e de má qualidade. Então pouco a pouco a participação nesse conjunto de votantes da Fundação trouxe pra mim e pra todos os outros no mundo inteiro, porque a gente de vez em quando se reúne porque a Fundação faz o Salão Nacional do Livro infantil e juvenil no Rio de Janeiro, que vai ser agora em dia 6 de junho e a gente vai também que aí tem a entrega dos prêmios para os

escritores, pros editores, pros ilustradores, para os melhores projetos, que a Fundação tem concursos anuais pra dois ou três tipos de projetos de incentivo a leitura, e eu sei que nesse vai e vem e tal eu estava aposentada, com livros e criei o primeiro grupinho que ia lá pra minha casa pra gente analisar junto. Aí disse, vamos fazer uma biblioteca, porque [nesta cidade] tem pouquíssima biblioteca. Isso foi lá por volta de 2000 e aí, esse grupo que hoje é o núcleo de estudos e pesquisa da biblioteca, várias dessas profissionais que estão aqui, eram professoras do Aplicação, professoras da Universidade, amigas minhas, vizinhos, esse pessoal já ia na minha casa, aí começamos a ver necessidade de a gente, cada um levava os livros pra casa, dava pra uma escola, dava pra outra, mas não existia assim uma, do meu ponto de vista, não existia um real envolvimento da gente com aqueles livros. E começamos a ver assim, porque que tu não faz uma biblioteca? Primeiro nos fizemos um projeto em 2000 ou 1999 e tal pra ir fazer uma biblioteca num dos Projetos do [de um padre da cidade] lá [em um morro carente da nossa cidade], nós fizemos a campanha dos livros, eu trabalhava com uma colega no Instituto Ofícios do Livro que não durou, mas enquanto durou a gente fez a divulgação de que estava recolhendo livros pra fazer uma biblioteca lá no morro. Aí a gente fez, tinha até um computador tal, mas o projeto que tinha lá, não sei se continua o mesmo, era um projeto de um centro cultural, mas que não funciona o ano inteiro, no período escolar eles davam atendimento as crianças no horário extra a escola. E nós criamos a biblioteca e a gente não conseguiu, eu não consegui fazer aquela biblioteca como eu queria fazer, que seria uma biblioteca de atendimento contínuo, diário, a gente tinha que fechar na hora do almoço, a gente não podia levar livro pra casa. Nós não conseguimos realizar o projeto em sua totalidade, o pessoal ficou contente com os livros mas não era a nossa maneira de trabalhar, não era viável. Bom, eu voltei pra casa, e uma colega que estava lá que se engajou na ideia ficou ainda fez a lista dos livros, trabalhou um ou dois anos ainda dentro dos critérios que o projeto do Morro ali impunha, mas nunca foi uma biblioteca realmente porque não emprestar pra crianças fora dos que estavam matriculados ali, não podia levar livros pra casa, não envolvia familiares, eu, não, vou voltar pra casa, continuo recebendo livros e eu disse, sabe de uma coisa, vou fazer uma biblioteca, porque essa história de que a gente dá o livro e depois todo mundo manda nos livros e fazem como bem entendem e não é isso que a gente quer, vamos fazer uma biblioteca [no bairro], uma vez que não tem, o Casarão tem uma bibliotecazinha que é Municipal,

mas estava fechado, tinha governos municipais que incrementavam a biblioteca, outros não davam a mínima fechavam o Casarão, fechavam a biblioteca. E aí eu comecei a realmente reunir gente pra fazer o projeto de uma biblioteca no bairro e aí foi juntando gente e nós vimos que pra fazer o que nós queríamos ia ser só uma barca mesmo, não ia ser um espaço, um porto, porque nós chamamos isso aqui de porto, porque o projeto, foi em 2006, esse projeto a gente inscreveu no Plano Nacional do Livro e da Leitura, e fizemos um projeto para Lei Rouanet, e como ele foi um projeto bem feito ele recebeu apoio integral, custava R\$422.000,00 e mais não sei o quê, comprando um barco e botando a biblioteca a funcionar dentro do barco e iríamos atender só nas comunidades. Mas nesse Projeto nós tínhamos que captar também os recursos. E aí, em 2006 também a Fundação premiou com R\$7.000,00 esse projeto da biblioteca, e aí nós nos achamos riquíssimos, achamos que a gente ia poder alugar uma casa e tal, e colocar aqueles dois mil livros que eu tinha em casa, de desde 2000 guardando, dentro do barco e tudo mais, mas não dava, evidentemente que não dava, mas nós conseguimos a promessa da Petrobrás de que iria nos financiar desde que nós tivéssemos um espaço, porque na casa de uma pessoa não era o local pra se fazer uma biblioteca comunitária aberta, aí a gente aluga uma casa e a gente começa. E foi o que nós fizemos, com a promessa, em dezembro teve uma representante nossa que foi ao Rio, em novembro, outubro, e voltou com isso, se nós tivermos um espaço eles tem uma verba de recolhimento de fim de ano que tem que fazer. E de lá mesmo ela telefonou e nós saímos a procura deste espaço, já estávamos de olho aqui porque de frente pra lagoa, o barco sempre sairia daqui, o barco sempre foi a proposta de fazer uma barca igual a essa, não fazer nada diferente pra começo de projeto, usar o mesmo material deles de tradição da Ilha e tudo mais, botar livro e ficar lá. Então não dava pra fazer isso nós alugamos aqui, o contrato era pra fim de dezembro pra gente receber a casa que tava coisa e tal em fevereiro, em janeiro, fevereiro a gente poderia entrar. Dia 2 de fevereiro eu recebo uma carta da Petrobrás dizendo que infelizmente não teriam condições de investir no projeto e nós já com a casa alugada por R\$4.000,00 e pouco por mês, e aí bom, vamos não vamos, nós já estamos nessa, viemos pra cá, com tudo emprestado, sofás doados, mesas do café, a gente projetou de ter um café pra ter a divisão do aluguel, e ter a criação de um espaço, porque tudo isso estava visualizado, não seria uma biblioteca só pra empréstimo, ou só pra leitura aqui, seria a biblioteca com um núcleo de um centro cultural, a biblioteca pode fazer várias atividades

culturais e a coisa mais importante disso tudo são os livros e a biblioteca, daí vão surgindo nossas atividades. E aí nós já tínhamos desde 2005, nós criamos a ONG, eu pulei a parte da ONG, em 2000 a gente começou a juntar as pessoas e eu já estava envergonhada de dizer que eu ia criar uma biblioteca com Fulana com Beltrano, eu falava pra um, falava pra outro, aí um belo dia eu disse “bom, tem que ter um grupo pra sustentar isso, esse projeto”, aí criamos a ONG, 25 sócios, foi na minha casa, pra manter esse pessoal mais ou menos junto, além desse pessoal que ia ler o livro lá comigo, que também foram sócios fundadores, a gente teve uma ideia de fazer a Quinta Literária, que tem até hoje, a leitura em voz alta, compartilhar a leitura em voz alta e começamos com os clássicos da literatura porque no nosso próprio grupo a gente tinha pessoas altamente profissionalizadas, altamente escolarizadas, com doutorado em Dante, por exemplo, que foi uma das nossas primeiras leituras, o livro clássico tem isso, ele entra no imaginário de todo mundo, mas são poucos os que lêem, quem é que nunca ouviu falar em Dante, da Divina Comédia. A gente tinha a nossa sócia, vizinha, e fomos pra um café e líamos lá a Divina Comédia, todo mundo com o mesmo livro, acompanhado por uma das maiores especialistas do Brasil em Dante, até hoje ela dá consultoria pra livros, continua nossa sócia, faz parte do núcleo, e está terminando os orientandos dela na Universidade Federal [do Estado] pra ficar só mais aqui, e com os trabalhos paralelos dela, está aposentada também. E a gente começou, e dez, doze pessoas, e nos reuníamos num café e depois esse café achou que a gente não dava muito lucro e pediu pra gente não ir mais, e aí uma das sócias fundadoras abriu um café e nós fomos pra lá, era essa atividade semanal que a gente difundia todos os nossos projetos, ideias, e pegava um aqui e outro ali e mais o grupinho que ia ler semanalmente também, e fazíamos o Abril com Livros, como fazemos até hoje. Além da Quinta Literária, além das reuniões desse grupo que não tinha nenhuma formalidade, que continuava sendo na minha casa, nós inventamos o Abril com Livros, fizemos em 2005, 2006, e 2007 já foi aqui, quando nós abrimos a biblioteca em 2 de fevereiro de 2007. O que que seria o Abril com Livros? Também a ideia já de atividades em torno do livro, porque no mês de abril com tu sabes tem Andersen, Dia Internacional do Livro Infantil, tem Monteiro Lobato, dia 18, dia Nacional do Livro Infantil, tem dia 23, Dia do Autor e do Direito Autoral, então no mês de abril, a gente começou em 2005, a fazer atividades lá no Museu, o primeiro ano, fizemos em uma Livraria, alguma coisa e no Museu Cruz e Sousa fizemos palestras, mesas

redondas, e uma exposição que foi toda filmada, temos material pra fazer um vídeo dessa primeira exposição. A exposição era Andersen, era Lobato, livros deles assim, mais velhos e tal, e sobre a Ana Maria Machado e Lygia Bojunga, que eram os Prêmios Hans Christian Andersen, que o Brasil já tinha ganho internacionalmente. No ano seguinte, nos fizemos, já com uma parceria com o SESC, no Teatro do SESC, mesas redondas, espetáculos e, por exemplo, nós pegávamos os autores brasileiros como Manoel Bandeira, Mário Quintana, fizeram centenários, naquelas épocas assim, não me lembro mais a ordem, mas de repente a gente pegava atores, e fazíamos um sarau com eles lendo, declamando, aí eles mesmos arranjavam som, luzes, e não sei o quê. Outro grupo estava fazendo Mário Quintana pra crianças e participou de um sarau com Mário Quintana, com a leitura de textos dele e livros e tudo mais. No mesmo ano a gente trouxe o editor da Editora Movimento, que é a editora com o maior catálogo de autores catarinenses, então a gente fez uma mesa redonda com ele e com autores catarinenses, fizemos a mesa “Literatura Catarinense através da Editora Movimento”, porque o editor é catarinense de Brusque, foi ótimo, nós temos ainda o depoimento dele pra publicar, não dá pra fazer tudo, não tem dinheiro... Eu sei que de repente a Biblioteca e o “Abril com Livros” é um modelo pra todos os meses e a gente continua no mês de abril fazendo a chamada pro “Abril com Livros”, e editamos num desses “Abril com Livros” até antes de a gente estar aqui, e editamos com o SESC “O Patinho feio” pra lançar no dia 2, foi no ano em que se comemorava 200 anos do Andersen. O livrinho foi feito com uma tradução de um dos nossos sócios fundadores, que é escritor e ilustração paga pelo SESC, do Patinho feio do Lindote. Esse aí, nós nunca mais fizemos livrinho, não dava, mas nosso sócio fundador que havia feito a tradução do Patinho Feio, nosso sócio fundador, já tinha feito, e sempre que a gente pede ele faz, a tradução diretamente do dinamarquês do “Persistente Soldadinho de Chumbo”, é a primeira vez que ele é traduzido e publicado diretamente do dinamarquês, isso tem uma diferença incrível. E eu já tinha pedido a uma grande artista plástica [da cidade] ilustrar esse Soldadinho. Bom, tudo ficou parado, a tradução ficou pronta, a artista plástica trabalhou e eu disse a ela, “pode fazer devagar que eu não estou achando como fazer isso, tem muito trabalho na biblioteca, não dá”, aí eu disse “pra 2011 nós vamos ter esse livrinho”, disse pra artista “termina” e peguei o material dela e fui pra São Paulo, tinha marcado reunião com três editores que eu achei que se interessariam pelo projeto, que estava aprovado pela Lei

Rouanet, o próprio editor poderia descontar do imposto de renda. Na primeira editora que nós fomos que foi a Peirópolis, já disse “eu faço e não faço pela Rouanet, faço bancando a parte da Editora” e o livro ficou lindo, e estamos aqui com nossos 10% de autoria, porque os dois autores cederam os direitos, a artista recebeu da editora e nos deu os originais pra gente vender. Então é uma forma de divulgar e da gente, esses 10% que nós ganhamos em livros, a gente vende aqui na biblioteca pelo preço de custo e ao mesmo tempo a gente usa esses livros pra difusão do trabalho da Biblioteca, está ali na última página explicando da origem desse “Abril com Livros” e da biblioteca comunitária, dessa parceria que nós fizemos com a Editora Peirópolis. Um amigo nosso e um casal amigo nosso, também sócios fundadores foram agora pra Dinamarca já mandamos um livro pro Museu Hans Christian Andersen na Dinamarca. Então essa biblioteca, nunca foi uma biblioteca que empresta livros e depois cobra livros e só, ela desde o princípio a gente já visualizou isso como atividades culturais relacionadas a livro, literatura. A gente faz lançamento de livros infantis de meio ambiente, não é literatura mas é livro infantil, uma autora lançou aqui semana passada “A incrível vida das formigas”, alguma coisa assim, é divulgação científica pra criança. Se alguém vai lançar um livro de culinária a gente faz também, porque tá num livro e tal e tal, só que a gente escolhe esses convidados pra fazer porque senão fica uma coisa assim que todo mundo quer lançar aqui ou lá, não, é um por mês e a gente convida ou aceita uma participação quando a gente consegue... porque não é só vir aqui e vender o livro, nós não ganhamos nada com a venda dos livros das editoras, é chegar aqui conversar com o leitor, bater um papo, vender um livro sim, autografar o livro, mas nós transformamos o lançamento num evento de cultura onde aproxima o autor do leitor. Quando é de criança tem a criança, a família, todo mundo junto, o ilustrador traz, você pode ver lá embaixo quatro quadros originais das ilustrações científicas que um ilustrador fez pra esse livro que foi lançado sábado. O encontro com o autor pode ser de livros de gente nacional, internacional e isso assim, nós não temos dinheiro... Esse ano é que vai aparecer, ainda não começou, uma verba de um projeto que os Correios entraram com uma parte de financiamento de um de nossos projetos que é realmente o de incentivo à leitura, e aí nós vamos poder chamar, pagar a passagem de alguns, porque até agora era uma parceria sempre, ou vinha visitar um amigo na cidade, os de fora. Os da cidade a gente convidava eles vinham e hoje já todo mundo quer lançar aqui e não em livraria em

isso ou aquilo, o que pra nós é motivo de muito orgulho porque a gente tem a possibilidade de juntar gente, vem poucos, vem muitos, eu não tenho a nenhuma ilusão que a literatura e tal e tal, não vai chamar multidões e nem nós queremos, não é isso que faz o leitor, a literatura e o livro são coisas silenciosas. O momento de lançamento e tal e é que aparece um pouco mas depois o livro tem que chegar ao leitor pra que o leitor compre esse livro ou abra esse livro. E aí eu volto à Biblioteca, porque a biblioteca fica com um livro novo de cada um desses autores, a biblioteca anualmente tem uma renovação de acervo de uns 800 a 900 livros que vem desse prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, e tem também os leitores que nos doam livros. Nós tivemos até agora, de 2007 pra cá, uma compra mínima, porque os projetos onde aparece compra de acervo, não são os que mais a gente consegue financiamento. Mas esses livros são doações, livros de amigos, de especialistas, disso daquilo, a gente ganha das pessoas e a pessoa sabe que se não entrar no acervo, porque nós já temos ou porque o acervo é dirigido pra literatura e cultura, fotografia, teatro, quadrinhos, artes plásticas, cinema, se não é dessa área, a gente coloca no sebinho, o sebinho a gente vende por dois, três, cinco, dez e faz um giro pra poder colocar a biblioteca em funcionamento. E isso foi assim desde o começo, a gente contratou a bibliotecária, [...], organizamos mas porque, porque em fevereiro nós viemos e todo esse dinheiro que a gente teve que gastar do prêmio e tal, foi empréstimo pessoal, a ONG não tem direito a, tem que abrir conta de banco e tal, mas não tem direito a financiamentos, e aí foram empréstimos pessoais e tal e nós já estávamos com a corda no pescoço com ainda tem pagamentos pra fazer no Banco do Brasil que a gente vai fazendo, mas em nome pessoal, nenhum em nome da Sociedade. Aí a gente em maio, entrou o primeiro patrocínio que foi excelente, foi o da Eletrobrás, que aí nos permitiu comprar as estantes que estava tudo previsto já no projeto, montamos a biblioteca com os equipamentos todos assim, conseguimos então ficar de pé, e batalhar todo mês pra conseguir pagar o aluguel, pra conseguir pagar o pessoal, pra tudo mais. E aí foi indo, ano após ano, ora entra dinheiro de um patrocinador e a gente faz uma parte, depois não tem dinheiro nenhum aí tem o Funcultural, é um trabalho o tempo todo de fazer a biblioteca funcionar, fazer as atividades culturais, trazer gente pra cá e pra lá, e ao mesmo tempo, ir buscar financiamento, então é um trabalho grande o tempo todo e a partir desse ano que a gente vai, com a Prefeitura, entrando como uma biblioteca conveniada, a Fundação [de Cultura da cidade], fez um projeto deles lá dentro, de

fazer convênio com as bibliotecas comunitárias existentes, pagando algumas coisas e nós pedimos o nosso aluguel. Então a partir de agora com o aluguel, que não é total, mas com 98% pago por eles, só que aí entra todo trabalho que aí todo mês tem que prestar contas, um projeto que entra dinheiro ao mesmo tempo que entra dinheiro entra trabalho, e aí então a gente tem que aumentar a equipe, a gente tem que fazer divisão de trabalho, nós estamos até agora trabalhando só com a bibliotecária, profissionalmente, contrato e tal, e a partir de agora a segunda tarefa é profissionalizar esse trabalho dos voluntários, que não vamos ser nós que vamos ser contratados a gente vai contratar pessoas da comunidade. Nós vamos contratar com financiamento dos Correios, por um ano, como prestação de serviços, mais uma bibliotecária, pra abrir o dia inteiro como nós abríamos no começo, quando nós tínhamos a verba da Petrobrás. Porque as pessoas olham o nosso material e dizem “mas vocês tem tanto patrocinador”, desconhecem a Lei Rouanet que obriga a gente a ostentar todos os patrocinadores até o projeto ser finalizado, e nós começamos em 2006 e todo ano ele é renovado, então todo ano entra o Banco de Desenvolvimento [do Estado], cinco, mil, outro então, aquele monte de logos eles fazem parte da nossa história mas o dinheiro da maioria deles já terminou, no ano de 2007, 2008, 2009, 2010, e aí a gente tem que continuar fazendo caixa, reserva, a coisa da ONG. Que também nós viramos Ponto de Cultura, tem uma verba anual de sessenta mil que a gente pode comprar materiais e pagar alguns técnicos, por exemplo, nós criamos a parte digital, Porto de Leituras, que aí não só a leitura livro mas a parte digital, mas acontece que a gente tem que ter um monitor pra isso, então, está previsto, mas o trabalho vem, a gente não pode aumentar a equipe da nossa necessidade tem que ser aquilo que projetou, aparece mais trabalho e menos dinheiro. Mas agora a gente vai tentar esse ano finalizar o projetão de 2006 aprovado pelo Minc pra poder comprar o barco, falta assim a compra do barco, porque o barco vai ser o braço itinerante da biblioteca, nós vamos ficar aqui, ou num outro espaço porque essa casa é alugada, mas ainda tem 5 anos de aluguel, quer dizer que a gente tem pretensões de ambas as partes de continuarmos aqui, e botar uma parte do acervo no barco o que vai demandar compra do barco, pagamento do bateiro, bibliotecário, animador cultural pra ir junto, combustível, manutenção tarará tarará, tarará. Eu tenho uma amiga fundadora que diz assim, “mas nem nós sabíamos que ia ficar tão grande assim”, eu digo “nem eu nem ninguém sabia que a coisa tem condições” porque é um projeto estimulante, é um

projeto que a gente conseguiu reunir pra esse projeto, a história da barca a tradição [da cidade], um barco [...] que sai todos os dias, a fantasia da imaginação de um barco biblioteca. O passeio que a gente faz, nesse sábado tem passeio de barco, então é histórias na barca dos livros, então muita gente quando vem aqui pra biblioteca quer ir pro barco, eu digo “ainda não, ainda não”, a história na barca dos livros a gente paga uma quantia para a Cooperativa de Barcos aluga uma barca pra tarde de sábado, antes era no domingo, mas agora não temos como abrir no domingo porque não temos duas bibliotecárias, o trabalho ficou muito grande e os voluntários nós não damos conta. e aí a gente faz uma sessão de música e narração de histórias, a caixa de livros, tudo dentro da lagoa. Tem gente que vem do continente, tem gente que vem do interior, isso tudo se difundiu [pelo Estado], a biblioteca é conhecidíssima, porque ela tem um projeto, ao mesmo tempo que atende com pessoas especializadas que tem um acervo de categoria, que não entra auto ajuda, não entra, isso não forma leitor, isso qualquer um pode comprar no sebo, onde quiser, é livro bom, livro que vai estimular a leitura, é claro não imponho, ninguém impõe que leia só Machado de Assis ou isso ou aquilo. Tem o Harry Potter, tem quadrinho da Mônica, tem tudo, mas o que a gente gasta em fazer, a gente compra ou aceita alguns de melhor qualidade, os literários da livro brinquedo, livros de pano, mas tudo com o objetivo de fazer o leitor se alimentar diariamente, porque ele pode levar 3 livros por 14 dias, daquilo que nós oferecemos de melhor e também ao mesmo tempo aquele que está crescendo aqui dentro, criar a cultura da biblioteca como local de empréstimo, como direito a leitura grátis, porque nós cobramos 1 real pra fazer a carteirinha e ele leva o resto emprestado. É claro que ele tem multa se ele atrasa, e a gente cria também a política da biblioteca, o nosso leitor sabe que ele tem que devolver no dia, ou através da Internet, ou através do telefone ou ele vindo aqui, ele pode renovar porque se ele não pode vim no dia ele pode renovar por mais 14 dias, ele tem tempo de vim aqui e trocar. Mas o nosso leitor sabe que ele também paga multa, ficou com 3 livros em casa por 3 dias, ele paga um real por dia e por livro, isso cria ao mesmo tempo a responsabilidade na criança, na família em todo mundo que traz e que leva. E aí a gente ta com dez mil livros já catalogados nestes quatro anos, trabalhando sempre com muito pouco pessoal e trabalhando com voluntários também, e fazendo uma outra coisa que a biblioteca termina seu ciclo o livro entra aqui, o núcleo de estudos e pesquisa analisa esse livro durante um ano, vai fazendo, no final dessa seleção a gente passa

pro acervo o que acha mais significativo, importante e de qualidade, outros livros que não vão entrar aqui a gente doa. Por exemplo, agora foram 365 livros pra uma escola pequena cuja a biblioteca foi alagada numa chuva aqui [desta cidade], então eu continuo cumprindo um papel de votante, que é achar um lugar pra esses livros, eu não posso vender, eu não posso jogar fora, se bem que tem uns que nem são tão bons assim, mas tudo bem, tem gente que não tem livro nenhum em escola, nem em casa, nem nada. E aí além disso a gente faz a multiplicação, que a gente faz os cursos, as oficinas de leitura em voz alta, de narração de histórias, nós temos um grupo permanente aqui nas terças-feiras, encontram-se os narradores que já passaram pelos muitos cursos que nós oferecemos, e agora tem um coordenador a cada dois meses, um mês, esse pessoal realimenta a biblioteca, porque a gente não cobra nada deles, eles pagam 5 reais pra pagar as despesas do coordenador de transporte, de lanche, que dá 50 reais por noite, quando muito, dá 30, 35. E o que esses contadores tem de compromisso com a barca? Eles também são leitores, eles tem o acervo à disposição pra construir seu repertório e eles narram as histórias aqui, na quarta-feira, quando vem as crianças das escolas, vem três grupos, e as vezes tem o grupo do EJA, tem semanas que nós temos 4 visitas, então desde criancinha até adultos do EJA, a gente explica mostra o espaço diz o que é que a gente faz, lá embaixo no sebo, apresenta, sobe eles tem conforme a idade um tempo para ir direto nas estantes, a gente explica quais são as normas da biblioteca, que eles podem falar baixinho, eles podem ir na estante, não podem guardar o livro, tem que deixar aqui pra bibliotecária ou auxiliar guardarem, e termina com uma sessão de narração de histórias que pode ser lida e pode ser narrada, contada, conforme a pessoa que está aqui, durante a semana veio aqui, que já trocou figurinha com alguém de mais experiência que já ensaiou uma vez ou outra lá embaixo na terça à noite, e que também conta aqui ou conta no barco. A gente tem contadores que já fazem parte da história da biblioteca, os primeiros que vieram pra cá conosco desde o “Abril com Livros”, porque abrimos o “Abril com Livros” com três passeios de barco e fechávamos com três passeios de barco e foi aí que nós difundíamos o projeto, vai ter um barco um dia e tal e tal. Aí então tem isso, tem as atividades todas e tem uma coisa maravilhosa, porque 60, 70 pessoas passam por dia e o nosso dia, por enquanto, começa às 14h da tarde pro público e termina às 20h da noite, porque começávamos às 10h, vai começar talvez agora em junho a abrir das 10h às 20h da noite, porque nos começamos assim, porque enquanto tinha financiamentos a gente

conseguia fazer pagamento para profissionais manterem tudo isso, mas vamos voltar agora. Enquanto isso, 60,70 pessoas por dia na biblioteca de 14h às 20h, crianças, pais, mães, avô que vem devolver, então as vezes é só pra devolver, as vezes é só pra pagar uma multa, porque o computador mandou avisar pra ele porque ele estava com atraso, e isso as pessoas querem participar, tem gente que tem dois reais de multa e nos deixa cinco, porque eles percebem a dificuldade e eles também querem ser participantes da coisa. Nós temos uma campanha de ajuda mensal via a [Companhia que fornece energia para o Estado], entra um dinheiro pra gente poder administrar a biblioteca, pagar luz, água, telefone, tudo isso, não está nos projetos grandes, nenhum projeto grande jamais quer pagar nem pessoal, quer que a ONG, a proponente faça a parte trabalhista. Então a gente tem essa coisa toda e pouco a pouco a gente nesses quatro anos conquistou um apoio da comunidade aqui e [desta cidade] inteira, então a gente está agora também tentando arranjar mais cem contribuintes via [companhia de energia], de cem em cem e tal. A gente continua trabalhando e as satisfações são imensas porque a gente já consegue dormir mais tranqüilo, porque o pesado, pesado, a parceria com a Prefeitura já consegue pagar o aluguel, tem também a Ecoaplub que nos dá mil reais por mês que não entra pra isso ou pra aquilo, entra pra administrarmos a biblioteca, mantermos a biblioteca aberta, esse é o convênio ideal pra nós, porque a gente vai poder contratar mais uma bibliotecária, um animador cultural, o Ponto de Cultura vai pagar o monitor do multimídia que nós criamos aqui e o grupo das Quintas Literárias também, dá 40, 50 reais por semana e a gente passa pra faxineira, porque a gente paga 5 reais pra fazer o grupo ler em conjunto, participa, o sarau literário mensal a gente cobra 5 reais o ingresso, os adultos pagam 5 reais pro passeio de barco, os maiores de 16 anos, os maiores de 60 também não pagam. Então a gente tem essa coisa que é uma biblioteca que não tem ainda auto suficiência financeira, estamos a quatro anos batalhando pra isso, com a profissionalização da equipe mesmo, e ao mesmo tempo prestando esse serviço à comunidade de forma gratuita ou simbólica, 5 reais pra participar de uma atividade, é realmente pra ajudar a pagar uma despesa de luz, que fica até às 22h, de água, banheiro, papapá. E é isso que é um projeto cultural assim, eu com esses 10 anos de experiência, porque começamos em 2000 a juntar isso tudo, a gente tem muita coisa pra dizer “olha, a dificuldade é aqui, a dificuldade é ali”, então vem gente conversar eu digo “olha, não aluga coisa por vocês, comecem já com um patrocínio”, porque isso tudo é difícil a gente conseguir fazer o

que a gente fez, conseguir o respeito da comunidade e o apoio oficial pra uma coisa que é direito público. Nós tínhamos que ter toda equipe paga pelo poder público e o aluguel também, porque todo o acervo é nosso, todos os livros que estão aqui pertencem à comunidade hoje em dia, material, móveis já veio de Leis de Projeto Rouanet, então isso já é comunitário, mas o investimento que nós fazemos aqui diariamente com profissionais de várias áreas que participam administrando, participam dando cursos, sem receber nada, ou recebendo simbolicamente mil reais que o Correio, ou outro patrocinador, quando o patrocinador tá em vigência, a gente repassa pro patrocinador, mas nós temos que pagar o INSS, nós temos que pedir nota fiscal, então, a coisa se torna uma empresa, com as obrigações trabalhistas, mas sem o capital financeiro, sem o produto de venda, porque sempre perguntam pra gente, desde o começo, a auto sustentação, como uma biblioteca vai se sustentar se ela não vende livros, se ela não cobra aluguel de livros, se ela tem como princípio o trabalho de acesso gratuito e incentivo a leitura, porque toda comunidade tem que ter uma biblioteca. Então nós acompanhamos também nesses 10, 11 anos, a gente acompanhou também essa movimentação cultural no Brasil que teve esse boom agora de bibliotecas, o decreto oficial do Presidente Lula chegou ano passado obrigando o município a ter biblioteca. Então tudo isso a gente fez sozinho e isso é que é um motivo pra gente de orgulho e de cansaço. Porque é muito, muito trabalho, muita preocupação hoje em dia eu não consigo, por exemplo, oferecer um curso porque eu não tenho energia pra oferecer um curso, graças a Deus que aparecem os outros que vem aí e fazem um curso e ficam e são profissionais também e que conseguem manter a qualidade e botar pra frente. O nosso trabalho de voluntariado é assim de altíssima qualidade, altíssimo nível, todos são mestres, ou doutores, ou estudantes, tudo mais. É pessoa pra quem a gente pode entregar o trabalho. A bibliotecária conseguiu formar entre aspas dois auxiliares de bibliotecas adultos voluntários, fantásticos, ela dá um curso de reparos de livros, a gente não cobra nada, mas cada um traz seu material de trabalho, e aprende a reparar os livros e os nossos livros que foram estragados pelo uso, são renovados, Então um mês aqui de trabalho a gente recupera alguns livros graças a essa troca. E os cursos também nos dão às vezes uma troca de finança, por exemplo, um curso muito especializado, de design de livros, nós temos uma voluntária que chegou aqui e perguntou, trouxe os livros pra biblioteca, “como é que eu posso ajudar”, e ela nem subia porque ela tinha um menino no colo e a menina que veio entregar os livros, “eu to morando

aqui há pouco tempo, e eu sou designer” eu digo, “vem cá”, desci eu fui falar com ela, hoje ela está aqui, da Inglaterra, com formação na Inglaterra, os cursos de design de livros que ela faz ela já fez dois, mesmo nível um, pra fazer livro artesanal, fazer, construir o livro, projeto de construção do livro, agora ela passa pro segundo. Esses cursos mais especializados que a pessoa tem muita experiência e não tem outra forma a gente abriu pra comunidade oferecer aqui dentro e a gente faz uma parceria, 75% do que é cobrado é do profissional e 25% é da casa, porque oferece o espaço, acomodações, oferece toda a infraestrutura. Então isso também faz um movimentozinho, não só financeiro, que é mínimo, mas faz um movimento cultural muito grande porque essas pessoas que vem fazer, voltam pra fazer outro, trazem os livros, trazem os amigos, assinam a folha da [companhia de energia elétrica], então esse vai e vem, cursos, oficinas, convidados, vem um escritor que traz seus amigos isso e aquilo, essas pessoas voltam, então tudo isso é mais ou menos a história da biblioteca.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

I.: *O contexto cultural foi esse, uma cidade pequena, tinha um cinema, e não tinha biblioteca pública, não tinha nada, mas havia uma vida muito bem organizada porque havia o escritório da [empresa que meu pai trabalhava] era na zona de mineração aqui do Sul do Estado, a gente morava [em uma cidade] mas depois do ginásio já foi estudar [na cidade vizinha], mas a relação [entre estas cidades] é sempre muito próxima, [a cidade vizinha] é mais desenvolvida, e a gente foi num contexto de filhos de funcionários, e o nosso contexto de pessoas era desde os filhos dos engenheiros [empresa que meu pai trabalhava] que iam no mesmo ônibus pra [cidade vizinha], até os filhos dos mineiros. A gente estudou em escola primária pública, [...] com os filhos dos italianos, colonos ou não, e os filhos dos mineiros. Meu pai trabalhava no escritório, minha mãe era professora mas não estava dando aula porque tinha cinco filhos, depois seis em três anos ela teve quatro porque teve gêmeos e então ela ficou em casa. Era uma cidadezinha bem pequena mas com aquele agito que eu te falei que meu pai e os amigos deles faziam, a maioria ninguém era rico, ninguém, um engenheiro era classe média, tinha a classe média baixa, o operariado, e a gente convivia em todas essas situações na mesma cidadezinha, na igreja, no clube onde de manhã tinha uma festa que era meu pai no violão, Seu Pedro no acordeon, e sempre a competição entre a vila, [...]*

grupo disso daquilo, os cantores, os declamadores, era uma vida de cultura popular muito agitada, muito bem desenvolvida. Íamos ao jogo de futebol no domingo e domingo a tarde passava os seriados no próprio clube onde a gente dançava também no carnaval, o movimento era grande. O jornal não tinha [na cidade], mas tinha [na cidade vizinha], a rádio tinha [também na cidade vizinha] e tinha esse intercâmbio que o meu pai e outros amigos faziam, e a gente foi exatamente assim filha de classe média baixa mas com um nível cultural sempre em desenvolvimento. O Presidente da Câmara de Vereadores [da capital de uma das cidades de um Estado da região Sul] é [da minha cidade], médicos, todo mundo, terminava o ensino médio, íamos [para uma ou outra das capitais de Estados da região Sul do país], a minha turma, a geração que começou a vir pra [cá], mulheres principalmente, foi a minha, em 66, viemos várias formandas [...], [...] fizemos faculdade aqui e os rapazes também vieram pra cá, tem médicos, enfermeiros. Essa pequena comunidade [da minha cidade] teve esse desabrochar cultural muito espontâneo, a [empresa que meu pai trabalhava] pagava ônibus pra gente, ia um ônibus de manhã e voltava e outro ônibus, se tinha 35 jovens fazendo ginásio, no começo era misto, depois era só feminino, ia um ônibus de manhã e um ônibus a tarde pro normal. Um pai não levava filho pra escola, [na minha cidade] nós íamos a pé e depois o ônibus levava. Isso evidentemente proporcionou a quem quisesse estudar uma possibilidade e aí a gente foi pra universidade pública, mantido pelo pai, pela mãe, ou então já dando aula como o meu grupo todo de curso normal já era formada, viemos em cinco, ou seis, ou sete naquele ano, todo mundo fez a faculdade inteira dando aula. Uma formação de escola pública, a escola que eu estudei que era particular era paga pela [empresa que atuava na cidade], bolsa de estudo pra nós, ou bolsa de estudos pelo Ministério da Educação. Meu pai e minha mãe nunca pagaram [a escola privada em que estudei], porque não tínhamos dinheiro pra isso, mas as freiras recebiam como bolsas de estudo. Nunca a gente sabia da onde vinha mesmo, a gente enquanto criança, mas a gente foi percebendo aos poucos que a gente teve essa possibilidade e aí quando cada um cresceu, cada um ia batalhar pelos seus... Claro que tinha pessoas que tinham mais posses, que tinham uma farmácia, que tinham um comércio, mas nenhum deles era... depois saiu colégio [na minha cidade] pros rapazes, também religioso, e foi assim que uma geração, duas gerações eu acho da cidade fez esse caminho.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

I.: *Na época da vida estudantil a gente fazia resistência à ditadura mas assim, pouco dentro dos limites da cidade e daí com a abertura eu me filiei, muitos de nós, nos filiamos ao MDB, e aí éramos fiscais nas eleições e tal e tal, e a minha participação foi pequena, porque logo depois eu não participei mais. Na universidade a gente participava do movimento [...] do Sindicato dos Professores, eu também era participante de greves mas nunca fui de lideranças, mas minhas irmãs foram lideranças. Havia sempre essa coisa, mas minha militância, em igreja não tive, em partido político foi pequeno, claro que eu fazia, sabe aquele entusiasmo de resistência à ditadura e entusiasmo de pós ditadura, fiquei um tempo, mas não era linha de frente de nada. Eu acho que só no magistério mesmo que eu fui trabalhando, trabalhando, trabalhando, e nessa Fundação Nacional do Livro que a gente entende também que era um trabalho, um movimento social.*

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

I.: *Isso pra mim é fundamental, eu não percebo mais a vida cultural, sem uma biblioteca, mesmo que tenham duzentos computadores a disposição de todos, mas a biblioteca como um espaço simbólico, de mundo imaginário, mundo cultural a disposição, como um convite para a pessoa vir, participar da vida a partir da palavra escrita, a partir da arte literária, a partir das outras artes, eu não concebo o mundo sem isso. E também uma coisa que sempre me incentivou e me influenciou foi quando eu fui fazer um ano, eu fiquei um ano em Paris com bolsa de doutorado fazendo parte da pesquisa lá e perceber como os países desenvolvidos tem uma biblioteca em cada bairro e as crianças, eu tinha primos em Toulouse, eu ia pra lá, as meninas que hoje já são profissionais, no sábado a família ia devolver os livros na biblioteca, as crianças e tudo mais. Então eu vi essa vida de biblioteca que eu não tinha vivido porque não tinha, mas lá as bibliotecas de bairro tem tudo, DVDs, CDs e tudo mais e tu não vai pra livraria pra comprar o livro da criança, que tem um livro por mês saindo, não, tu vai pra biblioteca e pede emprestado. Isso ai me chamou atenção, a barca também tem a semana do livro, as feiras e tudo mais, eu participei várias vezes, salão de livros esse ano que eu estava lá, palestras com escritores, na biblioteca, eu ia fazendo isso tudo, o passeio de barco, ou a biblioteca flutuante que é o clímax do nosso projeto, eu fiz em Paris no Sena, não*

me lembro mais como eles chamam, mas é uma semana do livro e da leitura, que não tem feira do livro, cada livraria faz os seus eventos e a prefeitura de Paris faz esses passeios convidando os escritores e tal na navete, que é aquele barco que passeia no Sena e foi lá que eu vi a primeira vez esse modelo que está aqui, que leva músicos, eles levavam três escritores francófonos né, que era um do Canadá, um da África e um da França, o barco não parava, era subir o Sena e descer mas havia a narração ou a leitura do livros daquelas pessoas ali, no barco cheio de gente. Esses exemplos foi da minha vivência cultural pelo mundo afora, que não é grande, eu não sou uma das pessoas que mais viajou, mas ao mesmo tempo ter ido a bibliotecas, ter visto, digo “poxa, mas isso aqui é um direito de todos” e fiquei muito impressionada mesmo com a falta da cultura da biblioteca [nesta cidade]. Em São Paulo, eu fui fazer mestrado e doutorado na Unicamp era Campinas e São Paulo, a gente via a vida cultural a partir de uma biblioteca pública ou um movimento de escritores, de músicos disso e aquilo, sempre tinha, e [aqui] a coisa estava muito parada. E eu acabei ficando sempre nessa relação com livros minha dissertação de mestrado é a literatura por trás dos livros, como é que ela nasce, como é que o escritor passa pro editor, como é que o editor recebe, como é que tem a crítica, como é que tem o jornal, esse circuito do livro. O doutorado foi revista literária, então isso tudo faz com que eu perceba que é a partir do livro, é a partir desse material que a gente pode fazer o que projeta como ideal. Então eu já estou adepta da frase do Borges que se existe céu é uma biblioteca. Há momentos de grande prazer nessa biblioteca, fico ali atrás, naquele espaço da administração, mas o meu interessa assim... tinha uma época que a gente tinha mais gente trabalhando e a gente fazia troca de funções. Eu saía de lá dos contatos, da administração, e vinha trabalhar aqui. Até hoje quando alguém que pede uma sugestão, alguma coisa, se eu estou ali atrás e escuto eu vou e digo, e eu sei o quanto uma indicação de livro faz bem pra um leitor, então é isso que a gente faz com o leitor aqui dentro da biblioteca comunitária que são os momentos de mais envolvimento. Ou então quando a gente escuta um pai lendo pra um filho em voz alta, e ele lê bem, aí eu vou lá espiar quem é esse pai. Tem histórias deliciosas que faz a gente continuar porque não é fácil manter isso aqui, realmente é um trabalho árduo, que tem que dividir mas ao mesmo tempo tem que atuar em várias frentes. Agora, as compensações que a gente tem aqui dentro vão dando gás pra mais um mês, mais dois meses, mais uma viagem pra conseguir isso e aquilo. As crianças adoram fazer as

carteirinhas, e aí tinha um menino, tem umas fotos belíssimas aqui da biblioteca, uma vez eu que estava aqui no computador e ele já tinha devolvido livros, bem pequenininho, aí eu pedi a carteirainha dele, a acompanhante dele, uma moça, tinha a carteirainha e aí eu disse “e tu Chico, cadê a sua carteirainha?”, ele olhou pra mim e disse “ah eu não trouxe, mas eu não preciso, eu já sou muito conhecido aqui”, então tem esses depoimentos, essas coisas, essas delícias que fazem a gente se envolver. E é muito bom, porque chega gente de todos os tipos, às vezes eu fico lá embaixo sentada tomando um café e, alguns meses atrás, eu falei “meu Deus eu já não sei quem é mais que está subindo”, que no começo a gente conhecia quem vinha. Hoje a gente nós temos mais de três mil cadastrados e a gente não sabe mais quem são. Ontem tinha aqui um grupo de um colégio e eles olhavam admirados que vinha um toquinho de gente assim com uma mãe, subia aqui pegava outro livro, devolvia, subia uma anciã. E nós temos que fazer tudo agora pra ter a acessibilidade, pra ter elevador, pra cadeirante, pra idosos, então nós temos dívidas enormes ainda pra fazer isso aqui ser cada vez mais perfeito como tem que ser. Nós temos toda parte da acessibilidade que é uma vergonha, material de leitura pra cegos, a Associação [estadual] dos Cegos esteve aqui, foi uma das melhores tardes de quarta-feira, que foi belíssimo pra nós, porque a gente nunca tinha tido essa experiência e tínhamos pouquíssimos livros de braile, mas tínhamos aquele livro de pano e vieram vários contadores e eles liam pra gente e eles liam pra nós, era quase um mediador pra um leitor, então foi uma tarde assim, que foi até ideia da bibliotecária de chamar muita gente e tal, ela tem ótimas ideias de funcionamento, e aí a gente se deu conta, “gente, nós vamos ter que fazer um projeto pra acessibilidade física e tal e um pra acessibilidade de cegos.” Mês de setembro vêm os surdos mudos. Então as pessoas de todas as classes sociais da cidade já perceberam que existe uma biblioteca, e a pública devia fazer isso também, existe uma biblioteca que recebe, eles estão nos exigindo mais coisas, necessidades que a própria cidade demonstra ter. Depois que nós fizemos esta biblioteca, uma [outra biblioteca comunitária da cidade] se fez, muito dos nossos livros, essa outra biblioteca não tem os mesmos objetivos, ela não seleciona livros, por exemplo, auto-ajuda, espírita, que aqui pediam muito pra nós e eu dizia “não, não”, então a gente mandou pra essa biblioteca, então quando alguém pede livro de auto ajuda eu digo “ou no sebinho tem, que a gente recebe e vende ou vocês vão nessa outra biblioteca que lá eles tem”, porque cada biblioteca não pode abarcar o mundo, é impossível, mas a gente fica fiel ao nosso objetivo,

ao nosso propósito e ao mesmo tempo vai alimentando outras experiências.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

I.: *Tomara que elas se reergam, vivenciem as que tem, eu sei que a do município já está com um agito cultural muito bom, a do Continente, mas eu gostaria que cada biblioteca pública não fosse só a central [da cidade], nossa grande, estadual, eu gostaria que ficasse aquela lá, mas que tivesse uma comunitária em cada bairro, com essa ponte entre o público e comunitário que o Governo Federal e o Ministério da Cultura, nesses últimos dez, doze anos, tem feito. Veja que esse movimento, as pessoas não percebem a origem, mas esse movimento veio de cima pra baixo, veio de cima pra baixo e muito bem vindo, criando o Prêmio Viva Leitura com editoras, criando a obrigatoriedade de cada município ter o seu plano de cultura, a sua comissão cultural pra aprovar as coisas, isso tudo foi modelo. Autoritarismo de maneira nenhuma, isso é necessário. Então eu acho que a biblioteca pública se passar por um conceito moderno de biblioteca, ela também faz muito bem esse serviço, pode fazer muito bem esse serviço, mas tem que desburocratizar, tem que ter apoio, muito apoio, financeiro, do Estado, do município, do órgão público, para ter lá profissionais competentes, com toda sua capacitação já feita e oportunidades de mais capacitação, com esse conceito moderno, que a biblioteca não é simplesmente só para guardar livros ou documentos históricos, tudo isso é importante, mas tem que ter essa dinâmica, essa vivacidade para que as pessoas sintam necessidade de viver uma vida com biblioteca, pra que ninguém diga assim “na minha cidade não tem, no meu município não tem”, tem que ter.*

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

I.: *A minha experiência de vida foi além dessas experiências, desses exemplos que eu vi fora daqui, que eu vi na minha formação universitária e pós graduação, em cidades grandes como São Paulo, Paris, Campinas, tudo mais, México, Cidade do México, eu também acompanhei tudo isso, vê essas coisas todas me motivam, nós precisamos ter essa vivência numa comunidade. Se eu quero trabalhar em alguma coisa, o prazer que eu sinto maior é na literatura, no livro, então vamos expandir isso pra um público maior. Não é possível que a gente não perceba que a leitura é um direito, o acesso ao livro é um*

direito, não é a ostentação de bibliotecas particulares, ou isso ou aquilo, é direito público, todo mundo tem direito à leitura. E a minha sorte foi estar envolvida com isso agora, nestes dez últimos anos, em que também acompanhei esse movimento, e que também contribuí pra esse movimento, em Brasília no Ministério da Cultura, quando nos chamavam no Prêmio Viva Leitura, pra conhecer o projeto, a gente foi finalista, não ganhamos nada mas o projeto vai e recebe visibilidade e vem mais patrocinadores. As minhas motivações estão nessa vida que eu levei a vida inteira, com as experiências de leitura, de contatos culturais a partir do livro, com a minha experiência profissional de professora na área de Letras, com a minha vivência infantil em casa de leitor que nasceu com livro, e revista e musica, dentro de casa, pai e mãe leitores, mas além disso, a consciência profissional de professora de que a partir do livro tu movimenta a vida de um aluno, a partir da linguagem, a partir da palavra oral e da palavra escrita, tudo isso é maior quando tu lê. E aí inexistência de bibliotecas na tua comunidade, na tua cidade, falta de... E tu com o livro.... Então vamos botar o livro na roda....

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

I.: *Eu acho que o conjunto de benefícios é criar essa cultura de biblioteca, que crianças e adultos criem, vivenciem as possibilidades que o empréstimo de livros proporciona, que a atividade cultural em torno do livro proporciona, que escutar um sarau a noite de adultos proporciona para os pais, que uma história narrada para os alunos da escola pública, ou particular, que eles percebam que além da biblioteca da escola, existe uma biblioteca comunitária, e que eles podem complementar as coisas, que eles podem fazer uma pesquisa literária aqui, ou vim trabalhar aqui dentro, que tem um espaço bonito, bom, pra eles passarem duas, três horas se quiserem, também é um benefício que esta biblioteca proporciona. Além dos encontros, além das possibilidades de trocas que se tem aqui dentro entre os profissionais de várias áreas e os nossos cursos, as nossas oficinas tanto para crianças, pra eles fazerem algumas coisas aqui com a gente, quanto para os mediadores de leitura, que um dos nossos focos é esse também, auxiliar na formação dos mediadores de leitura, que podem ser jovens universitários, que podem ser os pais, as mães, tem mediador que pode simplesmente ler. E uma coisa que eu tinha esquecido de contar, é que a gente tem, nessa formação de mediadores, uma das nossas contadoras,*

a nossa sócia, ela fez um livrinho que ela mesma edita e publica, de etiqueta, boas maneiras, de educação e cidadania e tal e tal. E com esse livrinho ela foi convidada por uma psicóloga ou assistente social da Delegacia de Menores Infratoras, as meninas, pra ir lá conversar com as meninas. Ela narra histórias muito bem, foi, meio assustada, e voltou de lá encantada, porque ela deu um livro de presente pras meninas e fez algumas atividades que uma colega professora dela foi junto e ajudou a fazer. A partir daí ela foi numa quinta-feira e chegou aqui muito entusiasmada “mas olha que experiência boa” e nós estávamos terminando uma seleção de livros e tinha livros que nós não íamos ficar. Aí eu disse “olha será que elas não gostariam de receber livros, elas tem biblioteca?”, “olha, tem a biblioteca didática porque de manhã elas tem escola, tem aula lá dentro mesmo”, eu digo “será que elas não receberiam livros? Mas pergunta tudo é uma área de segurança, é uma área de justiça e cidadania, tem mil obstáculos, a gente já poderia mandar pra elas uns vinte livros aqui, trinta”. São dez, doze moças, meninas adolescentes de doze anos pra cima, até dezessete, e ela voltou lá e perguntou e o pessoal disse “claro que queremos”. Até hoje, isso já faz dois anos, tem no nosso site a narrativa da experiência dela porque ela, agora ela já vai com mais pessoas, mas ela trouxe os dados, fez um questionário da área de interesses e tal e tal, ela é muito organizada, nós fizemos as carteirinhas sem as fotos para as detentas e ela leva a cada quinze dias vinte, trinta livros, além dos que nós mandamos pra ficar lá com elas. Aí ela narra histórias, ela conta histórias e você vai encontrar depoimentos dessas menores só com as iniciais, no aniversário da biblioteca comunitária. Elas fizeram depoimentos em o que que a vida delas foi transformada por esse pequeno núcleo, por essa sementinha, porque essa nossa sócia é a mulher das sementes, sementinha plantada lá dentro. Agora também essa nossa sócia animou outras duas amigas sócias também a trabalhar com escrita com essas meninas, leitura ela trabalha, as meninas já tem material lá, então já tem um bracinho da biblioteca comunitária ali dentro da Delegacia de Menores Infratoras. Isso que nós queremos, livros para todos. É muito simples fazer leitor, tem que ter livro, evidentemente, tem que ter livro, e pessoas mediando, animados, bons leitores, que leem bem, em voz alta, ou que se disponham a fazer esse treinamento pra ir, contador de história pode fazer, [aqui] há um campo imenso pra isso, no Rio e em São Paulo há os animadores nos hospitais. [Aqui] não tem, tem um pequeno grupo no Hospital Infantil, mas no Rio de Janeiro, por exemplo, um hospital que eu fui visitar e

fazer a formação um belo dia lá dos voluntários, havia oitenta voluntários que vão ler para as crianças que estão hospitalizadas e para os pais que ficam juntos. Então campo pra trabalhar não falta.

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

I.: *É uma experiência difícil e muito boa. Difícil mesmo porque todo problema a dificuldade vem da parte financeira manter isso custa caro, manter trabalhador, colaborador, sem nenhuma compensação financeira, a gente não forma novos profissionais pra trabalhar nesta área, por que é que na área da cultura o narrador de história não deve ser pago, por que é que a gente tem que trabalhar na área da cultura como voluntário? Então a biblioteca pode aqui dar emprego pra muita gente, a única dificuldade desse projeto todo é a falta de dinheiro, o resto tudo que a gente vivencia aqui são prazeres, compensações, alegrias, experiências muito ricas, pessoas que vem aqui e vem trabalhar com a gente, "eu me mudei pra [cá], eu quero me ocupar", e pouco a pouco ela se torna uma auxiliar na biblioteca. O livro, a leitura, a cultura proporciona muita coisa boa. Botem dinheiro nessa área por favor porque daí esse país deslancha mesmo.*

ENTREVISTADO(A) J

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

J.: *Eu não sei bem como começou o meu interesse pela leitura, mas as primeiras imagens que eu tenho da época dos meus sete anos, que naquela época a gente aprendia a ler com sete anos, era eu com gibi e não sabia nem se a gente lia na vertical ou na horizontal. E aí eu lia na horizontal, na vertical, e não dava certo e aí eu voltava, até que eu consegui entender como aqueles quadrinhos eram organizados. Eu sou do sertão [no Nordeste], pra você ter uma ideia, aqui [da capital] pra [minha cidade] é em torno de 280 km, uma distância boa. Então lá pra gente, no sertão, a gente está no Nordeste e quando você fala ainda do sertão do Nordeste as coisas são bem mais complicadas e bem mais difíceis. Eu comecei a ler gibi, depois tem aquelas revistas de fotonovelas, não é da sua época, histórias de amor, e quando eu sabia que alguma moça da cidade tinha, eu ia lá e pedia emprestado. Comecei a namorar o meu atual marido com 12 anos e a partir dos 12 anos, ele sabia que eu gostava de ler, toda semana trazia revistas e tal.*

Até que foi inaugurada uma biblioteca na cidade, o exército esteve lá e inaugurou uma biblioteca pequenininha, e eu lia acho que todos os livros lá da biblioteca. Eu não fui incentivada por ninguém, foi um interesse natural meu, mas eu não era seletiva o que aparecesse na minha frente, jornal velho, poesia, o que aparecesse eu ia lendo. Então eu cresci assim, casei com 15 anos e quando eu casei fui morar em uma cidade um pouco maior, [em outro Estado do Nordeste], e aí já tinha mais acesso, já vendia revista... Em [minha cidade] até hoje não existe banca de revista, [nesta outra cidade] tinha, e eu continuei a cultivar o hábito da leitura, continuei a estudar, quando eu casei estudava a sétima série que hoje é o oitavo ano, concluí meus estudos, tive meus quatro filhos, parei um ano quando as coisas estavam meio difíceis mas depois continuei e não parei mais. Fiz Faculdade de Letras, em Português Literatura e fiz especialização em Língua Portuguesa e Literatura brasileira. Então esse amor pela leitura, esse interesse pela leitura, ele me seguiu, me segue, a vida inteira. Eu, como professora, sempre procurei passar isso pra meus alunos, quando eu ensinava em cidades pequenas, meus filhos pequenos, eu já fazia assinatura da revista Maurício, mandava pedir pelo correio coleções e como eu sabia que meus alunos não tinham acesso, aí na sexta-feira eu levava os gibis dos meus filhos e aí eu emprestava a eles devolviam na segunda-feira. A vida inteira, minha vida profissional foi sempre pautada em querer desenvolver nos meus alunos e nas pessoas que eu podia o interesse pela leitura. Minhas turmas, até hoje, interessante, no meu Orkut tem um recado de um ex-aluno meu e ele diz, “professora, pequei sua doença, agora não consigo mais parar de ler”, achei tão engraçado, quando ele disse doença eu pensei que fosse outra coisa, “não consigo mais parar de ler”. E foi assim Ana Claudia, minha vida inteira, a infância, a adolescência eu não consigo ficar sem, eu estou no meu quarto, mas é livro, revista, eu estou cercada de livros, de alguma coisa pra ler, até pra dormir se eu não ler, parece que eu não consigo dormir bem.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

J.: *Bom minha família é classe média média, na minha cidade, talvez até média alta, meu avô tinha recursos, era comerciante e o nível social e econômico a gente teve um nível razoável, bom lá na cidade.*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

J.: *Eu iniciei lá, quando eu fui visitar a primeira vez, eu não sabia que lá na minha cidade existia aquelas casinhas. No final do ano eu quis doar um enxoval e aí eu perguntei, é que eu moro [na capital] mas vou pra [minha cidade] a cada dois meses, ou a cada mês, aí eu perguntei, a quem eu poderia doar e aí nós fomos até lá. Quando eu vi aquelas casinhas socadinhas da Cohab que foram construídas distante da cidade, num lugar bem alto e aí eu cheguei lá e vi e fiquei pensando o que é que eu poderia fazer. Muitas crianças, porque tem muita criança, eu tinha muita revista, até algumas que nós tínhamos feito umas cartilhas nos últimos dias, e pensei em levar pra fazer uma tarde de leitura com eles, leitura de poesia porque eu acho que quem ainda não tem contato com a leitura, a poesia ela é agradável, ela chama a atenção, ela não cansa. Aí subi, botei na mala do carro do meu marido, várias cartilhas pedi a minha prima que arrumasse uma casinha daquela e chamasse as crianças e ela disse “ah, isso é fácil”, aí arrumamos a casinha lá de uma pessoa que ela conhecia e a sala ficou cheia. Tem até a foto, se depois você quiser dar uma olhada, e a sala ficou cheia. Eu tinha toalha, um material do aniversário da minha neta, e eu levei tudo, ajeitei a sala com a toalha, levei bombom pra chamar a atenção deles, e muitos livros, revistas, cartilhas e aí eles sentados, sentados no chão eu entreguei pra cada um uma cartilha e comecei a ler umas quadrinhas e eles lá com umas carinhas assim tão concentrada acompanhando. Aquilo assim, mexeu comigo, eu pensava que eu tinha que fazer alguma coisa por eles mas eu não sabia muito bem o quê. Porque assim, você sozinha é complicado, mas aí eu disse não. Eu fui a primeira vez e levei a cartilha, certo? Pedi que eles escrevessem os pontos positivos e os negativos ali do lugar que eles moravam. Eu queria saber Ana Claudia qual era a visão deles, como eles se sentiam morando ali, se eles pensavam como a gente que mora fora, que eles estavam excluídos e tal, como eles se sentiam. Aí eu disse a eles que quem escrevesse e entregasse pra essa prima minha que o marido é carteiro, ele colocaria no correio e na próxima visita que eu fosse lá cada cartinha que eu tivesse recebido eu ia levar um caderno de presente. Aí eu pensei que enquanto eu estava lá pra eles era agradável mas quando eu for embora, então acabou, eles perdem a referência. E aí pra minha surpresa, eu devo ter recebido mais de vinte cartas, eu guardo até hoje, mais de vinte cartas, eles entregaram a ela, o marido dela colocou no correio, envelope grande e mandou pra mim. Mas eu*

fiquei tão encantada quando chegaram as cartas, porque eu achei talvez dois ou três, e quando eu recebi as vinte cartas, é tão interessante, eles colocam o que eles gostam o que eles não gostam, até eles falavam que se sentiam bem, porque lá era tranquilo, porque realmente não tem movimento nenhum, reclamavam muito da água, que não tinha água encanada, cada cartinha linda. Quando eu retornei já tinha o compromisso de entregar os cadernos, levei os cadernos, entreguei a eles, tem foto também eles lá na fila, lindo, do lado de fora, a casa é tão pequenininha que tive que ficar do lado de dentro na janela e eles do lado de fora. Entreguei os cadernos e já me preocupei assim, eu queria saber quem era, quem eram os pais, em que trabalhavam, eu deixei uma ficha. Quem preenchesse a ficha ia ganhar uma caixa de lápis, preencheram, e aí eu fui estreitando essa relação minha com eles, é claro que na lá cidade lá embaixo ninguém gostava dessa história porque cidade pequena, eu acho que você não conhece mas é assim, o pessoal que mora no Centro se sente livre, essas pessoinhas que moram lá em cima, naquele lugar é como se fosse, meu Deus é pesado mas é, a ralé, tá lá longe, deve ficar lá, não tem que se misturar. Eu tenho uma tia avó e quando eu dizia que ia lá ela dizia “meu Deus do céu, minha filha, pelo amor de Deus, lá só tem drogas, só tem álcool, tal”, aí eu disse “calma”, aí fui estreitando esses laços e depois eu vi que eu tinha que deixar uma coisa permanente pra eles, que essa história que as pessoas não gostam de ler não é verdade, elas não tem acesso aos livros, é caro, elas não tem como comprar. Aí aqui [na capital] eu fiz uns panfletos e comecei a distribuir, meus filhos, pedi pra eles levarem, colocaram na academia, minha nora, colocou no hospital, casa comercial, aqui no prédio e a gente distribuiu com o número do meu telefone quem tivesse livro ou revista pra doar. Quem tinha começou a ligar, eu e meu marido a gente retornava a ligação e ia marcando, ia pegando livros até que a gente pegou uma quantidade grande. Agora a dificuldade era para transportar porque o carro da gente era um Siena, não cabia. Aí tinha uma van, pra você ter uma ideia não chega nem ônibus, tem van que faz o transporte aí eu fui enviando as caixas e deixando na casa da minha avó, aí depois eu fui lá aluguei uma casinha, levei os livros fui pintar a casinha de um cômodo só com eles. Quando os livros chegaram eles fizeram a maior festa em cima das caixas. Montei a biblioteca e começamos com mil livros e aí eu fui pensar, “e aí, quem vai tomar conta?” Tinha que ser alguém que morasse lá, aí minha prima indicou uma pessoa que morava lá em frente, um amor, e ela se interessou e vestiu a camisa mesmo, aí eu quem

toma conta da biblioteca até hoje, abre de 08h às 12h e das 14h às 17h, tinha gente que dizia, “minha filha, olha esse trabalho seu é perdido, eles vão queimar esses livros todinhos”, e até hoje Ana Claudia, olha a gente tem, começou com mil e poucos e a gente teve que mudar de local porque não cabia mais, estamos já numa casinha maior e hoje a gente tem mais de três mil livros, a gente tem os clássicos quase todos, a parte infanto juvenil é linda, é linda, é linda o que você imaginar de livros você tem, porque aonde eu chego eu falo da biblioteca, aonde eu estiver, então todo mundo que tem livro pra doar ou alguma coisa, entra em contato comigo, já sabe. A gente em junho completa dois anos aí depois que eu montei a biblioteca, eu tô conversando muito, quando quiser que eu pare diga viu que eu me empolgo, quando eu começo a falar da biblioteca eu me empolgo... Depois eu percebi que a gente devia fazer alguma atividade pra que eles tivessem um interesse maior ainda pela leitura, aí comecei com romances. Quem lesse o maior número de romances quando eu retornasse lá, ia ganhar uma cesta de livros e trinta reais, porque dinheiro pra eles é muito significativo. E aí quando foi em dezembro entreguei, tem que ver as fotos, de eu entregando as cestas de livros. Eu dividi em duas faixa etárias, de sete a quatorze, de quinze a vinte e um anos, então os dois primeiros lugares ganharam cada um uma cesta de livros e trinta reais, e os outros ganharam cesta de livro e uma barra de chocolate. E na inauguração, nesta entrega no final de ano, eu sempre procuro fazer brincadeiras na rua, levar todo mundo pra rua porque lá a violência é de um índice muito alto, e eles vivem muito, principalmente os adultos, os que tem medo, presos em casa. Então eu aproveito essas tardes e a gente faz quebra paca, a gente faz corrida de saco, a gente faz corrida de ovo, e a gente faz uma festa na rua. Aí em dezembro fiz a entrega, quando foi em dezembro a menina que toma conta disse que tava muito parado o movimento quando o movimento diminui aí ela liga. Comprei um celular pra ela que lá agora pega uma determinada operadora, porque qualquer pessoa que pega um livro que ela não encontra ela liga pra mim “Estão atrás de Graciliano Ramos, onde é que eu encontro?”, aí digo, “olha, naquela estante que tem os romances, sabe”. Aí outro dia foi interessante Ana Claudia, um grupo de estudo está pegando uns livros paradidáticos lá, e um precisava de Lucíola, aí ela ligou pra mim e disse “Márcia, o que eu achei mais parecido foi Lucíola, porque Lucíola não tem não”, ó bichinha ela só estudou até o quinto ano agora tem uma vontade sabe, de aprender, de mudar, aí eu disse “é esse minha filha, é porque escreve Lucíola e pra você é Lucíola, mas é esse

mesmo”, aí ela deixa lá, e ela acha o máximo e se ela não encontrou um livro ela liga pra mim e diz “estão pedindo, compre”. Já comprei *O Senhor dos Anéis*, eu sempre vou levando, sempre que eu chego lá, eles sabem que vai ter alguma novidade aí o movimento aumenta, dessa ultima vez eu disse “vamos fazer outro concurso”, o primeiro que a gente fez foi a maratona de leitura, que foi o dos romances. Sim Ana Claudia, mas como saber se eles leram? Como eu estou distante fica mais difícil, aí que foi que eu fiz, eu disse “olha, é o seguinte, cada pessoa que ler, vai ter que fazer um resumo do livro e deixar com você”, quando eu chegar eu vou contar, vou ver e aí eu vou saber quem realmente leu mais. Agora a gente está com a Poesia Visita a Cohan, lá é Cohan, então agora a gente está com esse concurso de poesia. Eles levam os livros de poesia e passam sete dias com eles. As poesias que eles mais gostam eles anotam, quando eles devolvem o livro pra ela, eles devolvem com as poesias e ela vai arquivando e ela já me ligou dizendo que só uma menina já escreveu mais de duzentas poesias, só uma menina, mais de duzentas poesias, eu sei quem é. Aí eu disse, “agora olhe, eu não quero que você diga porque senão os outros que escreveram menos vão ficar desestimulados, porque eles vão saber que não vão conseguir chegar até lá”, aí ela disse “não, não digo não”, eu disse “olhe, não diga, deixa que eu conto quando eu chegar”, mas eu fiquei super satisfeita. Aí quando eu chegar lá em junho, eu vou no final de junho ou no início de julho, aí já vou contar as poesias já vou fazer as atividades lá na rua e vou entregar outra cesta de livros e os trinta reais, provavelmente para a menina porque eu acho difícil que alguém consiga escrever tanto. E aí a gente vai tocando. Sim, comprei *O Senhor dos Anéis*, aqueles que agora, como é que é, *Crepúsculo* e tal, e aí estão querendo *Harry Potter*, interessante, como mesmo lá hoje, acho que por conta da televisão, eles tem acesso aos livros que estão sendo lidos e tal, porque aí quando eu chego, “compra *Harry Potter*”, “compra *Senhor dos Anéis*”, não acredito. E esse outro *Crepúsculo*, os livros que eu comprei vem com uns cartazes grandes e eu pendurei lá sabe, tá parecendo cinema, pra chamar a atenção, quando eles passam que veem eles sabem que tem o livro e que já esta circulando lá. Ana Claudia, aí é o seguinte, a alta estima deles por conta da discriminação que eles sofrem, da marginalização que eles vivem, é lá embaixo. Só quem sobe eu acho que lá, sou eu, sempre que eu chego, se eu passar dez dias [na minha cidade], meu marido me deixa lá oito horas e vai me pegar meio dia. Todos os dias eu estou lá pela manhã, até hoje, nunca queimaram livro, a gente tem computador velhinho, agora tá

funcionando mais não, mas estava, a gente tem televisão, a gente tem aparelho de DVD, a gente tem som, nunca mexeram em nada, em nada, pra você ter uma ideia, em nada até hoje. Até os livros, a gente perdeu só uns dez, porque também tem a vantagem de ela conhecer todo mundo e se não devolve ela vai lá na casa. Até agora só tem sido pra mim, motivo de prazer. Eu estou correndo atrás pra fazer agora o CNPJ, porque sem CNPJ fica muito complicado, eu pago cinqüenta da casinha, o aluguel da casinha é cinqüenta, dou cento e doze pra menina que cuida, cem pra ela e doze pra crédito no celular, dou cinqüenta ao rapaz que mora lá pra ele olhar durante a noite, e parece que dez pra luz e energia. Ao todo duzentos e vinte por mês aí é muito pouco. Eu queria que ela ficasse um horário só, mas aí ela mora em frente aí diz “se eu fico um horário só, os meninos que estudam de manha como é que eles vão poder vir no outro horário?” e a gente já teve mais de mil visitas naquele período, porque a escola que tinha lá, não tinha bibliotecas, quando a gente começou com essa, e a escola que fica lá próxima os professores subiam com as turmas pra mostrar a eles, a biblioteca como é, eles pegavam livros emprestados, tem sempre isso. Agora pra melhorar a auto estima deles, eu comecei a tentar levar o pessoal lá debaixo, meus amigos, agora dá vontade de rir viu, tem um primo do meu marido que é político que eu disse “você ainda não foi frequentar minha biblioteca?”, aí ele olhou pra mim com uma cara e disse “é lá em cima né”, é que lá em cima já mataram gente, eu entendo, já assaltaram, aí eu disse, “é, mas olhe, durante esses dias que eu estou aqui, eu vou estar lá de oito ate às doze, então até hoje, ninguém nunca fez sequer careta pra mim, cumprimento todo mundo, converso com todo mundo, passo, então, se você quiser, você pode ir entre oito horas e meio dia”. Aí ele foi, levou outras pessoas e assim, pra eles é importante porque de repente eles pensam assim, pode subir alguém lá sem ter medo deles, principalmente aqueles que não tem nada a ver, porque você sabe que em todo local tem as pessoas que fazem as coisas erradas mas tem muita gente boa, e os bons terminam ficando estigmatizados pelos atos que os outros praticam, eu acho até que os outros também que fazem isso já fazem porque se sentem à margem, não sei, eu tenho essa ideia romântica, eu acho que é assim. Já consegui levar algumas pessoas, vereador, gerente de banco, ficam encantados, e quando eu vou eu procuro sempre levar pessoas, é como se eu quisesse dizer a eles que as pessoas ainda sobem até lá, que muita gente não tem medo deles, muito embora eu fiquei rezando pra que não acontecesse nada com essas pessoas enquanto elas estiverem lá, porque eu sei que

comigo eu converso com todo mundo nunca aconteceu, espero que com elas também nunca aconteça. Aí como eu tenho também esse trabalho fui procurar o Pec, que lá tem o Pec em frente a casa da minha vó, e eu via as crianças sem fazerem nada, fui lá me apresentei e perguntei as professoras se elas tinham material pra ficar com aquelas crianças, que é uma turma pela manhã e uma a tarde, aí elas disseram que não, a gente sabe que o poder público não funciona muito bem, aí eu disse que tinha uma biblioteca e se elas quisessem, tinha revista que podia doar, tinha livros. Aí tinha uma menina lá, eu achei o maior barato, a menina disse “é aquela biblioteca lá de cima?”, aí eu disse “é, você conhece?”, ela disse “já peguei tanto, já li tanto livro de lá”, aí eu achei o máximo. Só com essas coisas você vê, que tudo valeu a pena, se no meio daquilo tudo, eu consigo salvar sei lá, duas, três, cinco crianças meu trabalho valeu a pena, enquanto esses meninos estão com um livro de poesia na mão, enquanto eles estão com um livro na mão eles custam a fazer algo errado, eles estão adquirindo subsídios que com certeza alguma sementinha vai ficar, alguma coisa na vida deles pode ser diferente, eu quero mostrar a eles que pode existir outra realidade na vida deles, diferente daquela que eles vêem ali. E agora a menina que trabalha lá, eu sempre pensei, tem muita gente analfabeta, lá ao redor, e é assim, fica umas quarenta casinhas em torno da biblioteca, e mais abaixo, da Cohab também tem mais umas cinqüenta. Só que essas casinhas mais abaixo são bem mais arrumadas, então as pessoas de lá já se sentem melhores que as lá de cima. A diferença é tão pequena sabe, mas como as casinhas deles é mais arrumada e as deles não é tão mal falada, não tem tanta violência, eles já se sentem como se fossem melhor do que os outros. A minha maior dificuldade é conseguir reunir, é junta-los, levá-los até a biblioteca, é incrível, é uma distância talvez de duzentos metros, a distância espaço físico de uma pra outra, mas a distância entre eles é imensa. Já visitei casa por casa, todo mundo me conhece das duas, já expliquei que a biblioteca está à disposição deles, o que a gente tem, sabe, fiz a maior propaganda. Mas quando eu faço festa com eles na rua tudo, eu não consigo de jeito nenhum que esse pessoalzinho suba. Agora eu levei no dia da inauguração esse pessoal todinho que é amigo meu lá de baixo sabe, aí foi ótimo, mas aí eu notei que lá da Cohab o número diminuiu, acho que eles não se sentiram a vontade. Hoje quando eu faço, eu procuro mais fazer com eles, parece que eles se sentem mais a vontade quando são só eles.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

J.: *Aí a gente vai ter dois parâmetros pra fazer avaliação. As pessoas que realmente entendem como a secretaria de educação de lá, que era uma professora minha, minhas amigas que são professoras, elas sabem elas reconhecem que aí é um tesouro e essa minha antiga professora, da Secretaria da Educação, inclusive, a secretaria da educação falou comigo a respeito da biblioteca da prefeitura, pra que eu transferisse a biblioteca de lá, lá pra baixo, pra cidade. Mas eu disse, “como é que eu vou tirar dessas pessoas a única coisa que talvez pra elas seja um bem, a única coisa que talvez para elas seja uma coisa importante que apareceu lá”, eu não posso fazer isso. E aí eu tive a resposta com a menina [que toma conta] da biblioteca, quando eu inaugurei, ela disse, “agora vai ser tão bom, porque o pessoal chama a gente de imundícia, e agora com essa biblioteca aqui, as coisas vão mudar”. Então pensando nisso no que você está pensando na importância pra eles lá, que eles valorizam, eles entendem, eu deixei, na última visita que eu fiz em cada casa, eu deixei um questionário e aí eu perguntava, quantos livros eles tinham lido, quantas visitas eles tinham feito, o que é que eles achavam da biblioteca, eu distribuí em torno de cem, eu percorri cem casinhas, entre as duas, mas eu só tive retorno de uns vinte, só uns vinte foram na biblioteca devolver o questionário. Esses vinte dizem que é muito bom e tal, mas não sei lhe dizer se eles percebem realmente o benefício que pode fazer a vida deles e dos filhos, mas aí eu tive essa preocupação outro dia eu tava pensando, como será que eles vêem essa biblioteca, será que eles acham importante ou não, aí foi quando eu deixei os questionários agora só tive esses vinte de retorno, dos vinte, todos elogiam, dizem que foi uma boa ideia e tal. A biblioteca é um local onde a gente vai buscar conhecimento, mas eu vejo a diferença entre uma biblioteca convencional, vamos dizer assim, e uma biblioteca comunitária, numa comunidade carente. A biblioteca convencional, ela tem muitos livros bons, e a gente já vai lá sabendo o que a gente quer pesquisar ou pegando livro emprestado pra ler, eu acho muito importante é um local onde tem conhecimento. Mas nesses locais assim, eu vejo que a biblioteca, o papel dela, é mais importante ainda, porque além de ser o local onde guarda conhecimento, o lazer também, ela ainda contribui para ocupar o tempo ocioso, de pessoas que talvez se não tivesse acesso aqueles livros, estivessem fazendo coisas erradas, sei lá, outras coisas que não fossem tão boas. Agora a moça que toma conta da biblioteca falou comigo ela conseguiu alfabetizar a filha dela,*

é uma figura essa moça, eu falo muito dela, se você conversar com ela... Ela conseguiu alfabetizar a filha dela e ela me disse que ia alfabetizar também aqueles meninos, porque segundo ela os meninos vão pra escola e não aprendem a ler e ela veio me pedir permissão. Eu já tinha pensado nisso antes, mas eu não ia ter coragem de pedir a ela, eu pagando cem reais por mês, que ela ainda fosse alfabetizar alguém. Agora eu pensei nos adultos, quando eu passei entregando os formulários, eu percebi que lá deve ter em torno de 30 a 40% de analfabetos, as pessoas adultas e aí eu fiquei pensando “Meu Deus, se Deus me ajudar eu vou ver seu peço um projeto de alfabetização pra pessoas adultas”. Quando ela pegou essa ideia eu achei interessante e aí eu disse “você está pensando em fazer como?, Você vai dar aula particular?”, “não eu vou ter esses meninos aqui na biblioteca e vou ensinar como ensinei minha filha” e eu fiquei olhando pra ela porque ela só estudou até o sexto ano mas segundo ela depois que está na biblioteca aprendeu muita coisa, sempre que eu chego lá ela esta lendo um livro ou outro. Ai eu disse, “tudo bem, você precisa de que?”, e ela me disse que precisava de papel, lápis, comprei papel, lápis, lápis de cor e deixei com ela e fiquei pensando “mas como uma pessoa que não tem experiência nenhuma vai alfabetizar?” só que em momento nenhum eu poderia fazer ela desistir dessa ideia eu queria que ela continuasse pra gente ver. Ela começou mas aí a gente só tinha uma cartilha por exemplo, o quadro que a gente tinha estava sem utilização aí eu emprestei. Aí ela ligou pra mim depois e disse “eu comecei mas sem cartilha e sem o quadro não vai dar certo, então vamos deixar pra julho quando você vier que a gente organiza melhor”, eu disse, “ótimo”, então já consegui com uma amiga minha que trabalha no Estado vinte cartilhas, vou levar o kit pra cada um, e aí vou ligar todos os dias de manhã porque as cartilhas que ela tem lá eu tenho aqui, ai de manha eu vou ver cada atividade como ela vai trabalhar, durante os dias que vou passar lá em julho eu vou fazer um treinamento relâmpago com ela ou até com os meninos ficar com os meninos, e todos os dias eu vou ligar de manhã orientando direitinho como ela deve trabalhar e vou ligar a tarde pra ver como foi o dia dela. No primeiro dia de aula ela ligou pra mim “você não sabe o que aconteceu”, porque na cartilha que eu mandei dizia pra eles desenharem uma pessoa com a cara alegre e uma com a cara triste. Alem desses desenhos ela pediu pra que eles desenhassem o que estava passando na cabeça deles e um menino desenhou um revolver com um monte de balas saindo. Isso pra ela, ela ficou chocada. E eu disse “o que foi que você fez”, e ela disse “eu

perguntei a ele se o pai dele visse aquele desenho desses se eles iam gostar” e eu disse “você guardou o desenho?” ela disse “não” e eu disse, “olha, vai acontecer porque essa é a realidade deles, aí você vai com calma, com o tempo quando você pedir pra ele desenhar outra coisa, ele já não vai mais desenhar o revólver, ele vai desenhar outra coisa”, mas assim, é um barato ela, o jeito como ela conversa, eu gosto muito de conversar com ela.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

J.: *Tirando raras exceções, eu vejo como um depósito de livros, assim, porque eu acho muito parado, como eu lhe disse, a gente que já sabe o que quer, que já sabe o que procurar a gente vai lá. Mas uma pessoa que não tenha muito interesse pela leitura as bibliotecas atualmente, pelo menos as que eu conheço por aqui, elas não incentivam, elas não tem projetos pra chamar atenção, pra formar leitores, porque é isso que a gente tem que ter cuidado, a gente tem que vigiar pra biblioteca não se transformar num depósito de livros, é isso que eu digo a ela [a pessoa que toma conta da biblioteca] sempre. Por isso que é necessário que sempre tenha alguma atividade, algum concurso, sei lá, alguma coisa que chame atenção, que motive pra que as pessoas queiram entrar, queiram ler. Na escola que eu trabalhava, não é diferente das outras escolas, com certeza, a biblioteca ficava lá, quando tivesse algum trabalho pra eles irem pesquisar. A gente tinha uma sala de leitura, e eu levava minhas turmas uma vez por semana lá pra que eles escolhessem livros pra ler e aí eles escolhiam, contavam uma história, mas isso era uma coisa assim, uma atividade isolada minha, eu que gostava, eu que fazia isso. De uma forma geral eu não via não incentivo por parte das pessoas que trabalhavam na biblioteca. Agora assim, não por culpa delas, porque geralmente funciona assim, porque o professor que não esta muito bem, na sala de aula, que esta doente, que tem algum problema, onde vamos colocá-lo? Na biblioteca. Porque lá ele vai descansar, então ele chega lá e não sabe muito o que fazer além de passar um horário ali, auxiliando quem chega pra pesquisar. Isso é a realidade, de lá pra cá, pode ter mudado, porque tem uma amiga minha agora que vai ficar numa biblioteca de escola, e ligou pra mim pedindo pra que eu levasse os projetos para passar pra porque a diretora pediu pra que ela fizesse alguma coisa, então de repente possa já estar despertando, mas a realidade que eu conheci foi essa.*

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

J.: *Mostrar àquelas crianças que existia outra realidade mais colorida mais bonita que aquela que elas estavam inseridas nela, do que aquilo que elas viam, de briga, de confusão, de alcoolismo. É como se eu estivesse tentando fazer com que elas respirassem mais aliviadas, elas estavam sufocadas e através da leitura, porque elas adoram vão pra lá e mexer com os livros e olhar, tem uma que nem sabia de direito, mas ela vem pegar livro direto e eu achei assim um maior barato, mesmo não sem ela saber ler correntemente, ela faz o quarto ano, mas ela não desiste, vai pegando um vai pegando outro, quer dizer, enquanto eles estão nessa procura, enquanto eles... Você precisa ver como eles gostam de pedir, se tem livros que vou distribuir, eles querem levar, eu acho que o que me motivou foi isso, eu queria muito, eu ficava olhando pra eles e eu pensei “como eu poderia ajudar, como?” financeiramente, não teria como, aquela comunidade todinha, não tem como e não sei se seria bom, porque eu também tenho uma preocupação muito grande com relação a isso, eles recebem essa Bolsa Família, do Governo, e no primeiro ano da biblioteca em dezembro, eu levei lembrancinha pra todo mundo, levei oitenta, pedi pra que fizessem a relação de todas as crianças, eram oitenta crianças, consegui vinte com meus amigos e comprei as outras, lembrancinhas, não dava pra dar presente. Eu fiquei pensando que eu tinha que ter cuidado pra eles não me verem como, sei lá, mãe da pobreza, como quem vai distribuir, porque eu acho assim, tem que entender que cada um tem que fazer sua parte, e tão bom a gente ganhar quando a gente merece, por merecimento.... Minha motivação é essa, eu queria muito mostrar a eles que pode ter um futuro diferente pra eles, pode, que eles podem ocupar o tempo deles de outra forma que não seja desenhando revólver, bala, ou no meio de violência, que tem outras coisas mais agradáveis. O que me motiva até hoje, o que eu quero mesmo é crescer, é construir, e as pessoas perguntam “porque você não procura a Prefeitura?”, o poder público não teve interesse e não tem em fazer nada por eles, tanto que nem água eles tem, é aberto uma chafariz duas vezes por semana e elas carregam água na cabeça até em casa e colocam nas vasilhas que tem pra durar até o outro dia que vai ser aberto. Não tem interesse, se eu for, eu vou... talvez até eles queiram praticar alguma ingerência na biblioteca, como a secretaria queria que a biblioteca fosse lá pra baixo, e eu vou é perder o espaço. Eu sei que eu só posso contar é comigo, comigo e com ela [a moça que faz o atendimento na biblioteca] que é nossa a biblioteca, não é minha.*

E ela se empolga, sabe, quando eu pergunto alguma coisa eu digo “a gente não pode comprar agora, quando tem algum livro, a gente não pode comprar agora assim que der a gente compra porque a gente gastou muito”...

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

J.: *Benefício talvez esse, de incentivar a leitura, serviço nenhum. Se a gente começa esse curso de alfabetização eu considero esse o primeiro serviço, que a gente esta começando talvez em julho, porque como eu sou sozinha e não moro lá também, isso me atrapalha também, eu ando lentamente. Tentei recurso, sem morar lá, as coisas ficam mais difíceis e assim, é um aprendizado do dia a dia, eu pensava que o computador ia ser super importante pra lá, depois a gente ganhou o computador e eu vi que não era tão importante o computador no contexto de lá, porque eu não tinha como colocar Internet, seria uma despesa a mais e mesmo que eu colocasse seria um computador só para atender muita gente, e aí depois eu vi que agora, no momento, enquanto a biblioteca não estiver mais fundamentada e tal, o computador não é tão essencial. Então assim eu vou aprendendo no dia a dia, eu chego lá eu faço levantamento dos livros que foram emprestados, eu compro a Revista Caras, levo toda semana, pra deixar lá, pra chamar atenção, quem não vai pegar um livro, mas já entra lá pra pegar a Revista, de repente se interessa. Assino a Nova Escola, deixo lá, tem um espaço só para os professores, devagar sabe. A gente esta catalogando os livros agora que a gente começou, a gente vai aprendendo no dia a dia, porque eu nunca fui bibliotecária, eu não tinha experiência nenhuma, tinha como leitora, mas como bibliotecária não tinha experiência. Tentei ensinar ela a catalogação convencional, mas ficou difícil, como ela não tem essa, mas a gente está catalogando e eu disse “olha, coloque o nome dos livros, o autor, depois você me dá eu coloco em ordem alfabética e eu organizo tudinho” e não vai ficar não é nem como uma catalogação, mas com uma relação dos livros, e a gente esta fazendo isso agora e está indo devagar, um dia de cada vez. Tem empréstimo, a gente já emprestou mais de dois mil livros, ela ali, isso ela controla direitinho, pronto, isso eu fiz direitinho. Tem o nome da pessoa que vai levar, tem o nome do livro, tem a data que a pessoa tem que devolver o livro e a data que a pessoa efetivamente o livro foi devolvido. Aí a gente já emprestou mais de dois mil livros, agora eu fui, xeroquei, vou guardando tudinho numa pasta. Tem um livro ata onde a gente registra a presença de todas as*

peças que vão lá, e agora pra estimular a gente tira foto, quem chega lá já tira foto, coloca no Orkut, “visitantes da Biblioteca”, e a gente tem um livro ata, essa parte aí está tudo bem documentado, bem organizado, mas a gente vai aprendendo, devagar.

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

J.: *Pra mim essa biblioteca foi um sonho que eu consegui realizar e que é muito importante pra mim. Minha esperança é que eu consiga salvar sei lá, três, ou quatro, ou dez, se eu consigo salvar aqueles meninos daquela situação de marginalidade que eles vivem, o meu trabalho já valeu a pena, e eu não pretendo parar, pretendo sempre, como lhe disse, ir aprendendo pra ir melhorando, sabe, pra ir fazendo com que a biblioteca dê cada vez mais certo.*

ENTREVISTADO(A) K

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

K.: *Minha infância praticamente não teve acesso a nenhum tipo de manifestação da arte. A arte pra mim começou a surgir a partir dos 18 anos quando eu li meu primeiro livro, como eu me alfabetizei aos 16, e é comum no país, onde você mora, você não ter muito acesso a arte, então isso me dificultou e eu não tive praticamente, eu fui começar a ter mais contato a partir dos 18 anos que foi o contato com esse livro que eu considero que aí começou minha jornada rumo a esse caminho do espírito.*

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

K.: *Basicamente o contato com a arte eu tive dentro do meu estabelecimento de trabalho porque quando eu comecei a estudar, a ler filosofia, aí despertou, eu que não tinha um amadurecimento literário, foi uma leitura mais difícil mas eu achei uma alguma coisa interessante, daí eu fui buscar nos filósofos, nos pensadores, eu achava interessante a maneira deles verem o mundo, como despertava as coisas para o mundo e [na cidade], aqui no Centro, você tem já um contato com uma clientela de um nível cultural, algumas pessoas que trabalham já com arte, então as pessoas achavam interessante [na minha atividade profissional], devem ter achado meio bonitinho, [na minha atividade*

profissional] ali falando de Platão, Aristóteles, de filosofia, o pessoal achava engraçado e daí foi cativando algumas pessoas do lado cultural. Mas onde morava, que é periferia [da cidade], também não tem, que é comum, porque é periferia, quando a comunidade em si ela não desenvolve algum tipo de atividade mesmo ali com suas lideranças, o Estado ele não chega com a arte. A minha convivência foi assim, uma coisa de eu mesmo me fazer por mim mesmo, nesse sentido. Além de você não ter acesso a arte, porque isso não tem nada a ver com situação econômica, porque se o Estado te favorece você tem acesso, mas a minha condição era muito pobre, minha família humilde, meu pai era um pequeno micro empresário, tinha um bar, e seis filhos, então até os sete anos quando meus pais se separam, a gente veio morar aqui, ela trabalhava de doméstica para cuidar de seis filhos, e os seis filhos ficavam em casa se virando, então, a condição econômica nossa era a pior possível.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

K.: *Como é que a gente pensa essa questão da arte. Eu procurei na literatura, subtrair, tudo que eu realizo, eu busco subtrair, na minha leitura, sou um pouco um filósofo da práxis, eu subtraio pra praticar. Então todo meu trabalho ela tem uma relação com um pensador, uma linha de pensamento, por exemplo, essa questão de eu fazer aqui, neste local, vem de Tolstói, que era um grande pensador que tinha uma filosofia muito legal, que eu me encantei com essa linha de pensamento que era da aldeia para o universal, então ele dizia que pra você ser um verdadeiro universal você tinha que ser muito aldeia, você tinha que cantar sua aldeia, você tinha que fazer onde você mora, então ele disse cada comunidade desenvolvia sua história, é mais ou menos isso. Então eu comecei a desenvolver esse trabalho aqui, e a questão mesmo da biblioteca popular ela não tem nenhuma conotação de resolver a questão da biblioteca que são poucas e nem resolver o problema da literatura na cidade, é mais uma provocação também, aquela ideia de você democratizar a arte, e eu gosto muito da literatura porque, das manifestações da arte, a literatura, o livro, foi o mais perseguido do mundo e continua ainda sendo, porque na ditadura político religiosa o livro é um dos primeiros objetos a ser perseguido, sempre na história da humanidade é assim, do dia que o livro surgiu até o dia de hoje. E os pensadores eles querem que você fique situado no seu meio, o que você pode fazer para mudar, como o Estado trabalha com a ideia do*

pensamento único, o Estado é muito poderoso nisso, pensamento único, a gente vive assim, sempre tem o modismo do pensamento único, toda vez que surge um pensamento, uma ideia, você pode ver que quem não pensa assim, é limado, você pode ver. Agora nós estamos vivendo esse momento, exemplo simples, com essa discussão dessa relação homossexual, se você critica, ou não, você tem que estar junto, como surgiu na época das cotas, quem não era a favor das cotas, era contra, então tá limado. Então o Estado trabalha muito com isso e a filosofia, a arte ela geralmente vai dar esse contraponto do pensamento de massa, ela vai dizer “opa, então tu tem que ficar ligado, não vai muito na onda da massa não porque não tá tão certo assim”, a literatura e todas as outras manifestações da arte, que eu gosto. Mas todo meu trabalho, as pessoas que vêm de fora, veem superficialmente pensam que a gente está fazendo um show, a ideia não é isso, tem toda uma história de provocação, de você poder humanizar o espaço de concreto, o espaço da rua, de você fechar uma rua, mesmo que venha muita gente “pô, mas isso aqui não é lugar de você colocar uma Orquestra de Viena, de você colocar um Zé Ramalho, não é um lugar..” “É”. A mesma coisa quando eu comecei dentro [do meu estabelecimento] fazendo atividade cultural as pessoas disseram “pô, [neste estabelecimento]?”, é eu quero mostrar, e eu não preciso de tanto, isso em mim é muito forte, porque eu poderia deixar de [fazer o que faço] há muito tempo, poderia estar fazendo outras coisas, hoje eu ganharia muito mais dinheiro sendo um produtor cultural do que fazendo show. Então é o seguinte, eu não sou produtor de arte, eu faço arte, as pessoas é que às vezes não alcançam o detalhe dessa história, porque na verdade eu faço arte, eu não sou um produtor fazendo show, fazendo um evento, o meu trabalho é uma arte, é um trabalho de arte, porque o que é que é a função da arte? É levar o homem a pensar, você vai pegar Beethoven que diz o seguinte, se você ouvir uma sinfonia minha e continuar a mesma pessoa, você não entendeu minha sinfonia, tem que ouvir, ele dizia o seguinte, às vezes você vê a arte mas ela não adentra seu coração, você tem uma distância muito grande, e aí você passa o que? Mesmo que essa arte ela seja uma arte de reflexão, ela pode passar despercebida e ser uma arte de entretenimento, e às vezes a função do autor não é você ficar só na diversão, que você tem a arte imediata, aquela arte que não leva a nada, igual a novela que não vai levar ninguém a lugar nenhum, só como passatempo e a arte realmente reflexiva? Esta arte reflexiva, Estado nenhum tem interesse nela, por mais democrático que ele seja, você tem países mais civilizados que você tem mais acesso, mas não é

uma coisa muito forte do Estado. Eu gostaria de morar num Estado mais desenvolvido em termos de arte pra ver como é que o Estado faz aquilo ou se é uma coisa que meio que cresceu com a comunidade. É igual aqui nessa iniciativa comunitária, é uma coisa que é criada pela sociedade, apesar de eu ser o cara que é o líder, o carro chefe, mas tem um grupo de pessoas que faz essa história acontecer, tipo assim, é que apareço na foto, mas o grupo que não aparece na foto é o que mais importante são, o que mais faz as coisas acontecerem. E também uma coisa que era muito de Karl Marx, que é um dos pensadores também onde eu tenho a minha sustentação filosófica, ele dizia, não basta só você ter uma compreensão literária, as pessoas conhecem Marx pela sua bagagem literária importantíssima na área de filosofia, na área de economia, e as pessoas conhecem Marx e Engels mas como interlocutor, mas Marx, você vai ler a história dele, ele tem no mínimo cem grandes pensadores aonde ele tinha debates homéricos, para ele chegar a síntese do que ele pensa. Essa relação humana, do debate, do dialogo, pra você testar suas ideias é muito mais importante do que também só lendo livro, isso aí também você não vai resolver muita coisa, você vai chegar até porque as vezes você tem muitas ideias mas você na verdade você vai... até porque você não inventa, você só acha e...por exemplo, as bibliotecas populares, pra mim tem mais a ver com cidadania, não tem muito a ver com literatura, tem mais a ver com cidadania, tem a ver com humanização de um espaço totalmente desprezível, eu não conheço espaço público pior num país do que uma parada de ônibus, horrível, qualquer lugar onde você vai no país é assim, você é obrigado a ir numa parada de ônibus, eu nunca vi, eu nunca fui numa cidade do Brasil onde eu falasse “nossa, como cuida dessa parada de ônibus”. É o bem mais importante que eu acho na sociedade, eu uso transporte coletivo, porque eu falo o seguinte, você não consegue se humanizar se você não tiver acesso à arte e não tiver convivência coletiva, não é bem viável, ninguém vai se humanizar num carrão com ar condicionado o tempo todo, ou dentro de um condomínio fechado, não funciona. Então essa questão da biblioteca popular é uma questão de você humanizar um espaço que ele é obrigatório para as pessoas, as pessoas vão porque são obrigadas a ir, porque se você fizer uma pesquisa todo mundo odeia ir numa parada de ônibus, eu duvido que alguém fale assim, “eu adoro minha parada de ônibus, a parada de ônibus que eu pego ônibus aqui é uma maravilha eu adoro, você pode ver um livro, às vezes passam uns filmes curtos, aqui você ouve uma música, aqui você vê uma exposição, aqui é um espaço confortável, às

vezes eu até perco meu ônibus pra ficar nessa parada, que é tão bonita que eu fico”. Tem lugar que você vai que é uma barra de ferro, tem lugar aqui [na cidade] que a parada foi criada pelo hábito das pessoas e aí o ônibus começa a parar ali pelo hábito das pessoas pararem ali, cria um ponto, o Estado não criou nenhuma referência, a própria sociedade foi lá e criou aquela referência. Então, a minha ideia de uma biblioteca numa parada de ônibus é questão de humanizar, isso é fato, não é questão de que o cara vai chegar lá e encontrar a literatura que ele está procurando, tem gente que confunde e fala “ah, na minha parada eu procurei o livro”, “não vai encontrar amigo, a finalidade não é essa”. É mais ou menos quando você chega num consultório e tem um monte de revistas antigas, você pega ali Veja da primeira edição de 1970, mas tu olha e você vai encontrar ali um artigo. E você chegar numa parada que você pode, a pessoa fala que já pode pegar um livro, o cara já “poxa vou pra minha parada, será que eles botaram livro lá hoje? Eu vou encontrar um livro legal?” quando às vezes você chega lá, “pô, legal, eu encontrei aqui Dante Alighieri, um livro que eu tinha vontade de ler mas é caro, não pude comprar”. Aquilo pra mim foi legal mas não é tudo que eu estou interessado, que a pessoa encontre o livro que ela está procurando, e às vezes coincide dela encontrar, por exemplo tem vários depoimentos de pessoas que já passaram em vestibular, tem uma moca que passou agora na Universidade Federal [da cidade] em Biologia, e citou que ela usou a maioria dos livros dela das paradas, pessoas que passaram em concurso, que não sei o que, isso aí quando me falam eu fico feliz, legal, mas esse aí não é o objetivo, não é essa a finalidade, a finalidade é você, me interessa muito mais quando eu vejo uma pessoa que diz assim “olha, eu não tenho mais livro em casa, os livros que eu tinha eu levei pra parada, aquelas revistas que eu jogava fora toda semana eu não joga mais, eu passo na parada e deixo”, isso pra mim que me interessa, porque essa pessoa mudou um comportamento, o comportamento de reter essa informação. E livro é a coisa que eu trabalho há muito tempo, o livro pra mim eu acho uma ferramenta contra Estado, eu vejo muito isso, eu acho que a literatura, o livro, das manifestações da arte, o livro, é o que mais elevou meu questionamento, não tem outro, eu acho que todas as outras artes aí, chamadas até de artes menores, que na minha cabeça assim não funciona, todas tem sua importância, mas o livro é mais radical, é um diálogo direto que você tem com um cara que você entende melhor, muitas vezes você tem uma dificuldade de entender certas expressões de outras expressões, você demora mais,

mas o livro não, o cara diz, pode fazer isso que é legal, você fica em estado de alerta.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

K.: *Eu acho que a biblioteca pública ela tem uma finalidade específica, eu vejo dessa forma, a biblioteca pública ela está mais focada em atender, eu falo isso empiricamente, não tem nenhuma pesquisa científica pra dizer que é isso, eu falo porque o empirismo ele tem um fundamento também, eu acredito que 95% até mais, das pessoas que usam a biblioteca pública, são estudantes, pesquisadores, se você pesquisar, pouquíssimas pessoas saem do seu bairro “ah eu vou lá naquela biblioteca lá buscar um livro”, acontece, mas muitíssimo pouco, porque as bibliotecas são pouquíssimas, você está muito distante das bibliotecas, e é complicado. Por exemplo, aqui em [na cidade], nós temos acho que duas bibliotecas públicas, se você pegar um ônibus daqui lá você vai gastar em média de trinta minutos, aí tu pega um livro pra daqui trinta dias, quinze dias se você não entregar tem uma multa, aí você não é estimulado, então a biblioteca pública ela não estimula o cidadão ir lá e buscar livro. Você tem a Universidade [Federal da cidade] que tem quatrocentos mil livros lá de acervo mas, por exemplo, você não pode ir lá e retirar um livro, só o aluno pode ir lá e retirar aquele bem, mas você tem um acervo ali que eu falo pra você, sem sombra de dúvida, de 50%, que nunca nenhum botaram a mão naquele livro, porque eu já fui muito na Universidade mas você vê que tem livro ali que não serve pro aluno, mas tá lá dentro tal, tal, tal. Eu acho que a biblioteca pública ela devia abrir mais, eu acho que tem uma parte que você deveria tratar com aquele rigor da catalogação porque tem que ter, agora a outra parte você poderia ter essa divisão nas bibliotecas públicas, aquela divisão do livro que é um livro de pesquisa, um livro mais raro, e adotar uma parte dela com mais ou menos o procedimento de uma biblioteca popular que é esse modelo que nós criamos, que você deveria disponibilizar uma parte daquele acervo para comunidade, uma experiência de biblioteca popular, sem nenhum controle, porque mesmo as bibliotecas públicas com todo rigor tem problemas sérios, de rasgar livros, de roubar livros, papapapá. Uma vez fizeram uma pesquisa, nós tínhamos menos problemas do que essas bibliotecas, aquela troca de confiabilidade, quer dizer, a gente está com 44 anos, assim vandalismo, papá, a gente tem as dificuldades mesmo, mas a gente está sempre repondo, sempre levando livro, sempre com possibilidade de fazer*

reposição, e às vezes as pessoas falam assim “ah, na parada só tinha livro didático”, a gente ouve muito isso, porque tem muita gente que acha que a gente tem que montar meio que uma biblioteca pública ali, tem gente que liga e pergunta “você tem livro tal?”, eu falo “aqui a gente não cataloga nada, não sabe o que é que tem, a gente só pega e distribui”. Então eu acho que deveria ter mais bibliotecas, e acho que o governo deveria trabalhar com essa filosofia também, da biblioteca que você tem um acervo específico pro aluno pesquisador e você teria que ter. Eu não acredito que você tem uma biblioteca igual à da Universidade Federal [da cidade], com quatrocentos mil livros, que seja uma coisa fechada lá, e que não pode ser um bem da comunidade, tem que ser, eu acho que é tudo tratado com muita rigidez. Só acho que as bibliotecas são poucas, não vejo muita perspectiva, eu vi que houve uma preocupação do governo anterior, parece que de abrir mais, de ter uma biblioteca em cada município, em cada cidade, mas eu acho muito fraquinho o pensamento.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

K.: *Eu fico triste quando eu vou buscar livro na Universidade Federal [da cidade], que eles abastecem a gente, você vai buscar livro na Secretaria de Cultura, aí lá tá lá, as caixas de livros, mas eu digo “pra onde vai essas caixas de livro”, “ah tá indo pra biblioteca pública não sei da onde”, eu fico triste com isso digo, quem tem que abastecer as bibliotecas públicas é o Estado, ele comprar acervo, não pode o Estado ficar captando livro usado para colocar, tem que renovar seu estoque. Inclusive um dos projetos que a gente quer apresentar aqui, [através de um movimento em prol da arte], um dos projetos que geralmente a gente chama os parlamentares aqui, debate e entrega um pré-projeto. Um dos pré-projetos que a gente quer apresentar é que o Estado, entre em lei, que ele seja obrigatório em toda biblioteca, ele renovar pelo menos 10% do acervo todo ano. Então, eu fico triste, eu gostaria de ir lá e escutar, “essas caixas de livro, é pra uma Instituição, pra ONG, pra biblioteca comunitária lá não sei de onde”, não pro Estado, eu acho isso um absurdo, o Estado fazer campanha pra pegar livro usado, pra fazer biblioteca com livro usado, eu acho isso o fim do mundo, não consigo entender essa equação. Tem biblioteca aqui que você entra tem 50 anos que nunca recebeu um oxigênio novo, não renovou seu acervo, vai lá na sua biblioteca na Universidade Federal, vai lá pergunta pra bibliotecária responsável “quantos por cento de livros novos que vocês compram pra colocar no nosso acervo?”, vai ouvir, ela*

vai dizer “não, aqui todo ano, o orçamento da Universidade é de um milhão por ano, pra colocar acervo e renovar e a gente separa e o livro usado a gente doa pra Instituição, porque livro usado vai pra Instituição de pessoas que não podem comprar, a gente pode comprar”, o Estado pode colocar no orçamento, nem que seja tanto, o que eu não gosto de biblioteca pública é isso. Eu acho que as bibliotecas deveriam mapear as bibliotecas comunitárias e adotar as bibliotecas comunitárias pra fazer a doação desse acervo, eu acho que seria mais coerente, mais decente. Isso é igual a eu fazer uma campanha aqui de doação de roupa, de agasalho, as pessoas doam pra mim, aí eu tiro o que é mais bonito, melhor um pouco e vou começar a dar pra minha família. Eu já tive um cara que veio aqui trabalhar comigo aí o cara começa a selecionar uns livros, “o pra que é isso, o que é isso, o que você está fazendo?”, “ah eu tô montando uma biblioteca”, “não bicho, você não pode, cara, você vai pegar um livro, você pode pegar tudo mas você vai ler e vai devolver, isso aqui as pessoas estão dando porque elas confiam no projeto, você em hipótese alguma você pode pegar um livro pra botar na sua casa, você desvirtuando um conceito, você pode levar tudo, pode ler, depois devolve, uai”. Quantos livros eu recebo, vai na minha casa pra você ver se eu tenho livro lá? Não tem, eu compro livro, apesar de receber muito, eu compro, eu tenho, eu leio livro, tem dias que você fica até querendo guardar, você fala “não guardo, não posso”, é uma questão, aí que já entra a consciência de pensadores anarquistas, que vai dizer, você chega num nível de consciência que você procura sempre buscar por esse nível de consciência. Então eu acho que isso que a biblioteca pública faz, eu chamo isso de roubo, é você se apropriar de um bem da comunidade, não pode fazer isso, isso é rigorosamente um roubo. É a mesma coisa quando tem essas campanhas de enchente não sei o que, que você vê de vez enquando alguém lá, da polícia, do exército, desviando alimento ou vendendo, um roubo. Eu acho isso, não sei, é o que eu penso, mas como na maioria das vezes eu estou errado né, então...

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

K.: *A minha motivação maior é a humanização do espaço público e você distribuir um bem que, historicamente, é um bem que dois segmentos fortes da sociedade não é muito apreciador da literatura de maneira geral que sempre trabalha com a questão da alienação, que é o Estado e a igreja, que tem essa força de alienação, que não estimula*

que você tenha uma diversidade de arte. Você só pode ser livre se você tiver acesso à diversidade de arte, se você não tiver diversidade de arte você não tem possibilidade de ser livre, você ser questionador. Existe estudo científico, que empobrecendo as pessoas no campo da arte, essas pessoas tem menos poder de questionamento. Pode ver. Igual a criança, quanto mais ela vai aumentando o vocabulário dela, começa mais a entender as coisas, à medida que ela vai melhorando, que ela vai entendendo as coisas, quando ela está com mais vocabulário ela entende mais as coisas. Eu vejo isso nas pessoas também, a pessoa que tem acesso a todas as manifestações da arte, que as pessoas falam de cultura, cultura pra mim está mais ligado a questão de costume, porque cultura todo mundo pode ter independente do seu nível cultural, do seu nível de inteligência cultural acadêmica, tem normas de conduta na sociedade que são os hábitos, que eu digo a parte cultural. A arte eu vejo que está mais ligada à ética, a ética, na minha concepção, é o poder que você tem de questionar as coisas, e a cultura, não tem muito, a arte que vai fazer você questionar uma cultura, um hábito da sociedade, a arte vai estar complementando isso aí. A cultura às vezes você segue aqueles princípios independente do seu grau escolar, você sabe que aquela norma é daquele jeito e cada comunidade, cada país tem a sua cultura, e quando falo da arte eu estou falando dessa arte que leva o homem ao questionamento que é a questão da ética. Quando eu falo “ah, fulano é ético”, eu entendo que essa pessoa tem poder de questionamento muito grande, as vezes as pessoas falam “aquele político, aquela pessoa é ética”, eu acho que as vezes sou eu que confundo ou se as pessoas que confundem, que colocam dessa forma. Você nasce com a ética, a ética você nasce com ela, até o primeiro grito de quando você tira a criança e o bebezinho ali nasce, e ele dá aquele berro louco, ali pra mim é a primeira manifestação de ética dele dizendo “opa, quem me tirou desse conforto aqui, que sacanagem é essa que estão fazendo comigo, tava tão quentinho, tão gostoso aqui, aí pô, eu saio nesse frio”, se ele der continuidade aquilo ele vai continuar gritando sempre, vai depender dele. Eu vejo bem isso, é uma coisa intencional do Estado, hoje você está vendo o que, qual é o pensamento único, é o pensamento americano, acabou todo mundo num pensamento único, modelo americano de consumo, modelo americano disso aquilo outro, Eu fico até com medo dos americanos me descobrirem aqui e me eliminarem porque o americano, se você questionou o americano. Então assim, eu acho que a gente vive um momento de uma sociedade totalmente alienada, se você pegar depois da Revolução Industrial

houve uma cultura da alienação e a cultura do individualismo, mas o homem na sua essência é coletivo, então esse princípio da biblioteca popular ele vem de um pensamento aristotélico que é o homem é um animal político, o homem é um animal gregário, o homem não é um Robinson Crusoe pra ficar numa ilha, o indivíduo pode ser complicado, mas no coletivo as pessoas participam e a biblioteca popular como nós colocamos lá vai dar certo. A gente trabalha com um princípio, qual é, do comportamento do constrangimento, o constrangimento do comportamento, você vê um cara que usa uma rodoviária que tá muito suja, mas quando ele chega no shopping tá muito limpinho ele muda o comportamento dele, o comportamento do constrangimento, o cara ele muda. Então o cara vê ali, você diz “bicho, confio em você, tá confiado”, ele toma um susto, recebe de outra forma. É igual você fazer uma experiência você deixar um carro aberto, o carro tinha programado roubar seu carro, quando vê aberto, você pode desarmar ele, “peraí, tá aberto”. Platão dizia o seguinte, que muro não protege, muito pelo contrário, não murar, então você não mura, você está mais protegido se você mura, as pessoas acham que com cerca elétrica você está protegido, não está, isso é um engano, você vai em comunidades que não tem muro, o índice de violência, de roubo é menor, porque a comunidade está muito mais interagida, porque muro serve para acomodar ladrão, o que é que você está escondendo aí dentro, é igual ao Bin Laden lá, se ele tivesse morando em barraquinho velho lá aberto acho que ninguém tinha achado ele, aí o cara começou a meter cerca elétrica não sei o que, mas o que é que você está escondendo aí dentro? É igual em condomínio de luxo, você pode pesquisar nos setores de segurança pública, que ele vai dizer, o índice de violência, de roubo é maior onde, em bairros nobres, porque você qualifica um tipo de cara, que ele especializa, poxa o que é que o cara está escondendo aí dentro, chama atenção. Igual eu brinco, eu tenho um amigo e um dia desses eu conversando com ele, o meu carro é um Mercedes, que eu gosto muito de Mercedes, eu gosto de ônibus porque eu gosto de andar de Mercedes com motorista, e não é humildade não porque andar de ônibus não é humildade não, andar de Mercedes com motorista... não tá ruim não. Ele fala assim, trabalhou comigo, botou ótica cresceu, aquele lado que enriqueceu muito o lado material, normal, se a gente conseguisse o equilíbrio, crescer na mesma proporção espiritual que a gente cresce material a gente estava na sociedade perfeita, ele diz “você tem que comprar um carro”, mas isso aqui é um carro, você tem status não é carro, eu comprei um carro, pra minha finalidade isso aqui é um carro,

me resolve minha vida, mas se eu quiser status eu vou numa agencia faço um financiamento e compro status, quem quer relógio não precisa comprar Rolex, aí você está comprando jóia, se eu quiser comprar relógio eu vou ali na Feira do Paraguai e tem relógio de dez contos que resolve minha vida. Eu sei diferenciar, isso já é de Schopenhauer, desejo e necessidade, se você não sabe o que é desejo e o que é necessidade você fica pouco situado, você tem que prestar atenção. E pra fechar essa questão da arte eu acho que a arte ela tem uma força fundamental de botar você sempre em estado de alerta, porque quando você não tem a arte, naquela pesquisa que tem em sociologia, que é a acomodação por seis meses, todo estado de euforia do homem, ou positiva ou negativa o máximo que ele chega é seis meses, ele não consegue passar de seis meses, por exemplo, comprou um carro zero, depois de seis meses, parece que você nasceu com aquele carro, você pode ganhar na loteria, ficar milionário agora, depois de seis meses você começa a levar um padrão de vida como se você tivesse nascido rica. Aí como o material não lhe preenche sempre, você esta sempre buscando algo mais no campo material, aí vem a arte que vai trazer o equilíbrio pra você, pra você perceber essa historia, que é legal o material mas também é legal o espiritual, que vai trazer o equilíbrio, porque senão se for só o lado material você vai estar no vazio eterno. O cara estava tão bem de vida se suicidou, o cara não precisava, não precisava estar roubando isso, fazendo isso, é a questão de compensação, porque senão fica só o lado material, o que é que leva, como o caso Pimenta Neves, um cara que fala quatro, cinco idiomas, muito bem posicionado, cometer, aí é a questão do equilíbrio espiritual, o cara que tem equilíbrio espiritual jamais faz um negócio desses, o cara está muito pro lado material, aí resolve tudo na força material, o lado material o cara começa achar que não resolve, resolve uma parte da história, mas não resolve tudo, então aí começa a surgir os tiranos, o cara quer resolver tudo pela força, que o poder material não é engano, diz ou outro, todo mundo tem seu ponto fraco.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

K.: *Eu vejo mais como a questão da reflexão das pessoas, mas ela tem esse lado que acaba atendendo também, as vezes eu encontro essas pessoas, como eu te falei, que passaram em concurso, em vestibular, ou às vezes, amigos me ligam e falam “pô sacanagem com o projeto, eu tava aqui num bar veio um cara aqui vendendo uns livros, comprei, por*

dez reais, quando eu fui ver tinha o seu carimbo, mas eu já devolvi pra Parada”, problema nenhum, tá beleza, deu dinheiro pro cara, atendeu a necessidade do cara, o cara comeu, e você devolveu o livro, então está tudo certo, ele está circulando, tá circulando, não tem problema. Então eu acho que esse é um lado mais social, o cara pegar o livro, vendeu o livro, alguém devolveu, está errado, mas não deixa de ser uma, sei lá, ele estava parado em algum lugar mesmo, não vejo nenhum problema, mas deveria não ter feito isso, mas o livro fica parado em casa, então esse livro, o que aconteceu com ele, aconteceu uai. Igual as pessoas às vezes reclamam “isso aqui não é lugar de botar livro, o livro fica aqui, não tem condições adequadas”, eu digo, livro pra mim é livro lido, eu prefiro que o livro dure um ano e três ou quatro pessoas leram que durar vinte anos e uma pessoa leu e às vezes nem leu. Pra mim o valor do livro é lido, então eu acho que tem esse benefício grande.

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

K.: *Já falei demais pelo meu salário já, eu não ganho isso tudo não, ganho muito pouco...*

ENTREVISTADO(A) L

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

L.: *Meu nome é “L.” nasci no Estado [da região Nordeste do país], na divisa [entre dois Estados desta região], tribo de índio, filha de coronel, meu pai era um homem muito rico, mas infelizmente quando eu completei 7 anos, ele morreu. Naquela época eles usavam muito promissória, então meu pai começou a fazer negócio e assinar promissória, um belo dia o banco pegou tudo que era dele. Com sete anos, meu pai morreu, e eu me achei debaixo de uma choupana, sem estudo, eu minha mãe mais dois irmãos, passei muita fome, muita fome mesmo, sofri muito, aprendi a me defender dos homens com sete anos, era minha defesa, não fui pra escola, não tive direito de estudar, mas amo os livros como se fosse eu mesma, nossa, eu adoro o livro, leitura. Mas eu encontrei uma moça muito boa que me ensinou o alfabeto, mas não sei escrever, sei ler, não sei escrever, e eu sempre sonhei com livro, e um dia eu estava fazendo essa biblioteca. Morei trinta anos [em um Estado da região Nordeste], dez anos [no Estado em que nasci] e trinta [neste outro Estado do Nordeste], e aqui eu estou com vinte e um [nesta*

cidade, do interior de um Estado do Sudeste], depois vim pra cá, passei a morar, arrumei o primeiro e único, trabalhei numa farmácia, depois eu entrei no Movimento Sem Teto por necessidade, veio o desemprego, você não tem como pagar aluguel então tivemos que chegar num local enfiar um cabo de vassoura no chão e dizer “esse terreno é da Prefeitura mas agora vai ser meu” e brigar, correr da polícia, apanhar da polícia, sofrer muito. Hoje a gente está há dezessete anos nesse local, conseguimos construir nossas casas, colocar nossos filhos na escola, e aí eu tive a oportunidade de estar fazendo essa biblioteca, a primeira biblioteca comunitária [desta cidade] é [outra], é que a gente é Rede Social Senac [da cidade], e através da Rede Social a gente, são dezesseis associações junto, a gente foi se conhecendo e ela já tinha a primeira biblioteca, depois tinha a outra da nossa colega lá, e a terceira é a nossa. Foi difícil porque a gente tinha o local da biblioteca mas nós não tinha uma estante, nós não tinha uma cadeira, nós não tinha uma mesa, e aí eu joguei todos os livros, quando eu coloquei no jornal que eu precisava de livro, porque a necessidade era essa, oitenta crianças, a gente mora na periferia, longe do Centro, e só tinha biblioteca pública que tem que pegar um ônibus e as mães não tinham como pagar o ônibus, então eu digo “não eu vou fazer uma biblioteca pras crianças do bairro”. Só que essa biblioteca ela cobre sete bairros, vem aluno de outras escolas, vem alunos do Senac, eles vem fazer pesquisa aqui. Porque tem a Internet, mas eu costumo falar, a Internet, cria aqueles vírus uma hora acaba tudo e os livros não, se você cuidar dos livros a traça não vai destruir nunca, porque se você vem, uma vez por semana, tirando do lugar, limpando, os livros vão ficar conservado como você vê aí, está tudo conservado, graças a Deus. E a ideia da biblioteca era pensar, primeiro era um sonho meu de viver metida nos livros, e segundo pra tá ajudando as pessoas, criança pobre carente, que não tem condições, não tem meio nenhum. E eu gosto muito de fazer isso, eu tenho uma coisa que me empurra, o povo pergunta e eu digo “não sei, não sei, não sei explicar”, eu só sei que eu vim ao mundo eu não vim pra mandar, eu vim pra fazer então eu faço. E biblioteca na minha vida é tudo. E você sabe que biblioteca pública, do poder público, é completamente diferente duma biblioteca que você tem na sua comunidade, que você abre a porta o dia inteiro e as crianças vem, pega o livrinho, o gibizinho, lê historinha, desenha, criança vem de todo tamanho, aqui tem até uns brinquedo educativo pra eles, eles jogam aqui, eu chamo o cantinho da leitura, eles chega, eles joga no chão, eles brinca. Agora eles estão aprendendo a botar no lugar, bagunçado do

jeito deles, mas eles tão colocando tudo no lugar. E biblioteca pra mim é uma coisa muito importante porque a gente aprende muito nos livros eu sou o que sou e faço o que eu faço porque eu aprendi nos livros, é muito importante você ler, é muito importante você pegar um livro e ler, tem tanta coisa boa, se todo mundo pensasse em ler um livro ao menos uma vez no ano, eles iam saber a importância que tem, é tanto livro, tanta coisa boa pra gente aprender, porque tudo que eu sei eu aprendi nos livros. Livro pra mim é cultura, é lazer, porque aqui a nossa biblioteca ela se tornou um lugar de lazer, porque nós não tem, o bairro aqui é pequeno e nós não tem um lugar para as crianças brincar, então a biblioteca se tornou um lugar de lazer. Tem criança que vem fazer o dever, as vezes, eles mesmo bolam da cabeça deles, eles dizem “a gente quer fazer uma peça de teatro” eu falo “faz” e eles faz aqui mesmo na hora, eles faz a gente dá risada, é muito bom, é muito gostoso. Criança que você olha pra aquela criança, e não dá nada por ele, aquele menininho coitadinho, maltrapilho, pezinho descalço, rasgadinho, porque aqui entra de tudo, porque a nossa biblioteca aqui é porta aberta, [...] é aberta pra tudo, aqui é preto, é branco, todo mundo entra aqui, não tem essa de dizer “não, o menino está drogado”, ele entra, ele quer ler ele quer ver alguma coisa. A gente incentiva muito, a biblioteca também tira muito as crianças da rua, porque ele às vezes não tem pra onde ir, na casa dele não tem uma televisão, e ele vem pra aqui, ele fica lendo um gibi ao invés de sair da rua. E biblioteca é muito importante, a pessoa que bem soubesse, no bairro, na cidade, eles fundavam uma biblioteca. Eu não tive acesso a isso, na minha época, sessenta, eu vou colocar quarenta anos atrás, há quarenta anos atrás a mulher não tinha direito de estudar, a mulher não tinha direito de votar, a mulher não tinha direito de falar, a mulher não tinha direito a nada, hoje já está tudo diferente, hoje nós mulher temos direito, a gente tem direito por isso que em cima desse direito, só que eu nunca aceitei esse negócio, a mulher não pode, não pode, porque não pode? Que diferença tem duma mulher pra um homem? Eu acho que os direito é igual. E na minha época não tinha, eu morava numa cidade pequena do interior, tinha uma escolinha lá só pros filhos do Coronel, filho do Coronel tinha direito a tudo, a estudar, filho de pobre não tinha. Não tinha biblioteca, não tinha lazer, não tinha essas coisas, era uma cidade pequena, era tribo de índio sabe assim, não tinha, hoje não, hoje a cultura está em todo lugar, onde tem índio tem cultura, onde tem pessoa pobre tem... Eu nunca tive direito de fazer um curso, tudo que eu sou hoje, que eu aprendi foi na raça. Eu tenho um grupo de mulheres que chama

Reciclando Sonhos, que eu costumo dizer que recicla gente, que eu aprendi a costurar na raça, olhando uma pessoa costurando, eu nunca tive oportunidade, porque hoje o jovem tem oportunidade, de fazer faculdade, de estudar, de viajar, fazer curso, participar, na minha época não tinha. Agora que eu estou com sessenta anos que eu estou tendo oportunidade de estar mostrando isso pro meu, que eu costumo falar que aqui é meu povo, aqui é minha família, do meu bairro, eu não vou deixar nunca de fazer isso, isso é muito importante, muito mesmo.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

L.: *Já falei alguma coisa, a gente passou muita dificuldade, o poder público não ajuda muito, eles não estão muito preocupado com a gente e a gente tem que ir a luta e conseguir.*

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

L.: *Já, eu participo de vários movimentos social. Tem a rede social SENAC, que já é rede social, porque ela já tem um projeto muito grande com dezesseis associação de morador, participo do [Centro de Promoção Social da cidade que moro], junto com a primeira dama, com o poder público, da Secretaria da Saúde, a gente participa, da Criança e Adolescente, no Conselho Tutelar, do [Conselho Municipal que trata dos interesses do cidadão negro], e o Movimento Sem Terra, que foi o primeiro movimento que eu entrei, primeiro movimento aonde eu costumo falar assim com meus amigos que tive que entrar num ninho de cobra pra conviver com as cobra e aprender, e aprendi. Participo junto com os trabalhador, faço parte de [uma Fundação] que faz parte das Associação, todas as Associação do Estado, então eu sou uma das coordenadoras desta Fundação [no Estado]. Participo dos Projetos do CMP, CMP é o projeto social do Movimento dos Sem Teto, Movimento Popular dos Sem Teto, esse aí a gente viaja muito. Participo das Conferências das Cidades, onde tem Belo Horizonte, São Paulo, Ribeirão Preto, tudo quanto esses lugares aí eu, eu sou convidada pra participar e eu só não vou quando eu não posso mesmo, mas eu participo de todos os movimento social que tem na cidade, tem hora que eu não dou nem conta de ir. Aí eu falo assim pro pessoal, me tornei uma mulher respeitada [na cidade], com um nome enorme que eu tenho que zelar esse nome, foi uma coisa minha que eu conquistei com muito sofrimento, consegui viajar, já fui convidada pra ir pros Estados*

Unidos, pra França, três anos seguido eu tô recebendo Uruguai, Paraguai, Estados Unidos e França aqui nessa biblioteca, então é assim uma coisa muito grande, meu nome tá no El Salvador, ligaram pra mim queriam que eu fosse, mas eu, eu já não falo direito você imagina eu num lugar desse, eu já não falo direito, você imagine eu num lugar desse, num Estados Unidos, é um lugar que o povo fala um quilo e eu não entendo uma grama, “ah mas a gente vai com a senhora”, eu digo “não deixa eu aqui quieta no meu canto”. Mas assim, tudo que eu fiz eu fiz por amor, eu fiz porque eu gosto, porque eu quero que as minhas crianças do bairro tenham um futuro melhor, tenham tudo que eu nunca tive, inclusive meus filhos, não consegui formar um, coloquei só um na faculdade, mas só consegui ficar lá dois anos, professor de educação física e aí teve que trabalhar, a gente não teve condições de pagar faculdade mas todos eles findaram o ensino fundamental, tem um que é professor de capoeira, então, quinze filhos, aí morreu cinco filhos, eu tive quinze filhos morreu cinco, eu adotei cinco, agora eu tenho meus quinze filho que tão comigo agora, eu tenho trinta neto e cinco bisneto, e tomo conta do bairro com duzentas e cinco pessoa que até uma hora da manhã eles me chama, bate na porta... Eu já nem sei o que é que eu sou aqui eu tô achando que eu tô virando um sargentão aqui agora, porque não é fácil, eu só peço a Deus que me dê saúde pra continuar, eu não to muito boa de saúde não mas eu vou continuar. E eu sempre costumo dizer a eles assim, “você só faça aquilo que você gosta, se você fizer o que você gosta, por amor, mas por amor, dá certo, agora você fazer por fazer, pra se amostrar”... E eu tô falando pros meus amigos “gente o que é que está acontecendo na minha vida?” Isso que eu fiz a vida inteira eu não fiz pra mim sair em televisão, sair em jornal, essas coisas, não gente, eu tava tão quietinha, tão sossegada, mas chegou uma hora que o negócio estourou, não teve mais como eu ficar como eu ficar quieta no meu canto, entendeu? Vem gente de várias cidade pra fazer entrevista e eu dou, porque, olha [em uma Faculdade daqui da cidade] eu vou todo ano, no final do ano, tem formação de assistente social, tem formação de professor, e ele vem, “a gente queria fazer uma matéria, e a gente queria que fizesse esse do Movimento Sem Teto, sabe assim, pra falar um pouquinho da Criança e do Adolescente, do Idoso”, falei “gente, por Deus, eu nem sou palestrante, eu nem fui pra escola, eu posso ser contadora de história, é diferente”, mas eles considera como uma palestrante, então eu vou. O ano passado eu dei uma palestra no melhor hotel [da cidade], pra cento e cinqüenta bam bam bam. Você sabe o que é bam bam bam? Mulher da

alta sociedade, do nível social, então eu fui dar palestra, cheguei lá eu disse “gente, mas o que é que eu tô fazendo aqui?”, “não a gente quer”, elas cobraram trinta e cinco reais o ingresso, e eu fui de graça, cobraram lá pra identidade delas lá, mas eu fui de graça, mas eu falei pra elas assim “eu vou mas eu preciso levar três pessoas importantes, vocês são importantes, mas eu tenho as minhas pessoas importantes”, eu tenho que levar uma mulher que, isso era no Dia Internacional da Mulher, uma mulher que trabalha comigo no grupo Reciclando Sonhos, é uma mulher que cata reciclagens na rua pra sobreviver e eu quero ela lá, e levar a nossa coordenadora do SENAC, ela é minha amiga e eu preciso ir com ela, e uma mulher que varre a rua, trabalha varrendo a rua, essas aí se não tiver ingresso pra elas eu sinto muito, mas eu não vou dar essa palestra. Daí elas aceitaram eu levei minhas amigas, pra elas né, porque eu não quero nada pra mim, eu já tenho minha casa, meus filhos, eu só vivo em reunião, eu só vivo viajando, eu só vivo junto com o povo da alta sociedade, do nível social e elas, elas ficam catando lixo pra sobreviver, então aonde eu vou eu levo elas porque elas são gente e elas merecem participar de um evento, de uma coisa bonita. Esse mês mesmo eu fiz um chá pra elas aqui, um chá pra trinta mulheres, aí eu faço, eu monto boneca, faz dezessete anos que eu vou no lixo, eu cato boneca, eu monto boneca, e dou de presente às crianças, não tem coisa mais importante que o sorriso das crianças. E eu trabalho com um grupo de mulher, sabe aquele tipo de mulher, tem mulher de todo tipo, tem aquela mulher limpa, zelosa, caprichosa, que anda toda arrumada, em cima do salto e tem aquela da periferia que anda suja, que não tem estudo, que não tem oportunidade, sabe assim que a alta estima dela tá lá embaixo, o marido bebe, judeia, ela passa fome e não tem uma roupa descente pra ela vestir. Então eu fui atrás daquelas mulher e formei um grupo com trinta, hoje eu estou com dezesseis mulher, é o Reciclando Sonhos, mas eu vou falar pra você, mas eu descobri um tesouro, você sabe o que é um tesouro? Cada mulher que tem um trabalho importante que ela sabe fazer, estava lá esquecida, jogada. Eu digo que o Reciclando Sonho é assim pra gente, eu tenho uma mulher, uma integrante, ela bebia muito, se jogou na bebida, ficava aí caída, perdeu o marido, perdeu os filhos, tudo, hoje ela tá com o marido, tá com a casa dela, depois de três anos ela engravidou, tá com nenezinho novo agora, e quando eu chamei ela, ela bêbada falou que não ia, depois ela foi no primeiro encontro, depois ela foi no segundo, no terceiro ela já não bebia mais, e até hoje, recuperou a família dela. Se você vê o trabalho dessa mulher, eu vou falar pra

você, o que ela sabe fazer de crochê, ela pinta, ela borda, é um trabalho limpo. E outra senhora que deu derrame, aquele derrame que fica assim ó, e hoje está andando, ela pinta, ela borda, ela faz fuxico, ela desenha, e aí quando eu vou pra uma feira, a gente vai pra feira dia sete, pra feira [...], então eu levo todo material de todas elas, a que pode ir vai comigo e a que não pode ir eu vou só, levo aí vendo e trago o dinheiro pra cada uma. Isso pra mim é uma coisa muito importante, sem contar que a gente se tornou assim uma família, é uma amizade tão grande que é amigo de verdade, quando uma fica doente a outra se preocupa, corre em cima, trata, leva pra Santa Casa, acompanha... É uma coisa que eu costumo dizer que amigo você não compra, você conquista e é isso que nós temos aqui. Aqui na biblioteca eu fico mais com os jovens, com as crianças, você ta vendo né. Com elas eu me encontro no Centro Comunitário, toda quarta-feira, de tarde vem todo mundo, elas entram duas horas e quatro horas elas tem que buscar os filhos. Tem uma professora que vem e ela traz só novidade e passa pra cada uma, cada uma leva seu trabalho pra casa. Esse projeto é assim, você trabalha nele sem sair de casa, você vai na quarta, participa da reunião e leva o trabalho que a professora traz, então, sabe aquela hora que a gente senta pra ver televisão? Aí você vai fazendo, ou cortando tira pra fazer tapete, ou fazer bolsa, fuxico, essas coisas, então elas trabalham se é duas horas, dá oito horas por mês, ainda terça-feira eu fui vender o material, duzentos reais, quem é que ganha isso em duas horas? O serviço foi feito em duas horas e todo mundo compra o material, então, envolve tudo, a gente quando começa a trabalhar como liderança a gente se envolve em tudo, é bom demais.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

L.: *Olhe, essa biblioteca, ela mudou completamente o bairro, mudou as pessoas, pais que iam pro bar, eles vem pra cá, ele traz o filho dele porque o filho “pai eu tenho que fazer um trabalho” e ele vem com o pequenininho, senta aqui, acompanha o filho fazer o trabalhinho, cortar as revistas, cola junto com o filho, nossa senhora, teve uma importância muito grande, sabe assim, envolveu toda comunidade, não só o nosso bairro, mas seis bairros que tem ao redor [da cidade], porque aqui nós tem seis bairros em volta e aqui só vai ter a biblioteca municipal no Centro, então a biblioteca mudou totalmente o bairro, muda tudo, junta, une as família, criança e adolescente, eles senta aqui vem pra cá com os filho, finda o pai contando história pro filho, contando história pra*

criançada. Vem muitas pessoas, vem professor de fora, todo mundo quer participar, todo mundo quer vim, “eu posso ir lá dar um curso?”, então antigamente não tinha nada disso, hoje tem tudo isso. Até as bam bam bam da alta sociedade, do nível social, que elas tem um projeto em [na cidade] chamado “Falando ao Coração” elas já estão aqui, três meses que elas estão vindo, elas vieram dar uma palestra falar da higiene pessoal, mês passado falaram da saúde, do direito da mulher, quer dizer, isso tudo é importante e sem a biblioteca não tinha nada disso, a biblioteca chama só coisa boa.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

L.: *As bibliotecas públicas já tá o nome já tá dizendo é pública, tudo que é público, é público, diz que é pro público, mas muitas horas é às portas fechadas, as vezes, tem dificuldade porque é uma coisa tudo, não é como a comunidade que chega uma criança aqui, você tem uma ideia, eu não tenho nem caderninho nem livro, a pessoa leva esse livro, pode levar, pronto, aí ele lê depois traz, a diferença é que lá você tem aquela ficha, tem que preencher, depois você tem que levar o livro, é uma diferença muito grande. Eu acho que a biblioteca comunitária ela acolhe mais as pessoas do bairro, as pessoas da periferia. Tudo que é público já tá dizendo é público, mas é da alta sociedade, do nível social, não adianta falar que não é, é, só um cego que não vê. A gente tira por um posto de saúde nosso, que a gente tem aqui do lado, que tem um bairro, e tem um PS, então o PS só serve pro pessoal daquela comunidade, então tem uma grande diferença, o postinho não, atende todo mundo, mas o PS só pra pessoa, você pode chegar lá passando mal, só atende o pessoal do bairro. As bibliotecas pública é bom ter, porque já teve né, mas assim, pra pessoa pobre da periferia é mais difícil o contato, porque é lá no Centro da cidade, é tudo mais longe, a pessoa não tem dinheiro pra se deslocar de ônibus pra ir pra lá, agora as bibliotecas comunitária, que é do bairro, é completamente diferente, a criança fica o dia inteiro, saiu da escola eles ficam, sou obrigada a falar com eles assim “vocês querem eu viva ou morta?”. Eles querem que eu abra no domingo, no sábado, mas eu preciso descansar. Na biblioteca pública tem aquele dia certinho, sexta-feira fechou acabou pronto, sete horas da manhã, fechando meio dia pro almoço, deve ser assim, nunca fui lá e depois que fizemos a nossa aqui mesmo agora que não vou mesmo porque essa é aqui. E o pessoal da biblioteca pública eles vem aqui visitar, a secretaria da cultura vem aqui, eles vem visitar, eles vieram conhecer, e eu ainda nem fiz o Estatuto dessa Biblioteca,*

porque eu sou assim eu costumo falar pro poder público que eu sou lerdá da cabeça, falta um parafuso, eu faço as coisas que eu entendo que tá certo, eu gosto de fazer as coisas dentro da lei, mas tem coisa que eu ponho os carro na frente dos boi, eu não vou esperar por a lei que demora. Falei “quando eu terminar a biblioteca”, olha que nossas criança já faz três anos que estão sendo beneficiadas com a biblioteca, não precisa de ninguém pra ajudar, que é do bairro, é nossa mesmo, e aí eu costumo falar que eu vou fazer, um Estatuto, eu quero fazer um documento pra deixar isso registrado, mas é aquilo não tem dinheiro, o projeto não tem dinheiro, se o poder público se interessasse e apoiasse os projetos e dissesse “não se preocupa, eu mandar uma pessoa que sabe fazer isso ele vai fazer o Estatuto pra senhora e vai registrar e pronto”, mas não faz, depende da gente, e eu vou fazer, eu vou fazer o Estatuto, deixar tudo prontinho, bonitinho aí, porque uma que eles não podem, o prédio é nosso, o terreno é nosso, tudo é nosso, eu acredito que o poder público não vai implicar porque está sendo beneficiada muita gente, é um trabalho que eles deviam fazer no bairro e quem faz é nós, eu costumo dizer que sou eu gente que faço, eu sou meio lerdá mesmo, tanta coisa.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

L.: *Primeiro eu trabalhei, eu fiz parte, da biblioteca de lá, do lixo, foi fundada uma Cooperativa, eu fui aquela pessoa que deu o passe pra formar a Cooperativa de Reciclagem de [da cidade], porque [a cidade] estava se enterrando no lixo, eu fiquei lá seis anos, e quando eu estava lá, de voluntária, o caminhão do lixo trazia muito livro, mas muito livro e eu como gostava mesmo de ler, eu vi aquele lixo caindo e aqueles livros, então eu comecei a pegar aqueles livros e aí eu falei com o a senhora que era presidenta, “faz uma biblioteca”, ela disse “mas eu não tenho tempo não”, “se você quiser eu faço”, “ah, se a senhora quiser fazer”, aí eu comecei a juntar os livros lá, e fiz lá, tudo que elas pegavam lá era pra rasgar e reciclar que o negócio delas é ganhar dinheiro, mas tinha cada livro bonito, cada coisa linda, aí eu fiz e ficou um bom tempo, depois que eu saí de lá, então quando eu vi aqueles livros caindo, eu falei “olha quando eu sair daqui eu vou fazer uma biblioteca no meu bairro, porque se o povo joga tanto livro no lixo, se tiver um lugar pra eles levar esses livros, eles vão levar.” Aí foi isso, como eu já estava na rede, tivemos uma reunião na rede social, aí eu falei :”olha pessoal, eu quero fazer uma biblioteca no meu bairro”, só*

que o barracão, está deteriorado, aí a rede social arrumou telha, a gente pintou, arrumou e a rede social se encarregou de pedir né, por Internet por tudo, e aí começou a chegar livro e não tinha onde colocar os livros, primeiro era tudo no chão amontoado, então “eita ela tá fazendo uma biblioteca, vamos fazer um trabalho da escola”, falei “meu Deus do céu”, “preciso de um livro de matemática, livro de história”, “ah, mas você vai ter que se virar porque está um monte no chão”. Aí consegui essas mesinhas, encostei tudo na parede e fui amontoando, amontoando assim, aí depois um dia eu vinha vindo do Centro, passei lá no lixão e encontrei um guarda roupa, aí eu trouxe o guarda roupa, tirei as portas, e virei ele e falei, aqui vai ser a estante pra colocar só história infantil pras crianças, é baixinha, é seguro e aí faz um cantinho da leitura pra eles, a primeira estante veio do lixo. Depois a rede social começou a pedir essas estantes e aí foi chegando e hoje está do jeito que você vê aqui. Mas quando eu via aqueles livros saindo, do jeitinho que eles saem da fábrica, como esse aqui, eu tirei ele do saquinho de plástico, eu li ele todinho, então você vê um livro desse cair no lixo, misericórdia, aí eu fiz, a presidenta ficou lá, começou a tomar conta, mas ela não se interessa muito por livro porque a gente tem que gostar de ler, se é eu que tô lá, já estou com cinco, seis estantes já, e aí eu recebi muita visita lá, o pessoal ia lá pra ver a biblioteca que veio do lixo, eu falei pra ela “conserva essa biblioteca”, estudante, lá teve até um projeto.”Desenvolva Brasil”, foi feito lá nessa biblioteca, depois parou tudo. Aí eu falei vou lá pro meu bairro, vou investir lá, e hoje eu estou aqui com minha criançada, tenho oitenta crianças, faço festa pra eles no dia das crianças, faço festa no Natal, faço festa no dia das mães, isso tudo sem dinheiro, não tenho dinheiro. Eu tenho alguns parceiros agora, que e é a Rede Social [da cidade] e os Trama Lama, sabe aqueles motoqueiro, naquelas moto grande, eles viram uma entrevista minha na televisão pedindo livro e eles vieram aqui, e falaram assim, “a gente vai ajudar a senhora, no que a senhora for precisando”, aí eles que doaram esses livros, brinquedo educativo, nas festinhas das crianças, mas do poder público eu nunca recebi um centavo de ninguém, nada, aqui é tudo doação. A Associação paga a água e a força, agora esse mês eu vou fazer um binga pra arrecadar dinheiro pra comprar bebida pra fazer a festa, que nem é julina, é agostina, no primeiro mês de agosto eu faço a festa, aí o dinheiro que a gente arrecada, deixa no caixinha e vai pagando a água, a luz, e é tudo doação, mas é alguns empresários. A prefeitura, a briga que eu tive pra eles asfaltar a rua aqui, agora o ano que vem eles vem tudo aqui, época

de eleição aqui nessa rua tem carro que eu nem sei que carro é aquilo, tem um vereador que vem, faz visita, “que coisa linda, teteté”, vem vira as costas e nunca mais. E tem cidade por aí que o prefeito destina uma verba, pra não dizer que essa prefeitura nunca destinou nada pra cá, ele manda duas vezes por semana 80 pãozinho, eu fiz não sei quantos ofícios, que aí eu trabalho com um turma de criança, preciso dar um lanche pra eles, os bichinho ficam aqui, é uma turma que estuda bem cedo eles vem de tarde e os que estudam de tarde, ficam cedo aqui, então, fico com eles aqui e eles “aí não tem nem um suquinho nem nada”, “eu vou arrumar pelo menos pão seco pra vocês comer”. Você pensa que quando eu vou na televisão e não meto a boca, eu meto a boca, quero nem saber, é uma vergonha, eu tava pensando em dar vexame no jornal, que eles não mandaram, eu fiz um ofício, tô com um ofício, protocolo tudo certinho, não vieram limpar aqui do lado, eu que tô limpando, isso aqui era um verdadeiro lixão aqui, eu cuido do meio ambiente, eu cuido da criança e do adolescente, tudo que precisar, não tenho rabo preso com nenhum por isso que quando eu subo num palanque, meu Deus do céu, quando eu vou pra Câmara Municipal, eles dizem “eita vai ser um inferno, o diabo da velha está aí hoje, é hoje”. Eu fui pra uma reunião esses dias lá, na Câmara Municipal, começou duas da tarde, terminou oito da noite, era uma conta demonstrativa da Secretaria da Saúde, eu falei “ah, essa daí eu vou, essa daí eu quero ver”, aí eu fui, quando cheguei lá tinha um homem lá passando num telão e só passando, sessenta milhões, não foi sessenta mil não, sessenta milhões que foi gasto com saúde [na cidade], aí todo mundo falando e fazendo pergunta e eu quietinha lá, “você não vai fazer pergunta não?”, eu digo “eu não”, quando estava faltando vinte minutos pra terminar porque ia terminar sete horas da noite, aí eu dei meu crachá, dá o microfone, “vocês sabem que eu sou lerda da cabeça, vocês falam um quilo e eu não entendo uma grama, então eu queria que o senhor, porque está passando no telão aí, toda hora, sessenta milhões, é zero que você não pára de contar, eu não entendo muito de orçamento mas vocês não acham que é muito dinheiro? Gastou tudo isso, eu gostaria que vocês me explicassem no mínimo detalhe como foi gasto esse dinheiro, porque eu fui no postinho hoje não tinha dipirona, custa cinco reais, mas eu quero tudo escrito bonitinho assim, custa isso, isso, isso”, aí esse homem falou, falou, falou, eu falei “é melhor o senhor parar porque o senhor falou e eu não entendo uma grama”, e o pessoal tudo cansado, sabe aquela reunião, você com dor nas costas, cruza a perna, vai no banheiro, tudo doido pra ir embora, minha filha, joguei bosta no

ventilador ai não prestou não, foi até oito e meia da noite, eu quero que me explique, mas enrolou, enrolou e não me explicou não, mas que eu fiz um vuco vuco lá eu fiz, um amigo chegou me beliscou “ainda te mato, nós tudo cansado, porque você não fez outra pergunta”, “mas eu queria aquela”.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

L.: *Essa biblioteca trouxe muito benefício pro bairro. A Secretaria do Meio Ambiente, agora eles olham pra gente, eles vem fazer uma visita, empresário que não se preocupava com nada, os empresários passam aqui de carro agora querem saber da biblioteca, se interessam, então, o povo olha pro bairro com outro olhar, tem bairro aqui que tem vinte anos, trinta anos, cinqüenta anos, não tem nada, nem um alambrado na rua não tem e a gente tem a biblioteca e ela traz benefício porque até o poder público mesmo não querendo ele vem, mesmo que ele não faça nada, ele vem, e aí muita gente, professor, aluno, é muito benefício, a gente recebe muita visita, olha você, de onde você veio? Isso pra nós é benefício. Antigamente as crianças eles chegavam da escola e ficavam na rua, arriscado um carro passar por cima, hoje não, eles chegam da escola eles já vem direto pra cá, eles traz o dever deles pra fazer aqui. Tem um reforço [de] um projeto da Prefeitura, mas eles vão [...] na hora que eles chegam, a diferença que eu tenho da biblioteca comunitária pra biblioteca pública é essa, às vezes, eles saem da escola na sexta-feira de noite, a tarde e a gente vem aqui e abre um instantinho por causa do trabalho deles de escola. Então, quem mais ganhou com isso foi as crianças, eles são beneficiados, eles tem um lugarzinho pra eles, festa pra eles, abre mais as portas pra fazer umas festinhas pra eles, dar mais atenção pra eles. Se todo bairro se preocupasse em fazer uma biblioteca muda completamente, pessoas que nunca se importou, o empresário ele vai lá, clica lá, que eu não sei nem como é o nome do site da gente lá, quem sabe é a rede, e liga pra mim se pode fazer uma visita, quer conhecer o bairro o que a gente está precisando, então, mudou muito, mudou 100%, um benefício que você adquire que não tem nem como explicar.*

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

L.: *A biblioteca mudou a minha vida, como mudou a comunidade, traz muito benefício pro bairro. A pessoa que lê, ele é bem informado, eu não sabia falar, eu não sabia o que era uma ata, eu não sabia o que era*

uma associação de morador, eu não sabia, mas depois que eu comecei ler nos livros, eu desenvolvi e aprendi muito, um dia eu tava lendo e vi ata, o que é ata, e a gente aprende, aprende muito. Dentro de uma biblioteca ninguém perde nada, só ganha e a mensagem que eu deixo, é que todo mundo que mora na periferia não importa onde ele mora, se ele tiver condições de ele montar uma biblioteca, vai mudar a vida do bairro, vai mudar a vida da comunidade, vai mudar a vida das crianças da gente, porque sabe que a mãe tá em casa, o filho chega, joga a mochila, nem joga, traz a mochila pra biblioteca, as mães nem se preocupam, “cadê?”, “ah, ele tá na biblioteca”, depois elas vem aqui só pra ter certeza se tá, mas tá todo mundo aqui, isso é muito bom, você fica segura, você saber que seu filho saiu da escola, mas ele lá dentro da biblioteca lendo um livro do que estar na rua, muda completamente, é muito importante. Eu falo isso pra todo mundo ouvir, é duas coisas que eu acho importante, é você fazer um trabalho comunitário no seu bairro e ser voluntário, sem aquele negócio do ganha ganha, tem gente que não pode fazer nada porque é funcionário pode até perder o emprego dele, e se é voluntário, no meu caso, você vai, você fala, você reclama, mas sou voluntária. É muito bom.

ENTREVISTADO(A) M

Pesquisadora: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

M.: *Na infância eu nasci na roça, no interior [da região Nordeste], sertão, bem sertão, me criei na roça, estudava numa escolinha rural, primeiro eu estudei até mais ou menos, poderia dizer que era a terceira série, a gente chamava terceiro ano, com minha irmã, ela alfabetizava a gente em casa, depois eu fui pra escolinha primária e terminei o primário, tentaram me botar num seminário de padre mas felizmente eu não entrei, caí fora e aí fiquei um tempo sem estudar e já pré adolescente eu comecei a pedir ao correio da vilazinha onde eu morava, informações sobre um Instituto que existia na época e existe até hoje, que é o Instituto Universal Brasileiro, que tinha programa de fazer cursos do antigo ginásio por correspondência, não era por correspondência, era a distância, a gente pegava o material estudava, mandava as provas pra lá, ia fazendo um preparatório, e na época tinha os exames só podia fazer numa escola pública, quem passasse recebia o diploma de ginásio, mas aí também eu não fiz, eu fiquei trabalhando,*

mesmo criança com meu pai na roça e ajudando uma tia minha. Depois eu fui pra [uma grande cidade no Sudeste], quando cheguei [lá] aí que eu fiz o curso em Madureza, eu cheguei [lá] adulto com vinte anos, vinte e um anos, aí que eu fui fazer esse curso e prestei exame no colégio, passei no ginásio, estava trabalhando [lá], eu cheguei de pau de arara, foram 12 dias de viagem, um caminhão, na carroceria, cheguei [nesta cidade] fui trabalhar como porteiro e faxineiro na região central [da cidade] e durante o dia eu fazia esse curso do Madureza, ginásio, fiz o exame na época, passei, trabalhando, depois eu fiz um curso técnico lá também, muito ruim, mas fiz e aí comecei a trabalhar em outros lugares e fui fazer vestibular, o pré-vestibular, queria fazer medicina, o que era uma bobagem, não tinha condições. Durante o fim de semana eu ficava estudando [em uma grande biblioteca da cidade], foi um dos primeiros contatos de biblioteca que eu tive, quer dizer, [no Estado que eu morava] eu tive também mas muito rápido. Não entrei em medicina, fui reprovado em todas as disciplinas do vestibular inclusive com zero. Na época, já era pré 64, me inscrevi no vestibular que tinha na Universidade Federal, recém criado, de estudos orientais, que tinha várias línguas orientais eu escolhi português chinês porque era a que tinha mais vagas e não tinha nenhum candidato, me inscrevi e entrei pra fazer português chinês em primeiro e último lugar, só tinha eu de candidato, mas fui bem nesse vestibular, só tinha matéria de humanas, que eram as que eu gostava. Não concluí o curso, fiquei quatro anos fazendo, mas não consegui aprender chinês, tentei passar pra outros cursos, não consegui, fazia matérias optativas em outros cursos, Ciências Sociais, Filosofia, e sobretudo História, tentei passar pra vernáculos, não consegui, mas já em 67 eu consegui passar pra História, me transfere e consegui concluir História aos trancos e barrancos em 72. Em termos de sobrevivência, quando eu entrei na Universidade Federal, já em 64, [ela] tinha um conjunto residencial dos estudantes, que tem até hoje, nós fomos morar lá, uma média de mil estudantes, uma grande aprendizagem de coletivo, comunitário e uma escola de política, fazia grupo de estudo sobre tudo, de candomblé até Marx, tudo que aparecia a gente queria fazer, literatura, grupo de estudo sobre Machado de Assis, sobre Mário de Andrade, principalmente lá [naquela cidade], o modernismo, sobre política, sobre cultura popular, folclore, cultura africana, era realmente um estudo universitário e isso não era o currículo escolar, a gente fazia parte. E entre grupos de estudos e festas a gente varava noites estudando, discutindo, cinema, a gente discutia muito cinema, na

realidade foi uma formação pra nós daquela geração assistir e discutir filmes, era o cinema novo brasileiro, nós estamos falando da primeira fase da ditadura militar, o cinema novo brasileiro sendo censurado, era o cinema nouvelle vague francês, cinema italiano, cinema americano, os bons filmes americanos, Orson Welles, todos os clássicos, o Bergman, então isso pra nós foi uma aprendizagem, uma formação muito boa, foi muito rica. E toma literatura, não só autores brasileiros como os contemporâneos, Dostoievski, Kafka, Goethe, ou tradução portuguesa, quando existia, ou tradução espanhola que era o máximo que a gente ia na língua estrangeira porque quando chegava no inglês era só pouquíssimas pessoas privilegiadas que tinha acesso ao inglês, mas nós a maioria era só português, espanhol, arranhava um pouco dos livros mais técnicos ou didáticos italiano, e francês que aí todos nós começamos a fazer curso de francês e naquela época a área de ciências sociais era muito francês, todos os nossos professores davam a bibliografia basicamente francês, o que foi ótimo, a Aliança Francesa era como se fosse uma extensão universitária, além de aprender a língua tinha também muita coisa, palestra, filmes sem tradução, clássicos, da nouvelle vague, era mais ou menos este o ambiente. Em termos de trabalho, depois que eu deixei de trabalhar, em 63, como porteiro e faxineiro de prédio, fui trabalhar como operário e também tive uma participação em discussão política na vida operária participando de greve, de reivindicação e de manifestações políticas também estudantis.

Pesquisadora: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

M.: *Como te falei quando estava na [minha cidade] ainda menino o contexto social era muito pobre, de interior, de sertão, muito problema de seca, vida rural, rural mesmo, que a gente tinha nas pequenas cidades, a sede das pequenas cidades até hoje são extensões da vida rural e na parte cultural que a gente procurava muito nessa época eram as festas que a gente tinha no meio rural e nos centros urbanos, que eram as festas regionais ou religiosas ou festas sociais como festas comemorativas, casamentos, forrós, bailes, pagodes, que era muito comum chamar pagode naquela época, também tinham as festas das colheitas, da colheita do feijão, da colheita de milho, as festas eram ao ar livre, sem iluminação elétrica, mas tinha também as festas nos pequenos clubes, festas comemorativas, de padroeira, de São João, Festa do Divino, Dança de São Gonçalo, banda de Pífano e o*

instrumento mais importante, básico lá é a sanfona, que tava exatamente na época, no auge do baião, com Luiz Gonzaga aqui no Sul e repercutia lá, escutavam em raros rádios, porque não tinha luz elétrica também, o rádio a transistor ainda não estava difundido, mas tinha uma ou duas pessoas que tinham rádio através do cata vento, energia eólica. A econômica era o trabalho da agricultura, que hoje se chama agro ecologia, pequena produção agrícola, pequena produção pecuária, praticamente produção de subsistência. A parte educacional era muito pobre, praticamente não existia escola, existia uma escola pública, multi seriada, a gente estudava todo mundo no mesmo livro, mas era esse o ambiente cultural da época e educacional. A pedagogia era a pedagogia da opressão, ter que aprender na base da decoreba, decorar toda lição, a professora pegava o livro, fechava o livro e mandava a gente falar toda lição, tinha que falar tudo de cor, quem não falasse tudo de cor, apanhava, levava bolo de palmatória. Meio de comunicação praticamente era zero, como te falei não tinha rádio, de vez em quando passava um caminhão lá, com rádio no caminhão, mas era muito raro, livros não existia, não tinha biblioteca, a gente nunca tinha visto falar em biblioteca, não existia essa palavra biblioteca, o livro era um livro só pra muita gente, o dicionário era um vocabulário que sempre vinha no final de cada lição do livro, tinha um vocabulário, foi chamado livro de leitura. O livro didático da área de História, manuais de vinham do Sul pra lá, com toda cultura sulista, não podemos esquecer que nós estamos passando pelo período pós Vargas, toda cultura educacional era dentro daquela visão nacionalista, do Nacional, do Brasil Grande, do Getúlio pai dos pobres, e religiosa, religiosa católica, não tinha outra religião, embora tivesse alguns grupos afros, mas a gente era proibido de se misturar e os grupos afros também teriam que se adaptar a cultura branca, teriam que se catequizar e não podiam praticar o seu culto porque a igreja matriz, tanto da sede do Município, quanto da sede do povoado, proibia, a proibição era condená-los ao inferno e isso era muito pesado pra eles. Nós então de cultura branca, de etnia branca, não podíamos nem sequer se aproximar destes cultos a não ser quando tinha as festas religiosas onde estes negros, descendentes de africanos, faziam suas rezas, mas rezas já católicas, como terço, promessas, festa de São Cosme e São Damião, isso aí era permitido, aí tem a coisa do sincretismo religioso, mas não o culto africano propriamente dito, nós não poderíamos participar porque era considerado coisa maldita e poderíamos estar hoje todos no inferno.

Pesquisadora: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

M.: *Não quando eu morava na [minha cidade], jovem, porque esse tipo de movimento social naquela época não existia como tem hoje, hoje tem, tem bastante, mas naquela época não existia, e nós também, nossos pais tinham uma cultura muito rígida, e jamais permitiria participar de movimento social, principalmente movimento social de cunho político. O movimento social que a gente participava era o movimento de festa, de jovem, de festa no sentido de, dos pagodes, das festas, das danças etc. Mas depois quando eu cheguei [nesta grande cidade do Sudeste] aí eu me envolvi muito com vários tipos de movimentos sociais, de alfabetização, por exemplo, que eu sempre tinha vontade de fazer curso de alfabetização, eu participei de alguns movimentos de alfabetização lá com um pessoal, ainda quando eu estava trabalhando de faxineiro e com a gente mesmo, normalmente nordestino, baiano, sergipano, cearense, paraibano, piauiense, iam pra lá totalmente analfabeto, e a gente tentava fazer uma alfabetização, ainda não era o método Paulo Freire, a gente fazia isso na cara e na coragem, depois foi crescendo, aí entrou o método Paulo Freire, começamos a fazer o curso do método, fizemos alguns movimentos de alfabetização nas periferias [da cidade]. Além disso, quando eu trabalhei em fábrica, aí eu participei mesmo de movimento social, movimento político, propriamente dito, movimento sindical, fui sindicalista, gostava de participar de movimento sindical, nunca fui de direção de movimento, mas sempre gostei de participar. E de movimento estudantil, participei muito, de movimento político dentro do movimento estudantil, na época de combate à ditadura militar, esse aí foi um período marcante na minha vida, algumas repressões, mas também não deixando de lado a parte cultural, foi muito rico esse período aí porque pessoas de várias tendências políticas de esquerda, que a gente discutia, a questão básica é que, pra nós, política, pra nós, passava sobretudo pela discussão de cultura, isso era muito influenciado por um filósofo de esquerda católica francesa, Jean Lacroix que ele pregava isso, embora já tivesse superado essa coisa de cristandade, a gente já estava em outro patamar, mas esses filósofos eles concordavam, que achavam que a questão política, política que hoje se chama progressista, ela passava fundamentalmente por uma questão cultural, sem cultura não há política, quer dizer, pode haver política mas é uma política pobre, então a cultura é a essência da política, política progressista e tal, que pode dar uma visão crítica às*

peças, aos militantes políticos, ao contrário, se houver essa cultura, cairia nas tendências políticas autoritárias, tanto as ditas de esquerda, como o stalinismo, que a gente combatia muito, como as de direita que eram os regimes militares, a gente tinha essa postura de se posicionar contra qualquer regime autoritário, e com isso, em 68 quando teve a Primavera de Praga, nosso grupo que se manifestava [na cidade], gostou muito, fomos pra rua em apoio ao Movimento porque foi a primeira rebelião política internacional feita por grupos de esquerda contra um regime autoritário de esquerda que era o stalinismo, que de certa forma já estava em crise, mas ainda era predominante no pensamento europeu e em algumas correntes aqui no Brasil, sobretudo o tradicional partidão, que tinha essa visão que a gente chamava de aparelhamento das organizações, as pessoas não tinham direito de pensar por conta própria, o pensamento era determinado por esses grupos.

Pesquisadora: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

M.: *Eu acho que é fundamental, hoje mesmo, além de toda essa discussão da biblioteca virtual, mas eu acho que as bibliotecas tradicionais elas são fundamentais porque ali é o centro pras pessoas, tanto para o estudante desde o jardim de infância, até o pós-graduando, dentro da linha educacional, ou o cidadão, qualquer cidadão, ele tem o direito de frequentar biblioteca, o poder público tem por obrigação manter biblioteca com profissional qualificado pra atender o público, afinal de contas é o público que paga pro poder público, não só biblioteca mas de um modo geral, tudo. E, no entanto, nós temos uma carência muito grande de biblioteca, hoje nem tanto de biblioteca de acervo, mas a forma como o poder público, sobretudo, o poder local, os municípios, encaram a questão da biblioteca, porque eles não tem nenhuma responsabilidade, colocam aqui ali como se fosse uma obrigação e não dão chance pra população usar aquilo, esse é um lado. Tem um outro lado também que a gente precisa discutir, que é o lado cultural nosso, da nossa sociedade, que a maioria não tem o hábito, não foi formada com o hábito da leitura e esse é um aspecto da minha avaliação e de outros pesquisadores que vem lá do período colonial, até quem coloca muito bem isso é a escritora Nélida Piñon, enquanto na Europa as pessoas, os colonizadores liam, a população lia um pouco mais, no Brasil, mais do que em outros países, a leitura era proibida, até 1808 não existia biblioteca no Brasil, na América espanhola existia,*

no Peru, a situação era precária também, mas existia, era um pouco melhor, Argentina. Aqui não, a primeira biblioteca que foi criada aqui antes da Biblioteca Nacional, foi a biblioteca da Bahia, que era chamada biblioteca comunitária, mas não era, era a Biblioteca de um senhor chamado Castelo Branco, que era um grande comerciante português, que resolveu criar uma biblioteca no terreiro de Jesus, ao lado do colégio dos jesuítas, mas voltado para atender os comerciantes, isso foi antes da instalação da Biblioteca Nacional aqui, mas era uma coisa muito fechada, muito reduzida. A outra leitura que tinha era dos conventos, também fechada, era bem específica para aquela comunidade religiosa, dos padres, religiosos católicos e alguma outra pessoa que tinha acesso a essa biblioteca, mas o público em geral não. Mesmo depois da Independência, o Brasil continuou precário em relação à biblioteca e educação, aqui ali e acolá tinha uma pessoa, um intelectual que tinha uma boa biblioteca em casa, pra si, como era o caso do Frei Caneca que tinha uma biblioteca dele que ele utilizava com o objetivo de levar o conhecimento à população de Recife para participar dos movimentos revolucionários do começo do século XIX. Na Bahia também tinha a grande biblioteca do Barata Ribeiro, um intelectual médico que passou grande parte de sua vida preso por se rebelar contra o poder institucional da coroa portuguesa e ele tinha uma biblioteca muito boa pra época que era um dos poucos intelectuais brasileiros que tinha a coleção completa da Enciclopédia Diderot, na França, que foi a enciclopédia básica, ideologicamente falando, para teorizar a Revolução Francesa, ele tinha, ele e todos aqueles intelectuais tinham como modelo de país a Revolução Francesa. E os revolucionários, vamos dizer assim, os inconfidentes mineiros, que alguns dos poetas tinham uma boa biblioteca em casa, pra eles, não quer dizer que essas bibliotecas tivessem acesso pra sociedade. Isso vem durante todo século XIX, claro que vai abrindo uma aqui, outra acolá, vai aumentando, vai melhorando o nível de ensino, abre um colégio [lá na cidade], abre um colégio em Pernambuco, abre um colégio na Bahia, abre o Dom Pedro II aqui, e assim vai ampliando um pouco, mesmo assim, carente pra população. Quando se fala na leitura do negro, da população negra, então essa é pior ainda, porque foram raríssimos pessoas negras da época que tiveram acesso à leitura, um deles, um poeta fantástico que conseguiu ter a sua alforria, desenvolver seu estudo e chegou a se formar como advogado foi Luiz Câmara, que é um grande poeta daquela época, dentro do estilo romântico, grande poeta da cultura negra. Tem mais uns dois ou três, mas a massa mesmo,

a população negra em geral, além de ter um índice de analfabetismo infinitamente maior do que a população branca, os que tinham um pouquinho de conhecimento da língua, eles não tinham leitura, eles participavam de uma sociedade oral, de uma cultura oral deles. E a sociedade branca a leitura se resumia à leitura dos barões, dos doutores, dos juízes, a população mesmo, pobre, da periferia e principalmente do meio rural, esses não, nem mesmo nas igrejas do meio rural não existia essa preocupação com a leitura porque a leitura era feita daquela forma, o padre pegava a bíblia, lia a bíblia em latim e todo mundo repetia o que o padre falava em latim e aquelas senhoras e senhores que não sabiam ler, repetiam *ipsis litteris* o que o padre dizia só que eles não sabiam o que significava uma palavra ora *pro nobis*, pra eles, reproduziam aquilo porque estava no espírito cristão, da formação deles, porque o padre tinha a palavra sagrada, o padre era o elemento que estava mais próximo a Deus e se o padre falasse tinha que seguir e tal. Entra no século XX, com a República, uma República terrível também, não sei o que foi pior se o Império ou a República, que já começou com a ditadura com o Marechal Deodoro da Fonseca, seguida de Floriano Peixoto, também não teve leitura, as escolas foram mínimas, escolas públicas, ensino público no Brasil, foi muito pequeno no início da República, embora dentro da República tinha um segmento da ideologia positivista baseada nos princípios de Augusto Comte, era basicamente [em duas cidades do país], eles tivessem o interesse em abrir a educação pro povo, mas não fizeram até porque esse grupo foi vencido por um grupo mais conservador. Então a República nasceu também ignorante, os pensadores eles eram autoritários, os movimentos populares, continua a mesma coisa, onde a gente tem uma tentativa de leitura muito rudimentar também muito em cima da questão religiosa, mas uma religião popular, eram os movimentos populares como Canudos, Pau de Colher, que eles praticamente reproduziam o que os padres das igrejas oficial falavam para os fiéis, esses líderes religiosos falavam para seus seguidores, seus fiéis também. Essa era uma espécie de leitura mas a maioria era analfabeta, não passavam por escola, por alfabetização. Eu lembro muito do meu pai que ele falava que nunca foi a escola, meu avô, colocaram ele numa escola particular, ele ficou lá uns três meses, e ele saiu de lá sem saber fazer um Ó com o fundo do copo, então, tinha reação e não tinha o estímulo. E aí vem, quem vai abrir um pouco a escola, a leitura, o surgimento de outras bibliotecas, as bibliotecas públicas dos Estados, quer dizer, durante o século XIX teve algumas criações de algumas bibliotecas públicas, mas a partir dos

anos 20, tem um crescimento de criação de bibliotecas estaduais, o que acaba ampliando, mas isso também dentro dos grandes centros urbanos, no meio rural continua da mesma forma, sem ler, sem escrever, sem estudar, é uma minoria que lê, que escreve, a escola muito reduzida, só pra quem tem um poder aquisitivo muito alto, que podia botar seu filho numa escola porque não tinha como sustentar seu filho numa escola pública. Uma coisa que correu paralela aí, que é uma coisa que merecia um estudo, não se já foi feito, se valeria a pena, sobre os gabinetes portugueses de leitura, que foram espalhados pelo Brasil, por todo século XIX e toda metade do século XX. Você encontrava em algumas cidades minúsculas do nordeste brasileiro, como no interior de Sergipe, uma cidade que chama, parece, Buquim, um gabinete português de leitura, porque ali tinha uma comunidade portuguesa, no Pará também e nas capitais, várias capitais, e no interior de São Paulo, por ter vários portugueses, concentração maior de portugueses, criaram alguns gabinetes em Sorocaba, em Piracicaba, me parece que em Itu, teve um no Rio Grande do Sul, no Sul é um pouco mais diferente, com uma colonização alemã, italiana, já tem mais um hábito de leitura um pouco diferente, não tinha bibliotecas, mas as pessoas já tinham em suas casas os livros, o índice de analfabetismo já era menor e assim por diante... Essa coisa dos gabinetes portugueses de leitura, se ninguém fez um estudo eu acho que merecia fazer um estudo mais detalhado do por que desse fenômeno, principalmente nas cidades pequenas. Quando vem a Revolução de 30, com Getúlio, até pra Getúlio se perpetuar no poder, ele cria escola pública por todo país, aí é onde começa a abrir mais um pouco a leitura nas sociedades brasileiras, sobretudo aqueles setores periféricos do meio rural. Ele cria me parece, se não me falhe a memória, foram 5300 escolas públicas primárias em cinco anos, então, foi uma revolução, um país que tinha digamos 50 escolas, em cinco anos vai multiplicar pra 5000, e continuou criando. Além das escolas públicas, embora já existisse algumas faculdades e universidades no Brasil, isoladas, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro que veio nos anos 20, mas é uma universidade também voltada para atender uma camada social muito limitada, mas Getúlio vai permitir a abertura de outras universidades, logo no início do governo dele, apesar de ele ser rival a São Paulo, mas ele facilita e estimula a criação da Faculdade, da Universidade de São Paulo, que é a USP, que vai ser a universidade modelo no Brasil, com a vinda da missão francesa pra cá. E daí pra frente, mesmo no período de ditadura do Governo Vargas, que foi uma ditadura braba, conforme algumas pessoas mais antigas

que passaram por isso, ele permite a abertura de outras faculdades, inclusive começando a federalização das faculdades e a criação de outras escolas, continua existindo escolas e alfabetizando e reduzindo o índice de analfabetismo. Mesmo assim não tem o hábito, aquele hábito que você vê em outros países, da pessoa tá lá no lugar, aquela convivência com o livro, gostar do livro, sair, ao invés de ir pra um bar, ir pra uma biblioteca, pra estudar, estudar por prazer ou por interesse, esse hábito não foi criado, até hoje a gente tem esse problema, a gente tem essa lacuna na cultura brasileira. Veio os anos 60, o grande avanço da leitura, não resta dúvida ninguém pode negar, foi Paulo Freire, ele que deu um grande passo na leitura desse país, não a leitura erudita, não a leitura formal, não a leitura culta, aquela culta que as classes dominantes brasileiras, as nossas elites gostam muito de falar, pessoa culta, pessoa que fala bem, tipo Sarney, aquela retórica bonita, mas se espreme é vazio, Paulo Freire sai dessa, ele está preocupado com manter a cultura popular, porque ela é riquíssima em todos os seus segmentos, brancos, negros, índios, amarelos, mas alfabetizar essas pessoas que tem esse direito de serem alfabetizadas dentro do padrão cultural deles. Infelizmente essa experiência de Paulo Freire coincidiu com o golpe militar, o regime militar, ele em grande parte, ele foi uma reação a este tipo de reação política e cultural da sociedade brasileira porque o movimento Paulo Freire, e aí se estende pro outro lado do Nordeste com Moacir Góes do Rio Grande do Norte, o velho, pai do teatrólogo, com a campanha “de pé no chão também se aprende a ler”, e a proposta de cada comunidade criar sua biblioteca, a biblioteca comunitária teria que ser criada, isso é uma coisa que eu acho fantástica, tem uma palestra do Paulo Freire que ele fala isso, com produtos das culturas das suas comunidades, deviam ler e escrever, registrar, dentro da sua biblioteca, essa é a cultura deles, no momento que ele tiver domínio daquela cultura não tem problema ele ler Dostoiévski, Stalin, Hitler, mas ele tem que consolidar a sua cultura, aquela é a cultura dele, ninguém toma, embora a tentativa da modernização tecnologia é apagar isso aí, mas isso é muito resistente, essa cultura popular, essa cultura local, essa culturas dessas manifestações, claro que não é como era em 64, mas tem essa manifestação cultural muito forte ainda. E essa era a proposta do Paulo Freire e com isso lhe custou o exílio, as prisões, expulsão do país, é tão interessante isso que quando ele foi pro Chile que depois teve o golpe do Allende, ele foi se refugiar nos Estados Unidos, os Estados Unidos o levou pra lá pra ele alfabetizar dentro das fábricas, enquanto aqui era

proibido aplicar o seu método de alfabetização, nós que trabalhávamos clandestinamente com esse método de alfabetização, corríamos risco de sermos presos, como fomos, muitos colegas, porque tinha infiltração policial e diziam que a gente estava fazendo subversão, porque o método Paulo Freire é um método que é no sentido de conscientizar a pessoa para sua realidade e isso não era permitido naquele momento de regime militar, hoje é possível. Como esse método foi proibido e como as estatísticas davam um índice de analfabetismo muito grande e havia uma pressão externa de órgãos internacionais, OEA, ONU, em relação ao analfabetismo no Brasil, o governo militar criou um outro modelo de alfabetização no Brasil, pra alfabetizar na marra, que foi o Mobral, então, a pessoa ficava três meses e no final de três meses, ou de seis meses em alguns casos, diziam que estas pessoas estavam alfabetizadas, só que essas pessoas de 50, 60, 70 anos que tem o direito de se alfabetizar, ele não conseguia, tem que ter vivência, trabalhar, conviver com a leitura, com aquela cultura dele, a coordenação motora pra escrever, e não conseguia, foram poucos, foi um fracasso total o movimento de alfabetização de adultos no Brasil, embora os defensores do regime militar, os que estão vivos, defendem arduamente que foi o melhor movimento de alfabetização do Brasil, e não é verdade, e nem trouxe com isso a cultura da leitura, nem de uso da biblioteca, nem de reforçar esse crescimento da biblioteca popular. Mas Paulo Freire foi fundamental, tanto que quando houve a abertura democrática ele volta pro Brasil, e aí é a grande tentativa e ele vai contribuir muito quando ele foi secretário de educação do município de São Paulo, na gestão da Prefeita Luíza Erundina, ele foi um bom educador, mas ele enfrentou muita reação por parte da categoria, que tem outra coisa que é difícil, que são as categorias profissionais, professor por exemplo, nós éramos formados muito dentro de um sistema fechado, que não admitia mudança, ele queria aquela coisa feijão com arroz, mastigado, ao ponto, chegou ao absurdo, nos anos 70, quando você estava nascendo, uma editora de São Paulo, uma editora que vem numa coisa de apostila, ela cria uma novidade, ela cria o livro do professor, isso foi uma mão na roda, porque o professor fez o livro que o professor não precisava mais ler porque tudo que ele precisava, que precisava falar estava ali resumido, inclusive as provas, ele pegava aquilo ali, copiava e dava as provas pros meninos e os meninos respondiam com x, não o x do problema, mas com o x. A biblioteca é fundamental, se tivesse havido uma política de bibliotecas públicas ou a sensibilização por parte da população mesmo em criar bibliotecas comunitárias, ou alternativas, ou

livres, abertas, a situação da cultura e a situação da leitura no Brasil seria totalmente diferente. Não é diferente, é como esta aí ainda e nós temos essa herança, o resultado disso nós estamos vendo aí, porque não houve por parte desse poder político, nem federal, nem estadual, nem municipal, principalmente o poder político local, municipal, micropoder como chama Foucault, esse envolvimento, esse compromisso com a criação de bibliotecas públicas. Pra você ter uma ideia, a maioria absoluta dos municípios brasileiros, até o segundo mandato do Presidente Lula, não tinha bibliotecas. Em quatro anos, o Ministério da Cultura, no segundo mandato do Presidente Lula, criou mais de três mil bibliotecas, muito mais, acho, em torno de quatro mil, ainda falta município sem biblioteca. Resolveu o problema, tem lá a biblioteca, mas a biblioteca está assumindo sua função? Acho que não, está faltando, é ótimo ter biblioteca. Tem um outro movimento paralelo a este que é oficial, que tem suas falhas mas é muito interessante, que surgiu também nessa época, por interesse de um Ministro que tinha uma visão mais avançada em relação a questão da leitura e da biblioteca no meio rural que foi o Programa Arca das Letras, isso aí foi um projeto muito interessante que em sete anos de programa foram implantadas mais de oito mil bibliotecas comunitárias no Brasil do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Tem falhas? Tem muitas falhas, mas foi importante, eu tenho acompanhado isso, eu vejo como essas pessoas da comunidade, algumas delas até sem televisão porque alguns lugares nem tem luz elétrica, mesmo sabendo ler pouco, elas vão a biblioteca comunitária Arca das Letras e vão ler, mesmo soletrando, mas vai ler, ou até folhear pra ver figura, quer dizer, são vários tipos de leitura, é essa coisa da biblioteca que é fundamental, em todos os seus aspectos, comunitárias, não comunitárias, públicas, estaduais, federal. Agora, o gestor público ele tem por obrigação urgente, capacitar pessoal técnico para trabalhar nessas bibliotecas, não vejo necessidade que seja um bibliotecário formado numa universidade.

Pesquisadora: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

M.: *Eu acho que as bibliotecas públicas tem um grande papel na sociedade, elas estão aí, elas estão instaladas, eu tô fazendo uma pesquisa sobre bibliotecas públicas, passei numa cinquentena bibliotecas no interior do país, mas a situação delas é como eu estava falando, ela está lá, tem um acervozinho, as vezes, atende o aluno, a população mesmo, pouquíssimas freqüentam a biblioteca e o profissional da biblioteca, não é culpa dele, mas ele está ali porque ele está colocado*

por um favor, ou é um eleitor de um prefeito ou de um vereador, que está precisando de emprego, não tinha onde colocar, põe ele lá pra tomar conta daqueles livros, ele não sabe nada, porque ele não tem um treinamento, ele não tem uma capacitação, ele não sabe do que se trata, no máximo eles vão entregar o livro ali, não tem um mínimo de controle, não tem um mínimo de valorização. Eu te digo que entre as pequenas e médias cidades, ao menos do nordeste, porque no sul ainda não fui, não existe uma organização nessas bibliotecas, não existe um gestor, uma pessoa capacitada na biblioteca pra fazer sua gestão. As vezes você encontra uma biblioteca que serve para meia dúzia de senhoras e senhores da terceira idade, como eu, vão pra biblioteca jogar baralho ou fazer crochê, o que já é uma grande coisa, que é um ponto social, mas não está na proposta do PPP, vão lá espontaneamente. Então essa parte de informação, de cuidar, de ter responsabilidade com as bibliotecas públicas das pequenas e médias cidades do país... Tem um caso, não vou dizer a cidade não porque fica chato, uma cidade que fica às margens do Rio São Francisco, no interior de Minas Gerais, quase perto da Bahia, lá estando fui procurar a biblioteca pública, me informaram onde era a biblioteca pública, cheguei lá não era uma biblioteca pública, estava lá uma igreja evangélica, eu pergunto onde era a biblioteca pública uma senhora que estava lá me falou “eu não sei, o prefeito tirou uns livros que tinha aqui e levou pra prefeitura”, então eu vou até a prefeitura falar com uma pessoa, “olha, esses livros aqui foram mandados pra Universidade porque lá tem uma extensão da Universidade Estadual de Montes Claros”, eu falei “porque, Universidade é Universidade, biblioteca pública é outra coisa”, “ah não mas é que o prefeito é pastor evangélico e ele estava precisando fazer uma igreja e como não tinha espaço, e como ninguém freqüentava a biblioteca, ele achou que era muito mais útil fazer sua igreja evangélica do que ficar mantendo uma biblioteca ali, pagando as pessoas, gastando energia, e tal, então ele acabou”. Tudo bem, respeito a opinião dele como religioso evangélico mas acho que são duas coisas distintas, ele tem responsabilidade de manter uma biblioteca pública, e muitos exemplos como esse encontramos. Existe também casos fantásticos assim de pessoas, bibliotecárias, formadas, são pouquíssimas, em 254 municípios por onde eu passei no Nordeste eu encontrei, treze bibliotecárias formadas, uma tem um trabalho fantástico na Paraíba, mas é uma minoria, uma gota no oceano. Agora você pergunta a população está interessada? Às vezes ela nem sabe o que é a biblioteca, nem o que significa, nem pra

que lado fica. Não tem na sua pergunta aí mas eu vou acrescentar. E as bibliotecas escolares? Elas estão funcionando? Pela minha experiência em visitas em colégios, e uma pesquisa que fiz dentro da cidade do Rio de Janeiro, nos nobres bairros cariocas, na nobre cidade vizinha Niterói, sua cidade, as bibliotecas de colégios estão lá fechadas, confirmo porque eu fiz uma consultoria pras bibliotecas escolares dos colégios tradicionais públicos do Rio de Janeiro, não tô falando nem particular, públicos, Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro e peguei um colégio também de Niterói. As bibliotecas públicas estão fechadas, as bibliotecas escolares estão fechadas, e algumas cederam espaço para os telecentros, questão da moda, facilita e a demanda da juventude, da galera é Internet, mas a maioria estava lá, fechada, trancada. Uma delas que eu tinha que fazer uma avaliação a diretora não sabia onde tinham colocado a chave, nem deu pra fazer avaliação. Pega o acervo, tem acervo moderno nas bibliotecas escolares, pegando o exemplo aqui do Rio de Janeiro e de alguns casos do interior da Bahia? Não, o mais recente que eu vi foi uma Enciclopédia Barsa, de 1992, período do Governo Collor, tudo livro ultrapassado, não é nem livro raro, não caracteriza dessa forma, são livros que podem ser descartados, são livros didáticos, superados, livros de Educação Moral e Cívica, livros de Estudos Sociais, livros de Organização Social e Política do Brasil, livros da época do regime militar, que hoje não tem mais utilidade a não ser para um estudioso do assunto que vai analisar aquela educação daquele período, mas para utilização em sala de aula, para utilização daqueles alunos, não tem utilidade nenhuma. Outro exemplo bom de fracasso de bibliotecas escolares no Brasil foram as bibliotecas dos CIEPS, que fracassaram, os Brizolões, foi tentado enquanto teve a gestão do Brizola, funcionava, bem ou mal, funcionava, tinha uma professora, não precisava ser uma bibliotecária formada, tinha uma professora que orientava os meninos pra leitura, quando saiu o Brizola que entrou o seu sucessor, horrível, ele fechou as bibliotecas e mudou totalmente a estrutura educacional dos CIEPs. As escolas particulares, será que tem compromisso também com as bibliotecas? Isso aí eu tenho as minhas dúvidas, eu tenho algumas experiências positivas, mas a maioria negativas, de escolas particulares menores, de pessoal mais pobre. Essas escolas, no interior principalmente, tem o acervo precário, não tem o mínimo interesse por bibliotecas, os professores também não, porque normalmente os professores das escolas privadas do meio rural, do interior do país, são os mesmos professores da rede pública, portanto, se eles não tem formação em uma

não tem na outra, as vezes se interessa mais porque ele é cobrado pelo dono da escola a se dedicar mais, mas em termos de formação não tem e as bibliotecas também são muito carentes, deixam muito a desejar.

Pesquisadora: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

M.: *Vou recuperar um pouquinho, ao ano que você nasceu, em 72, depois que eu me formei, tardiamente, em História na USP, e depois que eu passei por aquelas dificuldades na vida, eu consegui umas aulas, quer dizer, eu já dava aula, como aluno, sempre dei aula, passei uns dez anos dando aula enquanto estudante, na rede pública, mas não era concursado, depois também não fui concursado, mas eu consegui umas aulas numa cidadezinha no interior [de um Estado do Sudeste], eu fui dar aula nessa cidade, aliás quando eu fui preso, eu estava lá. Cheguei lá, um colegozinho muito legal, um grupo de alunos muito bom, hoje tem alguns médicos que foram meus alunos naquela época, uma menina que é psiquiatra, que foi minha aluna, e encontrei um grupo de alunos lá, perdido no meio do mato na floresta tropical, interessados em ler, fizemos um trabalhozinho legal, uma diretora, embora estivéssemos no período de ditadura militar, mas uma professora muito dedicada, ela tinha sido professora do colégio vocacional [na capital daquele Estado] que fechou também com o movimento militar, e essa professora diretora ela tava lá e a gente teve uma boa amizade e ela se interessou e nós começamos a fazer uma pequena biblioteca na escola, fazer grupos de estudos, fazer jogral, gente jovem, interessada ainda, aquela energia, foi legal. Mas não existia uma biblioteca pública naquela cidadezinha, eu ia pra [capital], porque ainda estava fazendo faculdade e quando eu saía da faculdade e ia pra cidade, eu passava nas livrarias, editoras e via livros pra cidade, peguei uma credencial do prefeito, o prefeito era até boa gente, até que ele descobriu que eu fui preso, aí ele não quis mais saber, mas ele me deu uma credencial e eu ia nas editoras e pegava livro e levava pra lá. Ele cedeu também uma casinha, era quarto, sala, um banheirozinho, um quintalzinho, com as estantes, nós começamos a fazer essa biblioteca, foi a primeira experiência de biblioteca que eu tive, e com a participação desses meninos, desses alunos da oitava série, montamos a biblioteca, ficou bonitinha, a gente fazia reuniões lá final de semana, fazia festinha, fazia aniversário, funcionou legalzinho, essa foi a minha primeira experiência. Foi frustrante porque depois que eu saí de lá, uns anos depois, que encontrei com os alunos e eles falaram que aquilo tinha sido totalmente*

mudado, o outro prefeito que entrou tirou os livros, jogou fora, a casa tinha se transformado, pelo menos a casa não foi tão esculhambada porque se transformou numa escolinha lá, pelo menos a casa foi aproveitada. Aí depois, muito tempo, fiquei juntando livro, juntando livro, mas ainda não tinha pensado em biblioteca comunitária, não existia nem aquela coisa de biblioteca comunitária e tal, mas eu tinha um trabalho com um pessoal, em algumas comunidades e numa outra cidade do interior, com trabalho social, trabalho de projetos sociais em formação e capacitação de jovens em artesanato mineral e nesse projeto tinha como anexo o livro, sempre a biblioteca. Depois disso aí deu um estalo, estalo não, tem algumas coisas positivas em alguns governos, em 2001, no Governo do Fernando Henrique, cria-se um programa chamado Programa da Sociedade da Informação e nessa época eu trabalhava no IBICT e lá é o berço dos bibliotecários, das suas colegas, e nós nos envolvemos nesse projeto que era realmente encantador, para criar seis mil bibliotecas comunitárias no Brasil e seis mil bibliotecas públicas no Brasil, em todos os municípios, ora, aí eu me entusiasmei, fiquei trabalhando dedicado quase que um ano somente pra esse projeto junto com outras colegas, fazendo levantamento, a Internet estava nascendo, a ideia era fazer essas bibliotecas atreladas à Internet, tinha um dinheiro solto, beleza, que era dinheiro daquele fundo de telefonia celular, que estava no começo mas já tinha muito dinheiro, que é um por cento líquido do lucro da telefonia celular, vai pra esse fundo, que tem como objetivo principal aplicar essa verba na parte social, cultural e de leitura. Nós recebemos ainda vinte mil projetos do Brasil inteiro, enchemos um andar do Ministério da Cultura, selecionamos tudo, inúmeros projetos, nesse ambiente, nesse momento, eu tinha me separado da minha ex mulher, mas a casa estava insuportável eu não tinha mais onde andar, tinha muitos livros, aí eu tinha que mudar de apartamento, o que é que eu vou fazer, eu pensei aí me deu um estalo, eu vou fazer uma biblioteca comunitária onde eu nasci, dê no que der, os livros já estão pagos mesmo, já comprei, tá tudo aqui, eu não vou doar pras universidades não porque elas tem verba própria porque eu vou doar? Não vou doar pro Estado e também não vou vender pra sebo, porque sebo quer pagar uma ninharia e vender pelos olhos da cara. Aí eu fui pra [minha cidade natal] por problema de morte do meu irmão e lá eu conversando com meu sobrinho que era de menor ainda, estudava num colégio, ele falando que tinha encontrado uns livros no colégio que a diretora tinha jogado fora na calçada e ele pegou, levou pra casa, se interessou mesmo, era

da coleção *Os Pensadores*, e eu conversei com ele se ele toparia da gente fazer uma bibliotecazinha ali pra ele tomar conta, se ele quisesse levar pra frente, ele tinha um grupo de jovens na época, e ele topou. Aí eu comecei a fazer a biblioteca lá, primeiro na garagem de uma prima minha, alugada, as pessoas da comunidade não teve muito entusiasmo, eu fiz uma reunião com a comunidade, expliquei como era o interesse, o que significava uma biblioteca numa comunidade, nós organizamos uma outra reunião em Salvador, eu levei dez pessoas da comunidade pra participar dessa reunião [...], eles foram lá e continuamos, aí deslanchou um pouco a ideia da biblioteca. Eu contratei um caminhão pra levar a primeira leva, que era um cara de lá, um colega de infância, ele tinha um caminhão levou doze mil livros daqui. Esses livros chegaram lá no dia em que deu no *Jornal Nacional* que o acervo da biblioteca do Itamarati tinha sido roubado, e tinha uma senhora lá que não era a favor da biblioteca, no dia ela se posicionou ela foi coerente, ela achava que biblioteca não tinha importância nenhuma porque ninguém ia ler, que o máximo que a gente deveria ler era a bíblia, e quando ela viu aquele caminhão chegando, descarregando aquele mundo de livros, os jovens da comunidade empenhados em descarregar, pegar estante e tal, ela sai pelas casas, são umas oitocentas casas, dizendo que não freqüentem aquela biblioteca porque aquela biblioteca é do mal, ela disse “essa noite lá, na televisão, vocês viram, e olha aqui, tal livro”, isso era o marido dela, que era até parente meu, botou na cabeça dela, que aqueles livros eram roubados, alguns levaram em consideração outros não, o padre levou, levou muito, o padre velho nunca foi favorável a essa biblioteca lá, o padre tinha outros motivos, não era só o problema do livro roubado, é que tinha muita coisa obscena, que eles chamavam imoral, o que ele chamava de imoral era a coleção de Jorge Amado e por coincidência nesse mesmo ano o vestibular da Universidade Federal [do Estado], tinha como leitura obrigatória *Dona Flor e seus dois maridos*, e eles leram, a garotada que terminou o colégio que ia fazer vestibular, alguns passaram outros não, eles leram, eles disputavam a tapa o livro e pro padre aquilo ali era uma imoralidade, além do livro tinha o vídeo, também passava cinema. Fizemos teve esse início, os primeiros freqüentadores foram os meninos das escolas, das escolas de lá e das escolas vizinhas, como até hoje, e aí vem e vem crescendo. Depois eu comprei uma casa, comprei mais duas casas, construí mais no fundo, mandei a outra parte dos livros pra lá, que eu consegui o apoio da Viação Itapemirim, e sempre indo lá e chamando a comunidade pra vim pra biblioteca e meu

sobrinho também, mas há uma certa reação da comunidade, de setores da comunidade. Hoje está muito melhor, já tem muito mais frequência por parte da população adulta da comunidade e da vizinhança, mas no início foi difícil. E aí tem um parênteses, embora eu chame de biblioteca comunitária não é a minha concepção de biblioteca comunitária, a ideia pra mim de biblioteca comunitária é aquela iniciativa que nasce de baixo pra cima, isso aí não, eu tentei estimular, tentei, tentei, até hoje eu estímulo. Voltando ao acervo, aqui na Universidade, alunas minhas e alunos, sabendo da história começou, tanto aqui na Universidade Federal onde eu dava aula, ainda dou, quanto na Universidade [particular], começou a surgir a ideia de que eu estava fazendo essa biblioteca e começou a chover doação de livros, de todo tipo de livros. Eu fui juntando, juntando, juntando, o meu apartamento virou novamente outro depósito de livros, eu consegui duas vezes com a Itapemirim transporte pra lá e quando foi cinco anos depois, eu estando lá, numa festa de São João, eu chego pra comunidade e falo “vamos transformar isso aqui numa organização, numa associação oficial onde a gente possa conseguir recurso”. Aí fizemos assembléia, nesse dia tinha até bastante gente, umas cem pessoas, foi legal, discutimos, a diretoria, mandamos o documento lá pra registrar, registrou como OSCIP, consultei alguns advogados, e a partir daí nós começamos a apresentar projetos nas instituições financeiras. Logo conseguimos um telecentro que hoje está totalmente obsoleto, na época tinha seis computadores funcionando, hoje só tem um, eles não fizeram manutenção, nós agora estamos tentando recuperar isso com outras organizações, fizemos projetos pro Ministério da Cultura, conseguimos Ponto de Leitura, conseguimos Ponto de Cultura, fizemos projeto pro Ministério do Meio Ambiente, nós ganhamos o kit, o projeto Sala Verde do Ministério do Meio Ambiente, que eles não dão recursos financeiros mas eles dão apoio logístico, estantes, livros, tapetinho, bancos, pufs, essas coisas, apresentamos projeto pra fazer curso de contadores de história, aproveitando as pessoas mais velhas pra contar história, pra passar lá pras crianças, conseguimos um primeiro projeto desse aí, foi com o Banco do Nordeste, que foi um projeto de mil e novecentos reais, mas que deu pra fazer um cursinho legal, depois conseguimos outro projeto também do Banco do Nordeste pra capacitação de professores pro meio rural, porque naquela região o índice de analfabetismo é o maior [daquele Estado do Nordeste], a média do território, porque lá está dividido em território, é de 52%, o município onde esta a biblioteca é um dos menos

graves mas ainda está 36%, mas tem municípios lá que chegam até 78% de analfabetismo. E o que é precário também é o índice de desenvolvimento da educação básica, e a formação de professores que é precaríssima. Nós conseguimos um projeto pra capacitação de professores, fizemos o projeto de um ano, capacitamos trinta professores, aí passei a ser caçador de edital na Internet, mandava editais pra vários locais, um deles foi pro HSBC Brasil Foundation, eles tem uma fundação que fica aqui no Rio de Janeiro, um edital pra capacitação de professores de ensino fundamental no meio rural, foi um projeto grande, foram três anos mas está dando pra fazer em quatro anos, estamos aí completando uma média de, ou noventa ou cento e trinta, professores em capacitação ainda, todo baseado na metodologia do Paulo Freire, isso deu vida e reconhecimento à biblioteca, e aí botamos Internet, conseguimos a antena, com muita luta, tivemos até que envolver as crianças com abaixo assinado pra mandar pro Ministério da Comunicação, solicitando antena pra comunidade, apresentamos dois projetos de preservação de acervo pro BNDES, ganhamos, e estamos ainda completando uma parte da restauração do acervo, e parcerias com outra associação, essa semana fizemos quatro semanas de popularização da ciência, com palestra, consegui pessoas daqui do Rio de Janeiro, Brasília, Salvador que foram falar lá sobre popularização da ciência, aí tem um projetinho feito pela própria comunidade, fizemos um projeto de ateliê de tecido feito pelo pessoal da própria comunidade, a galera lá teve a iniciativa e criou dentro da biblioteca uma Associação Atlética, aí juntaram lá um dinheirinho fizeram a compra de alguma coisa, eu ajudei em alguma coisa e eles estão lá interessadíssimos, isso aí é mais recente, tanto o masculino pro futebol como o feminino basquete. Começou a correr a notícia pra outros lugares, oferta de doação, quando a filha de Mindlin, ela soube da história através de uma professora amiga minha, da biblioteca, e tinha um material lá da biblioteca do Mindlin que ela doou pra gente, que é um material excelente, não é o filé mignon da biblioteca, mas é um material bom, um professor que foi meu professor, fiquei muito amigo dele, ele doou também quinhentos livros pra biblioteca, eu compro muitos livros também considerados raros, e principalmente leitura infante juvenil. A PUC do Rio de Janeiro doou também muitos livros bons de literatura, de educação, tem alguma coisa de religião, mas literatura infante juvenil, o Colégio de Aplicação da UFRJ, doa muita duplicata de livro infante juvenil, agora mesmo estou com cinco mil livros que eles entregaram ontem aqui. E pessoas que oferecem

livro, muita gente pra se livrar, pra desovar mesmo, teve um caso de deixarem dez caixas aqui na garagem do prédio e fui ver um por um consegui salvar dois livros, que era um dicionário escolar do MEC antigo e um Atlas escolar que dá pra aproveitar. Tem muita gente que quer doar mas tem que tomar um certo cuidado, porque são livros rasgados, rabiscados, ultrapassados, livros de auto ajuda, não tenho nada contra as pessoas quiserem fazer sua auto ajuda, mas eu não quero, eu tenho que manter um certo padrão da biblioteca. Então, a biblioteca lá está dividida em quatro divisões, tem os livros clássicos, que a maioria eram livros meus e doações dessas pessoas, onde tem uma boa parte de livros raros especiais, uma média de quatro, cinco mil livros raros e especiais, tem os livros didáticos tradicionais que o aluno vai lá procurar, tem muita, muita mesmo, porque eu tenho mania de juntar, eu cheguei a ter vinte e seis assinaturas de revista, que é coisa de maluco, agora não tenho nenhuma mas a biblioteca tem quatro assinaturas de revistas que são muito lidas, e tem um acervo de revista muito bom, rico de revistas boas, só pra dar um exemplo, acho que você nem chegou a conhecer porque quando ela surgiu você não era nem nascida, a revista Realidade, eu tenho a coleção completa, tenho coleções de jornais completas, tenho mais de, se eu for contar jornais cortados, colados e amarrados em pacotes, eu acho que eu tenho mais ou menos cinqüenta mil recortes de vários jornais, do Rio de Janeiro, Bahia, São Paulo e dos outros lugares que eu viajo, então o acervo está muito bom, muito rico. Hoje, com essas doações que eu tenho recebido nós já calculamos, fizemos uma média, já está se aproximando de cem mil títulos só de livros, e a partir daí, de dois anos atrás, nós criamos em outras comunidades da região, outras pequenas bibliotecas, fizemos uma parceria com programa Arca das Letras, e hoje nós temos uma redezinha de bibliotecas, de nove bibliotecas, dez com a biblioteca [da cidade], tipo a biblioteca central, e dessas nove, uma não está funcionando, a gente vai ver agora em junho o que vai fazer com ela.

Pesquisadora: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

M.: *Serviço é basicamente o serviço de leitura, as atividades culturais, que são feitas dentro dessas bibliotecas, principalmente a da [minha cidade] porque as outras ainda são pequenas, mas ainda não tivemos de dar um suporte melhor nessas bibliotecas mas basicamente leitura, fundamental leitura, capacitação de professores que é uma meta nossa, contribuir com a melhoria do nível dos professores que é muito baixo,*

muito ruim, muito mal formado, sobretudo com o advento da educação a distância, que se ela não for muito bem trabalhada ela é complicada, e a gente tem dado essa contribuição, com essa formação com esse apoio desses projetos. Atividades culturais dentro da biblioteca, principalmente com crianças, cinema, eles fazem pecinhas teatrais, joguinhos, tem muitos jogos, tem por volta de dois mil joguinhos chamados pedagógicos, educativos, de madeiras, não esses jogos mortíferos, como chama isso, esses jogos mecânicos aí. Cinema é básico, não esta tendo todos os dias porque a pessoa que toma conta está estudando final de semana, então está faltando gente pra fazer a projeção no final de semana, mas tem sempre, uma vez por mês, tem a projeção de um filme e o pessoal vai, não muito porque tem a televisão mas sempre vai. Esses jogos, eu acho esses joguinhos pedagógicos pras crianças, tem ajudado muito, muita coisa voltada pra linguagem, montagem, essas coisas, esse é um tipo de serviço que está embutido aí a questão da aprendizagem. Segundo os dados que eu tive, porque nós não temos um apoio assim da prefeitura, mas nós temos um bom relacionamento com a secretária, segundo a secretária da educação, lá do município, ela me falou há uns três meses atrás, que na avaliação que foi feita da educação no Município, povoado que aparece disparado em melhoria do ensino é lá o [da minha cidade]. Ela atribui, ela mesma atribui, não sou eu que estou atribuindo, embora eu concorde, ela atribui isso à biblioteca, que é lógico, a criança sai de casa, tá ali perto aí passa na biblioteca vai ler uma história em quadrinho, vai ler um livrinho, vai ler isso, vai ler aquilo, ele tem um desempenho muito bom. A gente faz gincana também de leitura oferecendo prêmios, quem tira o primeiro lugar ganha um premiozinho, a gente tem a dificuldade de transporte então fica sendo somente pro pessoal daquela comunidade. Pro pessoal adulto ainda é uma coisa, não tem ainda essa presença forte na biblioteca, ainda é pouco, é pouco, professores também, embora eles façam o curso lá, eles tem uma reação à leitura, não à biblioteca, à leitura de modo geral, é um fenômeno que acontece em todo Brasil, mas está melhorando, aos pouquinhos mas está melhorando. Outra vantagem também da biblioteca, um serviço que trouxe benefício, não pra biblioteca em si, mas indiretamente sim, é que vários alunos jovens terminavam o ensino médio e como não tinham condições de ir pra uma cidade grande pra fazer um preparatório, eles vão pra lá final de semana, sábado, domingo, de noite e ficam lendo lá pra se preparar. E com isso já entraram alguns na Universidade Federal [do Estado], inclusive tive duas sobrinhas que entraram,

entraram estudando, que elas vem de uma escola pública, ruim, do meio rural, elas se esforçaram, não fizeram cursinho porque não tinham condições, e as duas entraram na Universidade Federal [do Estado] uma em biologia e outra em psicologia, teve outro menino, na Universidade Federal [do Estado] são quatro, entraram dois ou três na Universidade Federal de [outro Estado do Nordeste], que é mais ou menos perto, na Universidade Estadual, e nas faculdades particulares, mas isso aí não é grande mérito porque as pessoas passam facilmente, mas isso pra mim eu registro como um bom resultado de um bom serviço oferecido pela biblioteca para a comunidade. Nós temos lá um curso, eu comprei mas está lá pra eles, um curso de pré-vestibular completo, que é de um pessoal de São Paulo, de um curso universitário, eu estava em São Paulo vi na Livraria Cultura, vi isso aí, comprei, e está lá, eles estão usando. E pra concurso publico também eles estão usando muito a biblioteca pra se preparar pra concurso público, alguns já passaram, outros estão esperando resultado. E a biblioteca comunitária se ela for realmente comunitária e não for a biblioteca só do indivíduo, ela tem essa função, o papel dela é este. Por exemplo, na comunidade querem discutir o problema da escola, elas podem se reunir lá e discutir. A biblioteca também oferece serviço pras pessoas que não sabem ler, eu não gosto da palavra analfabeto não, quando precisar de tirar um documento, é coisa de cidadania mesmo, questão de cidadania, a gente vai lá, orienta, tira o documento dele, encaminha, sem pagar nada. A mensalidade que está há cinco anos, por um real, quem quiser pagar paga, a gente só tem tomado cuidado com relação ao empréstimo de livros, até porque nós baixamos agora o Biblivre, o Biblivre é muito bom porque tinha mania da pessoa pegar o livro e não devolver, até aqui mesmo, dentro da Universidade a gente vê isso, e as vezes tem outras pessoas que querem ler aquele livro, e livro lá não é fácil não é igual a Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Florianópolis, grandes cidades, se não tiver o livro na biblioteca vai na livraria, lá não tem, sair dali e ir pra outra biblioteca não vai encontrar o livro também, além de ser longe. Aí nós estipulamos lá a multa, cinqüenta centavos por dia, isso era com o sentido de obrigar naquele dia que venceu o prazo, recebe o livro por um mês, em um mês dá pra ler, ele pode renovar também, se tiver alguém na fila pra ler um livro, não renova, passa pra outra pessoa, deixa o nome dele ali, como as bibliotecas universitárias fazem aqui, é o mesmo modelo. Pra evitar essa coisa de não entregar, o Biblivre é muito bom, porque ele marca tudo isto, ele é do IBICT, olha, foi um retorno ótimo, muita gente

começou a devolver. Tinha um professor que estava com o livro há um ano e oito meses a gente até abonou a multa porque, coitado, é o salário dele, a gente não faz isso pra castigar não, embora alguns até que merecem... E foi surgindo a ideia, a história foi a seguinte, o filho de um amigo meu em Salvador, ele tinha um blog, o garoto, aí o pai dele tinha conhecimento dessa biblioteca que eu montei e ele passou o meu endereço pro filho dele e ele entrou em contato comigo, rapaz, com aquela entrevista, o Jô Soares tomou conhecimento, e entraram em contato comigo e eu fiz uma entrevista no Jô Soares, a partir dessa entrevista, o Estadão toma conhecimento aí como nós fizemos lá, a biblioteca organizou a semana do Antonio Conselheiro, porque a cidade, a sede do Município foi o lugar onde Antonio Conselheiro foi expulso e provocou a Guerra de Canudos, e nunca havia sido feito nada sobre isso, aí eu resolvi na data de aniversário da expulsão que está lá no Os Sertões de Euclides da Cunha, fazer essa semana e convidei a Professora Valnice Galvão, que é da USP, que foi por conta própria, convidei o Professor Francisco Fust, que na época estava no Estadão, o Estadão autorizou que eles fizessem uma matéria, saiu uma matéria de página inteira, a Valnice Galvão fez palestra, o cineasta Antonio Olavo de Salvador, um autor que fez vários filmes sobre Canudos, foi lá deu a palestra e passamos filmes também e foi interessantíssimo, porque a maioria das pessoas neste evento são as pessoas que vieram da roça pra esse evento de noite, eles não conheciam filme, ficaram encantadíssimos com o cinema, porque nem sempre o cinema parece com a televisão, sempre tem coisa diferente. Um grupo de teatro da roça montou uma peça sobre a vida de Conselheiro a partir da literatura de cordel, que foi uma gracinha, todos os meninos que moram na roça, eles fizeram tudo e apresentaram duas vezes. Um grupo de jovens, de adolescentes, fizeram a parte de música, show. Um outro cineasta de Salvador foi lá e apresentou um filme sobre os vaqueiros de Canudos, sei que foi a programação de uma semana intensa. A gente já tinha pensado em outros eventos, a biblioteca já tinha feito dois eventos sobre a semana de popularização da ciência, que nós convidamos pessoas daqui do Rio de Janeiro, de órgãos públicos, até pra baratear a despesa, e eles foram por conta dos órgãos públicos pra falar da popularização da ciência, o papel da ciência, isso sempre com projeção de filmes, projeção de vídeos, divulgação na imprensa e numa dessa a Rede Globo tomou conhecimento através da imprensa e mandou fazer uma matéria que foi muito legal que está na Rede Brasil de Bibliotecas Comunitárias, e aí bombou, foi indo. Agora como estou aposentado, eu

estou dedicado lá em ampliar essa rede porque ficar num só lugar, não, é preciso ampliar, é preciso trabalhar, a luta é dura, no interior é muito mais difícil que nas grandes cidades, questão de mobilidade social, questão de movimentos, da vida mesmo, da cultura social de relacionamento é diferente do interior, aqui já são um pouco mais estimulados pra leitura, lá nós estamos querendo fazer isso. Tem Internet lá na biblioteca que nós conseguimos, nós não temos falta de computadores porque o problema é manutenção, é difícil, os computadores do telecentro não teve um acompanhamento por parte do Serpro, de manutenção e nós também não tivemos dinheiro, mas agora a gente está entrando em contato com outro órgão chamado Casa Digital e vamos ver se este órgão dá um apoio pra gente botar uns vinte computadores na biblioteca, e também nas outras bibliotecas comunitárias também, naquelas comunidades que tem luz elétrica e um pouquinho de segurança, porque também está havendo grande problema de assalto, graças a Deus a biblioteca lá nunca foi assaltada não, mas casas vizinhas já foram. Agora nós temos três metas pra cumprir esse ano, no dia 16 de julho, se você quiser ir será um prazer, uma festa julina, pra homenagear dois velhos pioneiros, auto didatas, sanfoneiros, que tinha lá, são quatro sanfoneiros tocando pout pourri de baião de Luiz Gonzaga, no dia 16 foi o dia que a música de Luiz Gonzaga, o baião, que na realidade foi responsável pelo sucesso do baião nas décadas de 50 e 60, foi lançada aqui no Rio de Janeiro, então a gente vai fazer uma tripla homenagem, aos dois sanfoneiros mais o ritmo baião de Luiz Gonzaga. Esse ano ainda a gente pretende fazer mais uma semana de popularização da ciência, sendo que o tema desse ano vai ser a química, e a química tem um segmento, é a química na agricultura, cai como uma luva porque lá a produção é agrícola. Vou fazer um parênteses aqui, agora no dia 8 de maio nós fizemos com as crianças, cinco meninas, lendo um texto sobre o Dia Internacional da Mulher, foi a única manifestação que teve naquela região, com as meninas lendo um texto sobre o dia internacional da mulher e os cem anos de nascimento de Maria Bonita, mulher de Lampião. E o ano que vem no dia 20 de agosto a gente está pensando em fazer um seminário sobre a passagem de Lampião por lá, que está completando 80 anos, e quinta feira eu fui participar de uma palestra na Academia Brasileira de Letras que era a neta do Lampião que estava falando, eu já combinei com ela, já trocamos e-mails e nós vamos fazer um evento lá com ela e com mais dois pesquisadores de Cangaço no Brasil, que é um do Piauí, um médico do Piauí e um especialista de Pernambuco, Ulisses

Pernambucano de Melo, faríamos ali uma mesa redonda, ou na biblioteca, ou no colégio, pra falar sobre o que foi Lampião, o que foi o Cangaço, tirar um pouco aquela coisa do cangaço ser visto somente como coisa de bandido, mostrar a diferença entre cangaço e jagunço, são coisas diferentes, essa coisa educativa, de esclarecimento, porque tem o estigma entre adultos e crianças, do Lampião ser bandido, na minha família tinha muito isso. No dia que Lampião passou por lá meu irmão nasceu e nasceu escondido porque meu pai levou minha mãe pro meio do mato porque tinha um estigma de que Lampião matava criança, então a gente está pensando em fazer isso, vamos ver se a gente consegue apoio desses órgãos, bibliografia sobre o assunto não falta, eu tenho sempre gostei de colecionar, tenho uma média de mil, mil e duzentos livros sobre o cangaço de fora geral, mas principalmente o Nordeste. E outra coisa é continuar batalhando por recurso pra investir na parte de formação e capacitação de professores, contação de história, brincadeiras educativas com crianças, tanto na biblioteca quanto na rede de biblioteca, sensibilizar o maior número de gente possível para essas pequenas bibliotecas, e mostrar pra eles que a biblioteca comunitária não está substituindo a biblioteca pública, que eles tem por obrigação reivindicar a biblioteca pública, ela tem que funcionar descentemente como uma biblioteca pública, não é porque tem uma biblioteca comunitária que não vai ter uma biblioteca pública, não, tem que ter as duas, a biblioteca comunitária é uma inspiração ou de um indivíduo ou de uma comunidade, ela não está ali pra substituir, e a outra coisa também nisso aí é que a gestão da biblioteca pública é diferente da biblioteca comunitária, na biblioteca pública você tem que ter um profissional formado na área pra atuar na biblioteca pública, na biblioteca comunitária não é necessário, é importante, mas não é necessário. Nós temos uma experiência lá que tem um rapaz, que agora está terminando Letras, ele gostaria de ter feito biblioteconomia, mas não fez, mas ele fez cursinho de especialização em biblioteconomia, é ele que está tocando o Biblivre, e ele tem um conhecimento de biblioteconomia que ele pode discutir muito bem o básico, como ele já discutiu com algumas professoras que ficaram encantadas com o conhecimento que ele já adquiriu sobre catalogação e classificação. Na biblioteca comunitária, se não tiver a pessoa especializada não é o problema fundamental, o problema fundamental da biblioteca comunitária é social, ela tem que atender a comunidade, isso na biblioteca pública é importante, é fundamental, tem que ter uma pessoa lá pra fazer isso, um técnico. Um gestor público tem a responsabilidade

de manter a biblioteca com um bom acervo, com atividades, pode ser as mesmas atividades da biblioteca comunitária, pode ter parceria com as bibliotecas comunitárias, com outras comunidades, pode ter tudo isso, precisa o gestor ter a cabeça aberta pra saber fazer as coisas.

Pesquisadora: Fique à vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

M.: *Eu já falei muita coisa, esgotar eu não esgotei não. Outra coisa que a gente podia falar, não sei se você tocou no assunto, talvez não seja o caso, uma coisa que eu toquei antes, que eu acho que o problema das bibliotecas públicas hoje é mais um problema de gestão que de acervo, é claro que o acervo vai precisar renovar, a infra estrutura vai precisar mudar muito, melhorar muito, agora, precisa de gente comprometida pra fazer o trabalho e o gestor, a biblioteca pública, ela não pode ser vista como uma repartição qualquer, chegar seis horas da tarde e fechar, isso não pode, biblioteca pública tem que ficar aberta até dez horas, porque você tem pessoas que não tem tempo de ir durante o dia na biblioteca, ele pode ir de noite. Agora, qual é a justificativa do gestor? Eu estou gastando muito com pessoa, com energia, com isso, aquilo e aquilo outro, uma pessoa às vezes não atende ninguém... Isso não é problema, tem dinheiro pra isso, o cidadão paga imposto e o imposto deve ser devolvido nesse caso em cultura, se vai só uma pessoa, faz uma campanha de esclarecimento para sensibilizar as pessoas para irem à biblioteca, faz uma campanha dentro da escola, não fazem esses shows com não sei quem lá, essas duplas sertanejas? Porque não fazem uma campanha pra estimular as pessoas a lerem? Agora mesmo na semana da programação educacional, o prefeito, dizem, parece que é verdade, o prefeito pagou oitenta mil reais pra um cara dar uma palestra pro cara não falar nada, eu assisti a palestra, de uma hora e meia sobre planejamento educacional, oitenta mil reais, eu falei, “olha isso aí eu fazia de graça, conheço relativamente bem o assunto, fazia de graça, aplica esse dinheiro em outra coisa”, mas é aquela coisa tem que fazer a coisa palociana, tem que aparecer muito dinheiro, tem que ser uma coisa bacana, conteúdo não importa mas a fachada é importante que tenha, então, não tem importância pra eles e isso vai ser difícil mudar, lamentavelmente.*

**APÊNDICE E – Instrumento e tabulação dos discursos dos líderes
de bibliotecas comunitárias: utilização do DSC**

Pergunta 1: Fale livremente sobre a sua vivência cultural na infância e adolescência

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	<p>Não gostava de ler</p> <p>Escola – Primeiro grau</p>	<p><i>nem na minha infância nem na adolescência eu gostava muito de ler não, mas fiz até o primeiro grau</i></p>
B	<p>Frequentou boas escolas</p> <p>Morou em grande centro urbano</p> <p>Escola - espaço de vivência cultural</p> <p>Vivenciou diversas tradições culturais</p> <p>Fez intercâmbios</p> <p>Estudou inglês</p> <p>Mãe – incentivo para viagens</p> <p>Acesso aos livros</p> <p>Acesso a recursos culturais</p>	<p><i>[...] eu tive acesso à educação [...] Frequentei boas escolas aqui [da cidade, capital de um estado da região Sudeste], tive um acesso à cultura e ao universo cultural que normalmente a escola te apresenta.</i></p> <p><i>[...] na minha família eu acho que eu já tive o contato desde a infância com diferentes tradições culturais brasileiras [...]</i></p> <p><i>[...] tive oportunidade também de fazer alguns intercâmbios [...] desde pequena, [...] eu comecei a estudar inglês [...] acabei indo com uma turma da escola pra um acampamento com 13 anos, [...] em Cuba [...] crianças [...] de vários países do mundo ficavam convivendo [...] aquilo me abriu a cabeça [...].Depois eu me inscrevi, eu tava sempre atrás disso, [...]um programa também pra cultura da paz, para as crianças do mundo inteiro conhecerem as diferentes culturas e eu fui selecionada pra receber uma alemã na minha casa, depois eu pude ir e passar um mês na casa dessa alemã.</i></p>

		<p><i>[...] acho que minha mãe incentivou muito essa busca [...]veio de uma família humilde mas ela ganhou uma bolsa para morar nos Estados Unidos quando ela tinha 18 anos, então, ela tinha essa marca na formação dela que ela achava muito valiosa[...].</i></p> <p><i>[...] o meu primeiro passaporte pro universo, pra diversidade cultural do mundo, foram os livros. [...]</i></p> <p><i>Acho que essa coisa da diversidade cultural do mundo eu tive oportunidade de ver que ela era muito rica desde pequena e sempre também tinha muita curiosidade por isso [...] tive [...] bastante recurso cultural a minha volta.</i></p>
C	<p>Televisão</p> <p>Dificuldade de acesso aos meios de comunicação</p> <p>Rádio</p> <p>Horário político</p> <p>Cinema</p> <p>Conversas com pessoas mais velhas</p> <p>Comunidade – sem acesso a bens culturais</p>	<p><i>A minha vivência cultural teve como principal fonte cultural a televisão [...]</i></p> <p><i>Eu adorava quando chegava semana santa porque era a única vez que eu lia jornal, porque o peixe vinha enrolado no jornal, eu esperava a semana santa não pelo peixe, mas pelo jornal [...]</i></p> <p><i>O rádio também, eu sempre gostei muito de rádio, [...]</i></p> <p><i>Quando eu era moleque não tinha essas rádios de notícia o dia todo, mas eu ficava ligado nos plantões [...]</i></p> <p><i>Eu via horário político, [...] quando tava todo mundo brincando eu tava vendo propaganda eleitoral, e as outras pessoas, mais velhas, que eu buscava uma coisa aqui outra ali, [...]</i></p> <p><i>[...] assistir os Trapalhões no cinema [...]</i></p>

	Igreja católica e protestante - espaço de vivência cultural	<i>Foi muito limitado até porque a comunidade onde eu moro até hoje não tinha nenhuma oferta, nenhum aparelho cultural, na verdade oficialmente não tem nenhum até hoje do poder público, então não tive uma fonte muito rica cultural. Tive essa vivência católico protestante aqui [...] é uma influência muito grande nessa ideia de cultura [...]</i>
D	Família com baixa escolarização Pouca leitura na infância Leitura na adolescência Fugiu da escola	<i>[...] meus pais só estudaram até a quarta série, eu sou a primeira filha realmente a ter um nível superior, meus irmãos só foram até o secundário [...] na infância realmente eu li pouco, fugi da escola também, eu estudei pouco. [...] na adolescência foi que eu tomei paixão pela leitura.</i>
E	Comunidade - pouco acesso a bens culturais Zona rural Igreja católica - espaço de vivência cultural Festas Esporte Brincadeira de bola Mudança de cidade para fazer ensino médio	<i>Na minha infância eu tive poucos contatos culturais, [...] geralmente a tradição cultural da zona rural é ter uma igreja e fazer eventos festivos, arraiais e esportivos [...] [...] na adolescência participei de brincadeira de bola [...] [...] terminei o ensino fundamental na comunidade e não tinha o ensino médio, então tive que ir pra cidade pra concluir meus estudos lá, aí eu fui me envolvendo um pouco mais com relação a parte cultural, teatro, apresentações também, até mesmo na escola ajudou também um pouco, o gosto, o lado da arte [...]</i>

	Escola - espaço de desenvolvimento cultural	
F	Brincadeira na rua Cinema Futebol Gostava de ler Influência positiva do professor - desenvolvimento do gosto pela leitura Festas Danças	<i>Na infância, culturalmente, eu brinquei muito na rua [...] [...] freqüentei muito cinema, desde pequeno, sempre gostei muito de cinema, eu lembro que teve uma época, uns dois anos, eu ia todo domingo na matinê. Gosto muito de futebol, de assistir futebol, de jogar futebol [...] E a leitura é outra coisa que também eu tenho bastante freqüente, eu acho que tem muito a ver com o que uma professora da quarta série do primário fez, [...] era obrigado a pegar um livro pra semana [...] não era aquela coisa de fazer ficha de leitura nem nada, [...] e ali eu acho que foi o que me despertou. Leitura é uma coisa que eu sempre tô fazendo, [...] sempre fiz. [...] festas, danças [...]</i>
G	Brincadeira na rua Papagaio Brincadeira de bola Capoeira Futebol Trabalhava quando criança	<i>Quando eu era moleque eu gostava muito de rua, de papagaio, de bola. E o que mais me chamava atenção era capoeira e futebol. Quando eu trabalhava no comércio com meu pai, pra ajudar, o futebol acontecia de quatro às seis da manhã [...] pra não comprometer as atividades do dia. [...] a gente fazia aquela roda de crianças, [...] pra contar aquelas histórias de assombração [...]</i>

	<p>Ouvia histórias da avó e do pai</p> <p>Contava histórias com os amigos</p> <p>Brincadeiras regionais</p> <p>Festas juninas</p> <p>Viveu em comunidades interioranas</p> <p>Influência negativa do professor - desenvolvimento do gosto pela leitura</p> <p>Situações de vergonha sofridas na escola</p>	<p><i>minha vó tinha aquele costume, eu morava no interior, de apagar a lamparina, ou a vela e começava a contar as histórias de terror, de fantasmas, de visagem, de assombração [...] Acabei aprendendo algumas histórias com ela, [...] com meu pai e já na pré-adolescência com 12 anos a gente socializava, sentava aquele monte de menino e contava as histórias de visagem, de assombração, pra tentar fazer medo um ao outro.</i></p> <p><i>A gente se reunia pra brincar de pira, brincar de se esconde, de boca de forno[...] período de festa junina, brincar de quadrilha.</i></p> <p><i>Eu nasci no interior [da região Norte do país], vim com minha família [pra outro município da mesma região] eu tinha um ou dois anos de vida e acabei morando em alguns bairros e comunidades interioranas [...]</i></p> <p><i>[...] ao longo da vida algumas situações que me permitiram desenvolver esse interesse pela questão da leitura, pela biblioteca, pelo livro. Um desses principais foi [...] uma educação que eu tive na quarta série, onde as práticas que a minha professora trabalhava em sala de aula, hoje eu a julgo como prática punitiva de leitura, aquele momento em que o aluno ia pra frente no paredão, na frente do quadro negro e tinha que ler em forma de sentido, sentido militar, e se o aluno gaguejasse ou pulasse uma vírgula ou uma letra tomava</i></p>
--	--	---

		<p><i>uma reguada para que lesse com fluência, lesse perfeito, fosse bem, aquela figura exemplar na sala de aula, segundo as vontades da professora.[...] eu acabava sendo um tanto punido, as vezes até demais, na verdade todos os dias eu estava na parede da sala, cumprindo suspensão porque não havia feito uma boa leitura, por ter sorrido demais na sala de aula, então tudo era motivo pra ela punir.</i></p> <p><i>[...]eu lembro dessa cena, todo mundo enfileirado, um do lado do outro, uma programação da escola toda, quando a professora chamou o meu nome, deu um sorriso, chamou o nome do outro aluno que ia substituir o meu lugar na quarta série, aluno da terceira, ela disse que daquele indivíduo infelizmente ele não iria receber muitas coisas porque era baderneiro, achava que todo mundo era dentista, só vivia mostrando os dentes, bem na frente de todo mundo e que talvez eu nunca fosse terminar o ensino fundamental [...].</i></p>
H	<p>Brincadeira na rua</p> <p>Morava na casa da avó</p> <p>Brincadeira de bola</p> <p>Futebol</p> <p>Televisão</p>	<p><i>Na minha infância [...] Eu morava na casa da minha vó, [...] era uma rua de muito movimento, de muitas crianças, [...] eu brincava muito na rua [...]Era jogar bola [...] a gente brincava de polícia e ladrão, de se esconder, assistia um pouco de televisão, não lia muito, apesar de ter pessoas com nível de letramento na família alto, [...] eu não tinha livros em casa.</i></p>

Não tinha acesso a livros	<i>Aos sete anos aí eu viajei [pra uma cidade em outro Estado, em outra Região do País] [...] [Nesta cidade]</i>
Mudança para outra Região do País	<i>a gente não ia muito cinema, a gente não ia muito pra shows, pra teatro [...]</i>
Encontros familiares	<i>A agenda cultural era visitar a família, era churrasco na casa de Fulano, era passar as férias na casa da minha vó, [...] eu era fissurado por futebol, então era jogar bola, jogar bola e praia, tomar banho de mar, pescar siri...</i>
Banho de mar	<i>Na minha adolescência também jogava muito vídeo game, era uma cultura assim de dentro de casa mais, de brincar de boneco, lego, de montar lego, comandos em ação, [...]</i>
Pescaria	<i>[Nesta cidade] [...] eu não me relacionava muito bem com os meus amigos, tinha muito preconceito porque eu era nordestino, [...]</i>
Vídeo Game	<i>[...]teve um período [nesta cidade] que a gente passou por umas dificuldades [...]a grana que pegava, pagava aluguel, ficava pouco, não tinha como a gente ter acesso a bens culturais, eu também nem me ligava nessas histórias de biblioteca, literatura e tal.</i>
Jogos de montar	<i>[...] não tive uma adolescência de grandes amigos, grandes saídas. Isso eu tive quando eu voltei pra cá, quando eu tinha quatorze pra quinze anos, [...] a gente brincava muito no quintal, eu comecei a andar de skate, e aí eu comecei a assistir mais filmes na casa dos</i>
Bonecos	
Sofreu preconceito na adolescência	
Dificuldade financeira	
Não tinha acesso a bens culturais	
Fora de sua cidade natal, não tinha grandes amigos	
Retorno à cidade natal	
Skate	
Filmes na casa de amigos	

	<p>Conversas sobre filmes e livros</p> <p>Livros – desenvolvimento pessoal</p> <p>Envolvimento com grupos culturais</p> <p>Maracatu</p> <p>Rock'nroll</p> <p>Acesso a bens culturais</p> <p>Amigos que dispunham de bens culturais</p> <p>Frequentou escola pública e particular</p> <p>Dificuldade no aprendizado da escola particular</p> <p>Envolvimento com questões relacionadas ao livro, leitura e biblioteca</p> <p>Banda da pífanas</p>	<p><i>meus amigos, os meus amigos conversavam mais sobre livros, sobre filmes, [...]</i></p> <p><i>E aí um amigo meu me emprestou um livro do Pedro Bandeira chamado “Droga da Obediência”, foi o primeiro livro que eu peguei que eu li todo, quando eu peguei eu tinha 15 anos, muito bom [...]</i><i>Depois desse eu li a coleção inteira,[...]</i></p> <p><i>[...]comecei a me envolver também com grupos culturais [...]</i><i>comecei a ir pra ensaio de maracatu [...]</i><i>comecei a tocar o maracatu.</i></p> <p><i>Aí eu já ia pra um showzinho de rock'nroll, comecei a gostar de rock'nroll,[...]</i></p> <p><i>O acesso a bens culturais aqui, [...]</i><i>eu não precisei ir até eles, eles vinham até mim.</i></p> <p><i>Meu vizinho [...] me emprestava os livros, tinha outro amigo, um vizinho [...] que eles eram filhos de médicos, sempre estudaram em escolas super boas e eles tinham biblioteca em casa, tinham muitos livros em casa, [...]</i></p> <p><i>[...]no pré-vestibular, eu ingressei numa escola particular, e eu sempre estudei pelo menos a minha adolescência em escola pública, [...]</i><i>eu senti uma dificuldade imensa de acompanhar algumas disciplinas [...]</i></p> <p><i>[...]quando eu fiz pedagogia eu passei,[...] eu já tava muito mais certo do que eu queria,[...] já estava muito conectado com essas questões do livro, da leitura, das</i></p>
--	--	--

		<p><i>bibliotecas,[...] eu decidi fazer pedagogia porque eu achava que era aquilo que ia potencializar o meu conhecimento e eu já estava bastante envolvido com estratégias de mediação de leitura [...]</i></p> <p><i>[...]eu tinha uma banda de pífanas, [...]</i></p>
I	<p>Família de leitores</p> <p>Pai- atuante na vida cultural da cidade</p> <p>Acesso a livros</p> <p>Cinema</p> <p>Festas</p> <p>Shows</p> <p>Música</p> <p>Declamação</p> <p>Escola - espaço de vivência cultural</p> <p>Na infância, como seu pai, fazia um jornal</p> <p>Pai - fazia programa de rádio</p> <p>Casa com agito cultural</p> <p>Cidade com iniciativas culturais</p>	<p><i>Eu tenho o privilégio de ser de uma família de pai e mãe leitores, avós leitores.</i></p> <p><i>[...] meu pai era um homem que fazia vida cultural na cidadezinha que a gente morava. Livros não faltavam, coleções, revistas em quadrinhos, toda família leu revistas em quadrinhos, nada era proibido [...]</i></p> <p><i>E o meu pai fazia cine clube na cidade, fazia festas infantis e juvenis com shows, música, declamação.</i></p> <p><i>O meu colégio[...] tinha os concursos literários que a gente tinha que participar ou escrevendo, ou lendo, ou declamando, concurso de música [...]</i></p> <p><i>Então eu passei desde pequena até o fim do curso normal, fiz jornal, porque meu pai também fazia jornal [...] onde ele trabalhava. Meu pai fazia programa de rádio [...], foi presidente de um clube da cidade [...] minha casa era um agito cultural contínuo.</i></p> <p><i>A gente ia a shows [...] nós vimos meninas Elizete Cardoso cantando na casa de hóspedes, do outro lado da rua [...]</i></p> <p><i>[...] a vida cultural nossa não era</i></p>

	<p>Acesso a bens culturais</p> <p>Pai - trazia livros</p> <p>Colégio com boa biblioteca</p> <p>Gostava de ler</p> <p>Deu aula na adolescência</p> <p>Teve que mudar de cidade para fazer Faculdade</p>	<p><i>de sair, fazer viagens [...] as escolas não levavam e nem tínhamos recursos financeiros de família pra isso, mas tudo ia pra dentro de casa.</i></p> <p><i>[...] as revistas em quadrinho, [...] e todos os livros que saía, meu pai ia ao Rio uma vez por ano e trazia, e a gente lia tudo, tinha tudo [...]</i></p> <p><i>A biblioteca do colégio era muito boa, uma vez eu fiquei de castigo uma semana [...] Aí abriram a biblioteca, tiraram até os livros proibidos, porque eu já estava no normal, tinha uma ótima professora de português e eu fiz o jornal do mês, que a gente fazia o “Luzes do Sul”, nessa semana, eu fiquei na biblioteca de castigo [...], e eu fiz o jornal, li, li, li.</i></p> <p><i>[...]ainda normalista já dei aula pro primário, e livro e leitura já fazia parte da sala de aula.</i></p> <p><i>Depois vim pra [esta cidade] pra fazer Letras [...]</i></p>
J	<p>Pouco acesso a livros</p> <p>Gibi</p> <p>Fotonovela</p> <p>Gostava de ler</p> <p>Não houve incentivo para a leitura</p> <p>Lia de tudo, não era seletiva</p>	<p><i>[...] as primeiras imagens que eu tenho da época dos meus sete anos, [...] era eu com gibi e não sabia nem se a gente lia na vertical ou na horizontal.</i></p> <p><i>[...]Eu comecei a ler gibi, depois tem aquelas revistas de fotonovelas, [...] histórias de amor, e quando eu sabia que alguma moça da cidade tinha, eu ia lá e pedia emprestado.</i></p> <p><i>[...] foi inaugurada uma biblioteca na cidade, o exército esteve lá e inaugurou uma biblioteca pequenininha, e eu lia acho que todos os livros lá da biblioteca. Eu</i></p>

	<p>Casou na adolescência</p> <p>Mudou para uma cidade com mais acesso à leitura</p> <p>Teve acesso à escola</p>	<p><i>não fui incentivada por ninguém, foi um interesse natural meu, mas eu não era seletiva o que aparecesse na minha frente, jornal velho, poesia, o que aparecesse eu ia lendo.</i></p> <p><i>[...]casei com 15 anos [...] fui morar em uma cidade um pouco maior, [...] e aí já tinha mais acesso, já vendia revista... [...]</i></p> <p><i>[...]continuei a estudar, [...]Fiz Faculdade[...]</i></p>
K	<p>Não tinha acesso a bens culturais</p> <p>Alfabetização aos 16 anos</p>	<p><i>Minha infância praticamente não teve acesso a nenhum tipo de manifestação da arte. A arte pra mim começou a surgir a partir dos 18 anos quando eu li meu primeiro livro, como eu me alfabetizei aos 16 [...]</i></p>
L	<p>Nasceu no interior, tribo de índio</p> <p>Não tinha acesso a bens culturais</p>	<p><i>[...] nasci no Estado [da região Nordeste do país], na divisa [entre dois Estados desta região], tribo de índio [...]</i></p> <p><i>[...] Não tinha biblioteca, não tinha lazer, não tinha essas coisas, era uma cidade pequena, era tribo de índio [...]</i></p>
M	<p>Nasceu no interior</p> <p>Alfabetização em casa</p> <p>Trabalhava quando criança</p> <p>Curso supletivo com 20 anos</p>	<p><i>[...] eu nasci na roça, no interior [da região Nordeste], sertão [...]</i></p> <p><i>estudava numa escolinha rural, primeiro eu estudei até [...] terceiro ano, com minha irmã, ela alfabetizava a gente em casa, [...]</i></p> <p><i>[...] eu fiquei trabalhando, mesmo criança, com meu pai na roça e ajudando uma tia minha.</i></p> <p><i>Depois eu fui pra [uma grande cidade no Sudeste],[...] aí que eu fiz o curso em Madureza, [...] com vinte anos, vinte e um anos, [...]</i></p>

	Saiu de sua região para estudar e trabalhar	<i>estava trabalhando [...]</i>
--	---	---------------------------------

Pergunta 2: Qual o contexto social e econômico em que se desenvolveu?

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	Infância de baixa renda	<i>[...] quando eu era pequena, era meio precário, que eu me lembre, na infância, era dolorido.</i>
B	Família de classe média Pais escolarizados Família com quatro filhos Morava em bom condomínio Estudou em escola privada Convivência com pessoas de classe média a classe alta Pai – ascendência profissional Mãe – funcionária pública	<i>A minha vida na verdade acompanhou um pouco a trajetória profissional dos meus pais, do meu pai principalmente [...] era uma família de classe média [...] [...] sócio economicamente falando, meu pai conquistou muitas coisas hoje ele é de classe alta [...] A minha mãe era funcionária pública, [...] [...] os dois [...] tiveram quatro filhos, a gente morava num condomínio bacana, eu fui estudar numa escola que hoje é muito boa [...], super cara. [...] escola que tinha pessoas de classe alta até classe média. Eu não era das mais ricas, [...] eu não podia ter coisas que as pessoas tinham, mas ao mesmo tempo eu cabia naquela escola, de algum jeito, eu pertencia aquele grupo [...]</i>
C	Comunidade de baixa renda Comunidade com pouca infraestrutura	<i>A comunidade [...] tem uma característica, de pessoas que [...] trabalhavam em obra, serviço público, pessoas que tem um grau de instrução baixo, e a comunidade, em relação à infraestrutura</i>

	<p>Comunidade com baixo grau de instrução</p> <p>Comunidade com dificuldade de transporte</p> <p>Comunidade que passava fome</p> <p>Bar – referência para a comunidade</p> <p>Igreja – referência para a comunidade</p>	<p><i>também, não tinha quase atendimento nenhum.[...] O nível econômico sempre foi de baixa renda [...]</i></p> <p><i>[...]não tinha um ônibus direto [...], tinha que acordar cedo pra pegar um trem aqui em um bairro próximo, que saía quatro horas da manhã, então tinha que acordar três horas, ir andando devagarzinho todo mundo ia pra lá, a gente sempre viu pessoas passando fome aqui. Este bairro é um dos bairros mais pobres [da minha cidade] [...]</i></p> <p><i>[...]Saneamento básico foi feito ano passado, muito mal, e não em todas as ruas, iluminação, pavimentação, as escolas agora que estão começando a melhorar, [...] porque eu quando criança e adolescente não tive a estrutura que nós temos hoje [...]</i></p> <p><i>[...]a barraca e a igreja, [...] eram apenas as duas referências. Ou você ta na barraca enchendo a cara de cachaça, gastando tudo que você não tem, ou você tá numa igreja, buscando o sobrenatural [...]</i></p>
D	<p>Família de baixa renda</p> <p>Pais com baixa escolaridade</p> <p>Mãe – doméstica</p> <p>Pai – baixo rendimento econômico</p>	<p><i>A nossa família não tinha condições, [...] minha mãe trabalhava como doméstica, meu pai, [...] o rendimento dele era baixo, [...] nós somos seis, e eu comecei a trabalhar cedo, já com 13 anos mais ou menos, em casa de família pra poder ajudar.</i></p> <p><i>[...] parei de estudar, até 18 anos ainda tentei, engrenei tentar pelo menos acabar o primeiro grau, o ensino fundamental na época, mas</i></p>

	<p>Família com seis filhos</p> <p>Trabalhava na adolescência como doméstica</p> <p>Com 18 anos não havia terminado o primeiro grau</p> <p>Supletivo de primeiro grau com 32 anos</p> <p>Sentia vergonha de não ter o primeiro grau</p> <p>Fez Faculdade</p>	<p><i>ai depois desisti.</i></p> <p><i>[...]só fui voltar a estudar já praticamente com uns 32 anos, que eu fiz o meu supletivo acabar o primeiro grau, que era uma vergonha não ter o primeiro grau [...]</i></p> <p><i>[...]em 2004 [...] aqui começou um pré-vestibular [...] [...]passei [...]</i></p>
E	<p>Família de baixa renda</p> <p>Comunidade com pouca infra estrutura</p>	<p><i>[...] eu acho que classe [...] baixa, [...], a gente não tinha muito, a própria comunidade mesmo não tinha uma estrutura, eram poucos as pessoas que tinham um cargo ou se tinham um cargo eram colocados por outras pessoas. [...]</i></p>
F	<p>Família de classe média</p> <p>Mãe – professora de ensino básico e segundo grau</p> <p>Pai – fiscal do INSS</p> <p>Pais escolarizados</p>	<p><i>[...] classe média. Minha mãe era professora do ensino básico e ensino de segundo grau, meu pai era fiscal do INSS. De uma família de 5 filhos eu era o caçula, [...] peguei uma boa época de ensino público, fiz toda minha formação em escola pública. [...]além das escolas, eu participei de grupo jovem, igreja católica, [...]</i></p> <p><i>[...] na universidade, movimento estudantil [...]</i></p>

	<p>Família de cinco filhos</p> <p>Estudou em escola pública</p> <p>Igreja católica – grupo jovem</p> <p>Fez Faculdade</p> <p>Participou de movimento estudantil</p>	
G	<p>Mãe - acesso tardio à escola - tornou-se professora</p> <p>Pai com baixa escolaridade</p> <p>Pai – trabalhou no comércio e no garimpo</p> <p>Família com seis filhos</p> <p>Durante um tempo morou de aluguel e de favor</p> <p>Mãe - sustento financeiro da família</p> <p>Pai – ausência em função do trabalho</p>	<p><i>O meu pai [...] trabalhou pelo comércio, minha mãe não tinha estudo, meu pai não tinha estudo suficiente, mas ela foi estudar e foi ser professora. [...] nós somos seis filhos e meu pai arranhou emprego numa empresa, assalariado, [...]</i></p> <p><i>Nós não tínhamos casa própria, moramos um período de aluguel, outro período morávamos de favor na casa dos outros, moramos um período com minha vó, [...]</i></p> <p><i>[...] meu pai começou a trabalhar no garimpo e a gente teve um plano de governo e acabou minha mãe, com muito esforço, construindo uma casa e nada assim com muito luxo, casa de madeira simples, [...]</i></p> <p><i>meu pai passava seis meses no garimpo e um mês em casa.</i></p> <p><i>[...] não conheço nenhum garimpeiro que tenha construído mansões ou que seja bem de vida com o dinheiro que tirou do garimpo. Então a gente basicamente foi criado com o</i></p>

	<p>Mãe - construiu uma escola</p> <p>Trabalhava na infância</p> <p>Mãe - responsabilidade pela educação</p>	<p><i>dinheiro da minha mãe que ganhava como professora [...]</i></p> <p><i>[...] eu tinha uns 16 anos ela construiu uma escolinha particular e eu fui trabalhar com ela como auxiliar de sala de aula, [...] na infância trabalhei de várias, [...] não tenho [...] vergonha de trabalho, [...] ia pra beira do cais, do rio, [...] carregava peixe que as pessoas compravam, [...] trabalhando como servente de pedreiro na construção civil, [...]</i></p> <p><i>Mas era isso, não teve uma vida 100% confortável, mas graças a Deus, a mãe sempre tentou botar os moleques na linha. [...]</i></p>
H	<p>Família - pouco suporte financeiro</p> <p>Mulheres da família - valores morais</p> <p>Dificuldade financeira</p> <p>Esforço para conquistar bens materiais</p>	<p><i>Meu contexto social e econômico era muito difícil, não tinha uma família que pudesse me dar um suporte econômico, tive pessoas marcantes na minha família que me deram um apoio moral, traduziram valores fundamentais pra eu pensar o que eu penso hoje, principalmente as mulheres da minha família [...]</i></p> <p><i>na juventude, você [...] quer ter um dinheiro pra sair e eu não tinha [...]</i></p> <p><i>[...] sempre tive que correr um pouco mais que os outros [...]</i></p>
I	<p>Pais escolarizados</p> <p>Pai - trabalhava em escritório</p> <p>Mãe - professora</p>	<p><i>[...] a gente foi num contexto de filhos de funcionários, e o nosso contexto de pessoas era desde os filhos dos engenheiros da Companhia que iam no mesmo ônibus pra [uma cidade maior ao lado da que eu morava], até os</i></p>

	<p>Convivência com pessoas de diferentes classes sociais</p> <p>Família com seis filhos</p> <p>Estudou em escola pública e privada</p> <p>Classe média baixa</p> <p>Igreja – referência social</p> <p>Clube – referência social</p> <p>Para fazer Faculdade, teve que ir para a capital</p> <p>Fez o curso normal</p> <p>Deu aulas enquanto fez faculdade</p>	<p><i>filhos dos mineiros. A gente estudou em escola primária pública [...]</i></p> <p><i>Meu pai trabalhava no escritório, minha mãe era professora [...] tinha cinco filhos, depois seis [...]</i></p> <p><i>[...] ninguém era rico, [...] um engenheiro era classe média, tinha a classe média baixa, o operariado, e a gente convivia em todas essas situações na mesma cidadezinha, na igreja, no clube [...]</i></p> <p><i>[...]a gente foi exatamente assim filha de classe média baixa mas com um nível cultural sempre em desenvolvimento.</i></p> <p><i>[...]terminava o ensino médio, íamos ou pra [capital de uma cidade] fazer faculdade ou pra [capital de outra cidade], a minha turma, a geração que começou a vir pra [capital de uma cidade], mulheres principalmente, foi a minha, em 66 [...]</i></p> <p><i>[...] a gente foi pra universidade pública, mantido pelo pai, pela mãe, ou então já dando aula como o meu grupo todo de curso normal já era formada [...]fez a faculdade inteira dando aula.</i></p> <p><i>Uma formação de escola pública, a escola que eu estudei que era particular, era paga pela [empresa que atuava na cidade], bolsa de estudo pra nós, ou bolsa de estudos pelo Ministério da Educação.</i></p>
J	Família de classe média alta	<p><i>Bom minha família é classe média, na minha cidade, talvez até média alta, meu avô tinha recursos, era comerciante e o nível social e econômico a gente teve um nível</i></p>

		<i>razoável, bom lá na cidade.</i>
K	<p>Família pobre</p> <p>Pai – tinha um bar</p> <p>Seis filhos</p> <p>Pais separaram quando era criança</p> <p>Infância - mudança para outro Estado, do interior para uma cidade maior</p> <p>Mãe doméstica</p> <p>Infância - em casa enquanto a mãe trabalhava</p> <p>Dificuldade financeira</p>	<p><i>[...] a minha condição era muito pobre, minha família humilde, meu pai era um pequeno micro empresário, tinha um bar, e seis filhos, então até os sete anos quando meus pais se separaram, a gente veio morar [nesta cidade], ela trabalhava de doméstica para cuidar de seis filhos, e os seis filhos ficavam em casa se virando, então, a condição econômica nossa era a pior possível.</i></p>
L	<p>Infância – morte do pai</p> <p>Dificuldade financeira</p> <p>Família com três irmãos</p> <p>Dificuldade de moradia</p> <p>Passou fome</p> <p>Infância -</p>	<p><i>[...]meu pai era um homem muito rico, mas infelizmente quando eu completei 7 anos, ele morreu. Naquela época eles usavam muito promissória, então meu pai começou a fazer negócio e assinar promissória, um belo dia o banco pegou tudo que era dele. [...] meu pai morreu, e eu me achei debaixo de uma choupana, sem estudo, eu minha mãe mais dois irmãos, passei muita fome, [...] sofri muito, aprendi a me defender dos homens com sete anos, [...] não fui pra escola, não tive direito de estudar</i></p>

	<p>insegurança</p> <p>Nunca frequentou escola</p> <p>Não sabe escrever</p>	<p>[...]</p> <p>[...] encontrei uma moça muito boa que me ensinou o alfabeto, mas não sei escrever, sei ler, não sei escrever .</p>
M	<p>Infância pobre</p> <p>Cresceu na zona rural</p> <p>Festas regionais, religiosas e sociais</p> <p>Não havia iluminação elétrica</p> <p>Rádio movido à energia eólica</p> <p>Agricultura e pecuária de subsistência</p> <p>Escola sem infra estrutura</p> <p>Escola – escassez de livro</p> <p>Comunidade - não sabia o que era biblioteca</p> <p>Imposição de outras culturas</p> <p>Igreja - Predominância do</p>	<p>[...] ainda menino o contexto social era muito pobre, de interior, de sertão, muito problema de seca, vida rural, [...]</p> <p>[...] as festas que a gente tinha no meio rural e nos centros urbanos, que eram as festas regionais ou religiosas ou festas sociais como festas comemorativas, casamentos, forrós, bailes, pagodes, [...] as festas das colheitas, [...] as festas eram ao ar livre, sem iluminação elétrica, mas tinha também as festas nos pequenos clubes, festas comemorativas, de padroeira[...]</p> <p>[...] não tinha luz elétrica também, o rádio a transistor ainda não estava difundido, mas tinha uma ou duas pessoas que tinham rádio através do cata vento, energia eólica.</p> <p>A econômica era o trabalho da agricultura, que hoje se chama agro ecologia, pequena produção agrícola, pequena produção pecuária, praticamente produção de subsistência.</p> <p>A parte educacional era muito pobre, praticamente não existia escola, existia uma escola pública, multi seriada, a gente estudava todo mundo no mesmo livro, mas era esse o ambiente cultural da época e educacional.</p>

	<p>catolicismo</p> <p>Cultos afros</p>	<p><i>[...]livros não existia, não tinha biblioteca, a gente nunca tinha visto falar em biblioteca, não existia essa palavra biblioteca,[...]</i></p> <p><i>O livro didático da área de História, manuais de vinham do Sul pra lá, com toda cultura sulista, [...]</i></p> <p><i>[...]não tinha outra religião [catolicismo], embora tivesse alguns grupos afros, mas a gente era proibido de se misturar e os grupos afros também teriam que se adaptar a cultura branca[...]</i></p> <p><i>Nós [...] não podíamos nem sequer se aproximar destes cultos a não ser quando tinha as festas religiosas [...] festa de São Cosme e São Damião, isso aí era permitido [...]</i></p>
--	--	--

Pergunta 3: Participa ou já participou de algum movimento ou atividade social, além da biblioteca comunitária?

Sujeito	Ideia Central	Expressões-chave
A	Cooperativa de Reciclagem	<i>[...] lá na cooperativa.</i>
B	<p>Orfanatos</p> <p>Asilos</p> <p>Recreação com crianças</p> <p>Projeto em periferia</p>	<p><i>[...]eu fui pra uma escola de padres [...]</i></p> <p><i>lá tinha uma possibilidade de você fazer um trabalho voluntário [...]</i></p> <p><i>visita aos orfanatos, a uns asilos, [...]</i></p> <p><i>[...] recreação com as crianças da paróquia e eu me engajei nesse trabalho [...]</i></p> <p><i>fazia semanalmente[...]</i></p> <p><i>eu que tinha que bolar tudo [...]</i></p> <p><i>Quando [...] fui pra Faculdade [...]</i></p> <p><i>comecei como voluntária também num projeto na periferia aqui [...]</i></p> <p><i>Eu [...] me formei como professora de história, [...]</i></p> <p><i>mas nunca lecionei em sala de aula, sempre na educação não formal, sempre nesse ambientes das</i></p>

		<p>ONGs [...] <i>Eu tenho essa curiosidade, acho que essa vocação de atuar nessa área de educação não formal mesmo, ligada sempre a comunidade de alguma forma, urbana, rural...</i></p>
C	<p>Pré-vestibular para Negros e Carentes</p> <p>Movimento Sem Terra</p> <p>Associação de Moradores</p> <p>Movimento dos Direitos do Negro</p> <p>Movimento dos Sem Teto</p> <p>Partido Político</p>	<p><i>Eu sou fruto do Pré Vestibular pra Negros e Carentes, [...] eu de aluno eu passei pra coordenador do Núcleo, depois de coordenador eu passei pra Secretário Geral dos PVNCs em 2005, eu fiz parte da Secretaria Executiva do pré-vestibular pra negros e carentes já em 2005 [...]</i></p> <p><i>[...] fui editor do jornal [de um movimento social] e a partir dali [...] tive contato com o MST aqui do Rio de Janeiro, cheguei a ajudar, ser voluntário em alguns acampamentos dando aula também no pré-vestibular deles [...]</i></p> <p><i>[...] aqui na comunidade eu também participei e participo até hoje da Associação de Moradores, [...]</i></p> <p><i>[...]sou Conselheiro do Conselho Municipal dos Direitos do Negro da Promoção Étnica e Igualdade Racial [...], a biblioteca comunitária tem um assento nesse Conselho por desenvolver atividades que valorizem a cultura afro-brasileira [...].</i></p> <p><i>[...] Também participo até hoje do Movimento dos Sem Teto [...], dando formação para os professores de lá [...]</i></p> <p><i>[...]sou filiado ao Partido dos Trabalhadores desde 96, fiz parte também da Direção no Município, mas tô afastado já uns três, quatro anos do Partido na cidade.</i></p>

D	Associação de Moradores	<i>[...] antes não [...] agora eu [...] faço parte de um outro movimento também que reúne moradores que querem melhorar um pouquinho aqui a vida da nossa comunidade.</i>
E	Igreja católica	<i>[...] eu sou o presidente da coordenação da igreja católica aqui da comunidade [...]</i>
F	Movimento estudantil Grupo de Jovens – teologia da libertação	<i>[...] o movimento estudantil, [...] Depois os grupos jovens [...] a gente tinha uma interação bastante forte, [...] com a teologia da libertação, tinha atividade em comunidades e uma discussão política.</i>
G	Associação de Moradores Igreja católica Movimentos culturais	<i>[...] eu participava só das Associações de bairro [...] grupos de jovens, movimentos ligados mais a parte da igreja [...] Em algumas comunidades quilombolas daqui a gente vai, faz pesquisa e estudo, faz um acompanhamento em relação à questão da tradição que se perdeu ao longo do tempo, trabalha com oficinas de maculele, oficinas de tranças, oficinas de capoeira [...] Trabalhamos também em comunidades ribeirinhas com dança regional, arte plástica, artesanato[...]</i>
H	Movimento estudantil Música Literatura	<i>[...] Já participei do movimento estudantil, na oitava, no primeiro, no segundo e terceiro ano [...] o movimento estudantil universitário não é algo que eu faço hoje, os colegas que fazem eu apóio, incentivo. [...] Movimento musical sim, mas não quanto movimento político, era um movimento mais passivo, a música. Ativo, era o estudantil e a literatura, porque também quando você está</i>

		<i>envolvido com bibliotecas, ou acesso ao livro e a leitura, isso passa pelo campo dos direitos da criança e do adolescente e aí você se pauta na Constituição, ECA, isso atrai outras discussões, como os direitos humanos, começa a discutir a literatura na perspectiva dos direitos humanos, como o Antonio Candido discute.</i>
I	Resistência à ditadura Partido político Sindicato dos Professores Fundação Nacional do Livro	<i>[...] Na época da vida estudantil a gente fazia resistência à ditadura mas assim, pouco dentro dos limites da cidade [...] eu me filiei [...] ao MDB, e aí éramos fiscais nas eleições e tal e tal, e a minha participação foi pequena [...] Na universidade a gente participava do movimento, do ANDES, do Sindicato dos Professores, eu também era participante de greves mas nunca fui de lideranças [...] não era linha de frente de nada. [...] no magistério mesmo que eu fui trabalhando, trabalhando, trabalhando, e nessa Fundação Nacional do Livro que a gente entende também que era um trabalho, um movimento social.</i>
J	Não	<i>[...]</i>
K	Não	<i>[...]</i>
L	Rede social Centro de Promoção Social Municipal Conselho Tutelar	<i>[...] Tem a rede social SENAC [...] participo do [Centro de Promoção Social da cidade que moro] [...] da Secretaria da Saúde, a gente participa, da Criança e Adolescente, no Conselho Tutelar [...] do [Conselho Municipal que trata dos interesses do cidadão negro] [...] [...] Movimento Sem Terra, que foi o primeiro movimento que eu entrei</i>

	<p>Conselho Municipal dos Interesses do Cidadão Negro</p> <p>Associação de Moradores</p> <p>Movimento dos Sem Teto</p> <p>Conferência das cidades</p> <p>Projeto para o desenvolvimento da mulher</p>	<p><i>[...] faço parte de [uma Fundação] que faz parte das Associação, todas as Associação do Estado, então eu sou uma das coordenadoras desta Fundação [no Estado]</i></p> <p><i>[...] Participo dos Projetos do CMP, [...] projeto social do Movimento dos Sem Teto, Movimento Popular dos Sem Teto</i></p> <p><i>[...] Participo das Conferências das Cidades</i></p> <p><i>[...] eu participo de todos os movimento social que tem na cidade, tem hora que eu não dou nem conta de ir.</i></p> <p><i>[...] O ano passado eu dei uma palestra [...] pra cento e cinquenta [...] Mulher da alta sociedade, do nível social [...] no Dia Internacional da Mulher[...]</i></p> <p><i>[...] formei um grupo com trinta, hoje eu estou com dezesseis mulher, é o Reciclando Sonhos, [...] Cada mulher que tem um trabalho importante que ela sabe fazer [...] quando eu vou pra uma feira [...] eu levo todo material de todas elas [...] vendo e trago o dinheiro pra cada uma. [...]</i></p>
M	<p>Alfabetização</p> <p>Movimento político</p> <p>Movimento social</p> <p>Movimento sindical</p> <p>Movimento estudantil</p>	<p><i>[...] quando eu cheguei [nesta cidade] me envolvi muito com vários tipos de movimentos sociais, de alfabetização[...]</i></p> <p><i>[...]quando eu trabalhei em fábrica, aí eu participei mesmo de movimento social, movimento político, [...] movimento sindical, [...] nunca fui de direção de movimento, mas sempre gostei de participar.</i></p>

	Resistência à ditadura	<i>[...]movimento estudantil, participei muito [...]na época de combate à ditadura militar</i>
--	------------------------	--

Pergunta 4: Fale o que pensa sobre a importância da Biblioteca para as pessoas

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	<p>O acesso independente da situação econômica</p> <p>Espaço de apreensão de conhecimento</p> <p>Espaço de “viagem”</p>	<p><i>[...] pra mim e pras pessoas que não tem tanto dinheiro pra sair, pra conhecer o mundo aí fora, podem conhecer aqui através dos livros [...] dá pra viajar [...] através dos livros.</i></p>
B	<p>Acesso ao livro</p> <p>O acesso independente da situação econômica</p> <p>Possibilita acesso a obras de diversos assuntos</p> <p>Respeita a coletividade</p> <p>Espaço de imersão</p> <p>Espaço de apreensão de conhecimento</p>	<p><i>[...]ela democratiza o acesso a esse bem de consumo que é o livro, que é caro, que é às vezes raro, [...] você não vai ter todo o acervo do mundo na sua casa, você tem um livro ou outro [...] você raramente vai poder colecionar individualmente o que uma biblioteca, [...] vai poder te oferecer como um conjunto.</i></p> <p><i>[...] é um lugar onde o coletivo é muito respeitado, onde cada um pode ir lá e ter acesso a um universo muito grande.</i></p> <p><i>[...] é um espaço também de mergulho, de pesquisa, de curiosidade, de conexões de ideias, de conexões de pessoas também, de insights, o espaço dela em si.</i></p> <p><i>[...] ela é a casa dos livros</i></p>

	<p>Espaço de encontro com pessoas</p> <p>Espaço de descobertas</p> <p>Casa dos livros</p>	
C	<p>Referência em relação ao conhecimento estático</p> <p>Referência para libertação de mentes</p> <p>Possibilita compreensão da realidade</p>	<p><i>[...] é uma referência não só em relação ao conhecimento estático, parado nas estantes, mas é uma referência pra libertação de mentes, pra fazer com que as pessoas saibam entender o mundo que tá a sua volta, entender a realidade que os cerca.</i></p>
D	<p>Desenvolve a leitura</p>	<p><i>[...]Eu acho que é super importante, principalmente pras crianças [...],hoje em dia com a tecnologia eles estão muito voltados pra computadores, pra jogos e esqueceram a leitura. [...] a leitura é fundamental pros jovens, pra todos [...]</i></p>
E	<p>Desenvolve a leitura</p>	<p><i>[...] o meu conceito sobre biblioteca é aquela que, mesmo que os livros estejam lá intactos você tem que ter um momento, além de levar pra casa, repassar pras outras pessoas também o sentido da leitura, [...] acho que tem que ter um incentivo também [...] uma aproximação, alguém tem que fazer esse elo, alguém tem que fazer essa ligação pra que mude o conceito da biblioteca, que hoje que ainda tem, de estrutura padronizada.</i></p>

F	Acesso ao livro	<i>[...]a importância da biblioteca tá nisso, em fornecer acesso pra população pros livros.</i>
G	<p>Espaço de apreensão de conhecimento</p> <p>Espaço de “viagem”</p> <p>Espaço de resgate do passado</p> <p>Acesso ao livro</p> <p>O acesso independe da situação econômica</p>	<p><i>[...] a aquisição de novos conhecimentos, a fantástica viagem no Brasil, no mundo, [...] por contos, lendas, a volta ao passado [...]</i></p> <p><i>[...] o acesso ao livro, acesso gratuito [...]</i></p>
H	<p>Espaço transformador</p> <p>Espaço provocador</p> <p>Espaço de imaginação</p> <p>Espaço que impulsiona o pensar</p> <p>Espaço onde se exercita a capacidade de pensar</p> <p>Espaço necessário à existência humana</p>	<p><i>[...] ela é de fato um espaço transformador</i></p> <p><i>[...] ela é importante porque ela está ali, ao mesmo tempo esperando e ao mesmo tempo ela tem que provocar</i></p> <p><i>[...] a biblioteca eu acho que é o lugar dos sonhos, da imaginação, de instigar o pensamento, de alimentar o sujeito de tudo que é significativo, de tudo que é emoção, então, eu acho que não tem como pensar a sua existência sem você se alimentar, é como beber água, a literatura é como beber água, a poesia é como beber água. Se você deixa de beber água você morre, se você deixa de frequentar biblioteca, se você deixa de ler os livros, se você deixa a literatura de lado, você também morre, o sujeito também morre e é uma morte muito pior eu acho, porque você fica</i></p>

	<p>Guardam a memória</p> <p>Possui papel social, cultural e econômico</p> <p>Acesso ao livro</p> <p>Acesso à leitura</p> <p>Acesso para o exercício da palavra</p> <p>Potencializa a escrita</p> <p>Promove saúde</p>	<p><i>ali vagando, entre aspas, morto, porque imagina você não utilizar sua capacidade de pensar e as bibliotecas valorizam isso.</i></p> <p><i>[...] As bibliotecas além de elas guardarem a memória, elas são espaços impulsionadores do pensar, do fazer pensar, então, é alimentação da alma mesmo, não tem como pensar a existência sem pensar em biblioteca, sem pensar em acesso ao livro, sem pensar acesso a leitura, literária, não tem como.</i></p> <p><i>Ela tem um papel social, cultural, econômico [...]Biblioteca e o livro, ela é o caminho, o acesso, a porta de entrada para o mundo da imaginação, para o mundo da criação, para o mundo do exercício da palavra, de apropriação da palavra escrita, não só falada, de potencializar a escrita, então, não podemos pensar a biblioteca descolada do mundo.</i></p> <p><i>.[...] Eu tenho a certeza que se tivesse mais bibliotecas a gente precisaria de menos hospitais.</i></p>
I	<p>Fundamento para a vida cultural</p> <p>Espaço convidativo à participação da vida</p> <p>Acesso ao livro</p>	<p><i>[...] isso pra mim é fundamental, eu não percebo mais a vida cultural, sem uma biblioteca [...]</i></p> <p><i>[...]a biblioteca como um espaço simbólico, de mundo imaginário, mundo cultural a disposição, como um convite para a pessoa vir, participar da vida a partir da palavra escrita, a partir da arte literária, a partir das outras artes, eu não concebo o mundo sem isso.</i></p> <p><i>[...] tu não vai pra livraria pra comprar o livro da criança, que tem</i></p>

	<p>O acesso independente da situação econômica</p> <p>Possibilita acesso a diversas obras</p>	<p><i>um livro por mês saindo, não, tu vai pra biblioteca e pede emprestado.</i></p>
J	<p>Espaço de busca de conhecimento</p> <p>Espaço que guarda conhecimento</p> <p>Espaço de lazer</p> <p>Espaço de otimização do tempo</p> <p>Proporciona coisas boas</p>	<p><i>[...] A biblioteca é um local onde a gente vai buscar conhecimento, [...] além de ser o local onde guarda conhecimento, o lazer também, ela ainda contribui para ocupar o tempo ocioso, de pessoas que talvez se não tivesse acesso aqueles livros, estivessem fazendo coisas erradas [...]</i></p>
K	<p>São um bem da comunidade</p>	<p><i>[...] as bibliotecas são pouquíssimas [...]você está muito distante das bibliotecas [...] a biblioteca pública ela não estimula o cidadão ir lá e buscar livro. [...]Eu acho que a biblioteca pública ela devia abrir mais, [...] e adotar uma parte dela com mais ou menos o procedimento de uma biblioteca popular [...] sem nenhum controle, porque mesmo as bibliotecas públicas com todo rigor tem problemas sérios, de rasgar livros, de roubar livros [...] eu acho que deveria ter mais bibliotecas [...] biblioteca igual à da Universidade Federal [da minha cidade], com</i></p>

		<i>quatrocentos mil livros, que seja uma coisa fechada lá, e que não pode ser um bem da comunidade, tem que ser, [...]</i>
L	Transformam ambientes Transformam pessoas Espaço de cidadania Proporciona coisas boas	<i>[...] essa biblioteca, ela mudou completamente o bairro, mudou as pessoas [...] Até as bam bam bam da alta sociedade [...] elas vieram dar uma palestra falar da higiene pessoal, mês passado falaram da saúde, do direito da mulher, quer dizer, isso tudo é importante e sem a biblioteca não tinha nada disso, a biblioteca chama só coisa boa.[...]</i>
M	Espaço de formação educacional Espaço de cidadania Direito de todos Espaço de transformação social e cultural	<i>[...]as bibliotecas tradicionais elas são fundamentais porque ali é o centro pras pessoas, tanto para o estudante desde o jardim de infância, até o pós-graduando, dentro da linha educacional, ou o cidadão, qualquer cidadão, ele tem o direito de freqüentar biblioteca [...] [...] nós temos uma carência muito grande de biblioteca, hoje nem tanto de biblioteca de acervo [...] colocam aqui ali como se fosse uma obrigação e não dão chance pra população usar aquilo [...] [...] se tivesse havido uma política de bibliotecas públicas ou a sensibilização por parte da população mesmo em criar bibliotecas comunitárias, ou alternativas, ou livres, abertas, a situação da cultura e a situação da leitura no Brasil seria totalmente diferente. [...]</i>

Pergunta 5: Fale o que pensa das bibliotecas públicas atualmente

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	<p>Espaço onde acontece distinção entre as pessoas</p> <p>Espaço que deve ser para todos</p>	<p><i>[...] já tive relatos de que eles não aceita, aceita mas do jeito deles, as pessoas que não tão bem vestido, tão de chinelo, [...]</i></p> <p><i>[...] é pública, é pra todo mundo, já diz, pública, público é pra todo mundo</i></p> <p><i>[...] eu acho que eles precisa dá uma reavaliada nesse sentido [...]</i></p>
B	<p>Equívoco</p> <p>Precisa ser resignificada</p> <p>Espaço onde trabalham pessoas opressoras</p> <p>Trabalho mais voltado para procedimentos internos</p> <p>Espaços abandonados</p> <p>Espaços estigmatizados</p> <p>Pouco aproveitadas</p> <p>Espaços distantes da população</p> <p>Espaços escassos</p>	<p><i>Penso que é um equívoco [...]</i></p> <p><i>[...] a gente tem essa mini contribuição, de tentar resignificar um pouco biblioteca, essa palavra, porque é uma palavra que lembra um lugar escuro, chato, poeirento, que tem que ficar quieto. [...] não é uma palavra que está impregnada de coisas boas e alegres e fantásticas e incríveis, como de fato os livros estão [...] ela vem carregada de autoritarismo, ela vem carregada de coisa ruim [...]</i></p> <p><i>[...] as bibliotecas ainda são muito opressoras, as bibliotecas públicas não, eu acho que as pessoas que tão lá dentro ficaram paradas no tempo, não foi oferecido pra esse profissional formação, reciclagem e eles ficaram com uma espécie de um, sei lá, um corporativismo também dos bibliotecários. Eu acho que as pessoas se preocupam muito com a organização e com a catalogação e pouco com o acesso sabe, pouco com a relação.</i></p> <p><i>[...] eu acho que elas estão abandonadas, acho que tem talvez melhorado um pouco mas não o suficiente.</i></p>

	Espaços burocratizados	<p><i>Eu sei que quando a gente chegou nas comunidades e a gente foi dar os cursos, o pessoal falava sempre pra gente, “ah, falaram que havia um curso de biblioteca, imaginava umas senhoras assim bem velhas, bem chatas, de óculos, bem brabas” [...] Então eu acho que isso espelha um pouco a imagem, [...] acho que elas não estão sendo bem aproveitadas. [...] elas precisam estar mais perto das pessoas. [...] elas precisam se espalhar mais, se descomplicar um pouco também.</i></p>
C	<p>Trabalho mais voltado para procedimentos internos</p> <p>Possui profissionais passivos/apáticos</p> <p>Espaços abandonados</p> <p>Espaços frios</p>	<p><i>[...] eu pensando aqui a partir da cidade, eu penso que elas hoje elas tão muito voltadas pras suas atividades internas, [...] não trabalham, não desenvolvem uma política de livro e leitura, por falta de apoio oficial, por causa de seus profissionais, por causa da falta de política da própria biblioteca.</i></p> <p><i>Eu vejo as bibliotecas muito frias, eu não vejo as pessoas que trabalham na biblioteca, seja técnico ou não, eu não vejo eles com preocupação de fazer com que as pessoas vão até eles [...] “estamos aqui a obrigação de vocês é vir”.</i></p> <p><i>[...]a minha visão de biblioteca pública hoje é de abandono e as que funcionam, de frieza.</i></p>
D	<p>Espaços distantes da população</p> <p>Espaços escassos</p>	<p><i>[...] elas não estão localizadas, aonde tem um público alvo maior [...] deveria ter uma biblioteca em cada bairro [...]</i></p>

E	Poderia ser diferente	<i>[...] Essa poderia ser diferente</i>
F	Desorganizada Acervo pobre Espaços escassos	<i>[...] Uma época eu freqüentava um pouco a Biblioteca Pública aqui do Estado, nessa busca de livros e tudo mais, mas muito desorganizada, um acervo pobre pra uma biblioteca de Estado. [...] tem poucas alternativas do Estado em termos de bibliotecas, ou de oferta de outra atividade cultural [...]</i>
G	Não são espaços atraentes Espaços mórbidos Limitada no atendimento de um público específico Não estimulam a leitura Poderia ser melhor Espaço rico mas abandonado	<i>[...] Eu penso que pra realmente você gostar de alguém, você se apaixonar por alguém, a gente sempre pinta uma imagem, [...], e as bibliotecas públicas eu considero dessa forma. [...] E a biblioteca pública é completamente o oposto. Tu entra num local onde tu vai ter que viajar, onde tu vai ter que se deleitar, onde tu vai ter que sentar ali e esquecer do mundo, aí tem [...] uma série de regras [...] e aquela coisa mórbida, aquele monte de livros amontoados de formas enfileiradas, sem atrativo algum. [...] quem freqüenta a biblioteca pública hoje são as pessoas que vão em busca de realizar uma pesquisa, aquela pesquisa mecânica [...] Eu acho que as bibliotecas públicas, pelo menos as que eu conheço, essa coisa chata, melancólica, tradicional, sem um pingo de metodologia ou atrativo pra que realmente proporcione o interesse das pessoas irem em busca de uma leitura deleite, uma leitura livre, uma leitura espontânea[...]</i>

		<p><i>[...]Eu não tenho nenhuma aversão as bibliotecas públicas mas eu penso que poderia ser melhor.</i></p> <p><i>[...] Por exemplo, aqui [...] teve uma empresa que acabou denunciando a biblioteca aqui, renovou ela todinha, montou uma sala lúdica completa, com jogos, com materiais didáticos, com recursos, tudo bonitinho, muito colorido, bem legal, porém nunca foi colocado um funcionário pra trabalhar com o público infantil porque acham que aquilo acaba atrapalhando aquele momento de concentração de pesquisa dos usuários da biblioteca.</i></p> <p><i>[...]um espaço muito rico, porém, desativado.</i></p>
H	<p>Espaços cansados</p> <p>Espaços passivos</p> <p>Espaços sem articulação</p> <p>Espaços mórbidos</p> <p>Possui profissionais fechados para contribuições externas</p> <p>Possui profissionais passivos/apáticos</p> <p>Espaços abandonados pelo poder público</p>	<p><i>[...]Eu sinto muito pesar por elas, por elas não, mas eu sinto que são espaços cansados, [...] museológicos, [...] não de radiação de informação, de concentração de informação, [...] ainda cristalizados, [...] pouco articulados, [...] não procuram se articular com outros espaços.</i></p> <p><i>[...] carece de uma agenda</i></p> <p><i>[...] são espaços mórbidos [...] uma energia parada, é até pesada [...]</i></p> <p><i>[...] E não são espaços humildes não, são espaços de difícil relacionamento, de você chegar com propostas novas e as pessoas não quiseram dar nenhuma importância pra isso. [...] achar que eles sabem tudo, os bibliotecários, inclusive aqui eles tem a maior deficiência de bibliotecários [...] de acharem porque estão num espaço público, e são representantes do poder público e estar naquela estrutura grandiosa, basta. Inclusive a gente</i></p>

	<p>Espaços sem vinculação com a população</p>	<p><i>teve varias dificuldades de se relacionar com o poder público devido a essa pretensão, de chegar pra gente e dizer “não mas a gente dá umas formações” então como se não tivesse minimamente um conhecimento disposto a socializar, complicado.</i></p> <p><i>[...] Elas não tem muita culpa coitadas porque elas ficam boiando na administração pública também uma hora é cultura, outra hora é educação, como aqui [...], no Estado não tem um política pública forte de livro e da leitura e acesso às bibliotecas, então eu posso tirar o dinheiro que ia ser pra biblioteca [...]eu posso tirar do orçamento porque não vai fazer falta mesmo...</i></p> <p><i>[...] O que é que adianta ter livros nas estantes se o sujeito não tem nenhuma relação de vinculo com aquele material, com o livro? [...] um livro de poesia na gaveta, não adianta nada.</i></p> <p><i>[...] culpo o governo,</i></p> <p><i>[...] culpo inclusive a categoria também, que eu acho [...] ainda é muito parada com relação à reivindicação, com relação à defesa deste espaço, um espaço mais dinâmico, inclusive o lugar do bibliotecário, porque não é que a gente ocupa o lugar, mas que esse lugar não está ocupado pelo bibliotecário.</i></p>
<p>I</p>	<p>Precisam ser reavivadas</p> <p>Espaços escassos</p>	<p><i>[...] Tomara que elas se reergam, vivenciem as que tem[...]</i></p> <p><i>[...] eu gostaria que cada biblioteca pública não fosse só a central [...]que ficasse aquela lá, mas que tivesse uma comunitária em cada bairro, com essa</i></p>

	<p>Espaços burocratizados</p> <p>Espaços que necessitam de investimento do poder público</p> <p>Espaços que necessitam profissionais capacitados</p>	<p><i>ponte entre o público e comunitário [...] [...]Então eu acho que a biblioteca pública se passar por um conceito moderno de biblioteca, ela também faz muito bem esse serviço, pode fazer muito bem esse serviço, mas tem que desburocratizar, tem que ter apoio [...] financeiro, do Estado, do município, do órgão público, para ter lá profissionais competentes, com toda sua capacitação já feita e oportunidades de mais capacitação, com esse conceito moderno, que a biblioteca não é simplesmente só para guardar livros ou documentos históricos, tudo isso é importante, mas tem que ter essa dinâmica, essa vivacidade para que as pessoas sintam necessidade de viver uma vida com biblioteca, pra que ninguém diga assim “na minha cidade não tem, no meu município não tem”, [...]</i></p>
J	<p>Depósito de livros</p> <p>Limitada no atendimento de um público específico</p> <p>Não são espaços atraentes para a população em geral</p>	<p><i>Tirando raras exceções, eu vejo como um depósito de livros, [...] acho muito parado [...]</i></p> <p><i>[...] gente [...] que já sabe o que procurar a gente vai lá. Mas uma pessoa que não tenha muito interesse pela leitura as bibliotecas atualmente, pelo menos as que eu conheço por aqui, elas não incentivam, elas não tem projetos pra chamar atenção, pra formar leitores, porque é isso que a gente tem que ter cuidado, a gente tem que vigiar pra biblioteca não se transformar num depósito de livros ...]</i></p> <p><i>[...] é necessário que sempre tenha alguma atividade, algum concurso, sei lá, alguma coisa que chame atenção,</i></p>

		<i>que motive pra que as pessoas queiram entrar, queiram ler.</i>
K	<p>Espaços sem investimento por parte do poder público</p>	<p><i>Eu fico triste quando eu vou buscar livro na Universidade Federal daqui, [...], você vai buscar livro na Secretaria de Cultura, aí lá tá lá, as caixas de livros, mas eu digo “pra onde vai essas caixas de livro”, “ah tá indo pra biblioteca pública não sei da onde”, [...] quem tem que abastecer as bibliotecas públicas é o Estado, ele comprar acervo, não pode o Estado ficar captando livro usado para colocar, tem que renovar seu estoque. [...] eu gostaria de ir lá e escutar, “essas caixas de livro, é pra uma Instituição, pra ONG, pra biblioteca comunitária lá não sei de onde”, não pro Estado, eu acho isso um absurdo, o Estado fazer campanha [...] pra fazer biblioteca com livro usado[...]o que eu não gosto de biblioteca pública é isso.</i></p> <p><i>[...] isso que a biblioteca publica faz, eu chamo isso de roubo, é você se apropriar de um bem da comunidade, não pode fazer isso[...]</i></p>
L	<p>Espaço onde acontece distinção entre as pessoas</p> <p>Espaço que deve ser para todos</p> <p>Espaços distantes da população</p>	<p><i>As bibliotecas públicas [...] o nome já tá dizendo é pública, tudo que é público, é público, diz que é pro público, mas muitas horas é às portas fechadas [...]</i></p> <p><i>Tudo que é público já tá dizendo é público, mas é da alta sociedade, do nível social, não adianta falar que não é, é, só um cego que não vê.</i></p> <p><i>[...] As bibliotecas pública é bom ter, [...]mas assim, pra pessoa pobre da</i></p>

	<p>Horário limitado de atendimento</p>	<p><i>periferia é mais difícil o contato, porque [...] longe, a pessoa não tem dinheiro pra se deslocar de ônibus pra ir pra lá [...]</i> <i>[...] Na biblioteca pública tem aquele dia certinho, sexta-feira fechou acabou pronto, sete horas da manhã, fechando meio dia pro almoço [...]</i></p>
<p>M</p>	<p>Pouco frequentadas pela população</p> <p>Espaço gerido por pessoas mediante indicação política</p> <p>Desorganizada</p>	<p><i>Eu acho que as bibliotecas públicas tem um grande papel na sociedade, elas estão aí, elas estão instaladas [...]</i> <i>[...]ela está lá, tem um acervozinho, as vezes, atende o aluno, a população mesmo, pouquíssimas freqüentam a biblioteca</i> <i>[...] e o profissional da biblioteca, não é culpa dele, mas ele está ali porque ele está colocado por um favor, ou é um eleitor de um prefeito ou de um vereador, que está precisando de emprego, não tinha onde colocar, põe ele lá pra tomar conta daqueles livros, ele não sabe nada, porque ele não tem um treinamento, ele não tem uma capacitação, ele não sabe do que se trata, no máximo eles vão entregar o livro ali, não tem um mínimo de controle, não tem um mínimo de valorização. Eu te digo que entre as pequenas e médias cidades, ao menos do nordeste, porque no sul ainda não fui,</i> <i>[...] não existe uma organização [...]</i> <i>não existe [...] uma pessoa capacitada na biblioteca pra fazer sua gestão. [...]</i> <i>Então essa parte de informação, de cuidar, de ter responsabilidade com as bibliotecas públicas das pequenas e médias cidades do país...</i></p>

Pergunta 6: Fale sobre suas motivações para a criação da Biblioteca Comunitária

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	Realizar o sonho de uma pessoa	<i>A minha motivação foi o ex presidente da Cooperativa. Que o sonho dele era ter uma biblioteca. [...]</i>
B	<p>Aprendizado pessoal</p> <p>Desejo de troca</p> <p>Proporcionar auto-valorização para o indivíduo</p> <p>Promover a igualdade</p> <p>Possibilitar vivências culturais</p> <p>Proporcionar conhecimento para todos</p>	<p><i>[...] foi essa curiosidade, essa possibilidade, esse desejo de troca, de poder ir até as pessoas, conhecer o saber popular, me enriquecer com isso e ao mesmo tempo oferecer pras pessoas parte do patrimônio cultural que a humanidade tem e que é patrimônio de todos. Eu acho que é isso, é a troca [...]</i></p> <p><i>[...] eu acho que as pessoas que não tem acesso à leitura e à escrita, apesar de não serem, elas se sentem inferiores [...]</i></p> <p><i>Então eu acho que oferecer a leitura e a escrita pra eles, [...] eles vão perceber o quanto eles são valiosos e quanto somos todos iguais [...]</i></p> <p><i>[...] criei esse espaço pra que eu pudesse conhecer melhor o mundo, o Brasil, a educação, a vida das pessoas, a infância, em outros espaços que não esse daqui de prédio de criança amarrada em cinto de segurança, em escola [...]</i></p> <p><i>é como se eu tivesse criado esse espaço [...] pra que eu pudesse melhorar os meus conhecimentos da vida, e pra que todas as pessoas que estão nesse espaço [...] pudessem também trocar entre si e pudessem ter acesso a conhecimentos ancestrais, ou a coisas novas [...]</i></p> <p><i>Eu acho que a minha motivação tem muito a ver com</i></p>

		<i>o conhecimento mesmo, eu querendo ter acesso a conhecimento e querendo que outras pessoas, que a gente pudesse colocar em rede assim, trocando [...] uma sede de saber que não se esgota.</i>
C	<p>Retribuição social</p> <p>Contribuição na transformação de sua comunidade</p> <p>Ser exemplo para outras pessoas</p> <p>Possibilitar outros espaços para sua comunidade</p>	<p><i>O que me motivou sempre foi querer reverter aquilo que eu adquiri de conhecimento em transformação da realidade da minha comunidade [...] eu tive acesso, vi que poderia fazer e tô fazendo com que essa biblioteca comunitária se transforme nessa referência de educação, cultura, conhecimento, solidariedade, justiça, amor, fraternidade.</i></p> <p><i>O que me motivou, e que continua me motivando, é ser referência pras crianças, ser referência pros adultos, pros jovens, pros idosos [...]</i></p> <p><i>A motivação maior é conseguir fazer com que eles tenham uma referência além do boteco, [...] e da igreja.</i></p> <p><i>[...]a história de vida que eu tenho e tudo que eu recebi eu tento fazer com que seja colocado em prática aqui na Biblioteca e é isso que continua me motivando ainda.</i></p>
D	Promover o acesso ao livro e à leitura	<i>[...] a vontade de ter um lugar que as pessoas possam vir pegar um livro, possam sentar, ler, [...] ter um lugar em que possa encontrar o livro que você deseja.</i>
E	Promover o acesso ao livro	<i>[...] são as pessoas mesmo, as próprias pessoas que elas podem também, como a gente não tinha aqui na comunidade, pode levar pra ela esses livros, a gente</i>

	Auxiliar na formação das pessoas	<i>contribui pra formação pessoal deles lá até que eles possam atuar, sair de cena e atuar.</i>
F	Proporcionar um espaço cultural para sua comunidade Acesso gratuito à cultura	<i>[...] a falta de espaço cultural aqui no bairro, nós temos a praia e só temos a praia não temos mais nada, em termos de espaço público [...] [...]abrir um espaço cultural de acesso ao público e gratuito, [...] uma alternativa cultural pra comunidade [...]</i>
G	Experiência ruim na infância	<i>A minha motivação foi a aversão que a minha professora despertou em mim nos livros, aquelas práticas punitivas, a necessidade que tivemos na família pra que eu me conduzisse a uma sala de aula sendo professor auxiliar da minha mãe e quando eu fui ser professor eu sabia que a gente não precisa conversar escondendo os dentes, o sorriso. [...] ao invés de espantar, espancar as crianças como foi feito, eu poderia conquistá-la, e como eu percebia que a leitura era um bicho papão no período de alfabetização da criança, mas que o indivíduo quando ele é motivado e estimulado a gostar de algo, aquilo que ele gosta ele aprende e se dedica, eu busquei [...] desenvolver formas pra que as crianças tivessem curiosidade pelo livro, gostassem do livro, formas completamente opostas as que a minha professora usava comigo. Porque se ela usou aquela quantidade de metodologias que ela desenvolvia, e aquilo me criou a aversão [...] o que mais me motivou nisso foi inovar, fazer o oposto do que ela fazia comigo.</i>

<p>H</p>	<p>Desenvolvimento das pessoas</p> <p>Compartilhamento de aprendizado</p> <p>Desenvolvimento da escrita nas pessoas</p> <p>Possibilidades que a leitura oferece</p>	<p><i>Me motiva quando eu vejo uma criança e ele começa a pegar livro infantil e ela começa a olhar aquelas imagens, a tentar ver algumas frases, a entender um pouco do personagem. No próximo mês ela ta começando a pegar livro de literatura, livro de 200 páginas, 300 páginas. Quando ela começa no mês próximo a perguntar pra mim “Tu, tem tal autor?”, eu fico pensando “Meu Deus do céu”, que apropriação, que coisa fantástica, que salto esse sujeito dá, esse sujeito nós, damos.</i></p> <p><i>[...] quando um adolescente se identifica com um tipo de literatura e ele começa a escrever o que ele pensa, começa, sai do papel de leitor e entra agora no papel do autor, [...] essas coisas me motivam muito, me motivam muito continuar.</i></p> <p><i>[...] a reação dos mediadores de leitura, ver as crianças, mesmo aquelas que não sabem ler, pegar os livros, olha as figuras e começa a conversar consigo, [...] que capacidade de imaginação, que capacidade de criação, de cenário, de criar imagens...</i></p> <p><i>[...] realmente minha avó, minha tia, minha mãe, elas sempre diziam e elas estão certas, que conhecimento e informação ninguém tira da gente não, [...] e quanto mais a gente tem mais a gente enriquece e não só a gente mais os outros também, então ações como essa me empolgam de uma maneira incrível.</i></p>
-----------------	---	--

I	<p>Experiências pessoais com a leitura</p> <p>Vivência como professora</p> <p>Inexistência de bibliotecas na comunidade</p>	<p><i>As minhas motivações estão nessa vida que eu levei a vida inteira, com as experiências de leitura, de contatos culturais a partir do livro, com a minha experiência profissional de professora na área de Letras, com a minha vivência infantil em casa de leitor que nasceu com livro, e revista e música, dentro de casa, pai e mãe leitores, mas além disso, a consciência profissional de professora de que a partir do livro tu movimenta a vida de um aluno, a partir da linguagem, a partir da palavra oral e da palavra escrita, tudo isso é maior quando tu lê. E aí inexistência de bibliotecas na tua comunidade, na tua cidade, falta de... E tu com o livro.... Então vamos botar o livro na roda....</i></p>
J	<p>Outras opções de vida para sua comunidade</p> <p>Proporcionar bem estar (saúde)</p> <p>Vontade de transformar a realidade da comunidade</p>	<p><i>Mostrar àquelas crianças que existia outra realidade mais colorida mais bonita que aquela que elas estavam inseridas nela, do que aquilo que elas viam, de briga, de confusão, de alcoolismo. É como se eu estivesse tentando fazer com que elas respirassem mais aliviadas, elas estavam sufocadas [...]</i></p> <p><i>[...] eu acho que o que me motivou foi isso, eu queria muito, eu ficava olhando pra eles e eu pensei “como eu poderia ajudar, como?” [...] eu queria muito mostrar a eles que pode ter um futuro diferente pra eles, pode, que eles podem ocupar o tempo deles de outra forma que não seja desenhando revólver, bala, ou no meio de violência, que tem outras coisas mais agradáveis.</i></p>

K	Humanização do espaço público Acesso a livros Promoção da liberdade	<i>A minha motivação maior é a humanização do espaço público e você distribuir um bem que, historicamente, é um bem que dois segmentos fortes da sociedade não é muito apreciador da literatura de maneira geral que sempre trabalha com a questão da alienação, que é o Estado e a igreja, que tem essa força de alienação, que não estimula que você tenha uma diversidade de arte. Você só pode ser livre se você tiver acesso à diversidade de arte, se você não tiver diversidade de arte você não tem possibilidade de ser livre, você ser questionador. [...]</i>
L	Consciência do potencial do livro Desenvolvimento de sua comunidade	<i>Primeiro eu trabalhei [...] pra formar a Cooperativa de Reciclagem [...] e quando eu estava lá, de voluntária, o caminhão do lixo trazia muito livro, mas muito livro e eu como gostava mesmo de ler, [...] eu comecei a juntar os livros lá, [...] você vê um livro desse cair no lixo, misericórdia [...] [...]vou lá pro meu bairro, vou investir lá, e hoje eu estou aqui com minha criança, tenho oitenta crianças [...]</i>
M	Vivência como professor Desenvolvimento de sua comunidade	<i>[...] sempre dei aula, [...] e nós começamos a fazer uma pequena biblioteca na escola, fazer grupos de estudos, fazer jogral, gente jovem, interessada ainda, aquela energia [...] nós começamos a fazer essa biblioteca, foi a primeira experiência de biblioteca que eu tive, e com a participação desses meninos, desses alunos da oitava série, montamos a biblioteca, [...] [...] muito tempo, fiquei juntando livro,</i>

		<p><i>juntando livro, mas ainda não tinha pensado em biblioteca comunitária [...] eu tinha um trabalho [...] trabalho social, trabalho de projetos sociais em formação e capacitação de jovens em artesanato mineral e nesse projeto tinha como anexo o livro, sempre a biblioteca.</i></p> <p><i>[...] em 2001 [...] nós nos envolvemos nesse projeto [...], para criar seis mil bibliotecas comunitárias no Brasil e seis mil bibliotecas públicas no Brasil, em todos os municípios, ora, aí eu me entusiasmei, fiquei trabalhando dedicado quase que um ano somente pra esse projeto junto com outras colegas [...] nesse momento, eu tinha [...] muitos livros, [...] aí me deu um estalo, eu vou fazer uma biblioteca comunitária onde eu nasci, dê no que der, os livros já estão pagos mesmo, já comprei, tá tudo aqui [...]</i></p>
--	--	--

Pergunta 7: Fale sobre os serviços e benefícios que a biblioteca que lidera traz para a comunidade

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	<p>Acesso à leitura</p> <p>Compensa a ausência da Biblioteca pública</p> <p>Eventos culturais</p> <p>Contaçõ de histórias</p> <p>Festas</p>	<p><i>[...] leitura para aqueles que não tem acesso a biblioteca pública</i></p> <p><i>[...]evento cultural, chama contador história [...]</i></p> <p><i>[...] festa [...]</i></p>

B	<p>Oportunidade de troca</p> <p>Experiências culturais</p> <p>Engajamento social</p> <p>Empoderamento pessoal</p> <p>Participação social</p> <p>Aprendizado</p>	<p><i>[...] essa oportunidade de troca. [...] conexões importantes entre pessoas, entre saberes, e essas conexões, possibilita intercâmbios, [...]</i></p> <p><i>[...] de se engajar em alguma coisa também, [...] ter um ideal, lutar por alguma coisa. [...] de fazer algo, de se sentir útil, de se sentir empoderado pra fazer, não ficar só sentado reclamando, só sentado olhando, alguma coisa a gente está fazendo, pode ser quase nada, mas alguma coisa eu estou fazendo.</i></p> <p><i>[...] Aprender muito.</i></p>
C	<p>Empréstimo de livros</p> <p>Pesquisas</p> <p>Suporte para escolas municipais</p> <p>Pré-vestibular</p> <p>Curso de espanhol</p> <p>Curso de informática</p> <p>Capoeira</p> <p>Curso de teatro</p> <p>Violão</p> <p>Reforço escolar</p> <p>Valorização do livro</p>	<p><i>[...] empréstimo de livros, [...]</i></p> <p><i>[...] pesquisas e damos suporte pras escolas municipais, [...] suporte mesmo de infra estrutura da biblioteca, a gente apóia, seja projetor, telão, caixa de som, [...]</i></p> <p><i>[...] pré-vestibular comunitário [...]</i></p> <p><i>[...] curso de espanhol, [...] curso de informática, [...] capoeira, [...] curso de teatro, [...] violão, [...] reforço de português e matemática. Todas essas atividades [...] trabalham com os livros, [...] os benefícios [...] é desenvolver uma mentalidade cultural na comunidade, [...] gente tá resgatando o que nós tínhamos de folclórico.</i></p>

	Resgate da cultura popular	
D	Empréstimo de livros Roda de poesia	<i>[...] empréstimo [...] [...] ano passado eu tive duas atividades aqui com literatura de cordel, literatura de poesia, uma roda de poesia, essa eu acho que é uma forma de atrair mais público também.</i>
E	Cultura de biblioteca Popularização do livro	<i>A biblioteca ela, além de trazer o conhecimento cultural, a gente quer que se torne cultura [...] que a biblioteca tem que ser, se tornar, cultural, o livro tem que ser cultural, um marco cultural da comunidade, das pessoas. A importância é você chegar lá e ver uma criança pegar um livro até mesmo assim de ponta cabeça, mas ao longo dos dias a gente vai perceber que aquela criança já pega um livro de um modo diferente, [...]</i>
F	Empréstimo de livros Grupo de teatro Aula de canto Contação de história Aula de percussão	<i>[...] oferta de livros, [...] de forma gratuita, a gente não tem nenhuma taxa de inscrição, [...] acesso ao livro [...] [...] Grupo de Teatro [...] [...] a aula de canto [...] [...] contação de história, [...] [...] aula de percussão, [...]</i>
G	Valorização da comunidade Empréstimo de livros Maior frequência da comunidade na	<i>A gente faz um acompanhamento onde a gente visita as comunidades, pra saber quais as necessidades maiores, [...] [...] um acompanhamento pedagógico [...] [...] livros emprestados [...] [...] um número maior de empréstimo por parte dos alunos, por parte de adolescentes que eram comunitários,</i>

	<p>Biblioteca</p> <p>Valorização da biblioteca</p> <p>Mobilização para criação de outras bibliotecas</p> <p>Resgate da cultura popular</p>	<p><i>que não estudavam na escola e também percebeu a presença dos pais, dos pais se aproximando, com responsabilidade de pegar, emprestar livros pros seus filhos menores [...] a gente consegue perceber uma mudança, eu posso dizer até assim, cultural, [...]</i></p> <p><i>[...]passaram a valorizar, a sentir a biblioteca como um espaço deles [...]</i></p> <p><i>[...]Comunidades que se mobilizaram para construir espaços físicos para funcionar com uma biblioteca, [...]</i></p> <p><i>[...]consegue observar professores, alunos desenvolvendo atividades [...]. Musicas, cantigas de roda, cantigas tradicionais que estavam sendo esquecidas [...]a gente conseguiu fazer um livro comemorativo dos 10 anos resgatando cantigas, e hoje a gente consegue ouvir as crianças cantando novamente essas musiquinhas nas comunidades.</i></p>
H	<p>Acesso ao livro</p> <p>Mediação de leitura</p> <p>Contação de história</p> <p>Exibição de vídeo</p> <p>Exposições</p> <p>Oficinas de arte</p> <p>Conversas com escritores</p>	<p><i>[...]o acesso ao livro, as rodas de mediação de leitura, contação de história, exibição de vídeo, exposição, oficinas de linguagem em geral, diferentes linguagens artísticas, conversas com escritores, acesso aos bens culturais, democratização do acesso aos bens culturais.</i></p> <p><i>[...] Os benefícios eles são inúmeros, com relação a ampliar o conhecimento sobre as artes, sobre o mundo, sobre o conhecimento em sua própria existência, a partir da consciência de diversos saberes com certeza mudo minha prática e mudo minha atuação no mundo.</i></p> <p><i>[...] acesso a filmes [...]acesso a livros</i></p>

	<p>Acesso a bens culturais</p> <p>Ampliação do conhecimento nas diversas áreas</p> <p>Acesso a bens culturais</p> <p>Parceria com escolas</p>	<p><i>de qualidade, [...] acesso a escritores [...] quem toca uma boa música [...] rodas de conversa, [...] oficinas mesmo de criação de gêneros literários, [...] serviços fundamentais pro sujeito.</i></p> <p><i>Além desse serviço tem uma atuação com a escola [...] ocupar um espaço dentro da escola, [...] apesar das resistências tem algumas experiências em algumas bibliotecas que trabalham com os professores e com os alunos.</i></p>
I	<p>Criar a cultura de biblioteca</p> <p>Empréstimo de livros</p> <p>Atividades culturais</p> <p>Sarau de histórias</p> <p>Parceria com escolas</p> <p>Pesquisas literárias</p> <p>Espaço agradável de estudo</p> <p>Propicia encontros</p> <p>Oportunidade de troca</p> <p>Oficinas</p>	<p><i>[...] criar essa cultura de biblioteca, que crianças e adultos criem, vivenciem as possibilidades que o empréstimo de livros proporciona, que a atividade cultural em torno do livro proporciona, que escutar um sarau a noite de adultos proporciona para os pais, que uma história narrada para os alunos da escola pública, ou particular, que eles percebam que além da biblioteca da escola, existe uma biblioteca comunitária, e que eles podem complementar as coisas, que eles podem fazer uma pesquisa literária aqui, ou vim trabalhar aqui dentro, que tem um espaço bonito, bom, pra eles passarem duas, três horas se quiserem, também é um benefício que esta biblioteca proporciona.</i></p> <p><i>[...] encontros, [...] possibilidades de trocas [...] oficinas tanto para crianças, quanto para os mediadores de leitura, [...] auxiliar na formação dos mediadores de leitura,</i></p> <p><i>[...] Agora também essa nossa sócia animou outras duas amigas sócias</i></p>

	Mediação de leitura Mobilização para criação de outras bibliotecas Acesso ao livro	<i>também a trabalhar com escrita com essas meninas, leitura [...]então já tem um bracinho da biblioteca comunitária ali dentro da Delegacia de Menores Infratoras. [...] livros para todos. É muito simples fazer leitor, tem que ter livro, evidentemente, tem que ter livro, e pessoas mediando, animados, bons leitores, [...]</i>
J	Empréstimo de livros	<i>Benefício talvez esse, de incentivar a leitura, [...] [...]Tem empréstimo, [...]</i>
K	Estímulo à reflexão Auxílio nos estudos para o vestibular Auxílio nos estudos para concurso público Estímulo à leitura	<i>[...] a questão da reflexão das pessoas [...] [...] pessoas, [...]que passaram em concurso, em vestibular, [...]Pra mim o valor do livro é lido, então eu acho que tem esse benefício grande.</i>
L	Valorização da comunidade Local seguro para as crianças Auxílio nos estudos Festas Valorização da biblioteca	<i>Essa biblioteca trouxe muito benefício pro bairro. A Secretaria do Meio Ambiente, agora eles olham pra gente, eles vem fazer uma visita, [...] os empresários passam aqui de carro agora querem saber da biblioteca, se interessam, [...] o povo olha pro bairro com outro olhar [...] a gente tem a biblioteca e ela traz benefício porque até o poder público mesmo não querendo ele vem, mesmo que ele não faça nada, ele vem, [...] Isso pra nós é benefício. Antigamente as crianças</i>

		<i>eles chegavam da escola e ficavam na rua, [...] hoje não, eles chegam da escola eles já vem direto pra cá, eles traz o dever deles pra fazer aqui. [...] quem mais ganhou com isso foi as crianças, eles são beneficiados, eles tem um lugarzinho pra eles, festa pra eles, [...]mudou muito, mudou 100%, um benefício que você adquire que não tem nem como explicar.</i>
M	<p>Acesso à leitura</p> <p>Capacitação de professores</p> <p>Atividades culturais</p> <p>Cinema</p> <p>Peças de teatro</p> <p>Jogos</p> <p>Melhoria no nível de ensino da comunidade</p> <p>Gincanas de leitura</p> <p>Auxílio nos estudos para vestibular</p> <p>Auxílio nos estudos para concurso público</p>	<p><i>[...] basicamente o serviço de leitura, [...]</i></p> <p><i>[...] capacitação de professores [...] contribuir com a melhoria do nível dos professores [...]</i></p> <p><i>[...]Atividades culturais dentro da biblioteca, principalmente com crianças, cinema, eles fazem pecinhas teatrais, joguinhos, [...]</i></p> <p><i>[...]a secretária da educação, lá do município, ela me falou há uns três meses atrás, que na avaliação que foi feita da educação no Município, povoado que aparece disparado em melhoria do ensino é lá [...] ela mesma atribui, [...] isso à biblioteca, [...]</i></p> <p><i>[...]A gente faz gincana também de leitura oferecendo prêmios, [...]</i></p> <p><i>[...]um serviço que trouxe benefício, [...]é que vários alunos jovens terminavam o ensino médio e como não tinham condições de ir pra uma cidade grande pra fazer um preparatório, eles vão pra lá [...]e ficam lendo lá pra se preparar. E com isso já entraram alguns [...] na Universidade [...] E pra concurso publico também [...]alguns já passaram, [...]</i></p>

<p>Serviços diversos de cidadania para os que não sabem ler</p> <p>Acesso à Internet</p>		<p><i>[...] A biblioteca também oferece serviço pras pessoas que não sabem ler, [...] quando precisar de tirar um documento, [...] questão de cidadania, a gente vai lá, orienta, tira o documento dele, encaminha, sem pagar nada.</i></p> <p><i>[...] Tem Internet lá na biblioteca [...]</i></p>
--	--	---

Pergunta 8: Fique a vontade para falar mais alguma coisa, se desejar

Sujeito	Ideia Central	Expressões-Chave
A	<p>Trabalho gratificante</p> <p>Quantidade de doações</p> <p>Valorização da biblioteca</p> <p>Valorização da leitura</p>	<p><i>[...] trabalho [...] muito gratificante.</i></p> <p><i>[...] a gente recebeu 1600 livros, tudo novo na caixa, enquanto eu tava aqui eu já tinha cadastrado mais de 3000 livros... dado em doação, [...] tudo que é doado pra nós é bem-vindo, se não servir pra cá pra biblioteca se tiver alguém que precise a gente repassa, [...]</i></p> <p><i>[...] a Biblioteca aqui pra nós é tudo, pra mim, que eu venho aqui, eu pego livro, levo pra casa... que depois que você pega gosto você quer só ficar lendo.</i></p>
B	<p>Trabalha atualmente para garantir sustentabilidade financeira da iniciativa</p> <p>Motivação para continuar vem das pessoas que usufruem dos espaços</p>	<p><i>O meu trabalho na prática hoje é [...] ir atrás de recursos, ter que ir atrás de organizar as pessoas, organizar a logística, treinar, formar, prestar contas, leis, burocracias, pra garantir a sustentabilidade disso[...] uma coisa que é muito necessária pra organização[...]. O que eu faço ainda pra manter meu contato é estar em campo, dando cursos, levando os livros, abrindo as caixas, mostrando pras pessoas, lendo pras crianças, formando os mais velhos, discutindo</i></p>

		<p><i>com a comunidade onde que a biblioteca vai ficar, onde não vai, como que são as regras, como que funciona melhor, observando, aprendendo, aí a gente vai nos municípios conversa, vê como é que funciona a política municipal.</i></p> <p><i>[...]em vários momentos de dificuldade que o Projeto não tem dinheiro, ou que eu não consigo encontrar pessoas pra dar seguimento a ele, ou que eu não consigo encontrar pessoas pra fazer o trabalho porque ninguém quer ir lá pra aquela lonjura [...]</i></p> <p><i>áí você desanima. Aí me liga [...]</i></p> <p><i>um menino que eu converso desde os sete anos de idade pelo telefone celular, [...]</i></p> <p><i>[...]acho que todo esse trabalho mesmo de você liderar um trabalho desse de biblioteca comunitária é seu mas é em relação sabe, sozinho você não, não leva, você é muito apoiado silenciosamente por pessoas que te engrandecem. Você fala, “nossa, esse, por esse vale a pena, eu vou lá, eu vou lá...”.</i></p>
C	<p>Biblioteca com projeção</p> <p>Depende fundamentalmente do trabalho voluntariado</p> <p>A biblioteca se sustenta com recursos escassos</p>	<p><i>[...] a projeção que a biblioteca ganhou [...] em relação ao ativismo cultural.</i></p> <p><i>[...] a maioria dos seus projetos são voluntários, todas as pessoas são voluntárias, exceto, o movimento de alfabetização que é uma parceria com o Sindipetro e a Petrobrás no qual o monitor ganha uma ajuda de custo. [...]</i></p> <p><i>[...]a gente está conseguindo transformar o reconhecimento que a biblioteca adquiriu ao longo desses</i></p>

	<p>A biblioteca oferece atividades culturais de qualidade</p> <p>Local onde as pessoas se sentem a vontade e acolhidas</p> <p>Biblioteca como movimento popular</p>	<p><i>anos em algo realmente prático pra comunidade.</i></p> <p><i>[...] é possível fazer política de cultura com poucos recursos e fazer com que as pessoas tenham uma atividade cultural de qualidade, [...] a comunidade em si pode fazer atividades culturais e tem pessoas capacitadas pra fazer isso, nós provamos pra prefeitura que ela pode fazer [...]</i></p> <p><i>[...] não ser uma biblioteca fria, que você não pode botar a mão no acervo, que você não pode pegar o livro, é claro que sim, a gente tem que cuidar do acervo, [...] pra continuar servindo a comunidade, mas a gente não pode ser técnico, frio [...]</i></p> <p><i>[...] criando a cultura dele frequentar biblioteca, uma criança que nunca frequentou biblioteca não sabe como funciona, [...] aqui [...] a criança [...] fica à vontade pra pegar o livro que quiser, ler o que quiser [...] ela tem liberdade.</i></p> <p><i>[...] desenvolvemos uma atividade e um movimento popular, comunitário e solidário. [...]</i></p>
D	<p>Vontade de melhorar o espaço existente</p>	<p><i>[...] meu sonho de ter um espaço grande, [...] uma parte separada só pras crianças, com a literatura infantil pra elas poderem sentar, desenhar, e a parte para as pessoas virem, estudarem. [...]</i></p>
E	<p>Desenvolvimento pessoal a partir da leitura</p>	<p><i>[...] meu envolvimento começou a partir de 2006, fiz um curso sobre mediação de leitura.</i></p> <p><i>Fui me envolvendo com os livros aos</i></p>

	<p>Valorização do voluntariado</p>	<p><i>poucos, eu acho que abriu novos horizontes pra mim a questão da leitura, [...]eu cresci, [...]meu crescimento profissional melhorou muito e, na questão pessoal, eu acho que sou um pouco tímido, [...] desenvolveu muito essa questão, [...]eu acho que a questão da leitura ela favoreceu muito pra mim, e o meu envolvimento também, porque se eu não tivesse esse envolvimento com os livros, também eu não sei o que seria[...]</i></p> <p><i>[...] hoje eu tô aqui, fazendo esse trabalho voluntário, [...] convido todas aquelas pessoas também que queiram participar como voluntário, [...]</i></p>
<p>F</p>	<p>A biblioteca se sustenta com as contribuições do grupo que idealizou</p> <p>Quantidade de doações</p> <p>Depende fundamentalmente do trabalho voluntariado</p> <p>Capacidade de organização e implementação da iniciativa</p>	<p><i>[...] a parte de como a gente se sustenta, na verdade a gente tem um grupo, [...] pessoas que contribuem mensalmente com a biblioteca, espontaneamente. [...] Eu acho que isso é importante, porque eu acho que é indicar um pouco que é possível fazer isso, desde que tu queiras, [...] é possível.</i></p> <p><i>Uma outra coisa que é impressionante foi, a quantidade de doação de livros que a gente tem, a gente não consegue neste espaço ficar com todos os livros que chegam pra nós. [...]essa doação é uma coisa que impressiona bastante.</i></p> <p><i>Outra é a doação de trabalho mesmo. [...]Todas essas pessoas que vem aqui, que fazem, cuidam do acervo, organizam a biblioteca e tudo mais, é trabalho voluntário. [...] ninguém recebe, esse é um ponto básico nosso, pra não criar um vínculo que, daqui a</i></p>

		<p><i>pouco a biblioteca se mantém porque alguém tem que se manter financeiramente por causa disso. [...] tem um limite financeiro, mas ao mesmo tempo, tem essa independência que pra mim é um ponto básico, sempre foi, mostrar que é possível, mostrar que a gente tem condições de fazer e se organizar. [...]</i></p>
G	<p>Realização profissional</p> <p>Muito trabalho, pouco descanso</p> <p>Prazer na leitura</p> <p>Democratização dos livros</p> <p>Trabalho gratificante</p> <p>Valorização do voluntariado</p>	<p><i>Hoje eu me sinto realizado, profissionalmente falando [...]</i></p> <p><i>[...] Eu tenho uma equipe [...] que a gente trabalha de segunda a segunda, [...] são poucos os que a gente realmente descansa.</i></p> <p><i>[...] que realmente o nosso futuro seja o futuro de [...] leitores realmente assíduos que façam isso por amor, por prazer, por gosto, não os leitores que fazem isso por hábito, por uma necessidade.</i></p> <p><i>[...] meu objetivo, tentar conquistar as coisas, fazer com que as coisas aconteçam de forma espontânea, que as pessoas se conheçam por vontade própria, sem maldade no coração, que os livros sejam de acesso a todos, não acesso de uma minoria, uma política de repente, uma política de livro de facilitar o acesso através de uma redução de preço.</i></p> <p><i>[...] eu não sei se existe um trabalho melhor que o meu, porque eu gosto do que eu faço, eu me realizo no que faço, é super gratificante, a gente conquista espaço, conquista respeito das pessoas, conquista pessoas, enfim, é uma vida de conquistas, uma vida de inovações, de renovações [...]</i></p>

		<p>[...]as pessoas que realmente possam se doar um minuto, meia hora, uma hora, do teu tempo pra tentar ser solidário com o outro, acho que você acaba ganhando o dia quando você pratica uma ação dessa.</p> <p>[...]Que a vida continue e que a gente consiga chegar bem mais longe [...]</p>
H	<p>Ênfase na formação de leitores</p> <p>Popularização do livro</p> <p>Promoção de uma atmosfera educadora</p>	<p><i>Eu só espero mais ênfase na formação de leitores, eu só espero que a gente fazendo possa investir mais nessa perspectiva de formar leitores e formação de leitores não é só acesso ao livro, passa pelo acesso às bibliotecas, passa pela mediação de leitura, passa por ter livro em casa, passa por na televisão estar divulgando a importância do livro [...]</i></p> <p><i>é uma apropriação simbólica do sentido, como é que uma coisa vai fazer sentido pra mim se eu não tenho acesso a ela, e além de eu não ter acesso não tem ação que possa me aproximar dela, então, a coisa sempre vai ficar no âmbito como [...]se a leitura fosse um simples deleite, um simples ato de comer caviar, entendeu?</i></p> <p><i>[...]educação ainda passa pelo campo da instrumentalização e não sei se é só isso [...] Não é só oferecer ensino instrumentalizado de qualidade, não é só oferecer sala de aula boa, não é só oferecer professores com mestrado e doutorado, entendeu, é oferecer ambiente, é oferecer atmosfera educadora. [...] Não adianta distribuir kit de livros sem dizer que livro é importante, [...]</i></p>

		<p>[...]/Toda essa literatura vampiresca também está fazendo um papel, está cumprindo um papel, mas o perigo é ficar só nisso, ficar correndo atrás do rabo, se não tomar uma outra perspectiva de leitura, não correr pra outros autores, não encontrar outros cenários [...] é meio perverso você só oferecer um tipo de literatura, [...] acho que literatura, leitura, acesso a livro e a leitura não passa só pelo campo da objetividade, não é só oferecer livros, bons mediadores de leitura, professores excelentes, isso é óbvio que tem que ter, mas passa pela atmosfera mesmo educadora, [...]</p>
I	<p>Dificuldade do trabalho - sustentabilidade financeira</p> <p>Não trabalha com voluntariado</p> <p>Trabalho gratificante</p> <p>Valorização do livro e leitura</p> <p>Importância de investimento na área cultural para o crescimento do país</p>	<p><i>É uma experiência difícil e muito boa. Difícil mesmo porque todo problema a dificuldade vem da parte financeira manter isso custa caro [...]</i></p> <p><i>[...]por que é que a gente tem que trabalhar na área da cultura como voluntário?</i></p> <p><i>[...] o resto tudo que a gente vivencia aqui são prazeres, compensações, alegrias, experiências muito ricas, [...]</i></p> <p><i>peçoas que vem aqui e vem trabalhar com a gente, [...]</i></p> <p><i>O livro, a leitura, a cultura proporciona muita coisa boa.</i></p> <p><i>Botem dinheiro nessa área por favor porque daí esse país deslancha mesmo.</i></p>
J	<p>Valorização da biblioteca</p> <p>Resgate de</p>	<p><i>Pra mim essa biblioteca foi um sonho que eu consegui realizar e que é muito importante pra mim.</i></p> <p><i>[...]se eu consigo salvar aqueles</i></p>

	crianças da marginalidade Aprimorar cada vez mais	<i>meninos daquela situação de marginalidade que eles vivem, o meu trabalho já valeu a pena, [...] eu não pretendo parar, pretendo [...] ir aprendendo pra ir melhorando, [...] pra ir fazendo com que a biblioteca dê cada vez mais certo.</i>
K		<i>Já falei demais [...]</i>
L	Valorização da biblioteca A biblioteca modifica a comunidade Valorização do voluntariado	<i>A biblioteca mudou a minha vida, como mudou a comunidade, [...] [...]todo mundo que mora na periferia não importa onde ele mora, se ele tiver condições de ele montar uma biblioteca, vai mudar a vida do bairro, vai mudar a vida da comunidade, vai mudar a vida das crianças da gente [...] [...]é duas coisas que eu acho importante, é você fazer um trabalho comunitário no seu bairro e ser voluntário, sem aquele negócio do ganha ganha, tem gente que não pode fazer nada porque é funcionário pode até perder o emprego dele, e se é voluntário, no meu caso, você vai, você fala, você reclama, mas sou voluntária. [...]</i>
M	Biblioteca pública – problemas de gestão Biblioteca é diferente de outras repartições	<i>[...]o problema das bibliotecas públicas hoje é mais um problema de gestão que de acervo, [...] precisa de gente comprometida pra fazer o trabalho e o gestor, [...]ela não pode ser vista como uma repartição qualquer, chegar seis horas da tarde e fechar, isso não pode, biblioteca pública tem que ficar aberta até dez horas, porque você tem pessoas que</i>

	<p>Biblioteca pública tem que ficar aberta a maior parte do dia</p> <p>O cidadão paga para ter acesso à cultura</p> <p>Popularização da biblioteca e da leitura</p>	<p><i>não tem tempo de ir durante o dia na biblioteca, ele pode ir de noite.</i></p> <p><i>[...]o cidadão paga imposto e o imposto deve ser devolvido nesse caso em cultura, [...]</i></p> <p><i>[...]se vai só uma pessoa, faz uma campanha de esclarecimento para sensibilizar as pessoas para irem à biblioteca, faz uma campanha dentro da escola, [...] Porque não fazem uma campanha pra estimular as pessoas a lerem?</i></p>
--	---	--